



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO

JOSÉ FLÁVIO AVILA

**POBREZA NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA DA SUA
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL A PARTIR DE INDICADORES MULTI E
UNIDIMENSIONAIS**

PORTO ALEGRE
2013

JOSÉ FLÁVIO AVILA

**POBREZA NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA DA
SUA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL A PARTIR DE INDICADORES MULTI E
UNIDIMENSIONAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Economia do Desenvolvimento.

Área de Concentração: Desenvolvimento Econômico.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Izete Pengo Bagolin

PORTO ALEGRE
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A958p	<p>Avila, José Flávio</p> <p>Pobreza no Rio Grande do Sul: uma análise exploratória da sua distribuição espacial a partir de indicadores multi e unidimensionais / José Flávio Avila. – Porto Alegre, 2013.</p> <p>162 f. : il.</p> <p>Diss. (Mestrado em Economia do Desenvolvimento) – FACE, PUCRS.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dr.^a Izete Pengo Bagolin.</p> <p>1. Economia – Rio Grande do Sul. 2. Pobreza. 3. Indicadores Socio-econômicos. I. Bagolin, Izete Pengo. II. Título.</p> <p>CDD 330.98165</p>
-------	---

**Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297**

José Flávio Avila

“Pobreza no Rio Grande do Sul: uma análise exploratória da sua distribuição espacial a partir de indicadores multi e unidimensionais”

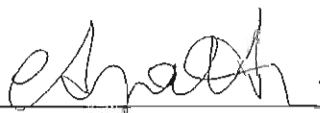
Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia do Desenvolvimento, pelo Programa de Pós—Graduação em Economia, da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 30 de agosto de 2013.

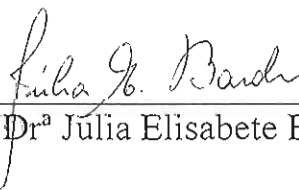
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Ely José Mattos
Presidente da Sessão


PT Prof^ª Dr^ª Izete Pengo Bagolin

Prof. Dr. Prof^ª Dr. Adelar Fochezatto



Prof^ª Dr^ª Júlia Elisabete Barden

Porto Alegre
2013

Dedico esta dissertação a todos que lutam por um mundo justo onde sejamos humanamente diferentes e socialmente iguais.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma tarefa necessária, mas nada fácil. A memória do ser humana é falha e, por ventura, poderei deixar de mencionar alguém que mereça ser citado.

Em primeiro lugar, agradeço a professora Izete Pengo Bagolin, minha orientadora, que, além de me indicar caminhos no transcorrer da elaboração da dissertação, muitas vezes, trouxe-me de volta à Terra quando eu, apesar dos avisos, tentava alçar voos de Ícaro.

Aos professores Adelar Fochezatto, Ely José de Mattos e Julia Elizabeth Barden, por terem aceito compor a banca examinadora deste trabalho e por suas contribuições a esta dissertação.

A todos os professores da PUCRS, pela convivência e pelo conhecimento científico transmitido e, em especial, por terem ensinado-me a aprender e a buscar o que está além do horizonte. Agradeço, também, aos técnicos administrativos da PUCRS pelo auxílio prestado sempre que a eles recorri.

Aos economistas, companheiros de moradia e amigos Gabrielito Menezes, Júlio César Araújo e Rodrigo Fernandez, pelo apoio e pela convivência por vezes conturbada, mas extremamente agradável nesse período de estudos.

Aos amigos que o mestrado me proporcionou fazer, especialmente Kayline Gomes, Douglas Mesquita, Wilibaldo Scherer, Izabelita Barbosa, Laura Vernier, Lilian Ramos, Silvana Longo e Viviane Santos, pelo companheirismo, pelo carinho e por terem tornado minha estada em Porto Alegre muito mais alegre.

À minha mãe, Eneida Avila, e à minha filha, Vitória Avila, por serem as fontes do meu alento e por saberem compreender a ausência e a pouca atenção que lhes pude dedicar no transcorrer desse tempo.

Não poderia deixar de agradecer ao povo trabalhador brasileiro, que com seu esforço gera as riquezas desse país, riqueza da qual o Estado retira os impostos com os quais remunera minha atividade profissional, cuja manutenção, durante o período de afastamento do trabalho, permitiu que eu custeasse meus estudos e minha permanência em Porto Alegre.

“Entre o pensamento que fundamenta um projeto e o fim desejado, mais ou menos distante/mais ou menos realizável, há sempre um conjunto de técnicas.”

Tarso Genro

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos, e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isto: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano

“Acima de tudo, procurem sentir no mais profundo de vocês qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo.”

Ernesto Guevara de la Serna

RESUMO

No presente trabalho, analisou-se a distribuição espacial da pobreza no Rio Grande do Sul, discutiram-se os diferentes conceitos de pobreza e se descreveram, de forma comparativa, os indicadores primários de pobreza do Brasil e do Rio Grande do Sul. Tendo como base a metodologia do Índice de Pobreza Humana (IPH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), criaram-se três índices de pobreza municipal. O primeiro é composto pelas dimensões habitação/saneamento, educação, saúde e renda, o segundo exclui a dimensão renda, e o terceiro é composto apenas pela renda. Com os índices criados, elaboraram-se três *rankings* municipais de pobreza, que foram comparados com o *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 2010. Para a análise da distribuição da pobreza no território do estado, utilizou-se a Análise Exploratória de Dados Espaciais (AEDE), a partir de índices de pobreza elaborados com dados do Censo Demográfico de 2010. Os dados utilizados na construção desses índices foram disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através do banco SIDRA. O estudo encontrou evidências de um padrão de associação espacial da pobreza no Rio Grande do Sul e, também, da existência de *clusters* de pobreza no estado. Os resultados demonstraram que a utilização de métodos de aferição da pobreza com base apenas na renda tende a subestimar sua intensidade e distribuição, dificultando a implantação de políticas que busquem eliminá-la. Evidenciou-se a importância da utilização do conceito multidimensional de pobreza, tanto para uma correta mensuração da mesma, como para a elaboração de instrumentos adequados ao seu combate.

Palavras-chave: Pobreza. Análise Espacial. Índices Multidimensionais.

ABSTRACT

In the present paper it was analyzed the spatial distribution of poverty in Rio Grande do Sul, the different definitions of poverty were discussed and the primary indicators of poverty in Brazil and Rio Grande do Sul were described in a comparative way. Based on the methodology of Human Poverty Index (HPI) of The United Nations Development Programme (UNDP), three city poverty indexes were created. The first is composed by the dimensions housing/sanitation, education, health and income, the second excludes income and the third is solely composed by income. After the indexes were created, three city poverty rankings were established and compared to the ranking of the City Human Development of 2010. For the analysis of poverty distribution in the State territory it was utilized Spatial Data Exploratory Analysis (SDEA) based on the poverty indexes elaborated from data of the Demographic Census 2010. For the analysis of poverty distribution in the State territory, the Explanatory Spatial Data Analysis (ESDA) was used based on the Demographic Census of 2010. The data utilized in the compilation of these indexes were collected at *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)* through SIDRA database. The study found evidences of a pattern of poverty spatial association in Rio Grande do Sul as well as existence of poverty clusters in the State. The results demonstrated that the use of assessment methods of poverty based only on family income tends to underestimate the intensity and its distribution making it difficult to establish policies to try to eliminate it. It was evident the importance of the use of poverty multidimensional definition both for a correct measurement of it and for elaboration of adequate tools to fight it.

Keywords: Poverty. Spatial Analysis. Multidimensional Indexes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dimensões e variáveis do IPH -1	37
Figura 2 – Dimensões e variáveis do IPH -2	37
Figura 3 – Dimensões e variáveis do IPM	38
Figura 4 – Matrizes de ponderação espacial	47
Figura 5 – Diagrama de dispersão de Moran	51
Figura 6 – Percentual de domicílios por condição de pose – urbanos e rurais	59
Figura 7 – Percentual de domicílios com/sem energia elétrica – urbanos e rurais	60
Figura 8 – Percentual de domicílios por densidade de moradores – urbanos e rurais	62
Figura 9 – Percentual de domicílios por tipo de tratamento de esgoto – urbanos e rurais	64
Figura 10 – Percentual de domicílios por existência de banheiro de uso exclusivo ou sanitário – urbanos e rurais	66
Figura 11 – Percentual de domicílios com/sem água potável – urbanos e rurais	68
Figura 12 – Percentual de domicílios por tipo de tratamento do lixo – urbanos e rurais..	69
Figura 13 – Percentual de pessoas com 10 anos ou mais por nível educacional – domicílios urbanos e rurais	71
Figura 14 – Percentual de pessoas com 25 anos ou mais por nível educacional – domicílios urbanos e rurais	73
Figura 15 – Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) – falecimentos por 100 nascidos vivos – região urbana e rural	75
Figura 16 – Percentual de domicílios por classe de rendimento mensal domiciliar <i>per capita</i> – urbanos e rurais	77
Figura 17 – Mapas de distribuição da pobreza	86
Figura 18 – Mapas de desvio-padrão	88
Figura 19 – Diagramas de Moran	91
Figura 20 – Mapas de aglomeração	93
Figura 21 – Mapas de significância	94
Figura 22 – Diagramas de dispersão de Moran configuração rainha para IMP 1	156
Figura 23 – Diagramas de dispersão de Moran configuração torre para IMP 1	157

Figura 24 – Diagramas de dispersão de Moran configuração rainha para IMP 2	158
Figura 25 – Diagramas de dispersão de Moran configuração torre para IMP 2	159
Figura 26 – Diagramas de dispersão de Moran configuração rainha para IMP 3	160
Figura 27 – Diagramas de dispersão de Moran configuração torre para IMP 3	161

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual da população por gênero	54
Gráfico 2 – Percentual da população por situação do domicílio	55
Gráfico 3 – Percentual da população por faixa etária	56
Gráfico 4 – Percentual da população pro cor/raça	57
Gráfico 5 – Percentual dos domicílios por condição de posse – total dos domicílios	58
Gráfico 6 – Percentual dos domicílios por condição de posse – urbanos	59
Gráfico 7 – Percentual dos domicílios por condição de posse – rurais	59
Gráfico 8 – Percentual dos domicílios com/sem energia elétrica – total dos domicílios .	60
Gráfico 9 – Percentual dos domicílios com/sem energia elétrica – urbanos	60
Gráfico 10 – Percentual dos domicílios com/sem energia elétrica – rurais	60
Gráfico 11 – Percentual dos domicílios por densidade de moradores – total dos domicílios	61
Gráfico 12 – Percentual dos domicílios por densidade de moradores – urbanos	62
Gráfico 13 – Percentual dos domicílios por densidade de moradores – rurais	62
Gráfico 14 – Percentual dos domicílios por tipo de tratamento de esgoto – total dos domicílios	63
Gráfico 15 – Percentual dos domicílios por tipo de tratamento de esgoto – urbanos	64
Gráfico 16 – Percentual dos domicílios por tipo de tratamento de esgoto – rurais	64
Gráfico 17 – Percentual dos domicílios por existência de banheiros de uso exclusivo ou sanitário – total dos domicílios	65
Gráfico 18 – Percentual dos domicílios por existência de banheiros de uso exclusivo ou sanitário – urbanos	66
Gráfico 19 – Percentual dos domicílios por existência de banheiros de uso exclusivo ou sanitário – rurais	66
Gráfico 20 – Percentual dos domicílios com/sem água potável – total dos domicílios ...	67
Gráfico 21 – Percentual dos domicílios com/sem água potável – urbanos	68
Gráfico 22 – Percentual dos domicílios com/sem água potável – rurais	68
Gráfico 23 – Percentual dos domicílios por tipo de tratamento de lixo – total dos	69

domicílios	
Gráfico 24 – Percentual dos domicílios por tipo de tratamento de lixo – urbanos	69
Gráfico 25 – Percentual dos domicílios por tipo de tratamento de lixo – rurais	69
Gráfico 26 – Percentual de pessoas com 10 anos ou mais por nível educacional – total dos domicílios	70
Gráfico 27 – Percentual de pessoas com 10 anos ou mais por nível educacional – urbanos	71
Gráfico 28 – Percentual de pessoas com 10 anos ou mais por nível educacional – rurais	71
Gráfico 29 – Percentual de pessoas com 25 anos ou mais por nível educacional – total dos domicílios	72
Gráfico 30 – Percentual de pessoas com 25 anos ou mais por nível educacional – urbanos	73
Gráfico 31 – Percentual de pessoas com 25 anos ou mais por nível educacional – rurais	73
Gráfico 32 – Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) – falecimentos por 100 nascidos vivos – total dos domicílios	74
Gráfico 33 – Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) – falecimentos por 100 nascidos vivos – urbanos	75
Gráfico 34 – Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) – falecimentos por 100 nascidos vivos – rurais	75
Gráfico 35 – Domicílios por classe de rendimento mensal domiciliar <i>per capita</i> – total dos domicílios	76
Gráfico 36 – Domicílios por classe de rendimento mensal domiciliar <i>per capita</i> – urbanos	77
Gráfico 37 – Domicílios por classe de rendimento mensal domiciliar <i>per capita</i> – rurais	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões e variáveis dos índices municipais de pobreza	40
Quadro 2 – <i>Ranking</i> municipal de pobreza	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Detalhamento dos dados do município de Aceguá	45
Tabela 2 – Valores das variáveis e dimensões componentes do IMP 1: Aceguá e municípios fictícios	45
Tabela 3 – Estatística descritiva	83
Tabela 4 – Quantidade de municípios por grau de pobreza	83
Tabela 5 – Resultados dos testes de correlação espacial (I de Moran)	84
Tabela 6 – Valor das variáveis componentes dos índices de pobreza	102
Tabela 7 – Índices municipais por dimensão	116
Tabela 8 – Índices municipais de pobreza e desenvolvimento	128

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 CONCEITOS DE POBREZA: DA POBREZA UNIDIMENSIONAL À POBREZA MULTIDIMENSIONAL	18
2.1 A visão unidimensional da pobreza	20
2.2 A visão multidimensional da pobreza	24
2.2.1 Abordagem das necessidades básicas insatisfeitas	25
2.2.2 Abordagem das capacitações	27
2.2.3 <i>Voices of the Poor</i>: os estudos de Deepa Narayan	33
3 METODOLOGIA E FONTE DE DADOS.....	36
3.1 Delimitação da análise	36
3.2 Metodologia	38
3.2.1 A metodologia do IPH	38
3.2.2 Construindo um índice municipal de pobreza a partir da metodologia do IPH	40
3.2.3 Índice Municipal de Pobreza (IMP)	42
3.2.4 Análise Exploratória de Dados Espaciais (AEDE)	46
3.3 Fonte de dados	52
4 ANÁLISE DESCRITIVA DOS INDICADORES PRIMÁRIOS	53
4.1 Características gerais da população	53
4.2 Características de habitação	57
4.3 Condições de saneamento	62
4.4 Educação	70
4.5 Saúde	73

4.6 Rendimento	75
5 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA POBREZA NO RIO GRANDE DO SUL	79
5.1 Resultados	80
5.1.1 O <i>ranking</i> dos municípios	80
5.1.2 Análise espacial da pobreza	84
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICE A – Indicadores municipais	102
APÊNDICE B – Índices municipais (por dimensão).....	116
APÊNDICE C – Índices municipais	128
APÊNDICE D – <i>Ranking</i> municipal de pobreza	140
APÊNDICE E – Diagramas de dispersão de Moran	156

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o tema pobreza passou a despertar maior interesse dos pesquisadores e dos organismos nacionais e internacionais. Esse fator resultou em uma grande quantidade de publicações relacionadas ao assunto, o que levou, também, à ocorrência de modificações na maneira de entender, abordar e mensurar a pobreza. Inicialmente, o limite entre pobres e não pobres era estabelecido apenas com relação à renda monetária. Hoje, esse limite é muito mais amplo, pois leva em consideração a pobreza relativa e multidimensional, que analisa indivíduos, domicílios e a sociedade em que estão inseridos.

Há uma tendência, entre os que se dedicam ao tema, em concordar que a pobreza abrange outros aspectos além da renda. A percepção dominante considera a pobreza como sendo a privação do bem-estar pela ausência de elementos fundamentais que possibilitem aos indivíduos usufruir de uma vida digna. Nesse sentido, a ausência de bem-estar é associada a insuficiência de renda, nutrição, saúde, educação, moradia, bens de consumo e a direitos de participação na vida social e política.

O problema da localização espacial da pobreza é um dos aspectos a serem considerados quando se estuda o tema. Ele diz respeito à possível concentração, em áreas geográficas específicas, da população pobre. Nesse sentido, justifica-se o uso de mapas de pobreza, os quais constituem a representação espacial de um grande número de características econômicas, sociais, culturais e ambientais de uma região ou de um país, tanto ao nível de agregação nacional, como regional e municipal.

Conhecer e entender as relações que as múltiplas dimensões da pobreza possuem no espaço é de extrema importância para, entre outros motivos, subsidiar o planejamento de políticas e ações necessárias para superá-la. A identificação de *clusters* de pobreza e de quais dimensões desta estão presentes naqueles contribuirá para a definição de que tipo de políticas de superação do problema são indicadas para cada região ou município, permitindo, assim, uma otimização na utilização dos recursos públicos e nos resultados.

Buscando identificar a existência de *clusters* de pobreza no território do Rio Grande do Sul, construíram-se, neste estudo, índices de pobreza a partir dos dados do Censo Demográfico de 2010. Posteriormente, com o auxílio de métodos de análise espacial, verificaram-se sua localização e a configuração das relações existentes entre os municípios que compõem os *clusters*.

Além desta introdução, seguem cinco outros capítulos. O segundo capítulo, dividido em duas subseções, apresenta as visões de pobreza unidimensional e multidimensional, através das quais se buscaram identificar e sistematizar as perspectivas conceituais e empíricas existentes acerca da pobreza, assim como detectar pressupostos, apontar diferenças e similaridades entre os diferentes enfoques conceituais, constituindo-se em uma revisão de literatura sobre o tema.

O terceiro capítulo foi dedicado à exposição da metodologia utilizada para a construção dos índices de pobreza e para a análise de sua distribuição espacial no Rio Grande do Sul, sendo composto por três subseções. Na primeira, fez-se a delimitação da análise a que se propôs o estudo. Na segunda, apresentaram-se os procedimentos metodológicos e, na terceira, a fonte dos dados.

O quarto capítulo constitui-se em uma análise descritiva dos dados primários empregados na construção dos índices utilizados para este estudo e expõe uma comparação, a partir desses dados, entre o Brasil e Rio Grande do Sul. No quinto capítulo, investigou-se a distribuição espacial da pobreza no Rio Grande do Sul, fez-se um mapeamento da mesma e se analisou a associação espacial da pobreza no estado. O quinto capítulo apresenta, inicialmente, a análise do *ranking* municipal da pobreza construído a partir dos índices de pobreza e, depois, os resultados da análise espacial. O sexto traz as considerações finais do trabalho, destacando as limitações encontradas e sugestões para pesquisas futuras.

2 CONCEITOS DE POBREZA: DA POBREZA UNIDIMENSIONAL À POBREZA MULTIDIMENSIONAL

No presente capítulo, realizou-se uma revisão de literatura referente aos conceitos de pobreza. A partir disso, apresentou-se a transição ocorrida na maneira de encarar o que é pobreza, desde a compreensão de que é um problema com um único fundamento – pobreza unidimensional – até chegar à visão mais atual e aceita de que, na realidade, a pobreza possui muitas faces – pobreza multidimensional –, que devem ser discutidas e para as quais é preciso encontrar solução, a fim de, efetivamente, superá-la.

A pobreza, suas causas e consequências, bem como os métodos para combatê-la, são temas que há muito estão em pauta nos estudos e nas análises econômicas relacionados a vários países, em especial, àqueles em desenvolvimento.

Muito embora a questão da pobreza venha sendo estudada no decorrer de várias décadas, o aumento do interesse no tema é mais recente. O aumento de trabalhos sobre a pobreza teve, como consequência, o surgimento de novas formas de abordagem e de medição da mesma.

A linha que delimitava pobres e não-pobres ampliou-se, deixando de ser apenas fundamentada na renda para considerar aspectos mais amplos, que abrangem questões vinculadas à sociedade na qual domicílios e indivíduos se inserem, mesmo que a renda continue a ser considerada um aspecto importante para medir e superar a pobreza.

Defendeu-se, nesta análise, a visão de pobreza como sendo conformada por múltiplas dimensões, visão esta a mais aceita na literatura que aborda o tema na contemporaneidade. Dessa forma, mesmo que determinada sociedade ou região não esteja acometida pela fome, ela pode ser pobre se os indivíduos que nela habitam não têm acesso a educação, saúde e saneamento básico, entre outros aspectos que considerem importantes para sua vida.

As diversas abordagens sobre o assunto, entre elas a das capacitações, a do desenvolvimento endógeno e a do desenvolvimento humano, permitem uma melhor compreensão teórica dos problemas que determinadas regiões enfrentam. Além disso, auxiliam na compreensão da persistência e das consequências da pobreza para as

regiões onde ela se apresenta. Por outro lado, essa diversidade torna mais complexa sua mensuração.

Reis e Dalagasperina (2009) confirmam que a existência dessa gama de conceitos cria dificuldades na determinação das metodologias para medir a pobreza, assim como na construção de estratégias para enfrentá-la. Tal posicionamento justifica-se à medida que, dependendo da fundamentação conceitual utilizada, os pesquisadores e agentes sociais poderão definir a pobreza como tendo um caráter unidimensional ou multidimensional, o que influencia na escolha dos métodos de análise e dos programas de enfrentamento.

Outro aspecto a se salientar é que não se pode tratar a pobreza sob uma única ótica. A pobreza assume aspectos diferenciados em diferentes regiões e países – e mesmo no interior destes –, pois é preciso considerar questões culturais e de desenvolvimento socioeconômico. Na definição do conceito de pobreza e, em consequência, na escolha de como mensurá-la de forma adequada, é imprescindível que se identifiquem seus traços essenciais – se é rural ou urbana, se relacionada à escolaridade, ao desemprego, etc. Essa visão inicial do que seja a pobreza dentro de um contexto específico é indispensável para que se estabeleçam referências que auxiliem na análise e na aplicação de políticas sociais.

Portanto, tem-se que, devido à necessidade de contextualizar a pobreza, não se pode defini-la de uma única forma que seja válida para todos os contextos e regiões. Mas é possível afirmar que ela está ligada a situações de carência nas quais os indivíduos não conseguem manter um padrão mínimo de vida estabelecido em cada contexto histórico (BARROS, HENRIQUE e MENDONÇA, 2000).

Evidenciou-se, diante da multiplicidade de abordagens, que são de extrema importância a definição dos conceitos de pobreza e a decisão de com qual deles trabalhar, pois somente a partir dessa decisão é possível buscar os dados e estabelecer a metodologia mais adequada para a análise do problema. Isso é fundamental, uma vez que as diferentes visões conduzem a diferentes formas de mensuração e a diferentes políticas e estratégias para combater a pobreza.

Na sequência, discutiu-se a evolução dos conceitos de pobreza, partindo da visão unidimensional para a concepção de que a pobreza é formada por múltiplas dimensões.

2.1 A visão unidimensional da pobreza

Os estudos acerca da pobreza têm seu ponto de partida no início do século XIX, quando a quantidade de pessoas pobres aumentou de forma acentuada, especialmente naqueles países onde a Revolução Industrial estava mais adiantada (MENDOZA ENRÍQUEZ, 2011).

Nesse período, a pobreza esteve associada ao conceito de subsistência relacionado ao atendimento do mínimo necessário para a sobrevivência e a reprodução do indivíduo. Era natural que, a esse conceito, estivesse intrinsecamente ligado o de pobreza como uma questão apenas monetária.

Analisado sob esse ângulo, pobre era o indivíduo ou grupo familiar que não possuía condições monetárias suficientes para garantir sua sobrevivência e a dos que dele dependiam, ou seja, a pobreza absoluta estaria intimamente ligada à sobrevivência física e ao não atendimento das necessidades a ela vinculadas (ROCHA, 2003). Ou, conforme Sachs (2005 *apud* COSTA, 2008), pobreza extrema é a incapacidade de satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência, o que leva à fome crônica, ao não atendimento à saúde, à falta de acesso à água potável, ao saneamento, à educação adequada e à moradia digna e, até mesmo, à impossibilidade de adquirir vestuário básico.

Mas, como ressaltam Comim e Bagolin (2002), a questão da pobreza deve considerar aspectos absolutos e relativos, estando estes últimos presentes quando se analisa a pobreza considerando a situação do indivíduo e os demais componentes da sociedade da qual faz parte. Portanto, quando a análise é realizada em seus aspectos relativos, pobre é aquele indivíduo que se encontra em uma situação tal que, quando comparado com outros, ele possui menos do atributo que se está analisando. Já quando se analisa a pobreza em seus aspectos absolutos, é necessário fixar um padrão mínimo de atendimento das necessidades dos indivíduos, abaixo do qual as pessoas são consideradas pobres, e, após, determinar a quantidade ou o percentual da população que se encontra abaixo do padrão definido (CRESPO e GUROVITZ, 2002).

Para Rocha (2003), a pobreza relativa estabelece quais necessidades devem ser atendidas quando se considera o modo de vida da sociedade estudada, o que tem como consequência a diminuição das desigualdades que existem entre seus membros ou,

como afirmam Salama e Destremau (2001, p. 51), “a *pobreza relativa* situa o indivíduo na sociedade”. Esse mesmo conceito é adotado pelo Banco Mundial em seu Manual de Pobreza 2005 (*World Bank Institute*, 2005).

Em ambos os casos, tem-se a definição do que se convencionou chamar de linha de pobreza, que tanto pode ser um valor fixo, no caso da pobreza absoluta (por exemplo, um determinado número de anos de escolaridade), ou, de acordo com Foster (1998) e Soares (2009), uma média ou mediana, no caso da pobreza relativa (por exemplo, a renda *per capita* da população). Uma linha de pobreza é, então, uma referência que possibilita a determinada sociedade considerar pobres todos aqueles indivíduos que estejam abaixo do seu valor (BARROS, HENRIQUES e MENDONÇA, 2000), seja em termos absolutos ou em termos relativos.

Quando se trata do tema da pobreza em seu aspecto absoluto ou em seu aspecto relativo, tem-se uma grande quantidade de variáveis a serem consideradas, e elas podem relacionar-se com questões como renda, saúde, educação, saneamento básico e moradia, entre outras.

Dentre as linhas de pobreza, a que mais se destaca é a que relaciona pobreza com renda, ou seja, ao analisarem o assunto sob uma ótica unidimensional, os pesquisadores optam por trabalhar com a pobreza monetária, seja em seu aspecto absoluto ou relativo. A justificativa para essa opção é fundamentada, de acordo com Comim e Bagolin (2002), em quatro questões: i) no fato de a insuficiência de renda estar altamente correlacionada com as demais dimensões da pobreza; ii) na inexistência de informações sobre outros aspectos sociais relacionados à pobreza; iii) na dificuldade de se ponderar e agregar as diversas dimensões sociais da pobreza; e iv) na necessidade de comparar regiões e localidades diferentes, o que implica a existência de medidas homogêneas.

Para Rocha (2003), é natural que, em economias nas quais uma grande parte das necessidades dos indivíduos seja atendida através de trocas comerciais, o atendimento dessas necessidades se dê através da renda, mesmo que de forma indireta. Tem-se, então, de estabelecer um critério para definir quem é e quem não é pobre. A opção é a construção do que se denomina de linhas de pobreza.

A pobreza monetária absoluta implica, nesse sentido, o estabelecimento de linhas de pobreza e de indigência ou pobreza extrema. A linha de pobreza extrema é definida como sendo o valor monetário mínimo que permita ao indivíduo adquirir um rol básico de alimentos que lhe forneça o mínimo de calorias necessárias para garantir sua sobrevivência (ROCHA, 2003).

Já a linha de pobreza é definida como o valor que permita ao indivíduo cobrir despesas de moradia, vestuário e transporte, além da aquisição da cesta básica de alimentos. Para determinar a linha de pobreza, aplica-se à linha de indigência o multiplicador de Engel¹ (SALAMA e VALIER, 1997). Atualmente, os valores utilizados pelo Banco Mundial (*World Bank*, 2012) como determinantes da pobreza extrema e da pobreza são, respectivamente, US\$1,25 e US\$2,00 ppc² *per capita*/dia, o que coloca, de acordo com o Relatório de Monitoramento Global 2012 do Banco Mundial, um total de 1 bilhão e 289 milhões de pessoas vivendo na extrema pobreza no ano de 2008. No Brasil, no mesmo ano, eram 8,5 milhões de indivíduos nessa situação, segundo dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) no Relatório de Acompanhamento dos Objetivos do Milênio (ODM) de 2010

No Brasil, as definições de pobreza e de pobreza extrema adotadas são as definidas pelo Programa Bolsa Família (PBF). Osório *et al.* (2011) defendem a adoção de uma linha de pobreza “político-administrativa”, pelo fato de o Brasil nunca ter adotado uma linha oficial de pobreza ou de pobreza extrema. Os autores justificam sua posição argumentando que as decisões necessárias para definir, de forma empírica, uma linha de pobreza ou de pobreza extrema são de “natureza política” e que, mesmo com a utilização de métodos científicos, os pesquisadores decidem sobre questões que deveriam ser buscadas através do consenso obtido por meio de uma discussão mais ampla. Os valores adotados, no Brasil, para definir as linhas de pobreza e de pobreza extrema são aqueles definidos administrativamente no momento da criação do PBF e atualizados pelo INPC de 2003 para 2010 (OSÓRIO *et al.*, 2011). Esses valores são, respectivamente, R\$ 70,00 (linha de pobreza extrema) e entre R\$70,00 e R\$140,00 (linha de pobreza), o que os deixa próximos dos valores internacionalmente aceitos para

¹ O multiplicador de Engel (Ernest Engel) é o inverso do coeficiente de Engel, que, por sua vez, é a relação entre os gastos familiares com alimentação e os gastos totais da família.

² Paridade de poder de compra.

meta de redução da pobreza extrema no mundo, conforme proposto pelo PNUD nos ODM.

Esse tipo de indicador possui a vantagem de possibilitar uma comparação internacional, mas deve-se ter cuidado com sua utilização, uma vez que as oscilações nas estruturas de consumo e nos preços nos diferentes países, ou mesmo entre regiões, podem levar a conclusões equivocadas quando se efetua uma comparação. Outro aspecto relevante quando se utiliza uma abordagem de pobreza a partir da renda é que se deve considerar pobre aquele cuja renda familiar ou domiciliar *per capita* é inferior ao valor estabelecido como limite de pobreza (REZENDE, DA MATA e CARVALHO, 2007), devido ao fato de que um indivíduo pode ter uma renda pessoal muito baixa (por exemplo, um estudante que dependa da renda dos pais), mas pertencer a uma família com renda elevada, em que não haja escassez de bens e serviços.

Já a pobreza monetária relativa estuda o indivíduo inserido na sociedade em que ele vive, ou seja, leva-se em consideração o padrão de vida geral de dada sociedade para analisar, então, a situação do indivíduo (REIS e DALAGASPERINA, 2009). Nesse tipo de abordagem, verifica-se a média ou a mediana da renda da sociedade e se definem, como linhas de pobreza e de pobreza extrema, por exemplo, 60% e 40%, considerando-se que os indivíduos abaixo desse percentual encontram-se em situação de pobreza e de pobreza absoluta, respectivamente. Portanto, por definição, a pobreza está intimamente ligada à inexistência de condições de vida adequadas e, no caso da pobreza monetária relativa, como sendo uma consequência de baixos rendimentos. Hoffmann (2000) considera que, mesmo existindo esse componente relativo no conceito de pobreza, uma medida em que o grau desta não seja diretamente ligado à renda dos ricos é mais adequada, pois, segundo ele, o conceito de pobreza relativa confunde-se com o de desigualdade econômica.

Mesmo tratando a pobreza como sendo constituída de uma única dimensão, tem-se uma multiplicidade de variáveis – ainda que a renda seja entendida como a melhor *proxy* para analisar a condição – que podem ser utilizadas para verificar se um indivíduo, uma família ou até mesmo um país é pobre ou não. Mas, como diz Luiz Gonzaga Belluzzo no prefácio da obra de Salama e Destremau (2001), a utilização de linhas de pobreza – portanto, do conceito de pobreza unidimensional – tende a excluir um número considerável de indivíduos da “condição de pobres” porque existem outros

fatores a serem considerados quando se analisa a questão, como por exemplo, o acesso ao saneamento básico.

É necessário, nesse sentido, considerar que bens não monetários também influenciam o bem-estar dos indivíduos. Sendo assim, tratar a pobreza somente como insuficiência de renda é uma visão limitada que pode distorcer, por exemplo, a medida de pobreza em áreas rurais, por desconsiderar aspectos como a produção de alimentos para consumo próprio, questão que não está presente em zonas urbanas.

2.2 A visão multidimensional da pobreza

Mesmo que sejam comuns trabalhos que aceitem e ressaltem que a pobreza possui, efetivamente, um caráter multidimensional, não são tão comuns assim os que exploram essa característica. De acordo com Comim e Bagolin (2002), a discussão acadêmica hegemônica, no Brasil e no Rio Grande do Sul, continua a privilegiar as definições baseadas apenas em medidas quantitativas de rendimentos diários, como as linhas de pobreza, para avaliar e mensurar a pobreza, desconsiderando, assim, as dificuldades de acesso à educação, ao saneamento básico, à habitação e à saúde.

Deve-se compreender o enfoque multidimensional como um avanço para o pensamento científico sobre a pobreza, pois ele amplia o entendimento e as discussões sobre o assunto (SILVA e NEDER, 2010). Esse avanço tem importantes repercussões na construção e na execução de políticas públicas voltadas para a erradicação da pobreza, uma vez que, segundo Silva e Neder (2010), da compreensão do caráter multidimensional da pobreza resulta a necessidade de analisar os mais variados aspectos do que impede os indivíduos de alcançarem a cidadania plena.

A abordagem da pobreza, enquanto possuidora de um caráter multidimensional e relativo, defende que só é possível compreender verdadeiramente a pobreza se ela for considerada em suas várias dimensões, o que compreende tratar do tema a partir de suas múltiplas determinações e de seus múltiplos aspectos, analisando-os em determinado contexto histórico. Essa visão parte da crítica ao conceito de pobreza unidimensional, por considerá-lo reducionista e simplista, porque, através dele, não é possível captar os efeitos da presença ou da ausência de bens não monetários.

Além disso, Thorbecke (2005) afirma que a utilização da renda como indicador de bem-estar apresenta limitações, pois seu uso exclusivo não expressa algumas das

dimensões fundamentais da pobreza, entre elas: educação, liberdade e expectativa de vida. Reafirma-se, dessa forma, a necessidade de analisar a pobreza a partir de suas múltiplas dimensões, entre as quais, mas não de forma exclusiva, está a renda.

Tratou-se, aqui, das seguintes visões multidimensionais da pobreza: a) a abordagem das necessidades básicas insatisfeitas; b) a abordagem das capacitações; e c) as avaliações participativas sobre a pobreza.

2.2.1 Abordagem das necessidades básicas insatisfeitas

Outra forma de estudar a pobreza é a partir da abordagem da não satisfação de algumas necessidades básicas dos seres humanos. Salama e Destremau (2001) definem as necessidades básicas não satisfeitas como sendo a composição de dois elementos: a) necessidades biológicas, ou seja, aquilo que é considerado como o mínimo necessário para o consumo dos membros de uma família, e b) acesso aos bens e serviços públicos, ou seja, aqueles que são produzidos e utilizados pela sociedade em conjunto.

As necessidades básicas possuem uma importante característica, que é a de serem universais e, portanto, comuns a todas as sociedades, independentemente de cultura, etnia, religião, etc., pois todas as pessoas têm a necessidade de consumir e de utilizar bens e serviços públicos, embora a qualidade e a quantidade dessas necessidades sejam diferentes em sociedades e níveis de renda distintos. Acrescenta-se a isso, segundo Ponty (1998), o fato de que, em uma economia mais complexa, o nível de exigência das necessidades é maior que em uma economia mais simples e abrange um número maior de setores.

De acordo com Salama e Valier (1997), as necessidades básicas não satisfeitas definem o conceito de pobreza estrutural, distinto dos conceitos de pobreza e de pobreza extrema, demarcados pela existência de linhas de pobreza e de indigência, respectivamente. Os autores apontam que “as necessidades básicas não satisfeitas incluem água e esgotos, eletricidade, o hábitat, o nível de educação das crianças, a assistência escolar aos menores, o tempo disponível e o mobiliário do lar” (SALAMA e VALIER, 1977, p. 44). Em uma aparente contradição com o trabalho de Salama e Destremau (2001), Salama e Valier (1977) excluem o item alimentação, pois entendem que os aspectos acima demonstram a possibilidade de a pessoa ter acesso ou não à

alimentação necessária para sua manutenção. Pobre é, então, aquela pessoa que não tem atendida, no mínimo, uma das variáveis que definem a pobreza estrutural.

Para Rocha (2003), ao contrário de Salama e Valier (1997), as necessidades básicas são as que têm relação direta com a sobrevivência física das pessoas e, portanto, incluem explicitamente a alimentação, além dos aspectos relacionados à moradia, à educação e ao saneamento, entre outros. Para a autora, adotar essa visão de pobreza permite definir as necessidades básicas considerando as condições existentes em cada sociedade específica que se esteja analisando.

Rocha (2003) e Salama e Valier (2001), por outro lado, concordam que existem aspectos comuns à adoção das necessidades básicas não satisfeitas e das linhas de pobreza, mas que, apesar disso, não é correto confundir os conceitos. No primeiro caso, tem-se em conta a situação dos indivíduos, enquanto no segundo é possível estabelecer objetivos e medições para o conjunto da sociedade. Outro aspecto considerado, de acordo com Rocha (2003), é que a opção pelo conceito de pobreza estrutural implica a não utilização da renda como “indicador-chave” da pobreza.

Partindo-se, então, do conceito de necessidades básicas não satisfeitas, pode-se ampliar o conceito de pobreza ultrapassando-se a lógica de relacioná-la diretamente com a insuficiência de renda – ainda utilizada em larga escala, especialmente nos países em desenvolvimento –, que considera pobres as pessoas e as famílias sem renda suficiente para adquirir, no mercado, os bens e serviços mínimos para sua reprodução, como mão de obra. Superar a utilização da renda como medida principal não significa desconsiderar sua importância para a superação do estado de pobreza das populações, mas compreender que ela, por si só, não basta para definir quem é ou não pobre. Ou seja, superar o enfoque meramente monetário significa entender a pobreza como um estado social e não apenas individual.

Não se pode deixar de destacar que essa abordagem reforça o caráter multidimensional da pobreza e compreende as inter-relações e as influências mútuas que os múltiplos aspectos da pobreza possuem.

A abordagem da pobreza pela ótica das necessidades básicas não satisfeitas compõe um método de avaliação da pobreza que permite sua quantificação, sua medição e o acompanhamento das políticas públicas empregadas para combatê-la. É

necessário salientar que esse método possui caráter subjetivo, pois é preciso definir quais são as necessidades de cada sociedade e qual é o limite mínimo que deve ser atingido para que as famílias sejam consideradas não pobres. Assim, o número de variáveis consideradas é uma consequência da definição de pobreza, de suas causas e de suas manifestações.

O conceito de pobreza estrutural fundamenta-se, então, no entendimento de que as necessidades básicas não satisfeitas formam um conjunto de necessidades para além dos aspectos relacionados apenas com a sobrevivência. Sendo assim, uma análise que combine essa abordagem com a abordagem monetária possibilita a construção de uma visão mais ampla a respeito da pobreza na sociedade que se pretende estudar.

2.2.2 Abordagem das capacitações

Amartya Sen (2000), a partir da crítica que faz aos estudos unidimensionais da pobreza, está entre os que primeiramente elaboraram a visão de pobreza multidimensional chamada de Abordagem das Capacitações. De acordo com o autor, analisar a pobreza apenas sob a ótica da renda implica uma série de limitações, uma vez que não considera aspectos não monetários que contribuem para a situação de pobreza do indivíduo. Barden (2010) destaca que, além de Amartya Sen, Martha Nussbaum coopera de maneira importante para a construção da abordagem das capacitações.

Esses autores possuem opinião similar a respeito das perspectivas éticas para as capacitações, assim como sobre a importância atribuída, tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo, às liberdades políticas e às capacitações. Bagolim e Porsse (2004) afirmam, entretanto, que, enquanto Sen centra sua análise naquilo que os indivíduos têm a capacidade de fazer ou de vir a ser, Nussbaum parte de uma lista predefinida do que seriam as capacitações mínimas que devem estar presentes em todas as constituições nacionais, dando-lhes, assim, uma característica mais prática e operacional.

Segundo a abordagem das capacitações, a pobreza está diretamente relacionada à liberdade individual. Se o indivíduo é impedido, de alguma maneira, de viver uma vida com qualidade, ele é considerado pobre. A luta contra a pobreza, nesse sentido, deve ser focada na garantia do exercício da liberdade individual, através da qual as pessoas estarão capacitadas para buscar uma vida melhor, com menos privações. Sen não nega

que a renda baixa seja uma das principais causas da pobreza (SEN, 2000, p. 109), já que compromete a possibilidade de o indivíduo auferir capacidades, mas destaca, dentre outras, algumas capacidades fundamentais, tais como: ter uma vida longa, possibilidade de reprodução, acesso à saúde, aquisição de conhecimento, liberdade de expressão e de pensamento. Como cada pessoa pode “construir” seu próprio vetor de funcionamentos, de acordo com a percepção que possui da pobreza, esta é, para a abordagem das capacitações, diretamente relacionada à possibilidade dos indivíduos de exercerem suas liberdades. Dessa forma, o desenvolvimento depende de que sejam superadas as barreiras às privações de liberdade e de que os fatores que originam essas barreiras sejam desconstituídos.

O desenvolvimento, para Sen (2000), possui como base a liberdade do indivíduo. Assim, é preciso atenção especial para o aumento da possibilidade do indivíduo de usufruir do tipo de vida que almeja. É aqui que as políticas públicas voltadas à expansão das capacidades das pessoas assumem um importante papel.

Sen (2000) aponta cinco tipos de liberdade que são instrumentos constitutivos do desenvolvimento: oportunidades sociais, facilidades econômicas, liberdades políticas, segurança protetora e garantias de transparência. Elas se relacionam de forma complementar, ao mesmo tempo em que se impulsionam mutuamente, reforçando-se e apoiando-se umas nas outras.

Essa abordagem serviu de base para que a Organização das Nações Unidas (ONU), através do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), elaborasse seus estudos sobre pobreza. Para o PNUD, enquanto “o desenvolvimento humano é um processo que visa ampliar as possibilidades oferecidas aos indivíduos, assim como à elevação do nível de bem-estar alcançado” (PNUD, 1997, p. 17), a pobreza significa que “se negam as oportunidades e opções mais fundamentais de desenvolvimento humano” ao indivíduo (PNUD, *ibidem*, *ibidem*). Assim, como processo, o desenvolvimento se modifica ao longo do tempo, e as condições de pobreza – enquanto negação do desenvolvimento humano – são diferentes em sociedades distintas, modificando-se com o tempo e de acordo com cada sociedade analisada. No entanto, o desenvolvimento humano, para o PNUD (RDH, 1990), engloba outras dimensões às quais os indivíduos dão valor, tais como a liberdade política, econômica e social, evidenciando-se seu caráter multidimensional.

Baseando-se, então, nos conceitos contidos na abordagem das capacitações, o PNUD, em seu Relatório Mundial de Desenvolvimento Humano (RDH) de 1990, apresentou o Indicador de Desenvolvimento Humano (IDH) com a intenção de mensurar e acompanhar as condições sociais dos países através de um indicador mais completo que o PIB *per capita*. O IDH é formado por três dimensões fundamentais da vida humana: longevidade³, conhecimento⁴ e padrão de vida adequado⁵, sendo uma média aritmética dessas dimensões.

O IDH utilizado hoje já passou por várias modificações desde sua criação, especialmente a partir de 1994. De acordo com Salama e Destremau (2001), inicialmente, esse indicador foi pensado como um instrumento que ressaltasse aspectos considerados fundamentais para o desenvolvimento humano e que mostrasse quais possibilidades deveriam ser colocadas à disposição dos indivíduos para que eles pudessem, efetivamente, ser incluídos de forma integral à sociedade da qual fizessem parte. As várias modificações introduzidas pelo PNUD no IDH, nos anos de 1994, 1995 e 1996, o transformaram de um indicador com base na miséria em um medidor de desempenho que aponta os progressos alcançados pelos países no combate à pobreza e à miséria.

No relatório de 1996, o PNUD introduziu um novo índice com a intenção de medir a pobreza humana, o Indicador de Pobreza de Capacidades (IPC). Esse indicador mostra a percentagem dos indivíduos que não conseguem usufruir minimamente das potencialidades humanas fundamentais. De acordo com o RDH 1996, para o IPC, o importante é mostrar a ausência das três potencialidades que são consideradas relevantes para o desenvolvimento humano: a) alimentação correta e boa saúde, representada pela proporção de crianças subnutridas que tenham menos de cinco anos; b) condições salubres de procriação, medida pela proporção de nascimentos sem assistência de pessoal capacitado; e c) instrução e acesso à informação, baseada na taxa de alfabetização das mulheres. Outro aspecto do IPC é o de considerar a renda como estando relacionada mais com os meios do que com os fins de um processo de solução dos problemas oriundos da pobreza (SALAMA e DESTREMAU, 2001).

³ Medida pela esperança de vida ao nascer.

⁴ Medido pela taxa de alfabetização de adultos.

⁵ Medido pela renda *per capita*.

No ano seguinte, um novo indicador foi apresentado pelo PNUD. O Índice de Pobreza Humana (IPH) foi introduzido a partir do RDH 1997, com o objetivo específico de medir a pobreza. Mesmo mantendo as fundamentações gerais do IPC, o IPH altera as variáveis utilizadas na construção dos resultados. Com o intuito de medir o tamanho do déficit nas mesmas dimensões fundamentais consideradas pelo IDH – pouca longevidade, carência de educação básica e dificuldade de acesso a bens públicos e privados –, o IPH é, de acordo com Salama e Destremau (2001), mais uma medida de vulnerabilidade do que de pobreza. De forma inversa ao que faz o IDH, o IPH mede privações, e não realizações.

O IPH é construído a partir de três variáveis: a) percentual de indivíduos suscetíveis de morrer antes dos 40 anos de idade; b) quantidade de adultos analfabetos; e c) serviços que são ofertados pelo conjunto da economia. Esta última é formada por três elementos: percentual de pessoas que não têm acesso à água potável, percentual de indivíduos que não têm acesso aos serviços de saúde e percentual de crianças abaixo dos cinco anos de idade que sofrem de desnutrição.

Posteriormente, o IPH foi dividido em dois: o IPH-1 (IPH original), utilizado para os países subdesenvolvidos, e o IPH-2, para os desenvolvidos. As variáveis do IPH-2, embora o índice utilize os mesmos aspectos fundamentais para a existência humana que o IPH-1, são necessariamente diferentes para poder refletir as condições dos países desenvolvidos. São elas: a) percentual de indivíduos suscetíveis de morrer antes dos 60 anos de idade; b) percentual de adultos analfabetos e pobreza econômica média no país; e c) porcentagem da população economicamente ativa que está desempregada por mais de doze meses como medida de exclusão.

Depreendeu-se, desse levantamento, que os tetos e/ou as medidas são mais elevados (as) no IPH-2, o que reflete o fato de que ele é utilizado em países nos quais se espera que existam melhores condições de vida para a população.

Em seu relatório de 2010, o PNUD reconheceu que, apesar dos avanços que o combate à pobreza e a medição do desenvolvimento humano tiveram com a implantação do IDH em 1990, é preciso ir além das dimensões que esse indicador apresenta (HDR, 2010). Foi com esse objetivo – avançar ainda mais nos estudos acerca da pobreza, da desigualdade e do desenvolvimento humano – que, no HDR 2010, foram introduzidos três novos indicadores: o IDH Ajustado à Desigualdade (IDHAD), o Índice de

Desigualdade de Gênero (IDG) e o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM). A utilização desses novos indicadores não significa o abandono do IDH, mas um acréscimo qualitativo nos estudos realizados pelo PNUD.

O IDH Ajustado à Desigualdade (IDHAD) é estimado para 139 países e busca captar as perdas no desenvolvimento humano devidas às desigualdades na saúde, na educação e no rendimento. O IDHAD não leva em conta apenas a média de desenvolvimento humano de um país, conforme medido pelos indicadores da saúde, da educação e do rendimento, mas considera, também, a maneira como está distribuído esse desenvolvimento. Esse índice desconta o valor médio de cada dimensão de acordo com o respectivo nível de desigualdade e, dessa forma, incorpora as diferenças de expectativa de vida, de escolaridade e de rendimento.

O IDHAD e o IDH terão o mesmo valor quando não existirem desigualdades entre as pessoas. Mas, existindo desigualdade, o primeiro ficará abaixo do segundo. Para o PNUD (HDR, 2010), o IDH é considerado como índice de desenvolvimento humano potencial (valor máximo do IDHAD em uma sociedade igualitária), e o IDHAD é o índice de desenvolvimento humano real, por incorporar a desigualdade. A limitação que o IDHAD apresenta, ainda que seja um avanço, é o fato de não conseguir verificar se as pessoas sofrem uma ou várias privações, o que o PNUD chama de desigualdades sobrepostas.

O Índice de Desigualdade de Gênero (IDG) é estimado para 138 países e mostra as disparidades de gênero na saúde reprodutiva, na capacitação e na participação no mercado de trabalho. Mesmo com os avanços conquistados pelas mulheres na sociedade atual, o PNUD considera que “a desigualdade entre os gêneros continua a ser a principal barreira ao desenvolvimento humano” (HDR, 2010, p. 89). Buscando identificar onde se concentra essa desigualdade nos diversos países, o PNUD apresentou, em seu relatório de 2010, o IDG – único indicador a incluir, em sua composição, a participação política e econômica das mulheres, seu sucesso educativo e os problemas de saúde especificamente femininos, assim como analisar as desigualdades sobrepostas ao nível nacional.

O IDG inclui três importantes dimensões – compostas por diferentes índices – aos problemas enfrentados pelas mulheres: a saúde reprodutiva, que tem como índices a taxa de mortalidade materna e a taxa de fertilidade entre as adolescentes; a capacitação,

cujos índices são a percentagem de representantes femininos e masculinos no parlamento e a diferença de nível de educação entre homens e mulheres (com foco na educação secundária e superior); e a participação no mercado de trabalho, que possui como índice a participação da população ativa feminina, incluindo as empregadas e as desempregadas (à procura de emprego) e aquelas que procuram trabalho em tempo parcial. O IDG agrega essas três dimensões em um índice sintético, o que permite que reflita importantes complementaridades entre elas, e cresce quando as desvantagens femininas são associadas em todas as dimensões. Isso significa que quanto maior for a correlação das disparidades entre os gêneros em todas as dimensões, maior será o índice.

Já o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) tem como objetivo identificar as privações sobrepostas que as famílias sofrem na saúde, na educação e nos padrões de vida. Ao apresentar esse indicador, o PNUD reafirma sua visão de que a pobreza é multidimensional, indo muito além de mera questão de renda inadequada.

O IPM é baseado na Abordagem das Capacitações e complementa as abordagens de viés puramente monetário (HDR, 2010). Além disso, identifica o número médio de pessoas e de famílias pobres, assim como as privações sobrepostas nas mesmas três dimensões do IDH. Essa nova forma de medir a pobreza substitui o IPH, publicado desde 1997, que utilizava as médias do país para refletir privações agregadas na saúde, na educação e no padrão de vida, mas não identificava indivíduos específicos, famílias ou grupos maiores de pessoas que sofressem privações em conjunto.

O IPM é o resultado da contagem da pobreza multidimensional (o número de pessoas multidimensionalmente pobres) e do número médio de privações que cada família pobre sofre (a intensidade da pobreza). E inclui três dimensões semelhantes às do IDH, que se desdobram em dez indicadores com peso igual dentro da sua dimensão.

Outro aspecto do PNUD que deve ser salientado é o fato de não ser estabelecida uma relação direta entre crescimento econômico e desenvolvimento humano. Embora o aumento das condições materiais para o atendimento das necessidades da população seja fruto do crescimento econômico, o atendimento dessas necessidades, ou seja, o desenvolvimento humano, está relacionado à forma como o produto do crescimento é apropriado pelo conjunto da sociedade.

2.2.3 Voices of the Poor: os estudos de Deepa Narayan

Durante os anos de 1990, o Banco Mundial realizou uma pesquisa que envolveu 60.000 homens e mulheres considerados pobres de 60 países. A ideia era analisar o motivo pelo qual as situações de pobreza persistiam a partir das realidades, das experiências e dos pontos de vista das próprias pessoas e, também, do ponto de vista institucional. Os resultados dessa pesquisa foram publicados em três relatórios (“Alguém pode nos escutar?”, “Clamando por mudanças” e “Desde muitos lugares”) coordenados por Deepa Narayan.

Os relatórios não se propuseram a realizar uma avaliação de políticas públicas ou de programas especiais de combate à pobreza. A intenção foi apresentar o mundo como ele era visto pelos pobres (NARAYAN, 1999). Tratava-se de expandir o conceito de pobreza de Sen utilizando a compreensão dos pobres sobre sua própria situação e sobre as oportunidades que a sociedade lhes oferece de superá-la. A partir das Avaliações Participativas sobre a Pobreza (APP), a autora procurou subsidiar a elaboração de políticas públicas de desenvolvimento que estivessem de acordo com as reais necessidades e expectativas dos pobres (WILTGEN, 2012).

Narayan fundamentou suas análises na visão que as pessoas pobres têm sobre as diversas dimensões da pobreza, em quais são os principais motivos para que se encontrem nessa situação e em como elas percebem as possibilidades e os limites das oportunidades que possuem para superar essa situação. Através das APP's, é possível analisar a pobreza sob uma ótica mais ampla, pois consideram os indivíduos como agentes ativos, e não apenas passivos, das mudanças em seu destino (WILTGEN, 2012).

São seis os principais resultados a que Narayan (1999) chegou em seu estudo com a utilização das APP's:

- i. pobreza como sendo formada por múltiplas dimensões estreitamente relacionadas entre si;
- ii. pobreza comumente definida como falta do mínimo necessário para garantir bem-estar material, o que leva à fome e a privações físicas;
- iii. os pobres têm consciência de que sua falta de voz, poder e independência os sujeita à exploração e ao tratamento desumano por parte da sociedade civil e dos funcionários públicos a quem recorrem em busca de auxílio; eles também expõem a dor que sentem por serem obrigados a quebrar as regras sociais e pelo fato de não poderem manter suas identidades culturais, o que

- leva à degradação de suas relações sociais; são os aspectos psicológicos da pobreza;
- iv. a falta de infraestrutura básica é apontada como sendo um problema extremamente crítico;
 - v. existe um grande temor com relação a doenças, uma vez que levam muitas famílias à miséria, pois os serviços de saúde são insuficientes, e os que existem são muito caros para seus padrões de renda; a alfabetização é considerada importante, mas o nível de escolaridade é, algumas vezes, visto como um fator importante para suas vidas e, em outras, não;
 - vi. os indivíduos pobres concentram sua atenção bem mais na falta de ativos do que na renda e consideram que sua carência de ativos físicos, humanos, sociais e ecológicos está diretamente relacionada a sua vulnerabilidade e suscetibilidade aos riscos.

Esses resultados podem ser condensados, de acordo com Narayan (1999), em três blocos, que permitem uma visão mais geral de como os pobres definem e compreendem a pobreza e de como enxergam as políticas construídas para a aplicação dos recursos escassos que são disponibilizados para superá-la ou diminuir seus efeitos:

- i. os ativos utilizados pelos pobres para enfrentar suas adversidades sociais, econômicas e ecológicas são tanto tangíveis como intangíveis e formados por um amplo espectro de recursos físicos, humanos, sociais e ecológicos;
- ii. esses ativos são escassos e, portanto, muito disputados; sendo assim, a capacidade de utilizá-los em períodos nos quais são necessários depende das relações de poder e controle, bem como existem consideráveis diferenças de acesso relacionadas à questão de gênero;
- iii. a renda é mencionada com pouca frequência se comparada a outros ativos que permitem aos pobres atender suas próprias necessidades, tais como acesso aos serviços de saúde, oportunidade de trabalho e acesso à terra.

O trabalho de Narayan permitiu verificar que as pessoas pobres percebem a pobreza como formada por múltiplas dimensões diretamente relacionadas, e que a busca por alimentos e por condições para garantir seu próprio sustento, assim como a falta de poder e de voz e a dependência de políticas públicas, são fatores importantes na definição de pobreza pelos pobres. Falta de poder e de voz também são fatores que influenciam a sensação de vulnerabilidade e de incapacidade de suprir suas necessidades de sustento por conta própria.

Os avanços introduzidos pelos estudos de Sen e Narayan são inegáveis. Porém, os trabalhos que utilizam a renda como *proxy* da pobreza ainda são dominantes quando se trata de analisar a questão, pois os dados a respeito da renda são amplamente

disponíveis e permitem uma comparação mais direta acerca da condição social das pessoas e das populações.

As abordagens multidimensionais da pobreza se mostram, analiticamente, mais ricas que as unidimensionais, pois, mais do que medir, procuram compreender o fenômeno da pobreza. Por isso, é através das análises feitas a partir delas que podem ser construídas políticas públicas realmente eficazes para superar a situação em que se encontram várias famílias em todas as nações, especialmente naquelas em desenvolvimento.

As três visões multidimensionais de pobreza descritas neste trabalho tiveram como fundamento o fato de que a renda não é a única variável que deva ser utilizada para analisar a pobreza, e sim que esta é uma composição de vários fatores que não podem ser desconsiderados se, efetivamente, quiserem-se propor políticas sociais capazes de superá-la.

Na parte seguinte deste trabalho, apresenta-se a metodologia utilizada na análise dos dados do Censo de 2010, tanto na comparação dos indicadores primários do Brasil e do Rio Grande do Sul, quanto para a elaboração dos índices de pobreza utilizados na realização do estudo sobre a distribuição espacial da pobreza no estado.

3 METODOLOGIA E FONTE DE DADOS

Neste capítulo, consta a metodologia adotada na construção dos índices utilizados no estudo da análise e da distribuição da pobreza no território gaúcho. Inicialmente, apresentaram-se alguns dos índices utilizados pelo PNUD para medir a pobreza. Em seguida, detalharam-se o método do IPH e as técnicas de Análise Exploratória de Dados Espaciais (AEDE) utilizadas. Por fim, apresentou-se a fonte dos dados consultada na construção dos índices de pobreza.

3.1 Delimitação da análise

A opção por trabalhar com o conceito de pobreza multidimensional impôs ao pesquisador algumas decisões, pois a grande variedade de dimensões e uma gama ainda maior de variáveis possibilitam inúmeras alternativas para o estudo da pobreza em seu caráter multidimensional. Como resultado dessa situação, o estudo da pobreza multidimensional possui certo grau de arbitrariedade.

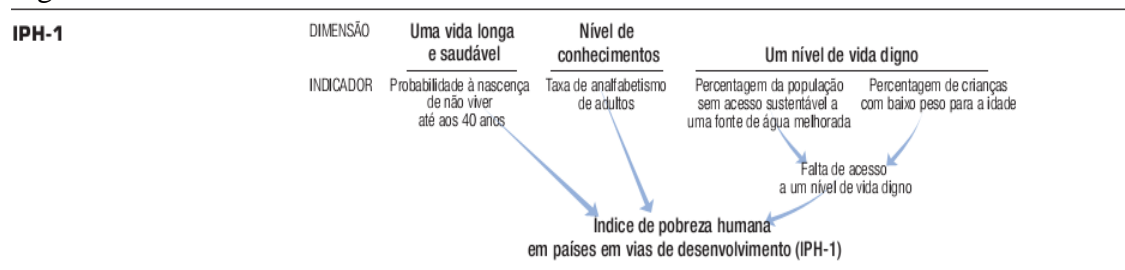
A escolha de quais dimensões seriam objeto de estudo e, dentro dessas dimensões, quais variáveis seriam utilizadas, dependia, primeiramente, da definição do conceito de pobreza e, depois, do objetivo da pesquisa. Foi a partir dessas decisões que se pôde realizar a coleta dos dados e estabelecer a metodologia mais adequada ao estudo. Isso foi fundamental porque as diferentes formas de abordagem da pobreza e as diferentes possibilidades para sua mensuração podem levar a diferentes realidades e, em consequência, apontar diferentes estratégias e políticas para o combate à pobreza.

Outro aspecto a ser considerado é que, de forma diversa das investigações que têm por base exclusiva a abordagem monetária da pobreza, não existe, ainda, um indicador (ou grupo de indicadores) multidimensional definido a ser empregado nos estudos embasados neste conceito de pobreza.

A possibilidade do uso de dimensões e variáveis diferentes no estudo da pobreza multidimensional implicou a formulação de uma série de índices para mensurá-la. São vários os pesquisadores que implementaram, e ainda implementam, esforços no sentido de medir a pobreza em todos os seus aspectos, incluindo o da renda. Os aspectos mais conhecidos são os utilizados pelo PNUD: o IPH, introduzido em 1997, e o IPM, introduzido em 2010.

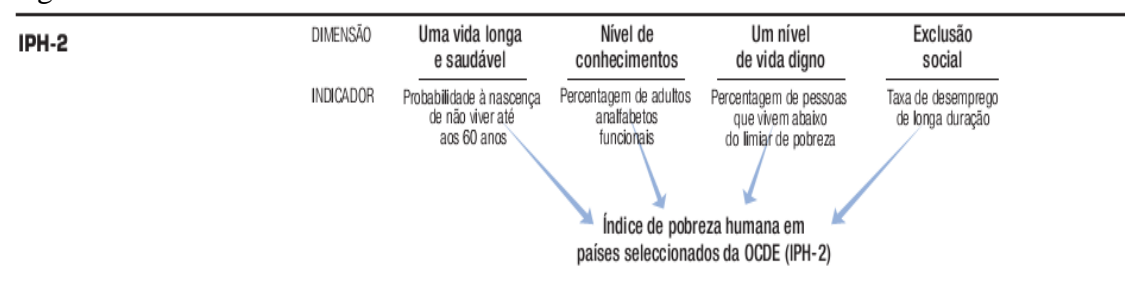
O IPH⁶, conforme abordado no capítulo anterior, mede privações, e não realizações, como faz o IDH. Esse índice foi, em 1998, dividido em dois: o IPH-1, para países em desenvolvimento, e o IPH-2, para países desenvolvidos, de forma a refletir melhor as diferentes condições existentes entre os dois grupos de países. As figuras abaixo apresentam a estrutura utilizada para a medição da pobreza por esses dois indicadores.

Figura 1 – Dimensões e variáveis do IPH-1



Fonte: Notas técnicas do RDH 2006 – PNUD.

Figura 2 – Dimensões e variáveis do IPH-2

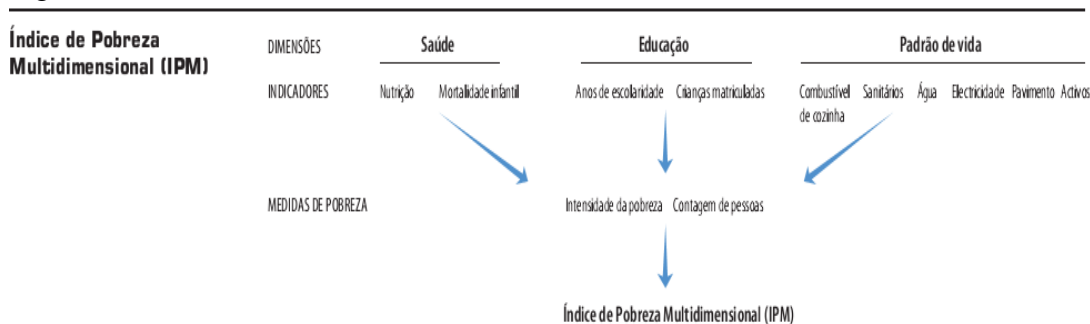


Fonte: Notas técnicas do RDH 2006 – PNUD.

O IPM, por sua vez, conforme capítulo 2, possui o objetivo de realizar a identificação das privações sobrepostas que as famílias sofrem e é fundamentado na Abordagem das Capacitações, sendo resultante da contagem do número de pessoas multidimensionalmente pobres e da intensidade da pobreza. O IPM possui a seguinte estrutura de medição:

⁶ Para mais detalhes sobre estes indicadores, ver o capítulo 2 deste trabalho.

Figura 3 – Dimensões e variáveis do IPM



Fonte: Notas técnicas do RDH 2006 – PNUD.

Diante das possibilidades que se apresentavam, optou-se por construir um índice de pobreza multidimensional utilizando a metodologia do IPH, pois, sendo o IPM um indicador de mais recente utilização, ainda é objeto de muitos estudos que buscam seu aprimoramento. O IPH foi utilizado para verificar a distribuição espacial da pobreza no Rio Grande do Sul quando analisada nas dimensões alvo deste trabalho. Para estudar como está distribuída a pobreza no estado, foi utilizada a Análise Exploratória de Dados Espaciais (AEDE), detalhada no item 3.2.4 deste capítulo.

3.2 Metodologia

3.2.1 A metodologia do IPH

O IPH foi criado por Sudhir Anand e Amartya Sen em 1997. Segundo Anand e Sen (1997), o IPH não deve ser entendido como um substituto do IDH, pois ambos possuem perspectivas diferentes. Enquanto o IDH analisa os avanços médios alcançados no combate à pobreza, o IPH mede o grau de privação existente. Dito de outra forma, o IPH é uma medida da pobreza que possui uma perspectiva de desenvolvimento humano e tem como base três variáveis: vulnerabilidade à morte prematura, analfabetismo e padrão de vida abaixo do aceitável, que inclui a falta de acesso a serviços de saúde, água potável e alimentação adequada. O IPH, portanto, reflete a carência ou a privação em três elementos essenciais da vida humana, utilizados no IDH, diferindo-se das medidas convencionais de pobreza aferidas apenas pela renda.

Mas, para os autores, o fato de o IPH fazer uso de três dimensões para medir as privações – sendo uma delas formada por três variáveis, enquanto as outras duas possuem somente uma variável – acarreta um problema de ponderação das dimensões. A solução apontada por eles é a medição da média aritmética simples das três variáveis

que compõem a dimensão econômica. Segundo Anand e Sen (1997), mesmo reconhecendo o grau de importância que esses três componentes da pobreza humana possuem, não se pode assumir que tenham um impacto idêntico sobre ela. Assim, para calcular o IPH, eles propõem a utilização de uma média ponderada das três dimensões como forma de ressaltar a influência da dimensão de valor mais elevado. No entanto, Anand e Sen (1997) alertam que a valorização dessa influência não pode ser excessiva, pois causaria um mascaramento do peso das demais dimensões.

Tem-se, então, que o IPH mede as privações refletidas por três dimensões da vida humana:

- carência relacionada à sobrevivência (P_1) – porcentagem de pessoas com expectativa de vida inferior a 40 anos;
- carência relacionada ao conhecimento (P_2) – porcentagem de adultos analfabetos; e
- carência relacionada ao padrão de vida (P_3) – composta por variáveis: porcentagem de pessoas sem acesso a serviços de saúde (P_{31}); porcentagem de pessoas sem acesso a água saudável (P_{32}); porcentagem de crianças com menos de 5 anos em situação de desnutrição (P_{33}).

Assim, a privação relacionada ao padrão de vida é dada por:

$$P_3 = (P_{31} + P_{32} + P_{33}) / 3 \quad (1)$$

E a fórmula⁷ do IPH é expressa da seguinte maneira:

$$IPH = [1/3 (P_1^3 + P_2^3 + P_3^3)]^{1/3} \quad (2)$$

É importante salientar que os indicadores utilizados para mensurar as privações são percentuais, o que facilita o cálculo do IPH, uma vez que esses indicadores já estão normalizados entre 0 e 100, de acordo como as Notas Técnicas do RDH 2006. Uma suposição importante é a de que as três privações que compõem o IPH possuem os mesmos valores relativos e que se somam umas às outras (ANAND e SEN, 1997). O valor final do IPH indica qual a proporção da população é afetada pelas privações analisadas e, quanto mais próximo de 100, maior é o grau de privação.

Além disso, o IPH é um índice de pobreza para cada dimensão considerada, mas não pode ser entendido como um índice geral da pobreza indiscriminadamente. Somente

⁷ Para um detalhamento da formulação matemática do IPH, ver Anand, Sudhir and Amartya K. Sen. 1997. Concepts of Human Development and Poverty: A Multidimensional Perspective.

nas situações em que cada uma das dimensões consideradas da pobreza possuir a mesma incidência, pode-se considerá-lo um índice geral. Dessa forma, deve-se considerar o IPH como uma *proxy* que indica a incidência da pobreza na região analisada.

3.2.2 Construindo um índice municipal de pobreza a partir da metodologia do IPH

A partir da metodologia do IPH, tornou-se possível construir um indicador multidimensional de pobreza. Para tanto, foi necessário, em primeiro lugar, definir as dimensões e as variáveis (privações) que seriam utilizadas na mensuração da pobreza através desse indicador. O quadro abaixo teve o intuito de apresentar essas dimensões e privações e, a seguir, discorreu-se sobre a composição de cada uma das dimensões que compõem os índices municipais de pobreza utilizados neste trabalho.

Quadro 1 – Dimensões e variáveis dos índices de pobreza

Dimensões (D)	Privações (P)
Habitação e Saneamento (HS)	5 ou + moradores por domicílio (P ₁₁) Com sanitário ou Sem banheiro/sanitário (P ₁₂) Sem água potável (P ₁₃) Sem lixo coletado (P ₁₄) Sem tratamento de esgoto (P ₁₅)
Educação (E)	Sem instrução/fundamental incompleto (P ₂₁)
Saúde (S _d)	Taxa de Mortalidade Infantil (P ₃₁)
Renda (R)	Até 1/4 do salário mínimo (SM) ou Sem rendimento (P ₄₁)

Fonte: elaboração própria.

Na dimensão Habitação e Saneamento (HS), definiram-se cinco privações relacionadas aos domicílios analisados: a quantidade de moradores, a existência de banheiro⁸ ou sanitário⁹, o acesso à água potável¹⁰, o destino do lixo¹¹ e o tratamento do

⁸ Cômodo que dispunha de chuveiro (ou banheira) e vaso sanitário (ou privada) e de uso exclusivo dos moradores, inclusive os localizados no terreno ou na propriedade onde se localiza o domicílio. (Fonte: Notas Metodológicas – Censo 2010).

⁹ Local limitado por paredes de qualquer material, coberto ou não por um teto, que dispunha de vaso sanitário ou buraco para dejeções. Inclui banheiro de uso comum a mais de um domicílio. (Fonte: Notas Metodológicas – Censo 2010).

¹⁰ Considerou-se como domicílio sem acesso a água potável aquele em que a fonte de abastecimento não era a rede geral de distribuição de água ou que não possuía poço ou nascente localizada no terreno ou na propriedade onde estava construído.

¹¹ Considerou-se como tratamento inadequado do lixo quando o mesmo não é coletado, mas sim queimado ou enterrado (na propriedade), jogado em terreno baldio ou logradouro, jogado em rio, lago ou mar ou, então, quando o lixo do domicílio tinha outro destino que não os descritos.

esgoto¹². Definiu-se, então, que seriam considerados pobres em cada uma dessas privações os domicílios ocupados por 5 ou mais moradores, os que possuíssem apenas sanitário, os sem acesso à água potável e sem tratamento adequado do lixo e do esgoto.

Como indicador de Educação (E), optou-se por utilizar o nível de escolaridade de pessoas com 25 anos ou mais. A linha de pobreza foi definida como sendo o ensino fundamental completo, pois, a partir da estrutura do ensino no Brasil, pode-se inferir que pessoas que alcançaram essa faixa etária já concluíram o ciclo educacional até o ensino superior. Assim, definiram-se como pobres aqueles que, com 25 anos ou mais, não tivessem completado o ensino fundamental.

Com relação ao indicador de saúde, cabe salientar que não existe, na literatura, um consenso sobre qual a melhor *proxy* a ser adotada. As mais comumente utilizadas são a taxa de mortalidade infantil e a expectativa de vida ao nascer. Neste estudo, optou-se por utilizar a Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) para crianças de até um ano de idade, pois, de acordo com Sousa e Leite Filho (2008), ela é vista como um bom indicador da qualidade de vida, já que TMI's altas se relacionam com níveis socioeconômicos baixos.

Como essa taxa é calculada com base em uma relação de falecimentos por mil nascidos vivos, foi necessário utilizar um artifício para torná-la compatível com as demais variáveis. Neste caso, a alternativa para tal compatibilização foi considerar a taxa como relacionada com 100 nascimentos, e não na forma tradicionalmente utilizada. Desse modo, evidenciou-se que, com em relação à *proxy* saúde, a definição de uma linha de pobreza monetária possui “um certo grau de arbitrariedade” (HOFFMANN, 2000, p. 96).

Hoffmann (2000) e Rocha (1996) alertam para o cuidado que se deve ter ao definir uma linha de pobreza baseada no salário mínimo quando se faz uma análise comparativa de diferentes períodos, pois os resultados obtidos podem ser consequência, apenas, da alteração do valor real do mesmo, não refletindo alterações no nível de pobreza. Esse risco não está presente aqui, pois não foram analisados dados ao longo do tempo, mas exclusivamente em um recorte temporal.

¹² Definiu-se como tendo tratamento inadequado do esgoto aquele domicílio no qual as águas servidas e os dejetos oriundos de banheiro ou sanitário não eram destinados à rede geral de esgoto ou pluvial ou à fossa séptica, podendo ter como destino: fossa rudimentar, rio, lago, mar, vala ou outro.

De acordo com Rocha (1996), os estudos sobre pobreza que utilizam a abordagem unicamente baseada na renda, geralmente, utilizam 1/4 do salário mínimo como linha de pobreza, e há um consenso entre os pesquisadores de que a renda utilizada é a familiar *per capita*. A partir disso, definiu-se, a utilização de uma linha de pobreza monetária com essa mesma referência.

Tem-se, então, quatro dimensões, com um número diverso de variáveis (privações), para compor o índice. Sendo assim, foi necessário, primeiramente, efetuar o cálculo das dimensões e, então, construir o índice municipal de pobreza. Para o cálculo das dimensões, utilizou-se o mesmo pressuposto de Anand e Sen (1997), ou seja, as privações possuem o mesmo peso no interior de cada uma das dimensões, o que quer dizer que se utilizou a média simples. Outro pressuposto presente em Anand e Sen (1997) é de que as dimensões da pobreza impactam de forma diferente sobre ela e, dessa forma, deve-se utilizar a sua média ponderada para o cálculo do índice.

3.2.3 Índice Municipal de Pobreza (IMP)

3.2.3.1 Formulação das Dimensões

Seguindo a metodologia proposta por Anand e Sen (1997), o valor das dimensões é expresso da seguinte forma:

$$D_i = 1/n (\sum P_{ij}) \quad (3)$$

onde:

D_i = dimensão a ser calculada;

P_{ij} = privação que compõe a variável derivada;

i = número que indica a dimensão a ser calculada ($i = 1, \dots, 4$);

j = número da privação que compõe a dimensão a ser calculada ($j = 1, \dots, 5$); e

n = quantidade de privações que compõem a dimensão.

3.2.3.2 Formulação do Índice Municipal de Pobreza (IMP)

Aplicando-se, por fim, a média ponderada às dimensões (D_i), o Índice Municipal de Pobreza assume a seguinte expressão:

$$IMP = [(1/n) HS^\alpha + (1/n) E^\alpha + (1/n) S_d^\alpha + (1/n) R^\alpha]^{1/\alpha} \quad (4)$$

onde:

HS = Habitação e Saneamento;

E = Educação;

S_d = Saúde;

R = Renda;

n = quantidade de dimensões que compõem o índice; e

α = fator de ponderação do peso das dimensões que compõem o índice.

Esse índice pode ser apresentado de forma mais genérica, permitindo que se analisem, separadamente, as diversas dimensões que o compõem ou, até mesmo, outras dimensões ou variáveis que não são objeto deste trabalho.

A formulação mais geral é assim construída:

$$\text{IMP} = \left[(1/n) \text{HS}^\alpha + (1/n) \text{E}^\alpha + (1/n) \text{S}_d^\alpha + (1/n) \text{R}^\alpha \right]^{1/\alpha} \quad (5)$$

ou,

$$\text{IMP} = \left\{ (1/n) \left[\text{HS}^\alpha + \text{E}^\alpha + \text{S}_d^\alpha + \text{R}^\alpha \right] \right\}^{1/\alpha} \quad (6)$$

Fazendo: HS = D₁, E = D₂, S_d = D₃ e, R = D₄

tem-se,

$$\text{IMP} = \left\{ (1/n) \left[\text{D}_1^\alpha + \text{D}_2^\alpha + \text{D}_3^\alpha + \text{D}_4^\alpha \right] \right\}^{1/\alpha} \quad (7)$$

Seja: D = D_i ; i = 1, ..., n

Então, na fórmula geral,

$$\text{IMP} = \left[\sum (\text{D}_i^\alpha) / n \right]^{1/\alpha} \quad (8)$$

onde:

D_i = dimensão que compõe o índice (i = 1, ... , n);

α = fator de ponderação do peso das dimensões que compõem o índice¹³; e

n = quantidade de dimensões que compõem o índice.

¹³ Para a definição do valor de α , realizou-se um teste com $\alpha=3$ e com $\alpha=4$. A diferença entre os índices foi pequena e optou-se, arbitrariamente, por utilizar um $\alpha = n$. No entanto, deve-se tomar cuidado para não dar peso excessivo às privações mais agudas se o número de dimensões utilizadas for elevado.

Uma vez que se pretendeu realizar uma comparação da distribuição espacial da pobreza multidimensional no Rio Grande do Sul com a pobreza medida apenas pela ótica da renda no mesmo estado, foram utilizados três índices derivados da forma geral. O primeiro (IMP 1) incluiu as quatro dimensões definidas acima (HS, E, S_d e R), o segundo (IMP 2) foi calculado apenas com as dimensões não monetárias (HS, E e S_d), e o terceiro (IMP 3) foi medido somente com a dimensão monetária (R).

Tem-se, então, que:

$$\text{IMP 1} = \left\{ (1/n) [\text{HS}^\alpha + \text{E}^\alpha + \text{S}_d^\alpha + \text{R}^\alpha] \right\}^{1/\alpha} ; \alpha = n = 4 \quad (9)$$

$$\text{IMP 2} = \left\{ (1/n) [\text{HS}^\alpha + \text{E}^\alpha + \text{S}_d^\alpha] \right\}^{1/\alpha} ; \alpha = n = 3 \quad (10)$$

$$\text{IMP 3} = \left\{ (1/n) \text{R}^\alpha \right\}^{1/\alpha} ; \alpha = n = 1 \quad (11)$$

ou

$$\text{IMP 3} = \text{R} \quad (12)$$

e

$$D_i = 1/n (\sum P_{ij}) ; n = 5 \text{ para HS, } n = 1 \text{ para E, S}_d \text{ e R} \quad (13)$$

Como exemplo da construção dos índices municipais de pobreza, segue o cálculo do IMP 1 para o Município de Aceguá e para dois municípios fictícios – Município A (pobre) e Município B (sem pobreza). Inicialmente, apresentaram-se os dados de Aceguá, para depois proceder a comparação entre os três.

Aceguá possuía, em 2010, um total de 1.327 domicílios e 4.394 habitantes, dos quais 2.660 com 25 ou mais anos de idade. A tabela 1, abaixo, contém os dados do município.

Tabela 1 – Detalhamento dos dados do município de Aceguá

Dimensão	Unidade	Variável	Linha de Pobreza	Quantidade de Unidades Pobres	Percentual de Unidades Pobres
Habitação / Saneamento (P ₁)	Domicílio	Moradores (P ₁₁)	4 moradores	254	18,18
		Banheiro / Sanitário (P ₁₂)	Ter banheiro de uso exclusivo	89	6,37
		Água Potável (P ₁₃)	Ter acesso à água potável	516	36,94
		Tratamento do Lixo (P ₁₄)	Ter lixo coletado	800	57,27
		Tratamento do Esgoto (P ₁₅)	Ter esgoto tratado	253	18,11
Educação (P ₂)	Pessoas	Nível de Escolaridade das Pessoas com 25 ou mais anos de idade	Ensino fundamental completo	1.772	66,62
Saúde (P ₃)	Pessoas	Taxa de Mortalidade Infantil	-	-	2,04
Renda (P ₄)	Domicílio	Renda Domiciliar Mensal <i>per capita</i>	Até ¼ do salário mínimo ou sem rendimento	165	11,81

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

Para Aceguá e os municípios A e B, tem-se os valores discriminados na tabela 2, abaixo.

Tabela 2 – Valores das variáveis e dimensões componentes do IPM 1: Aceguá e municípios fictícios

	P ₁₁	P ₁₂	P ₁₃	P ₁₄	P ₁₅	P ₂	P ₃	P ₄	IPM 1
Aceguá	18,18	6,37	36,94	57,27	18,11	66,62	2,04	18,81	47,45
A	100	100	100	100	100	100	100	100	100
B	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

Para Aceguá, tem-se que:

$$P_1 = (18,18 + 6,37 + 36,94 + 57,27 + 18,11) / 5 = 27,37$$

$$IPM 1 = \left\{ (1/4) [26,11^4 + 66,62^4 + 2,04^4 + 18,11^4] \right\}^{1/4} = 47,45$$

Como se utilizou um fator de ponderação ($\alpha = 4$), a participação da parcela que possui maior valor foi realçada no resultado final do índice. No exemplo utilizado, a

parcela P₂ (educação) foi enfatizada. O resultado do IMP 1 indicou que Aceguá possui um nível de pobreza igual a 47,45%. Se a pobreza fosse medida apenas pelas condições de habitação e saneamento, Aceguá seria, pelos critérios metodológicos adotados, 27,37% pobre. Já na análise unidimensional, com base na renda, Aceguá tem um nível de pobreza equivalente a 11,81%.

Evidenciou-se que, para Aceguá, uma política de combate à pobreza fundamentada apenas em transferência de renda teria um baixo potencial de superação do problema, pois, de acordo com os resultados obtidos para o município, as demais dimensões, em especial a educação, produzem um efeito “empobrecedor” bem mais acentuado.

No caso dos municípios A e B, que possuem parcelas de valor idêntico, nenhuma delas influencia o valor final de forma mais destacada. Essas duas situações fictícias evidenciaram os limites extremos do índice. Para o município A, tem-se a pior situação possível, onde todos os seus habitantes são pobres de acordo com as privações analisadas. Já para o município B, a situação é contrária, ou seja, o percentual de moradores pobres é zero.

3.2.4 Análise Exploratória de Dados Espaciais (AEDE)

A AEDE é um conjunto de técnicas que analisa as informações geográficas, com a principal finalidade de desvendar padrões espaciais nos dados a serem estudados, identificando potenciais dependências e heterogeneidades espaciais. Para tanto, considera a autocorrelação e a heterogeneidade espacial. Essa metodologia tem como objetivos apresentar e descrever a distribuição espacial, identificar situações espaciais atípicas (*outliers*) e possíveis agrupamentos de valores similares (*clusters*) e verificar a presença de diferentes regimes espaciais ou de outras formas de instabilidade espacial (ALMEIDA *et al*, 2008).

A autocorrelação espacial, conforme Haining (1990 *apud* ALMEIDA, 2012), relaciona-se basicamente com quatro processos. O primeiro refere-se a um processo de difusão que consiste na implementação de um fator de interesse por parte da população fixa. O segundo engloba a troca de mercadorias e a transferência de renda. O terceiro relaciona-se com a interação entre as diversas regiões, ou seja, com os eventos ocorridos em uma região e que podem influenciar eventos em outras regiões. E o quarto processo

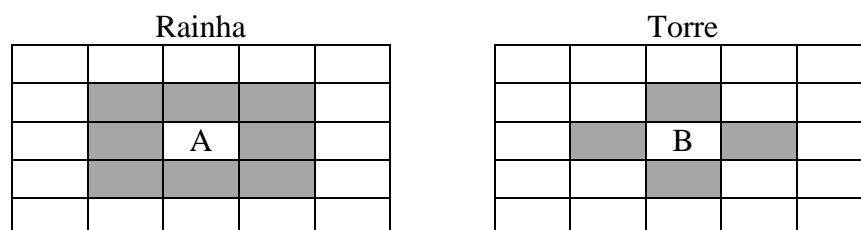
relaciona-se à dispersão ou ao “espraiamento” de um atributo, gerando dependência espacial no atributo em análise.

A heterogeneidade espacial ocorre quando há instabilidade estrutural no espaço, fazendo com que haja respostas distintas, dependendo da região ou da escala espacial utilizada (ALMEIDA, 2012). Em complemento a essa questão, Anselin (1988) enfatiza que a noção de dependência espacial significa a necessidade de determinar de que maneira uma unidade particular influencia nas demais unidades do sistema espacial. Convencionalmente, isso é expresso através da noção de vizinhança, mediante a construção de matrizes de pesos espaciais.

3.2.4.1 Determinação da Matriz de Ponderação Espacial

Reveste-se de fundamental importância, para a utilização da AEDE, determinar a matriz de pesos espaciais (W), uma vez que, de acordo com Anselin (1988), os resultados podem variar dependendo da escolha dessa matriz. Para Almeida (2012), o conceito de matriz W fundamenta-se na contiguidade, que é determinada conforme a vizinhança, a distância geográfica ou socioeconômica, ou ainda segundo a combinação das duas. A matriz W corresponde à forma de explicitar a estrutura espacial dos dados (PEROBELLI *et al.*, 2007). Trata-se de uma matriz de dimensão ‘ n ’ por ‘ n ’, em que os pesos espaciais w_{ij} indicam qual o grau de relacionamento entre as regiões, de acordo com o critério de proximidade adotado, e mostram qual modelo de fronteira é considerado no teste. De acordo com Almeida (2012), os tipos de matriz de ponderação mais utilizados são Rainha e Torre, mostrados na figura abaixo.

Figura 4 – Matrizes de ponderação espacial



Fonte: Almeida (2012, p. 77).

Na configuração Rainha, vizinhas são todas as unidades que dividem, com a unidade analisada, qualquer tipo de fronteira, seja uma borda comum ou um nó comum. Já na configuração Torre, são consideradas vizinhas somente as unidades que possuem uma borda em comum com a unidade em estudo.

A ideia contida nas matrizes de contiguidade é de que exista uma maior interação espacial entre regiões vizinhas do que entre regiões distantes umas das outras. Seguindo esse raciocínio, acredita-se que os índices de pobreza de determinado município influenciam e são influenciados pelos índices dos municípios com os quais faz fronteira, e que essa influência vai diminuindo na medida em que a distância intermunicipal aumenta.

3.2.4.2 Autocorrelação Espacial Global

A AEDE tem como ponto de partida o exame da aleatoriedade dos dados espaciais, que significa verificar se os valores do atributo da região analisada dependem dos valores desse mesmo atributo nas regiões vizinhas. Em outras palavras, analisa a não existência de relação espacial entre as unidades em estudo.

Na autocorrelação espacial global, a análise dos dados se dá de forma generalizada, o que caracteriza a associação espacial de toda uma região por meio de uma única medida, um indicador global. Essa estratégia viabiliza a medição do grau de interdependência geográfica entre as variáveis, além de determinar a natureza e a intensidade da relação.

A literatura apresenta uma variada gama de estatísticas de investigação da presença de autocorrelação espacial, ou seja, da existência de alguma coincidência de valores entre uma variável e a localização da variável em questão (ALMEIDA, 2012). Mas, segundo Oliveira (2008), a maneira mais utilizada para testar a autocorrelação espacial é o I de Moran.

Essa estatística é dada por:

$$I = \left[n / S_0 \right] \left[\frac{\sum_i \sum_j w_{ij} z_i z_j}{\sum_{i=1}^n z_i^2} \right] \quad (14)$$

onde:

n = número de regiões;

w_{ij} = representa os elementos da matriz de ponderação espacial;

z_i e z_j = são os valores da variável analisada em desvios da média;

S_0 = soma de todos os elementos da matriz W .

A estatística I de Moran apresenta valores que variam de - 1 a + 1. Uma autocorrelação espacial positiva mostra a existência de semelhanças entre as variáveis da característica estudada e a sua localização espacial (ALMEIDA, 2012). Já a hipótese contrária, autocorrelação espacial negativa, demonstra a existência de heterogeneidade entre as variáveis da característica estudada e a sua localização espacial.

Tem-se, então, que, se a estatística I de Moran indicar uma autocorrelação positiva, valores altos (baixos) tendem a estar localizados ao redor de valores altos (baixos), significando a existência de semelhanças entre o atributo estudado e a sua localização (*cluster*). Entretanto, se indicar uma correlação negativa, os valores altos estarão ao redor de valores baixos, e vice-versa, demonstrando a inexistência de semelhanças entre o atributo e sua localização espacial (*outlier*). Já se o I de Moran for igual a zero, o significado é a não existência de autocorrelação espacial entre os dados (ALMEIDA, 2012).

Nesse sentido, Chiarini (2008) estabelece que, quando se estuda a pobreza, os resultados permitem inferir, de maneira geral, que regiões consideradas pobres (não pobres) têm propensão a serem vizinhas de regiões pobres (não pobres), para valores de I de Moran tendendo a 1. E regiões pobres (não pobres) estarão próximas de regiões não pobres (pobres) quando o I tender a -1.

O foco deste estudo foram os níveis de pobreza municipal no Rio Grande do Sul. Sendo assim, esperava-se que os resultados apontassem no sentido indicado pelo autor e demonstrassem a existência de influência dos níveis de pobreza intermunicipal ou, dito de outra forma, para a existência de *clusters* de pobreza no território do estado. Mas não se pode negligenciar o fato de que alguns municípios podiam ter índices de pobreza originados em condições inerentes a eles próprios, independentes da vizinhança, em especial, quando a análise se realizasse apenas focalizada na renda.

É importante acrescentar que se deve ter em mente que o I de Moran é uma medida global e, portanto, de acordo com Almeida (2012), pode ocultar os padrões locais de associação espacial linear. Nesse sentido, Perobelli *et al.* (2007) definem três diferentes situações que podem ocultar esses padrões: a) quando um I de Moran for insignificante, o que levaria a concluir pela existência de autocorrelação espacial com a mesma característica; b) quando o valor do I de Moran global esconde uma autocorrelação espacial local negativa e insignificante; e c) quando uma autocorrelação

espacial global negativa esconde uma autocorrelação espacial local positiva para determinados conjuntos de dados. A solução foi utilizar análises de autocorrelação local, que permite uma avaliação mais completa do atributo estudado.

3.2.4.3 Autocorrelação Espacial Local

Buscando solução para possíveis mascaramentos de associações locais (análise da existência de *clusters* locais) por associações globais, Anselin (1995) recomenda a utilização de um novo indicador, o *Local Indicator of Spatial Association* (LISA), ou seja, Indicador Local de Associação Espacial, que permite a observação dos padrões locais de associação linear estatisticamente significantes.

Segundo Almeida (2005), o LISA permite a decomposição do indicador global de autocorrelação, possibilitando verificar qual a influência local de cada observação em quatro categorias, sendo que cada uma delas corresponde, de forma isolada, a um quadrante no diagrama de dispersão de Moran. No mesmo sentido, Anselin (1995) aponta duas propriedades que o LISA deve possuir: a) indicar aquelas regiões ao redor das quais existe uma aglomeração de valores semelhantes; b) ter somatório, para todas as unidades, proporcional ao indicador de autocorrelação espacial global.

A estatística LISA, a partir do I de Moran local, pode ser especificada da maneira a seguir:

$$I_i = z_i \sum_{j=1}^n w_{ij} z_j / \sum_{i=1}^n z_i^2 \quad (15)$$

onde:

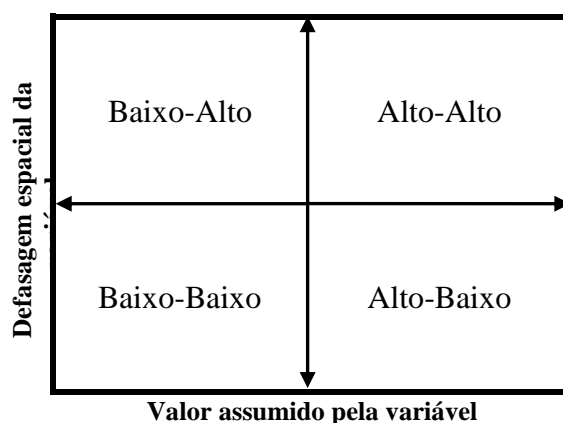
w_{ij} = representa os elementos da matriz de ponderação espacial;
 z_i e z_j = são os valores da variável analisada em desvios da média.

Do mesmo modo que no I de Moran global, valores próximos de +1 apontam para a existência de relações espaciais dos tipos Alto-Alto e Baixo-Baixo, enquanto que valores próximos de -1 indicam relações espaciais dos tipos Alto-Baixo e Baixo-Alto. Já valores próximos de zero sugerem que não há associação espacialmente significativa entre a unidade analisada e seus vizinhos.

3.2.4.4 Diagrama de Dispersão de Moran

De acordo com Almeida *et al.* (2005) e Perobelli *et al.* (2007), uma das maneiras de se interpretar a estatística I de Moran é utilizando o diagrama de dispersão de Moran. Esse diagrama permite a visualização gráfica da associação espacial, pois mostra a defasagem espacial da variável de interesse no eixo Y e o valor dessa variável no eixo X (ALMEIDA, 2012).

Figura 5 – Diagrama de dispersão de Moran



Fonte: elaboração própria, baseada em Almeida (2012, p. 109).

No quadrante Alto-Alto (AA), encontram-se os pontos que representam as regiões com valores altos para a variável em análise, cercadas por unidades que também apresentam valores altos para a mesma variável.

No quadrante Baixo-Alto (BA), são indicadas as regiões com valores baixos para a variável de interesse, cercadas por vizinhos que apresentam valores altos para a variável em questão.

No quadrante seguinte, denominado Baixo-Baixo (BB), os pontos mostram as regiões com valores baixos para a variável estudada, cercadas por regiões que igualmente apresentam valores baixos para essa variável.

O quarto e último quadrante é formado pelas regiões que possuem valores altos para as variáveis em análise, cercadas por regiões com a mesma variável, mas com valores baixos. Esse quadrante é denominado de Alto-Baixo (AB).

As regiões localizadas nos quadrantes AA e BB apresentam autocorrelação espacial positiva, ou seja, essas unidades apresentam valores altos (baixos) de uma variável contornados por valores altos (baixos). Já os quadrantes BA e AB apresentam

autocorrelação espacial negativa, ou seja, as regiões que ali se encontram apresentam altos (baixos) valores cercados por baixos (altos) valores.

Valores altos são aqueles situados acima da média da região em estudo, e valores baixos, os situados abaixo da média. A média de cada um dos índices utilizados foi apresentada na tabela 3, que se encontra no capítulo 5.

3.3 Fonte de dados

As regiões espaciais adotadas foram os municípios. Sendo assim, utilizaram-se como unidades a quantidade de domicílios e o número de habitantes de cada um dos municípios para a construção das dimensões em análise. Para as dimensões habitação/saneamento e renda, a unidade foi o domicílio; e, para as dimensões educação e saúde, foram os habitantes.

Tendo sido as quantidades utilizadas oriundas de unidades diferenciadas, as mesmas foram normalizadas de 0 a 100, pela utilização de seu percentual com relação ao total do município.

Foram utilizados, na pesquisa, os dados do Censo 2010 para os 496 municípios do Estado do Rio Grande do Sul. Esses dados foram obtidos a partir do Banco SIDRA do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

4 ANÁLISE DESCRITIVA DOS INDICADORES PRIMÁRIOS

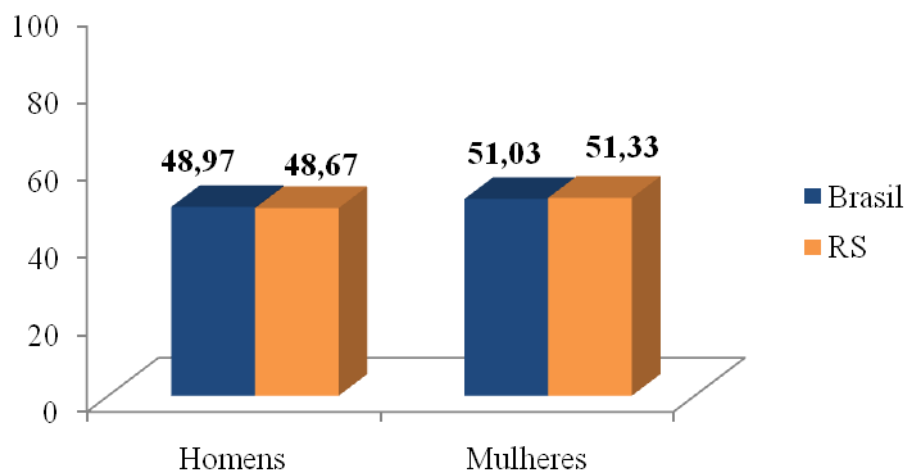
Os dados do Censo 2010 permitiram observar uma série de similaridades e diferenças entre a população brasileira e a gaúcha. As observações das informações sobre composição da população, moradia, educação, saneamento, saúde e renda possibilitaram identificar algumas dessas similaridades e diferenças, auxiliando na construção de um índice de pobreza multidimensional que se adequasse às dimensões e variáveis utilizadas no estudo em questão.

Para uma análise inicial, optou-se por apresentar algumas características gerais da população brasileira e da gaúcha, como sua distribuição por gênero, a situação dos domicílios (se urbanos ou rurais), a distribuição etária e a composição da população brasileira pelo critério cor/raça. A seguir, passou-se a uma análise descritiva das variáveis enfatizadas, agrupadas de acordo com as dimensões de pobreza estudadas: moradia, saneamento, educação, saúde e renda. Para tanto, foram elaborados gráficos que possibilitaram comparar as diversas variáveis. Por fim, apresentaram-se os dados divididos em três categorias: total dos domicílios/população, domicílios/população das zonas urbanas e domicílios/população das zonas rurais.

4.1 Características gerais da população

A população brasileira era formada, em 2010, por um total de 190.755.799 pessoas, enquanto a gaúcha era formada por 10.693.929 pessoas na mesma época, o que equivalia a 5,6% da população do país. Assim como no Brasil, as mulheres eram maioria no Rio Grande do Sul, e as populações do país e do estado tinham, praticamente, a mesma distribuição de gênero.

Gráfico 1 – Percentual da população por gênero



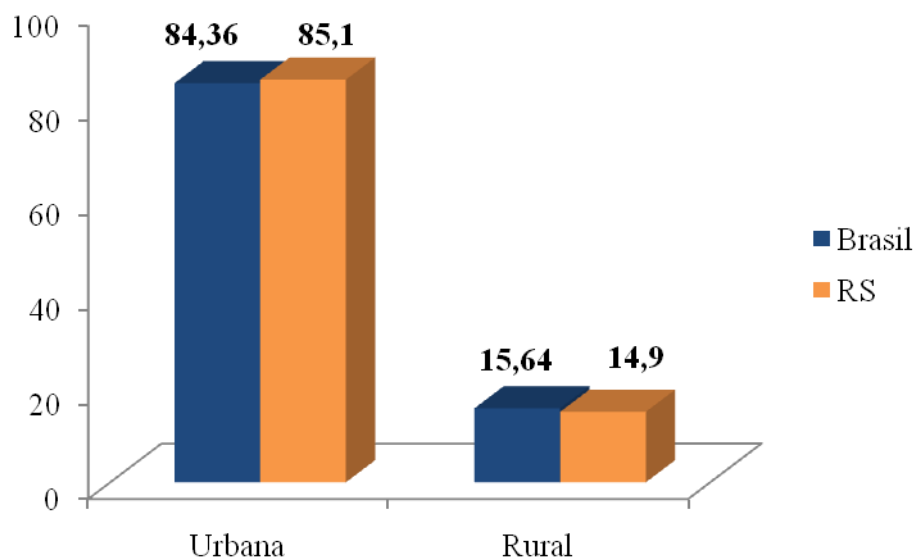
Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

O Brasil, no período avaliado, era amplamente urbano, com mais de 84% de sua população vivendo em domicílios localizados em áreas urbanas¹⁴, enquanto aproximadamente 16% encontravam-se em domicílios rurais¹⁵. Assim como a população brasileira, a gaúcha era majoritariamente urbana. Viviam em domicílios urbanos mais de 85% dos gaúchos, e, em domicílios rurais, praticamente 15% dos habitantes do estado. Ambos, país e estado, possuíam praticamente o mesmo percentual de urbanização, com a diferença entre eles sendo de apenas 0,74 pontos percentuais.

¹⁴ Em situação urbana, consideraram-se as áreas, urbanizadas ou não, internas ao perímetro urbano das cidades (sedes municipais) ou vilas (sedes distritais) ou as áreas urbanas isoladas, conforme definido por Lei Municipal vigente em 31 de julho de 2010. Para a cidade ou vila em que não existia legislação que regulamentava essas áreas, foi estabelecido um perímetro urbano para fins de coleta censitária, cujos limites foram aprovados oficialmente pela Prefeitura Municipal. (Fonte: Notas Metodológicas – Censo 2010.)

¹⁵ A situação rural abrangeu todas as áreas situadas fora desses limites urbanos estabelecidos. (Fonte: Notas Metodológicas – Censo 2010.)

Gráfico 2 – Percentual da população por situação do domicílio



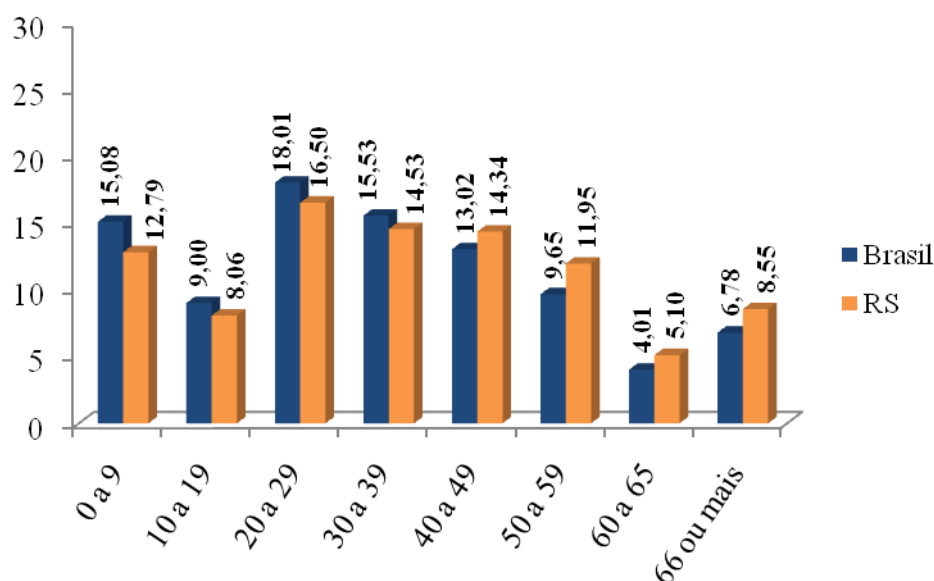
Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

A análise da composição etária das populações brasileira e gaúcha apontava, mesmo sendo pequenas as diferenças em todas as faixas etárias, um envelhecimento maior para a última. Na faixa de 0 a 9 anos e nas três faixas iniciais da População Economicamente Ativa (PEA),¹⁶ o percentual de gaúchos era menor do que o de brasileiros. Situação inversa ocorria nas três últimas faixas etárias componentes da PEA e na faixa dos que possuíam 66 anos ou mais, em que a população gaúcha era, à época, percentualmente maior que a brasileira.

Esses dados permitiram concluir que o Rio Grande do Sul apresentará, mais cedo que o Brasil, problemas relacionados a temas como previdência e escassez de mão de obra.

¹⁶ A PEA é formada pelas pessoas que possuem de 10 até 65 anos de idade de acordo com o IBGE.

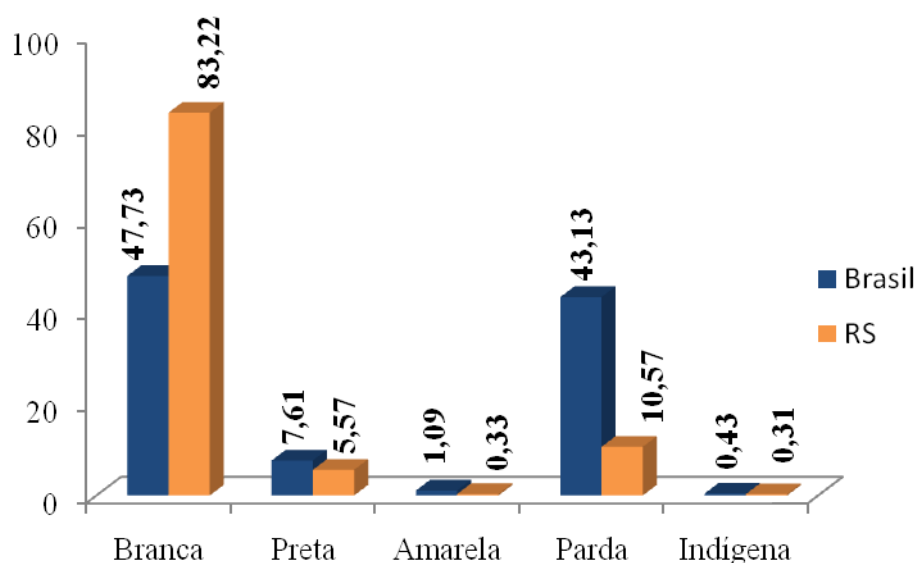
Gráfico 3 – Percentual da população por faixa etária



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Foi na característica correspondente à cor/raça que se ressaltaram as maiores diferenças entre o estado e o país. Enquanto, no Brasil, a população que se declarou preta ou parda ultrapassou a declarada branca, e os declarados pardos estavam quase no mesmo patamar dos declarados brancos, no Rio Grande do Sul, a ampla maioria (83,2%) declarou-se como branca – os declarados pardos estavam em segundo lugar, mas em um percentual bem inferior (10,6%). Os declarados pretos, amarelos e indígenas também eram, percentualmente, mais representativos entre a população brasileira e, neste caso, com pouca diferença em relação ao Rio Grande do Sul. Um dado que chamou a atenção foi o fato de que os autodeclarados amarelos, no Brasil, eram em maior número do que os autodeclarados indígenas, ao passo que, no Rio Grande do Sul, esse percentual era idêntico. Já os que optaram por não declarar que/a que cor/raça possuíam/pertenciam foram praticamente insignificantes percentualmente, em ambos os casos, perfazendo menos de 0,01%.

Gráfico 4 – Percentual da população por cor/raça



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

4.2 Características de habitação

Na sequência, constam algumas características das habitações das populações do Brasil e do Rio Grande do Sul analisadas no percurso da pesquisa. São elas: a condição de posse, a existência ou não de energia elétrica no domicílio e o número de moradores.

Verificou-se que, do total de domicílios brasileiros, a ampla maioria (mais de 70 %) era composta por imóveis próprios¹⁷, independentemente de estarem total ou parcialmente quitados. Situação similar foi encontrada com relação aos domicílios gaúchos, sendo 75% das moradias de propriedade de algum dos moradores.

Os imóveis alugados¹⁸ ocupavam a segunda posição em termos de posse, mas, nessa categoria, o Rio Grande do Sul apresentava um percentual menor que o do Brasil, situação que se repetia no caso de domicílios cedidos¹⁹. Já quando se tratava de outra

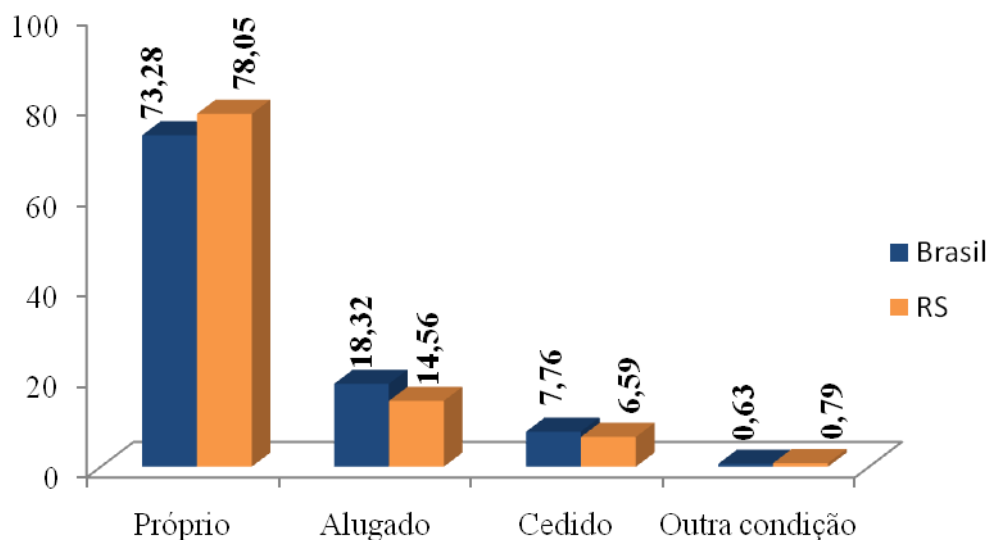
¹⁷ Quando o domicílio é de propriedade, total ou parcial, de um ou mais moradores, estando integral ou parcialmente pago. (Fonte: Notas Metodológicas – Censo 2010).

¹⁸ Domicílio com aluguel pago por um ou mais moradores ou pelo empregador (de qualquer um dos moradores) como parte integrante do salário (parcela em dinheiro para o pagamento do aluguel). (Fonte: Notas Metodológicas – Censo 2010).

¹⁹ No caso do domicílio ser cedido a algum dos moradores, ainda que mediante uma taxa de ocupação ou conservação (condomínio, gás, luz, etc.). Incluiu-se, neste caso, o domicílio cujo aluguel era pago diretamente pelo empregador de um dos moradores do domicílio ou ainda, de forma direta ou indireta, por não morador ou por instituição que não era empregadora de algum morador. (Fonte: Notas Metodológicas – Censo 2010).

condição²⁰ de posse do imóvel que não as anteriormente mencionadas, o estado possuía um percentual mais elevado que o do país.

Gráfico 5 – Percentual de domicílios por condição de posse – total dos domicílios



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Avaliando os dados a partir da localização dos domicílios (urbanos ou rurais), percebeu-se que a diferença entre o Brasil e o Rio Grande do Sul, no que diz respeito aos imóveis próprios, era praticamente a mesma – pouco menor que 5% em ambos os casos. O estado, no entanto, apresentava percentuais mais elevados que o país, o que refletiu uma melhor condição de habitação para os gaúchos, se considerado o quesito posse.

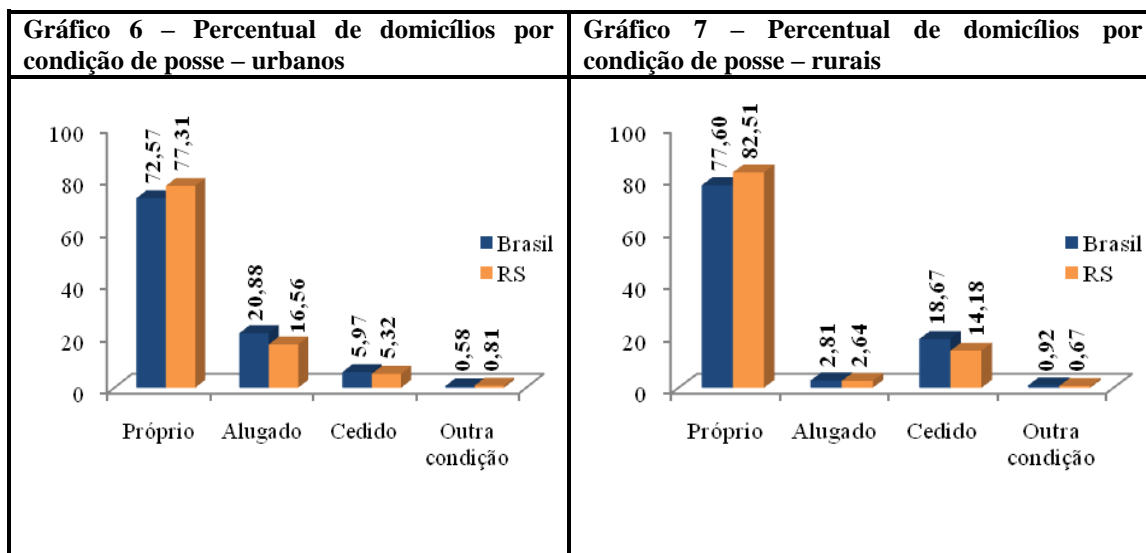
Os percentuais relacionados a imóveis cedidos, em comparação com os alugados, eram maiores nas áreas rurais que nas urbanas, o que veio ao encontro das expectativas, dadas as relações de trabalho existentes no campo, onde, muitas vezes, o trabalhador rural mora na propriedade do empregador. Em contrapartida, nas áreas urbanas, cresceu o percentual de imóveis alugados, o que também era esperado.

Já os que possuíam outra condição de posse correspondiam a um percentual maior na área urbana do Rio Grande do Sul do que na do Brasil, ocorrendo o inverso na área rural. No caso dos domicílios com outra condição de posse, o percentual era maior

²⁰ Incluíram-se neste caso: o domicílio cujo aluguel, pago por morador, referia-se à unidade domiciliar em conjunto com unidade não residencial (oficina, loja, etc.); o domicílio localizado em estabelecimento agropecuário arrendado; e, também, o domicílio ocupado por invasão. (Fonte: Notas Metodológicas – Censo 2010.)

na área rural do que na área urbana quando avaliados os dados do país, e maior na área urbana do que na rural em território gaúcho.

Figura 6 – Percentual de domicílios por condição de posse – urbanos e rurais

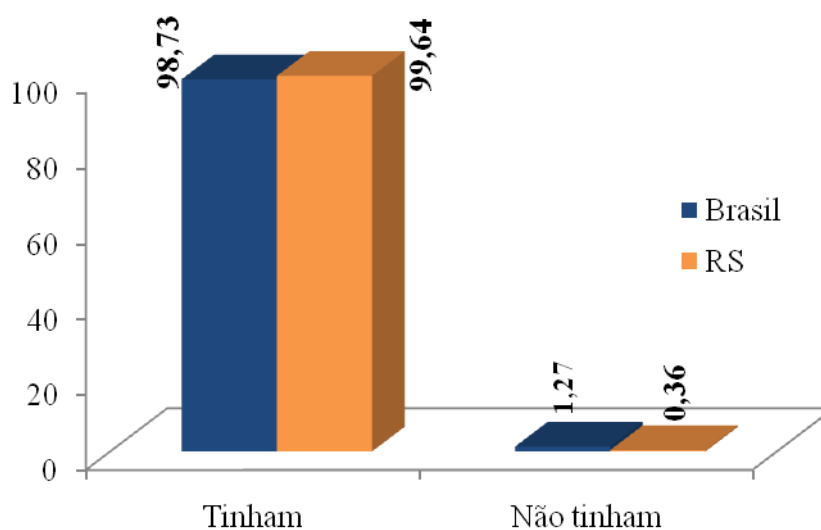


Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Em 2010, a energia elétrica chegava a praticamente 100% dos domicílios brasileiros, e a diferença entre os que possuíam luz elétrica na zona urbana e na zona rural era de apenas sete pontos percentuais. Situação similar à do Brasil, no mesmo ano, apresentavam os domicílios do Rio Grande do Sul, mas, no estado, praticamente não havia diferença (menos de 1%) entre os que se encontravam nas regiões urbanas e os localizados nas áreas rurais.

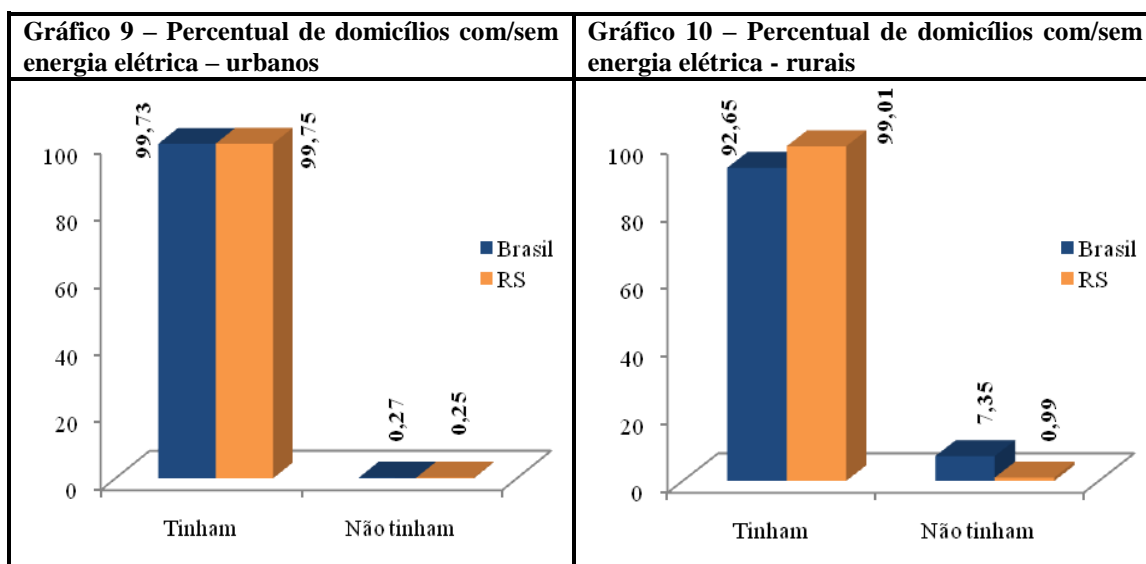
Ao se compararem os dados das zonas urbanas dos dois territórios, constatou-se que quase não existiam domicílios sem energia elétrica, e que a diferença percentual entre o estado e o país era inferior a 0,1 pontos percentuais nesse item. Situação diversa apresentava a zona rural, onde o Rio Grande do Sul superava o Brasil em alcance de fornecimento de energia elétrica, com uma diferença de sete pontos percentuais.

Gráfico 8 – Percentual de domicílios com/sem energia elétrica – total dos domicílios



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

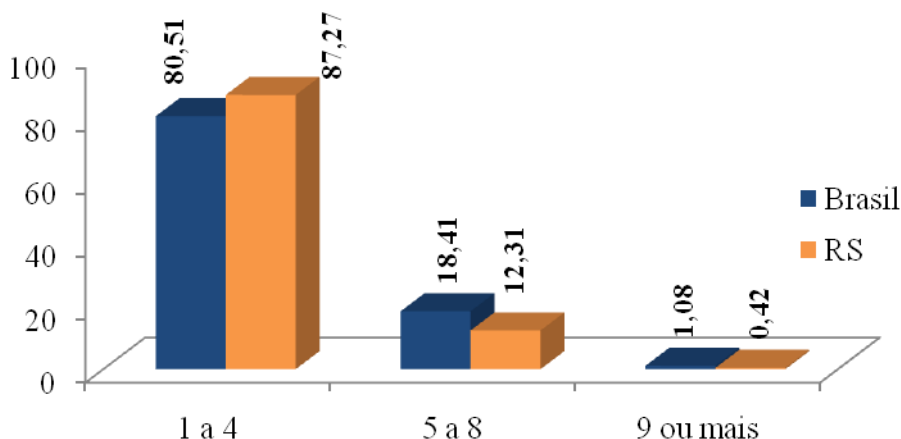
Figura 7 – Percentual de domicílios com/sem energia elétrica – urbanos e rurais



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

A análise relativa à ocupação dos domicílios permitiu observar que a faixa de ocupação mais representativa era a correspondente a 1 a 4 moradores/domicílio. Nessa faixa, o Rio Grande do Sul apresentou um índice de ocupação superior ao do Brasil em sete pontos percentuais. Na faixa seguinte, de 5 a 8 moradores/domicílio, o Brasil superava o Rio Grande do Sul, com uma diferença de seis pontos percentuais. Os domicílios que apresentavam uma ocupação na faixa de 9 ou mais moradores/domicílio apareceram com baixa incidência – seus percentuais eram pouco superiores ao 1% para o Brasil e ficavam abaixo dos 0,5% no Rio Grande do Sul.

Gráfico 11 – Percentual de domicílios por densidade de moradores – total dos domicílios

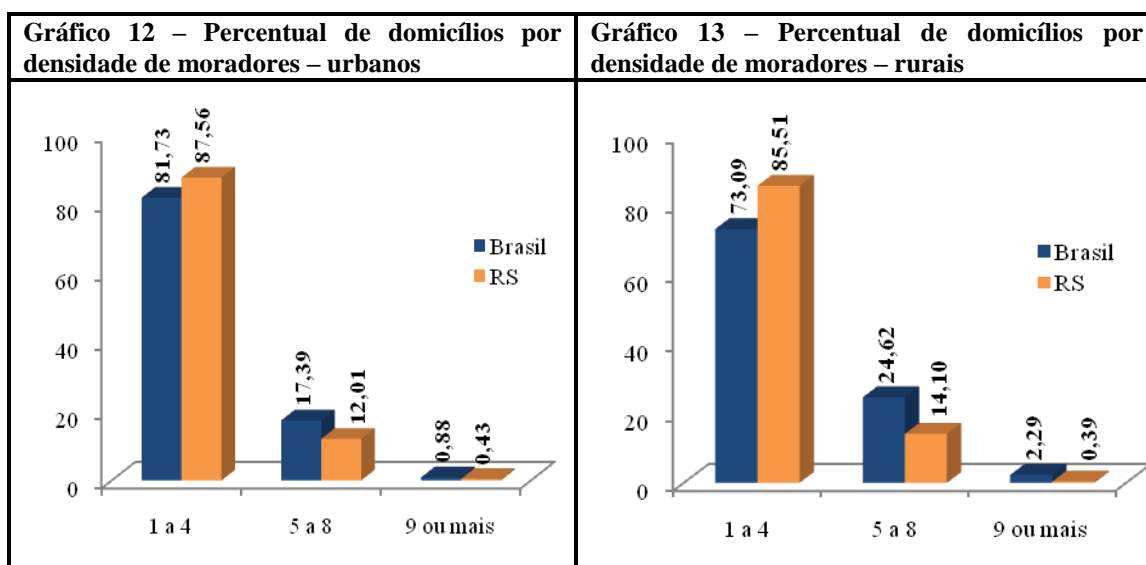


Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Ao serem analisados os territórios através da localização dos domicílios, constatou-se que os percentuais brasileiros superavam os gaúchos, nas zonas urbanas, no referente aos domicílios que se encontravam na faixa dos que possuísem, no mínimo, 5 moradores. Enquanto isso, na faixa de menor densidade de habitantes (1 a 4/domicílio), também em áreas urbanas, o estado superava o país, indicando a existência de uma melhor condição de utilização da moradia no Rio Grande do Sul. Nas zonas urbanas, portanto, a maior diferença estava na faixa favorável aos gaúchos (5,83%), mas não era muito maior que a da faixa de 5 a 8 moradores/domicílio, favorável ao Brasil (5,38%).

Nas zonas rurais, os resultados repetiram os da análise do total dos municípios, mas as diferenças percentuais entre o estado e o país eram maiores em todas as três faixas de ocupação, em comparação aos apresentados nas zonas urbanas e no total de municípios. A maior diferença, novamente, foi na faixa de 1 a 4 moradores/domicílio, em que o Rio Grande do Sul possuía um percentual de ocupação pouco mais de 12 pontos superior ao do Brasil. Já na faixa de 5 a 8 habitantes/domicílio, a diferença percentual era favorável ao país em 10,52 pontos percentuais, ficando em quase dois pontos maior do que a do estado na faixa de ocupação de 9 ou mais moradores/domicílio.

Figura 8 – Percentual de domicílios por densidade de moradores – urbanos e rurais



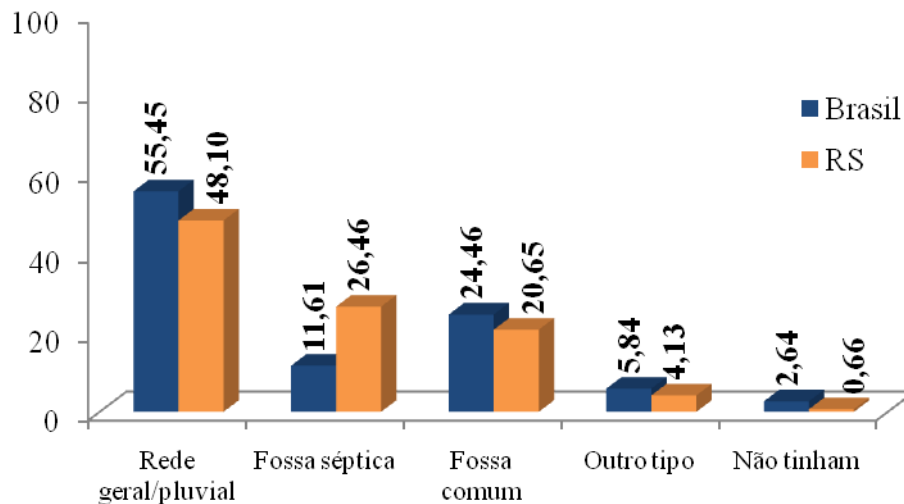
Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

4.3 Condições de saneamento

O tratamento de esgoto dos domicílios brasileiros e gaúchos ainda não era adequado. As informações coletadas demonstraram que, no Brasil, em 2010, pouco mais da metade (55,45%) do total de domicílios possuía dejetos coletados por rede geral, enquanto no Rio Grande do Sul esse total não chegava à metade das habitações (48,10%).

Se se considerasse como tratamento adequado, além da ligação na rede geral, a utilização de fossa séptica para o recebimento dos dejetos e das águas servidas, a situação melhoraria, mas, mesmo assim, não atingiria 75% em nenhum dos territórios, ainda que o Rio Grande do Sul tenha se aproximado desse percentual. Essa melhor condição do estado foi alcançada devido a uma utilização bem mais ampla de fossas sépticas em relação ao país (26,46% e 11,61%, respectivamente). Trata-se de um percentual, sem qualquer dúvida, longe do ideal.

Gráfico 14 – Percentual de domicílios por tipo de tratamento do esgoto – total dos domicílios

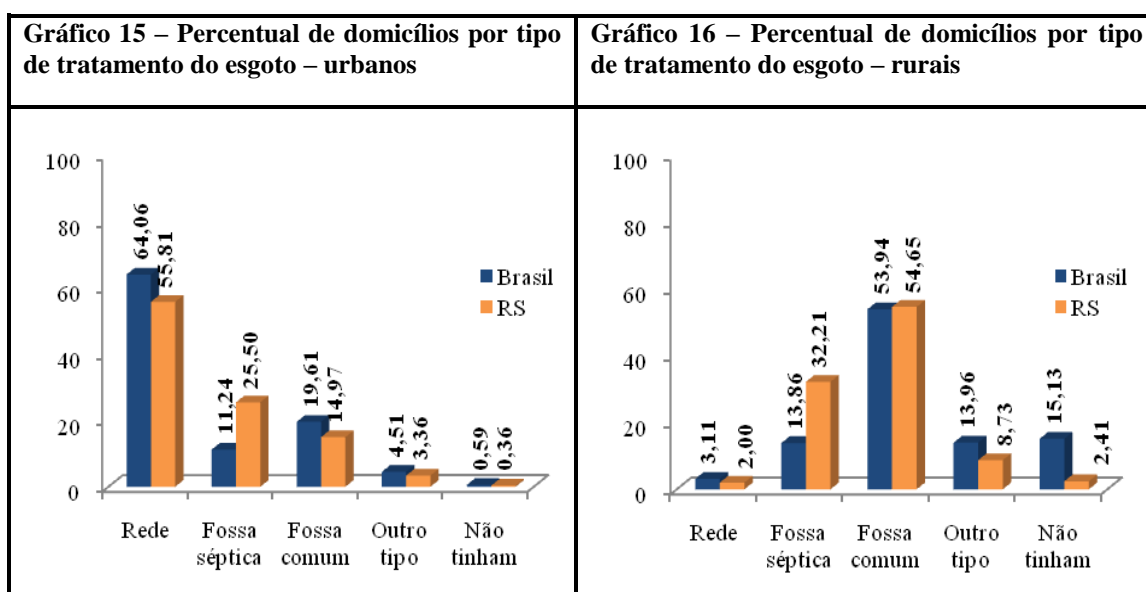


Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Nas áreas urbanas, como se esperava, o percentual dos domicílios ligados à rede geral ultrapassou os 50%. Porém, tanto no Rio Grande Sul como no Brasil, não alcançou 70%. As ligações realizadas com fossa séptica representaram, também nessas áreas, importante complemento para um tratamento adequado dos dejetos, pois permitiram que, no caso do estado, mais de 80% das moradias atingissem essa condição e que o país ultrapassasse os 75%.

Nas zonas rurais, a utilização de fossa rudimentar foi o procedimento que teve o percentual mais elevado, ultrapassando 50% dos domicílios tanto no Brasil (53,94%) como no Rio Grande do Sul (54,65%). Ao verificarem-se os domicílios que despejavam seus dejetos em valas, rios, lagos ou mar, os que davam outro destino ou que simplesmente não possuíam qualquer tipo de tratamento de esgoto, foi possível perceber a profundidade do problema sanitário das zonas rurais, uma vez que essas moradias correspondiam a quase 30% das habitações rurais do país e ultrapassavam 11% no estado no período em análise.

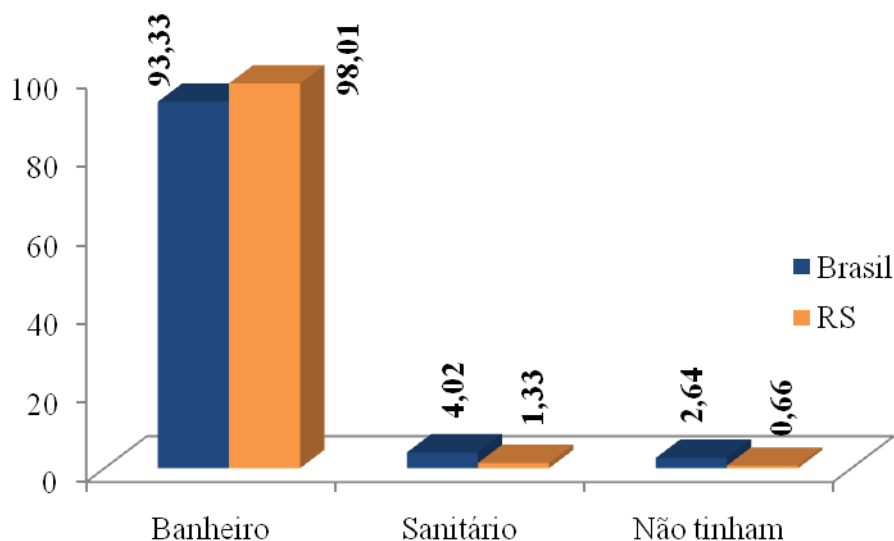
Figura 9 – Percentual de domicílios por tipo de tratamento do esgoto – urbanos e rurais



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Outra indicação das condições de saneamento dos domicílios é a existência ou não de banheiros de uso exclusivo ou de sanitários. Nas três condições sob análise (existência de banheiro exclusivo, existência de sanitário, inexistência de banheiro ou sanitário), o Rio Grande do Sul apresentou percentuais superiores aos do Brasil. Ao verificar-se o total dos domicílios, observou-se uma diferença percentual de menos de 3 pontos entre os dois territórios quanto às moradias que possuíam banheiro de uso exclusivo. Diferenças ainda menores foram observadas nos casos de existência de sanitários (2,69 pontos percentuais) e de inexistência de banheiros ou sanitários (1,98 pontos).

Gráfico 17 – Percentual de domicílios por existência de banheiro de uso exclusivo ou sanitário – total dos domicílios

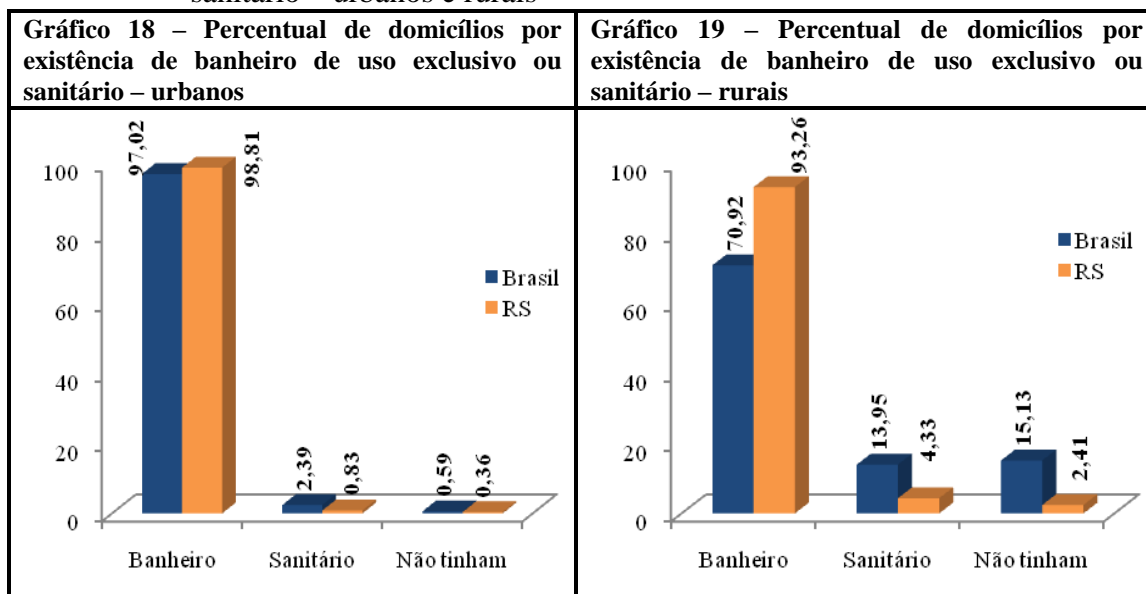


Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Nas zonas urbanas, conformando as expectativas, foram encontrados percentuais de mais de 90% de domicílios com banheiro de uso exclusivo tanto no país como no estado, tendo sido a diferença entre os territórios gaúcho e brasileiro inferior a 2 pontos percentuais. Diferença similar foi verificada nas moradias que possuíam sanitários, e índices menores que 1% de domicílios que não tinham nenhum dos dois cômodos foram apurados tanto no Brasil como no Rio Grande do Sul.

Foi nas zonas rurais que o Rio Grande do Sul apresentou um desempenho amplamente favorável quando comparado com o Brasil. Nessas regiões, o percentual de domicílios gaúchos com banheiro de uso exclusivo ultrapassou os 90%, superando os domicílios brasileiros em mais de 20 pontos percentuais. Nas situações de habitações sem banheiro exclusivo ou mesmo sem banheiro ou sanitário, foi o país que superou o estado, sendo que a maior diferença estava, justamente, na pior das condições. Os domicílios brasileiros que não possuíam banheiro ou sanitário eram, percentualmente, 12 pontos superiores aos gaúchos.

Figura 10 – Percentual de domicílios por existência de banheiro de uso exclusivo ou sanitário – urbanos e rurais



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Com relação à existência ou não de água potável²¹, o Rio Grande do Sul também apresentou condições mais favoráveis que o Brasil. No total de domicílios, nas zonas urbanas e nas zonas rurais, o contingente de domicílios que possuíam água potável no estado superou o país.

A grande maioria dos domicílios brasileiros e gaúchos (mais de 80%) era abastecida por água oriunda da rede geral, com o percentual do estado superando o do país em 2,48 pontos percentuais quando analisado o total dos domicílios. As habitações que eram abastecidas pelas duas outras fontes de água potável (poço ou nascente) pertencentes à propriedade contribuíram para elevar a qualidade do abastecimento com percentuais baixos se comparados com os da rede geral (10,03% e 11,26%, no país e no estado, respectivamente).

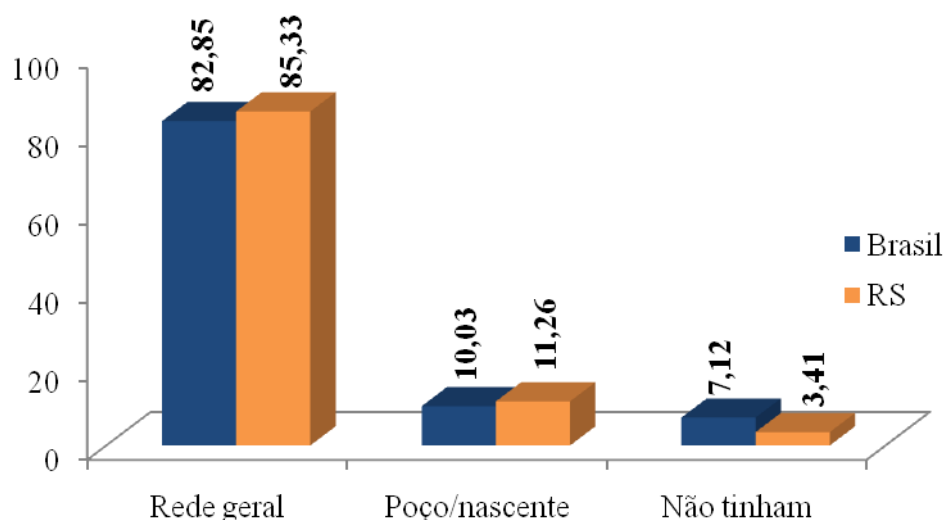
O total dos domicílios não abastecidos²² com água potável não atingiu os 10% em nenhum dos dois territórios. Mesmo assim, esse percentual representa uma parcela significativa de brasileiros sem acesso direto a uma fonte de água, o que é um fator preocupante quando se discutem as privações a que estão submetidos os habitantes.

²¹ Origem na rede geral, em poço ou nascente.

²² Incluem-se nesta categoria os domicílios cujas fontes de água são: poço ou nascente fora da propriedade; carro-pipa ou água da chuva; rio, lago ou açude; poço ou nascente na aldeia; poço ou nascente fora da aldeia; outra fonte de água.

Nos domicílios localizados em áreas urbanas, quase a totalidade era abastecida de água através da rede geral. Em ambos os casos, país e estado, os percentuais relativos a essas moradias foram maiores do que 90%. Quando somados a esses domicílios os que utilizavam água oriunda de poços ou nascentes pertencentes à propriedade, observou-se que menos de 3% das habitações do Brasil não possuíam acesso à água potável, percentual este que foi inferior a 2% no Rio Grande do Sul.

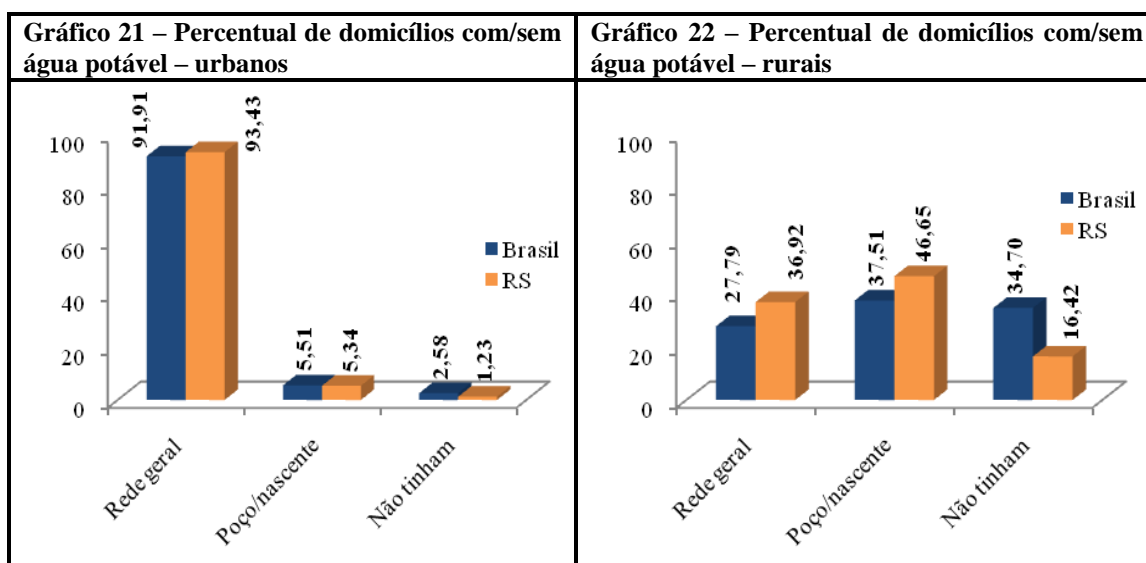
Gráfico 20 – Percentual de domicílios com/sem água potável – total dos domicílios



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Quando realizada a análise das zonas urbanas e rurais separadamente, evidenciou-se o fato de que foram estas que puxaram para baixo o índice geral. Nas áreas rurais, as principais fontes de abastecimento de água eram os poços e nascentes existentes dentro das propriedades onde se localizavam os domicílios. No caso do Rio Grande do Sul, a segunda fonte de água era a rede geral, com um percentual de aproximadamente 37%, contra 46,65% de poços e nascentes localizados na propriedade. Já no Brasil, a situação apresentou-se de forma diferente. Mesmo que as principais fontes fossem, como no estado, os poços e as nascentes na propriedade, os domicílios brasileiros sem abastecimento de água potável ultrapassaram os 25% e superaram os abastecidos através da rede geral em 6,91 pontos, demonstrando, dessa forma, uma situação mais frágil do que a dos domicílios gaúchos.

Figura 11 – Percentual de domicílios com/sem água potável – urbanos e rurais



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

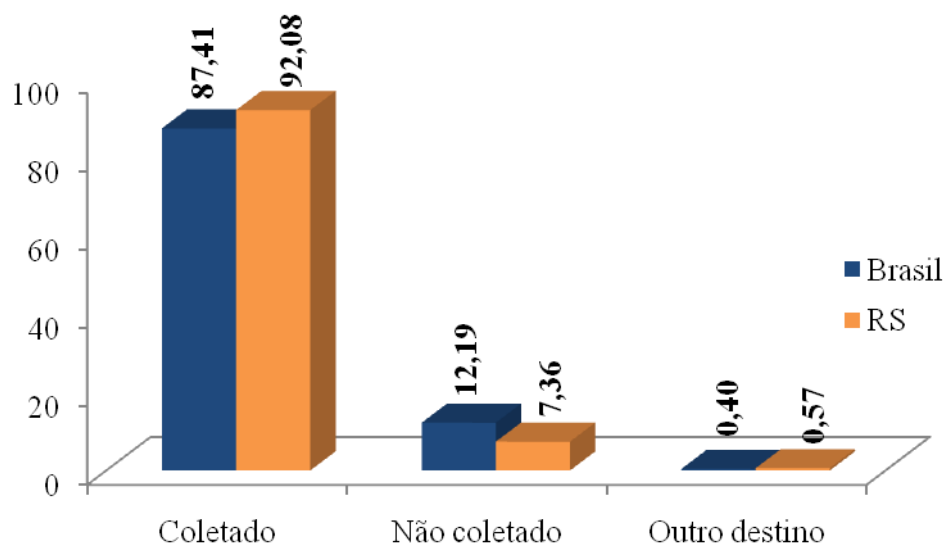
O tratamento do lixo produzido pelos moradores de um domicílio é outro aspecto a ser considerado quando se avalia as condições de saneamento. Nesse item, o Rio Grande do Sul também apresentou condições sanitárias mais elevadas que o Brasil.

Mesmo que ambos os territórios apresentassem percentuais superiores a 85% dos domicílios com lixo coletado²³ – o que é um índice elevado –, no estado, o percentual superou os 92%, enquanto o país não atingiu 90% dos domicílios nessa categoria. A diferença de 4,67 pontos percentuais a mais para o Rio Grande do Sul, em domicílios com lixo coletado, era praticamente a mesma (4,83) existente entre os percentuais, do país e do estado, no caso dos domicílios onde não havia coleta. Mas, nesse caso, o percentual do Brasil foi maior que o do Rio Grande do Sul²⁴. Já os domicílios nos quais o lixo tinha destino diferente dos acima representaram menos de 1% no país e no estado.

²³ Considerou-se, nesta categoria, o lixo coletado por serviço de limpeza ou em caçamba de serviço de limpeza.

²⁴ Domicílios sem coleta são aqueles em que o lixo é queimado ou enterrado na propriedade ou então jogado em terreno baldio, em logradouro, rio, lago ou mar.

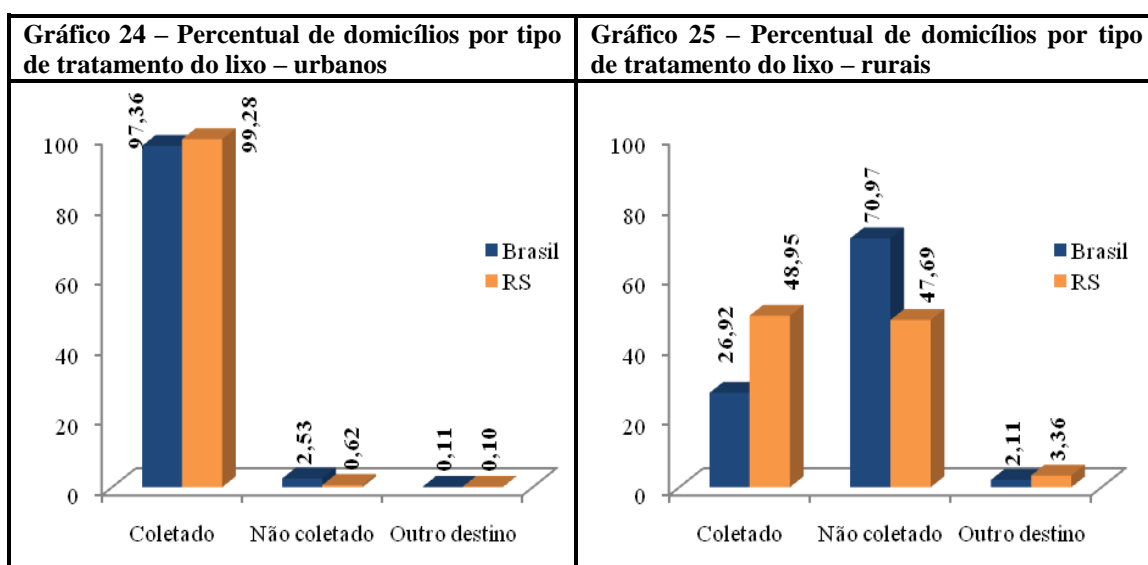
Gráfico 23 – Percentual de domicílios por tipo de tratamento do lixo – total dos domicílios



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010)

A diferença, próxima a cinco pontos percentuais, a favor do Rio Grande do Sul no total dos domicílios pode ser explicada por um percentual de quase 50% de lixo coletado na área rural gaúcha, contra um percentual de pouco mais de 26,92% nas zonas rurais brasileiras, já que a diferença entre as áreas urbanas entre os dois territórios foi inferior a 2%. Os demais destinos praticamente não existiam nas zonas urbanizadas e eram baixos nas zonas rurais no período em análise.

Figura 12 – Percentual de domicílios por tipo de tratamento do lixo – urbanos e rurais



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

4.4 Educação

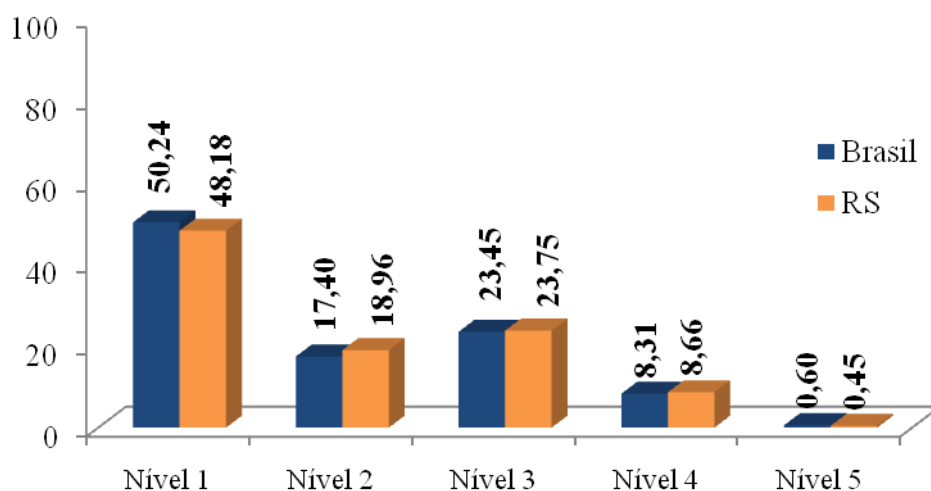
A análise dos dados relativos à educação foi dividida em dois blocos: o primeiro composto de pessoas com 10 anos ou mais de idade, e o segundo composto de pessoas com 25 ou mais anos de idade.

O Censo de 2010 mostrou que os brasileiros com 10 ou mais anos de idade eram um total de 161.981.299 – destes, 9.327.696 eram gaúchos. A comparação entre o Brasil e o Rio Grande do Sul demonstrou que, para essa faixa etária, o estado tinha um nível de ensino superior ao do país.

Analisando-se os dados da população total com 10 anos de idade ou mais, verificou-se que pouco mais da metade dos brasileiros encontrava-se no nível 1 (sem instrução/fundamental incompleto). Os gaúchos desse nível de ensino, por sua vez, atingiam um percentual pouco inferior aos 50%.

Os índices continuaram favoráveis ao Rio Grande do Sul em todos os outros níveis educacionais, mas sempre com pequenas diferenças percentuais. No nível 2 (fundamental completo/médio incompleto), a diferença foi de apenas 1,56 pontos percentuais e, nos níveis 3 (médio completo/superior incompleto) e 4 (superior completo), não atingiu 0,5 pontos. O nível 5 (escolaridade não determinada) apresentou-se insignificante, não alcançando 1%, tanto no país quanto no estado.

Gráfico 26 – Percentual de pessoas com 10 anos ou mais por nível educacional – total dos domicílios

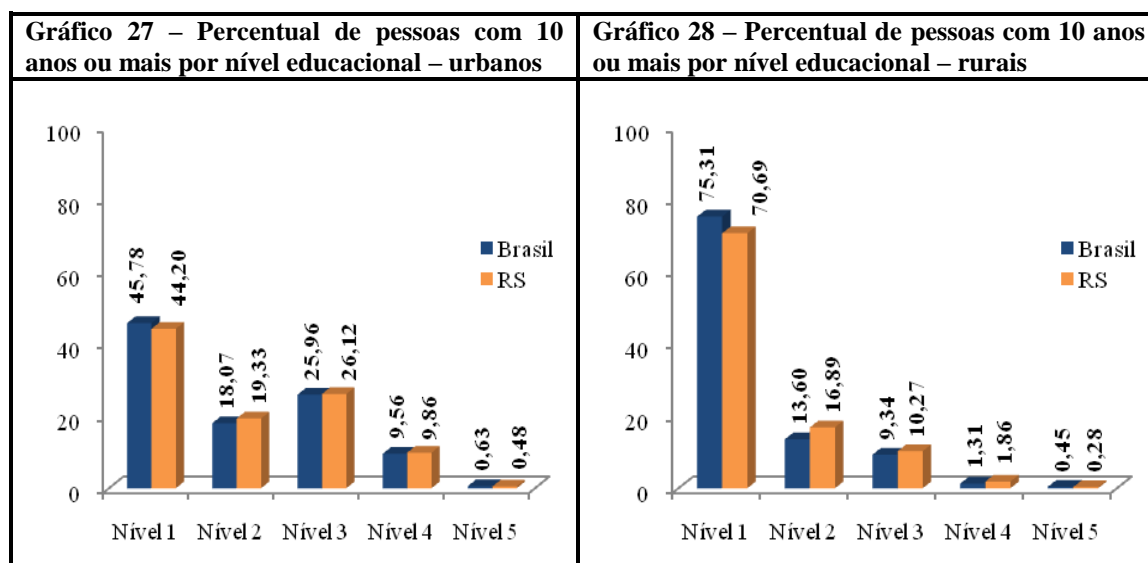


Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Os dados relativos às zonas urbanas não se diferenciaram muito dos dados do total da população. O Rio Grande do Sul continuou apresentando índices melhores que o Brasil em todos os níveis educacionais, mas as diferenças entre os territórios foram menores. Nessas áreas, como era de se esperar, os resultados foram melhores que os da população total, com diminuição dos brasileiros e gaúchos que se encontravam no nível 1 e aumento nos níveis 2, 3 e 4, ficando o nível 5 praticamente sem alteração. Nas regiões urbanas, a maior diferença foi justamente no nível 1, com uma queda de 4,96 pontos percentuais no total do Brasil e de 3,98 pontos percentuais no total do Rio Grande do Sul. A menor diferença foi registrada no nível 2, representando um aumento de 0,67 e 0,37 pontos percentuais para o país e o estado, respectivamente.

Nas zonas rurais, repetiu-se a vantagem do Rio Grande do Sul com relação ao Brasil em todos os níveis de escolaridade. Mas, nessas áreas, a situação educacional era preocupante. Mais de 75% dos brasileiros e 70% dos gaúchos encontravam-se no nível 1 de escolaridade, enquanto, no nível 4, eram menos de 2%. A maior diferença entre os territórios apresentou-se justamente no nível mais baixo de escolaridade (nível 1), com 4,62 pontos percentuais, e a menor diferença foi no nível mais elevado (nível 4), com 0,56 pontos. Aqui, como nos índices totais e da área urbana, os que não tiveram sua escolaridade determinada foram pouco representativos, ficando abaixo dos 0,5%.

Figura 13 – Percentual de pessoas com 10 anos ou mais por nível educacional – domicílios urbanos e rurais



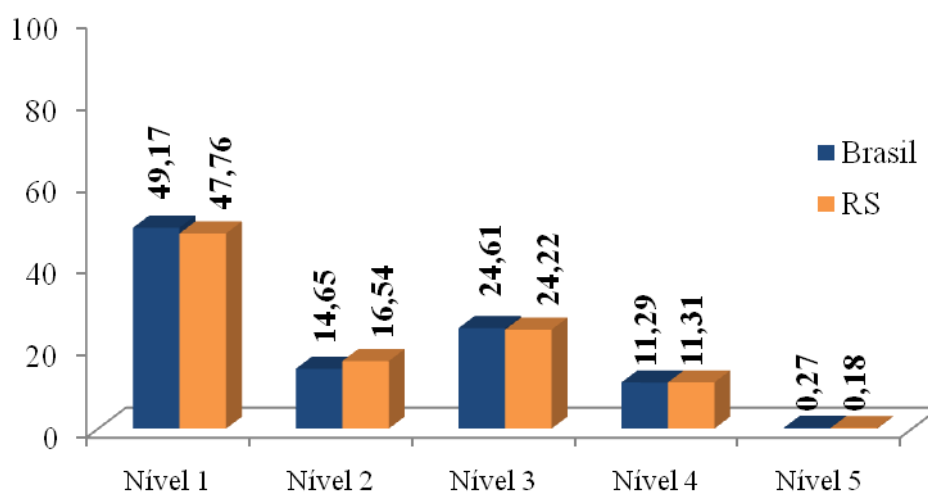
Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Na faixa etária de 25 ou mais anos de idade, estavam incluídos 94.408.939 brasileiros, entre os quais 5.643.092 gaúchos. Nessa faixa, as diferenças entre o Brasil e o Rio Grande do Sul foram inferiores às apresentadas na faixa de 10 anos ou mais, com o estado em melhor situação educacional que o país nos níveis 1, 2 e 4 e em situação inferior no nível 3. O nível 5 (não determinado) mostrou-se, novamente, não relevante. Tais situações repetiram-se na análise do total dos indivíduos, tanto nas zonas urbanas quanto nas zonas rurais.

No total dos habitantes, as alterações foram para melhor, uma vez que, no nível 1, mesmo próximos aos 50%, os índices de ambos os territórios eram inferiores a esse percentual, resultado já esperado devido à elevação da faixa etária do público-alvo. Nesse nível de escolaridade, a diferença entre o país e o estado diminuiu para 1,41 pontos percentuais, contra 2,06 na faixa etária de 10 anos ou mais, indicando um avanço dos brasileiros em relação aos gaúchos.

Alteração no mesmo sentido foi verificada no nível 2, em que os percentuais caíram de 17,40% e 18,89% para 14,65% e 16,54% no Brasil e no Rio Grande do Sul, respectivamente. Nos níveis 3 e 4, os percentuais se elevaram, sendo que a maior diferença percentual foi encontrada entre os que possuíam curso superior completo, com 2,98 pontos para o Brasil e 2,65 pontos para o Rio Grande do Sul.

Gráfico 29 – Percentual de pessoas com 25 anos ou mais por nível educacional – total dos domicílios

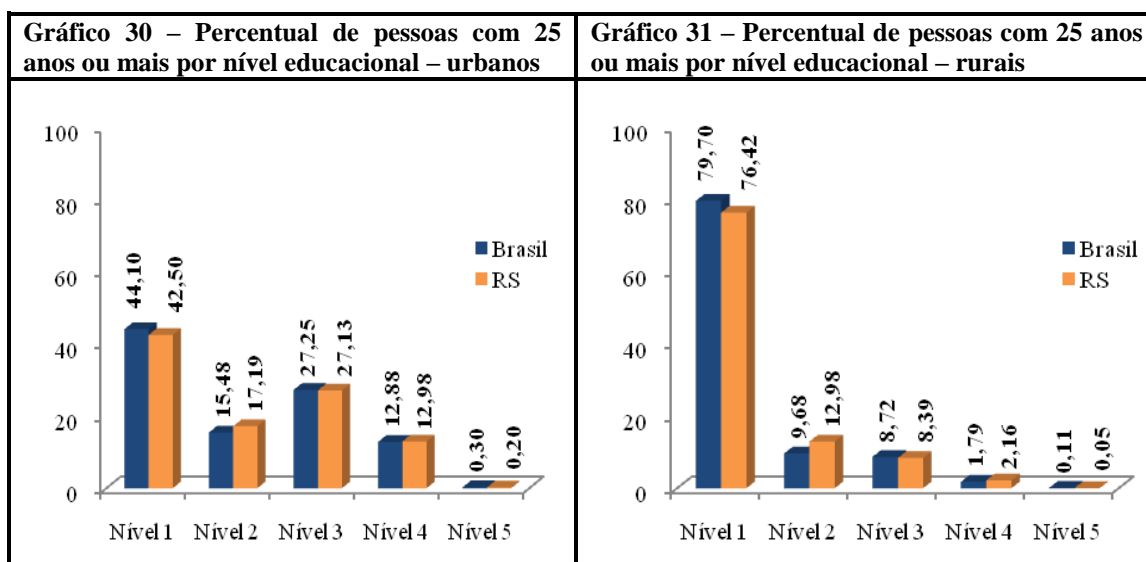


Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Nas áreas urbanas, o percentual dos que possuíam nível superior completo foi praticamente o mesmo no país e no estado. Nesse caso, a diferença, assim como no total dos habitantes, foi favorável aos gaúchos, mas totalizou apenas 0,10 pontos percentuais, representando, portanto, 1/3 da diferença encontrada na faixa etária de 10 anos ou mais.

Assim como na análise do total de moradores, foram as áreas rurais que apresentaram os piores resultados. Nesse caso, elevaram-se (o que é ruim) os índices de pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto, e diminuíram os percentuais dos que se encontravam nos níveis 2 e 3. Entretanto, voltaram a aumentar (o que é positivo) os índices dos moradores que completaram o nível superior. Esse comportamento foi verificado tanto no Brasil como no Rio Grande do Sul.

Figura 14 – Percentual de pessoas com 25 anos ou mais por nível educacional – domicílios urbanos e rurais



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

4.5 Saúde

Utilizando-se a TMI²⁵ como *proxy* para a saúde, obteve-se um resultado que confirmou os dados referentes a habitação e saneamento. Percebeu-se que o Rio Grande do Sul apresentava condições mais favoráveis que o Brasil nesse quesito, tanto quando se olhava para os dados gerais como quando se olhava para os dados separados pelas áreas urbanas e rurais.

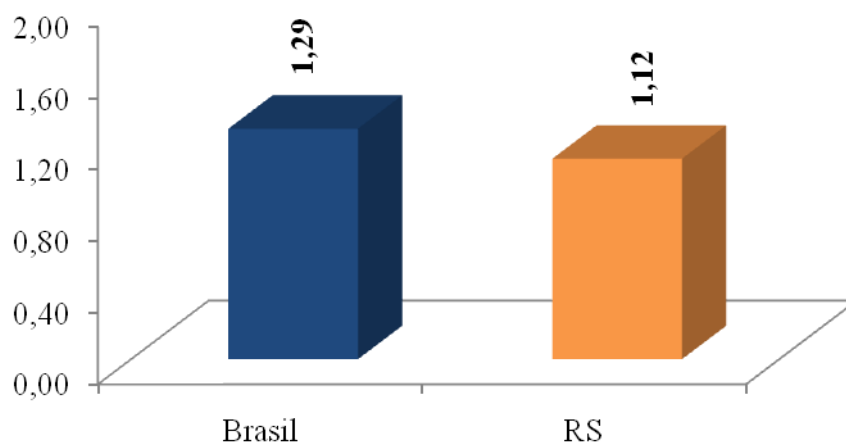
²⁵ Para o cálculo da TMI, utilizou-se a faixa etária de até 1 ano de idade.

No caso dos dados gerais, a TMI brasileira atingiu a casa dos 1,29 falecimentos para cada 100 nascidos vivos²⁶, sendo maior que a TMI gaúcha em 0,17 pontos percentuais. Os resultados nas áreas urbanas apontaram melhores condições de saúde tanto para o Brasil quanto para o Rio Grande do Sul. Outra indicação que se pôde extrair dos resultados foi que havia uma melhora relativa das condições de saúde do país em comparação com o estado, pois, nessas áreas, a diferença entre os territórios caiu para 0,15 pontos quando comparada com a do total de municípios.

Verificou-se que os resultados obtidos, no cômputo total, para o país e para o estado, foram “puxados para baixo” pelas taxas das zonas rurais de ambos os territórios, onde as TMI’s atingiram 1,59 e 1,41 falecimentos para cada 100 nascimentos, respectivamente, no Brasil e no Rio Grande do Sul, apresentando, nessas áreas, a maior diferença (0,18).

Esses dados demonstraram que as áreas rurais eram as mais carentes em atendimento à saúde, tendo em vista as maiores deficiências em estrutura de atendimento e em profissionais da área.

Gráfico 32 – Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) – falecimentos por 100 nascidos vivos²⁷

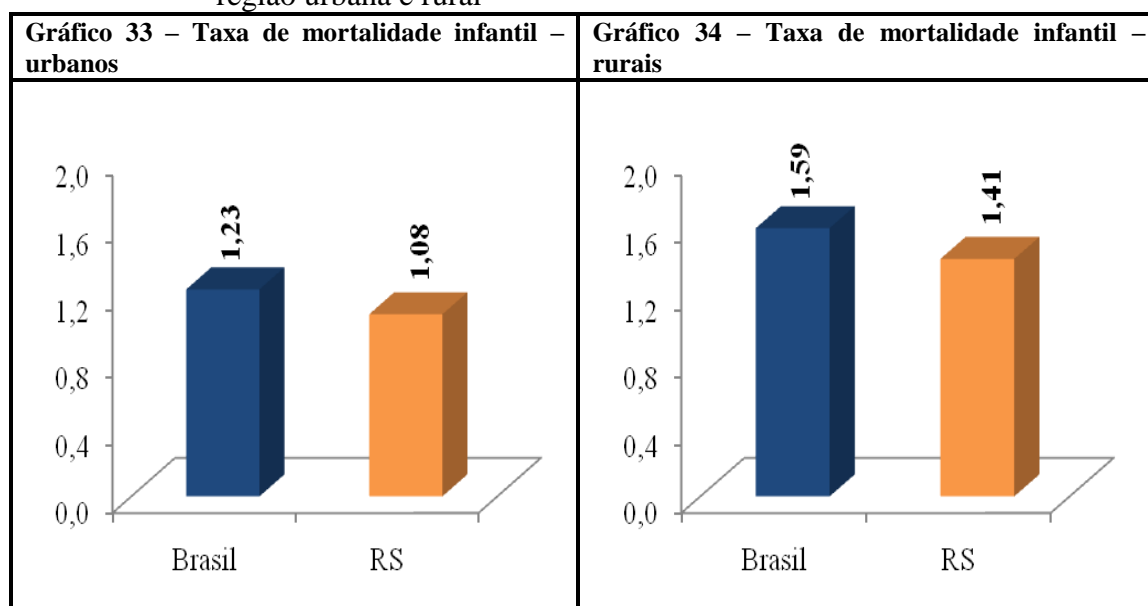


Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

²⁶ Ou 12,9/1000, de acordo com o critério da Organização Mundial da Saúde.

²⁷ Para o cálculo da TMI, utilizou-se a faixa etária de até 1 ano de idade.

Figura 15 – Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) – falecimentos por 100 nascidos vivos – região urbana e rural



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

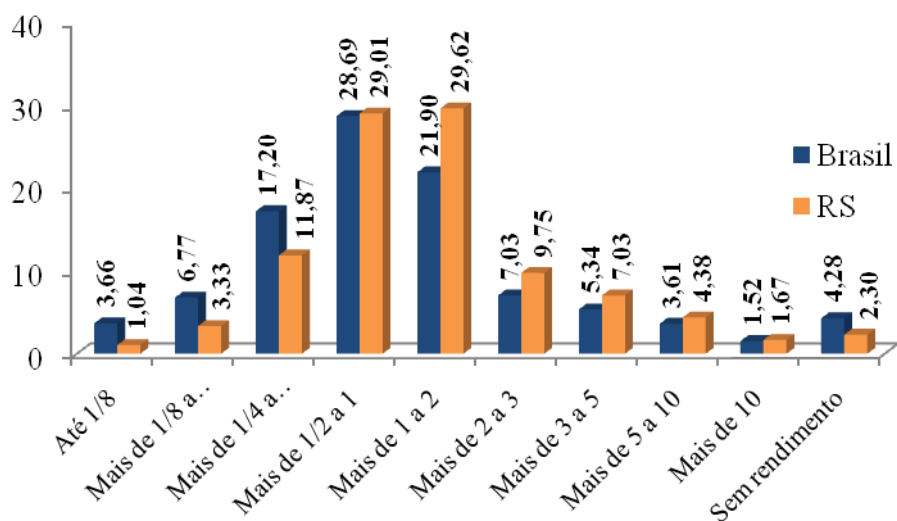
4.6 Rendimento

Para o total dos domicílios, os resultados para os rendimentos²⁸ nominais mensais domiciliares *per capita* apontaram que, nas quatro primeiras faixas de renda (até 1 SM), os percentuais brasileiros eram mais elevados que os gaúchos, sendo que a maior diferença estava na faixa de $\frac{1}{4}$ até $\frac{1}{2}$ SM, com 5,33 pontos percentuais. Nas três faixas seguintes (mais de 1 até 5 SM), foi o Rio Grande do Sul que superou o Brasil, e a faixa que apresentou maior diferença foi a que ia de mais de 1 até 2 SM, com uma diferença de 6,61 pontos percentuais. Nas três últimas faixas, o estado superou o país nas duas primeiras e foi superado, por aproximadamente 2 pontos, novamente na que apontava os domicílios sem rendimento²⁹.

²⁸ Salário mínimo utilizado: R\$510,00 (vigente em 2010).

²⁹ Inclui os domicílios nos quais os moradores possuíam renda oriunda somente de benefícios, de acordo com a metodologia adotada pelo IBGE.

Gráfico 35 – Domicílios por classe de rendimento mensal domiciliar *per capita* – total dos domicílios³⁰



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Nas áreas urbanas, um comportamento idêntico ao do total de domicílios foi verificado. O Brasil superou o Rio Grande do Sul nas quatro primeiras e na última faixa de renda, e os domicílios gaúchos superaram os do país nas três faixas intermediárias. No caso das zonas urbanas, as maiores diferenças ocorreram, também, na faixa de mais de ¼ até ½ SM, em que o Brasil superou o estado por 5,15 pontos percentuais (praticamente o mesmo que no total de municípios); na faixa de mais de 1 até 2 SM, o país foi superado por 6,61 pontos (diferença menor que a do total). Na última faixa, a diferença entre os territórios diminuiu, ficando em praticamente 1 ponto percentual.

Os dados das zonas rurais apontaram, conforme o esperado, para uma carência de rendimento maior que nas zonas urbanas. Naquelas áreas, elevaram-se os percentuais de domicílios com renda nominal mensal *per capita* nas quatro faixas de menor rendimento, bem como na última faixa, e caíram nas de maior rendimento.

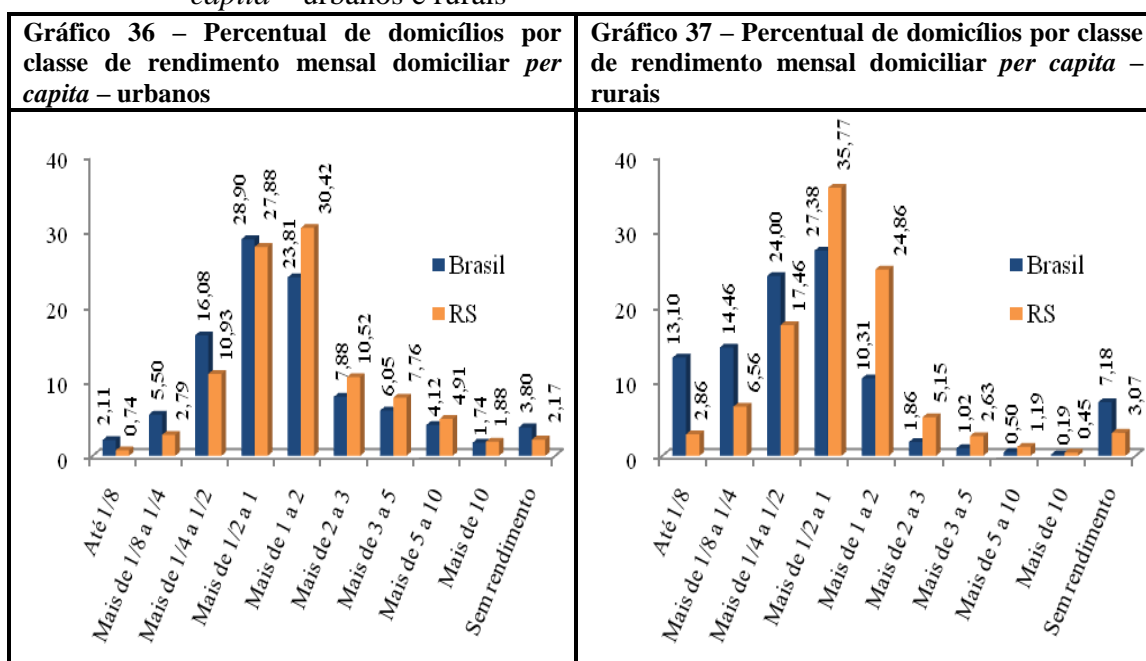
Nas faixas que compõem as linhas de indigência e pobreza eleitas neste trabalho (até 1/8 SM e de mais de 1/8 até 1/4 de SM, respectivamente), os domicílios das zonas rurais apresentaram percentuais quase quatro vezes maiores que os do total de domicílios, no caso do Brasil, e mais de duas vezes maiores no Rio Grande do Sul.

³⁰ Salário mínimo utilizado de R\$510,00; sem rendimento incluiu os com renda domiciliar oriunda somente de benefícios.

Nas áreas rurais, as maiores diferenças entre o país e o estado foram identificadas na faixa que ia até 1/8 SM, com 10,24 pontos, e na faixa que abrangia os domicílios com renda mensal per capita de mais de 1 até 2 SM, com 14,55 pontos de diferença. Na primeira o Brasil superou, percentualmente, o Rio Grande do Sul e, na segunda, foi superado por ele.

Pôde-se inferir por estes dados que, analisando-se somente a renda, o estado apresentava melhores condições que o país especialmente nas zonas rurais, onde, por exemplo, os domicílios sem rendimento ou com renda oriunda apenas de benefícios eram 4,11 pontos percentuais a mais no Brasil do que no Rio Grande do Sul.

Figura 16 – Percentual de domicílios por classe de rendimento mensal domiciliar *per capita* – urbanos e rurais



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do IBGE (Censo 2010).

Neste capítulo, buscou-se apresentar uma análise descritiva dos dados primários utilizados para a construção dos índices de pobreza que constam no capítulo 2. A comparação entre os dados do Brasil e os do Rio Grande do Sul foi realizada com a intenção de se apresentar uma visão geral das condições dos municípios e da população desses dois territórios, visando ainda introduzir as diversas privações que compuseram os índices utilizados para a análise da distribuição espacial da pobreza no estado.

No capítulo a seguir, realizou-se, a partir dos resultados obtidos para os índices de cada um dos 496 municípios gaúchos, o estudo de como a pobreza se distribui no Rio Grande do Sul, tendo em vista dados do ano de 2010. Além disso, também foi realizada

uma comparação entre a pobreza multidimensional e a medida apenas em sua dimensão renda.

5 DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA POBREZA NO RIO GRANDE DO SUL

Este capítulo teve por objetivo apresentar e analisar o *ranking* dos municípios originado a partir dos índices de pobreza criados especificamente para este estudo. Realizou-se uma análise comparativa dos *rankings*, buscando verificar a consistência dos índices criados como forma de justificar sua utilização na análise espacial. Para a verificação da consistência, utilizou-se o *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 2010, divulgado através do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, de 2013³¹. Outro objetivo deste capítulo foi apresentar os resultados obtidos com a utilização da metodologia AEDE aplicada aos índices de pobreza dos municípios do estado em comparação com o IDHM.

Em um primeiro momento, segue uma exposição sobre o *ranking* da pobreza construído para cada um dos três municípios. Na sequência, foram apresentados os resultados da análise espacial.

A análise da distribuição espacial da pobreza no Rio Grande do Sul foi elaborada a partir dos índices criados de acordo com o exposto no capítulo 3. Inicialmente, elaborou-se uma tabela com os indicadores de privações (apêndice A) para cada um dos municípios do estado e, posteriormente, efetuaram-se os cálculos dos três índices (apêndice C) utilizados na análise espacial. Os resultados referentes a cada uma das dimensões foram apresentados no apêndice B.

Após os cálculos, organizou-se o *ranking* dos municípios para cada um dos índices (apêndice D)³². Finalmente, com a utilização do GeoDa 2009, realizou-se a análise espacial da pobreza para cada um dos índices, o que permitiu que se fizesse uma comparação entre a pobreza multidimensional e a pobreza medida unicamente pela renda.

³¹ O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil referente ao ano de 2013 pode ser acessado no *link* <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/home/>.

³² O *ranking* foi elaborado em ordem decrescente de pobreza (do maior para o menor índice).

5.1 Resultados

5.1.1 O ranking dos municípios

Nesta subseção, utilizou-se uma amostra dos 25 municípios em pior situação e dos 25 em melhor situação, de acordo com os índices de pobreza criados e com o IDHM.

Uma vez que o foco era a pobreza, elaboraram-se os *rankings* municipais com o município em pior situação na primeira e o em melhor situação na última posição, independentemente do índice utilizado. Assim, o município de Barão do Triunfo foi o que apresentou a pior situação de pobreza quando avaliados o IMP 1 e o IMP 2. O IMP 3 apresentou Redentora no topo do *ranking*, e o IDHM apontou o município de Dom Feliciano como aquele em pior situação. Em posição inversa, ou seja, no último lugar dos *rankings* e, portanto, em melhor situação diante da pobreza, o município de Porto Alegre esteve nos *rankings* do IMP 1, IMP 2 e IDHM e o município de São Vendelino no do IMP 3.

É importante ressaltar que os índices IMP 1, IMP 2 e IMP 3 têm um intervalo que vai de 0 a 100, sendo que, quanto mais próximo de 100, mais pobre é o município. Já o IDHM analisa o desenvolvimento humano. O intervalo do IDHM tem como limites 0 e 1 e, quanto mais próximo de 1, mais desenvolvido é o município.

Ao construírem-se os *rankings*, esperava-se encontrar similaridades naqueles baseados nos índices multidimensionais (IMP 1, IMP 2 e IDHM). As possíveis divergências entre eles devem ser creditadas às dimensões e às variáveis diferentes utilizadas nas suas formulações. Os IMP's, por exemplo, utilizam-se do salário mínimo domiciliar *per capita* como variável para renda, enquanto o IDHM utiliza o PIB *per capita* para essa mesma variável.

Outra expectativa era de que o índice baseado apenas na renda (IMP 3) apresentasse divergências mais fortes com os demais índices, especialmente com o IMP 2 e com o IDHM, já que ele próprio é a dimensão renda do IMP 1. Entre o IMP 1 e o IMP 2, esperava-se que, se existissem, as divergências fossem mínimas, considerando-se que a diferença entre eles é somente na dimensão renda, presente no primeiro e ausente no segundo.

A comparação entre os *rankings* formados pelo IMP 1 e pelo IMP 2 apontou 24 municípios como pertencentes a ambos, o que significa uma similaridade de 96%, mesmo que alguns desses municípios alterassem sua posição em cada um deles. Entre os *rankings* do IMP 1 e do IDHM, assim como entre os do IMP 2 e do IDHM, as coincidências foram da ordem de 36%, mesmo percentual encontrado quando comparados os *rankings* do IMP 1, do IMP2 e do IDHM em conjunto.

As similaridades encontradas entre o *ranking* do IMP 3 e os demais *rankings* apresentaram um percentual de 28% de compatibilidade em comparação aos *rankings* do IMP 1 e do IMP 2. Resultado igual foi obtido ao fazer-se a comparação entre os três *rankings*. Analisado em conjunto com o *ranking* do IDHM, o resultado foi ainda mais significativo, pois a similaridade entre os dois foi de 32%. Esse resultado revelou-se como estando acima do esperado.

Somente a análise em conjunto dos *rankings* dos quatro índices apresentou um resultado de baixa compatibilidade: apenas 8% dos municípios estiveram presentes, simultaneamente, nos quatro *rankings*.

As compatibilidades foram menores quando realizada a análise com os *rankings* dos 25 municípios em melhor situação de pobreza e desenvolvimento, exceção feita ao caso da comparação entre os *rankings* do IMP 1 e do IMP 2, em que a similaridade foi total, mesmo com mudanças de posição dos municípios.

Assim como na análise dos municípios em pior situação, os maiores percentuais de compatibilidade (exceto o já mencionado) apareceram nas comparações entre os *rankings* do IDHM, do IMP 1 e do IMP 2, em conjunto ou separadamente. O percentual encontrado, nesses casos, foi de 28% de similaridade.

Novamente, a comparação do *ranking* do IMP 3 com o IDHM apresentou um nível de compatibilidade além do esperado. Entre os 25 municípios em pior situação, foram 16% os que estavam presentes em ambos os *rankings*. As demais comparações que incluíram o IMP 3 (com IMP 1 e IMP 2, em conjunto ou em separado, e com os quatro índices) tiveram compatibilidade de 4%.

Quando analisado o *ranking* do índice baseado somente na renda, verificou-se que apenas 1 entre os municípios considerados mais pobres pelos índices multidimensionais IMP 1 e IMP 2 aparecia na lista. Se incluído na análise o IDHM,

seriam somente 4 municípios, o que configurou uma forte indicação de que políticas baseadas somente na transferência de renda não solucionariam o problema da pobreza no Rio Grande do Sul, mesmo que se reconheça a importância da renda como um dos instrumentos que permitem aos mais pobres superar sua condição.

A análise das estatísticas descritivas (tabela 3) possibilitou que se fizessem algumas inferências sobre os índices de pobreza utilizados. As medianas maiores que as médias no IMP 1 e no IMP 2 explicitaram que mais da metade dos municípios gaúchos apresentava pobreza multidimensional maior que a média do estado, incluída ou não na análise a renda como componente do índice. Situação diversa foi observada para a pobreza medida somente pela renda (IMP 3), quando a média é menor que a mediana, apontando como sendo inferiores à metade os municípios considerados pobres.

Também no IDHM, a comparação entre média e mediana apontou como sendo maior o número de municípios acima da média do índice. Mas, nesse caso, como um índice maior significa melhores condições de desenvolvimento, o resultado foi positivo.

Eram, à época em análise, 267 os municípios gaúchos que possuíam IMP 1 acima da média, e 274 para o IMP 2. Já para o IMP 3, eram apenas 222, enquanto para o IDHM eram 259 municípios. Esses resultados confirmaram as indicações apontadas pela análise estatística descritiva.

Pôde-se observar, no caso do IMP 1, que houve um salto de 18,56, para Porto Alegre, a 61,33, para Barão do Triunfo, indicando que o nível de pobreza do primeiro município era de 18,56%, enquanto, no segundo, atingiu 61,33%. Para o IMP 2, os municípios apresentaram índices extremos, com magnitude praticamente igual aos do IMP 1: Barão do Triunfo alcançando 61,17%, e Porto Alegre, 18,21%. No caso do IMP 3, a diferença entre o município com maior nível de pobreza e o com menor nível foi inferior às diferenças apresentadas nos dois outros índices e apontou para São Vendelino como aquele em que a pobreza monetária era menor (0,47%) e Redentora como possuindo o maior percentual de pobreza monetária (36,82%).

Tabela 3 – Estatística descritiva

	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Média	45,168	44,708	8,829	0,714
Erro padrão	0,334	0,337	0,259	0,002
Mediana	45,852	45,360	7,923	0,717
Desvio-padrão	7,438	7,508	5,779	0,041
Variância da amostra	55,326	56,373	33,400	0,002
Curtose	-0,225	-0,250	1,289	-0,556
Assimetria	-0,434	-0,409	0,957	-0,338
Intervalo	42,771	42,959	36,344	0,218
Mínimo	18,560	18,209	0,472	0,587
Máximo	61,331	61,168	36,815	0,805
Contagem	496	496	496	496
Nível de confiança (95,0%)	0,656	0,662	0,510	0,004

Fonte: elaboração própria.

As análises das estatísticas descritivas, realizadas a partir dos índices criados, possibilitaram uma visão geral da pobreza no Rio Grande do Sul. Também se podem aceitar os índices como confiáveis para a realização da análise espacial pelos resultados obtidos na comparação com o IDHM.

Ao se classificarem os municípios por nível de pobreza em alto, médio ou baixo (tabela 5), percebeu-se que os resultados dos índices corroboraram o que a análise dos *rankings* indicava, mostrando uma subestimação do número de municípios nessa situação quando se observou o problema apenas sob o ponto de vista monetário. Considerando-se como possuindo um alto nível de pobreza aqueles municípios onde o índice fosse de 50% ou mais, os resultados não apontaram nenhum dos 496 municípios do Rio Grande do Sul nessa situação. Já aqueles com graduação baixa foram, mesmo com algum grau de pobreza monetária, a ampla maioria.

Tabela 4 – Quantidade de municípios por grau de pobreza

Índices	Intervalos			Quantidade de Municípios		
	Baixo	Médio	Alto	Baixo	Médio	Alto
IMP 1	< 20,00	[20,00;49,99]	> 49,99	1	355	140
IMP 2	< 20,00	[20,00;49,99]	> 49,99	1	365	130
IMP 3	< 20,00	[20,00;49,99]	> 49,99	469	27	0

Fonte: elaboração própria.

Concluído esse processo, a partir do item seguinte, foi feita a análise espacial da pobreza no estado. Essa análise possibilitou que se visualizasse como a pobreza, medida

pelos índices deste trabalho, estava distribuída no território gaúcho em 2010, permitindo que se comparassem as medições multidimensionais entre si e com a pobreza medida apenas sob ótica da renda.

5.1.2 Análise espacial da pobreza

Inicialmente, precisou-se definir a matriz e o nível de contiguidade para a análise. Feita a definição, efetuou-se a análise. O passo seguinte foi a elaboração dos mapas espaciais, que permitiram verificar como a pobreza se distribuía no território do Rio Grande do Sul. Neste momento, utilizaram-se os índices construídos de acordo com a metodologia definida no capítulo 3. Para a definição de qual matriz e de qual nível de contiguidade se utilizaria, realizou-se o teste de autocorrelação espacial (I de Moran)³³, cujos resultados foram apresentados na tabela 5.

Tabela 5 – Resultados dos testes de autocorrelação espacial (I de Moran)

Ordem de Contiguidade	Definição de Contiguidade					
	Rainha			Torre		
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IMP 1	IMP 2	IMP 3
1º	0,2965	0,3005	0,5482	0,2957	0,2999	0,5480
2º	0,1650	0,1722	0,3915	0,1655	0,1727	0,3956
3º	0,0627	0,0708	0,2660	0,0646	0,7260	0,2678
4º	0,0148	0,0225	0,1621	0,0127	0,2070	0,1636
5º	0,0018	0,0051	0,0969	0,0006	0,0610	0,9720

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

Segundo Almeida (2000), a robustez da autocorrelação espacial é expressa pela magnitude da estatística I de Moran e, quanto mais próxima de 1 for essa estatística, mais forte é a concentração, não existindo autocorrelação quando ela for zero e sendo mais dispersos os dados quanto mais o resultado se aproximar de -1.

Verificou-se, então, que é na primeira ordem de contiguidade que o I de Moran é mais elevado, em qualquer das definições (rainha ou torre), e que os resultados da rainha estão mais próximos de 1 que os resultados da torre. Assim, considerando-se os resultados obtidos, utilizou-se, para a análise espacial, a configuração rainha de contiguidade em sua primeira ordem.

³³ Os gráficos de dispersão de Moran para as cinco ordens de contiguidade, tanto para rainha quanto para torre, foram apresentados no apêndice D.

Com o intuito de realizar a comparação dos resultados obtidos, primeiramente foram apresentados os mapas de pobreza do Rio Grande do Sul para os três índices. A seguir, fez-se a análise dos mapas de desvio-padrão e, posteriormente, analisaram-se os diagramas de Moran. Concluída a análise espacial da pobreza no estado, foram apresentados os mapas de *clusters* e os respectivos mapas de significância.

Os mapas de distribuição permitiram a identificação dos municípios por grupos de ordem de pobreza. As cores mais escuras indicam os mais pobres; as mais claras, os menos pobres, de acordo com o índice utilizado no caso. Já o mapa do desvio-padrão (*standard deviation*) possibilitou que se visualizasse a dispersão dos municípios em torno da média do índice analisado.

Com a utilização da ferramenta LISA do GeoDa, elaboraram-se os diagramas de dispersão de Moran, que, conforme exposto no capítulo 2, permitem a visualização gráfica da associação espacial existente ao mostrarem a defasagem espacial da variável de interesse no eixo Y e o valor dessa variável no eixo X. Os mapas elaborados facilitaram a identificação dos *clusters* de pobreza e apresentaram o grau de significância estatística do I de Moran para as regiões identificadas.

A análise espacial da pobreza impôs algumas questões relevantes que necessitavam ser respondidas: haveria, entre os municípios gaúchos, algum tipo de dependência espacial, quando aplicados à análise os indicadores estabelecidos neste trabalho? Poder-se-ia esperar a presença de *clusters* de pobreza³⁴? E de não pobreza³⁵? Existiriam municípios que não apresentassem dependência espacial? Ou seja, existiriam municípios pobres vizinhos de municípios não pobres e vice-versa? Algum dos municípios não seguiriam o padrão de dependência dos demais (*outliers*)?

5.1.2.1 Os mapas de distribuição espacial da pobreza

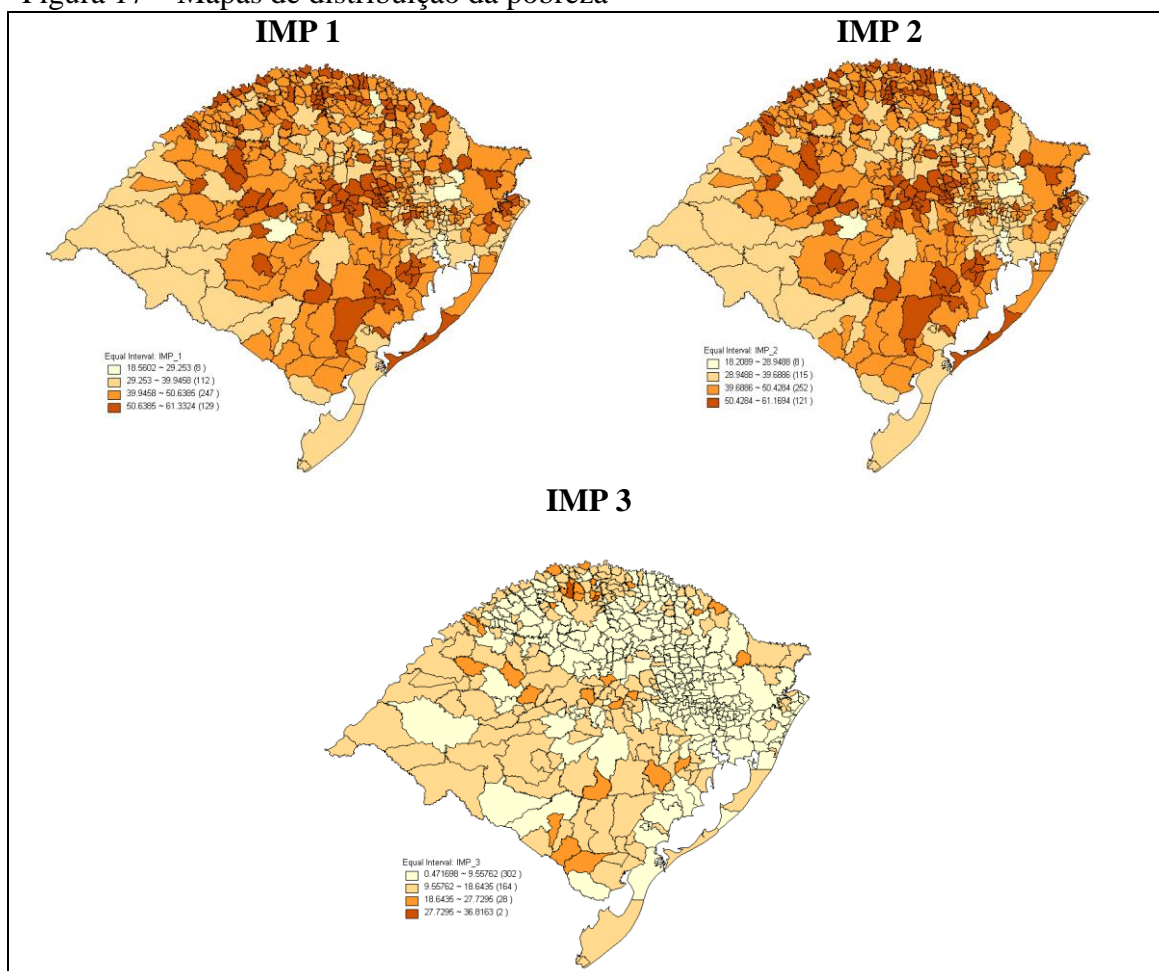
Os mapas de distribuição da pobreza no Rio Grande do Sul apontaram para a existência de regiões pobres e não pobres com grande similaridade entre os resultados apresentados pelo IMP 1 e pelo IMP 2 e uma formatação bem diferente para a análise do IMP 3. Eles confirmaram o que os *rankings* dos índices indicavam, com o acréscimo de que se pôde verificar que a distribuição da pobreza também é similar.

³⁴ *Cluster* de pobreza = município pobre vizinho de municípios também pobres.

³⁵ *Cluster* de não pobreza = município não pobre vizinho de municípios também não pobres.

De fato, quando observados os mapas de distribuição, a impressão que se teve foi da existência de *clusters* de municípios pobres e não pobres. Pôde-se verificar que a quantidade de municípios em cada intervalo³⁶ era parecida quando nos mapas dos índices multidimensionais. No primeiro intervalo, dos municípios em melhor situação de pobreza, eram 8 municípios em cada um dos intervalos, ao passo que, no mapa do índice de pobreza monetária, 302 municípios estavam nesse intervalo, indicando uma grande disparidade entre pobreza multidimensional e unidimensional. Essa indicação foi reforçada quando se observou que também existe uma diferença considerável entre os municípios que se encontravam nas piores posições. O IMP 3 apresentou apenas 2 municípios no intervalo dos maiores índices de pobreza. O IMP 1, 129, e o IMP2, 121.

Figura 17 – Mapas de distribuição da pobreza



Fonte: elaboração própria.

O passo seguinte foi observar a possível existência de municípios que se comportassem como *outliers*, ou seja, que não possuíssem o mesmo processo de

³⁶ O *software* utiliza os valores máximo e mínimo de cada *ranking* para determinar os intervalos de análise que, por isso, são diferentes dos utilizados na graduação dos *rankings*, que variam de 0 a 100.

dependência espacial seguido pela maioria, configurando-se em uma “oposição” aos *clusters*. A observação da possível existência de municípios caracterizados como *outliers* pôde ser feita por meio dos mapas de desvio-padrão.

5.1.2.2 Os mapas de desvio-padrão

Conforme apresentado na tabela 3, o desvio-padrão do IMP 1 foi de 7,44, o do IMP 2, de 7,51, e o do IMP 3, de 0,04. Os mapas de desvio-padrão (figura 18) indicaram a existência de municípios que podiam ser considerados *outliers* quando se analisou a pobreza através de qualquer dos três índices. Trata-se daqueles municípios cujos índices se encontravam mais distantes da média estadual.

No caso dos mapas do IMP 1 e do IMP 2, 3 municípios enquadraram-se como *outliers* baixos (índices menores que 30,29 e 29,69, respectivamente) e 14 podiam ser classificados como *outliers* altos (índices maiores que 60,04 para o IMP 1 e maiores que 59,72 para o IMP 2). O IMP 3 não apresentou nenhum município na condição de *outlier* baixo (índice inferior a 2,73), enquanto, como *outliers* altos (índice superior a 20,39), estiveram presentes 18 municípios.

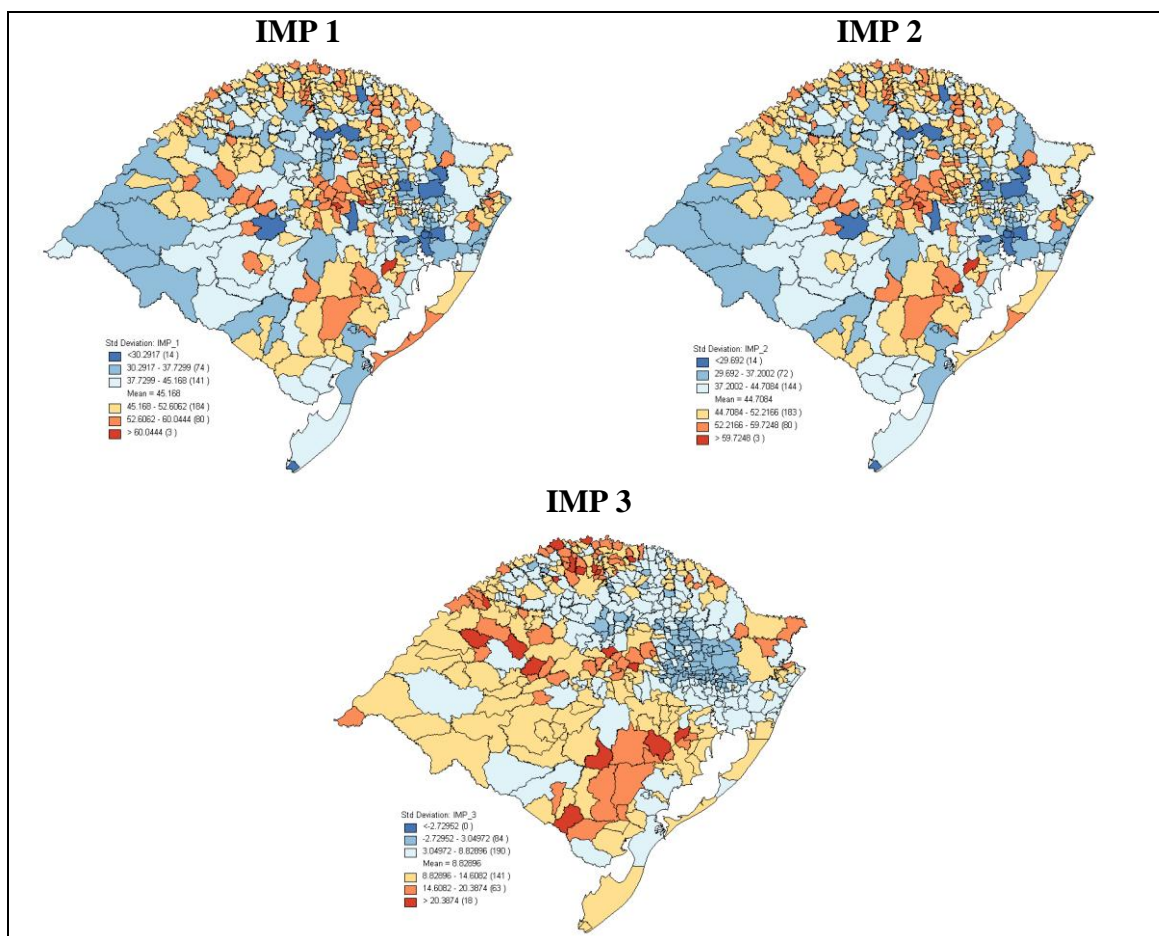
Para o IMP 1, os municípios considerados *outliers* baixos foram: Erechim, Porto Alegre e Santa Maria. Já entre os *outliers* altos estiveram presentes Barão do Triunfo, Herveiras e Sério.

O IMP 2 teve os municípios de Barão do Triunfo, Chувиска e Herveiras como *outliers* altos, e os de Carazinho, Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul entre os 14 caracterizados como *outliers* baixos.

Já quando a análise foi feita pelo IMP 3, teve-se, entre os municípios *outliers* altos, Barão do Triunfo, Benjamin Constant do Sul e Pedras Altas. O município de Barão do Triunfo foi um caso especial que merece, em trabalhos futuros, uma análise mais acurada, pois se caracterizou como *outlier* para os três índices (baixo para os dois primeiros e alto para o terceiro).

A existência de municípios que pudessem ser considerados como *outliers* foi um problema na análise espacial, pois exercem o que Almeida (2012, p. 136) chama de “influência espúria sobre a medida global de autocorrelação espacial”.

Figura 18 – Mapas de desvio-padrão



Fonte: elaboração própria.

As análises espaciais realizadas até o momento têm por base medidas globais. Deve-se ter em mente, no entanto, que essas medidas podem mascarar a existência de associações locais. A procura por associações locais lineares estatisticamente significantes pode ser efetuada com a utilização do LISA.

Os diagramas de Moran da próxima seção foram gerados com a utilização do I de Moran local aplicado aos índices municipais resultantes da metodologia explicitada no capítulo 2.

5.1.2.3 Diagramas de dispersão de Moran

Os diagramas de Moran foram construídos a partir da escolha da configuração da matriz e da ordem de contiguidade utilizadas na análise. Definiu-se, como já expresso na seção 5.1.2, a utilização da configuração rainha e da primeira ordem de contiguidade. O significado dessa definição é que a análise passou a ser centrada apenas

nos municípios imediatamente vizinhos em todas as direções daquele que estivesse sendo estudado.

A figura 19 mostra um valor do I de Moran para o IMP 1 de 0,2965, de 0,3005 para o IMP 2 e de 0,5482 para o IMP 3. Esses valores da estatística local de Moran indicaram a existência de autocorrelação espacial positiva e estatisticamente significativa para todos os índices. Observou-se que ela era mais robusta no caso do IMP 3, demonstrando que a autocorrelação espacial é maior quando se analisa apenas a renda para a medição da pobreza. Ou seja, a pobreza medida somente pela ótica da renda é mais fortemente influenciada pela vizinhança do que a medida através dos índices multidimensionais. A observação do I de Moran por quadrantes possibilitou que se analisasse mais detalhadamente como essa autocorrelação se comporta.

O primeiro quadrante (Alto-Alto) mostra os municípios com alto³⁷ índice de pobreza com vizinhança que também possuía alto índice de pobreza. No terceiro quadrante (Baixo-Baixo), estão aqueles que possuíam baixo índice de pobreza cercados por vizinhos com baixo índice de pobreza. Nesses quadrantes, portanto, constatou-se uma dependência espacial entre os municípios. Já no segundo (Alto-Baixo) e quarto (Baixo-Alto) quadrantes, encontram-se os municípios com alto índice de pobreza rodeados por municípios com baixo índice e os com baixo índice rodeados por vizinhos com alto índice, não havendo, portanto, dependência espacial nesses dois casos.

Pôde-se visualizar, através dos diagramas, a presença de municípios afastados da média, confirmando a existência de *outliers* apontada pelos mapas de desvio-padrão para os três índices. Mas, de acordo com Almeida (2012), deve-se fazer uma distinção entre *outliers* e pontos de alavancagem.

Para o município ser considerado *outlier*, ele deve apresentar dependência espacial diferente dos demais, ou seja, suas observações não seguem o mesmo processo de dependência espacial que a maioria, mas, por serem valores extremos à média, influenciam fortemente a medida de autocorrelação, podendo distorcer os resultados. Possui seus pontos representativos nos quadrantes AB e BA.

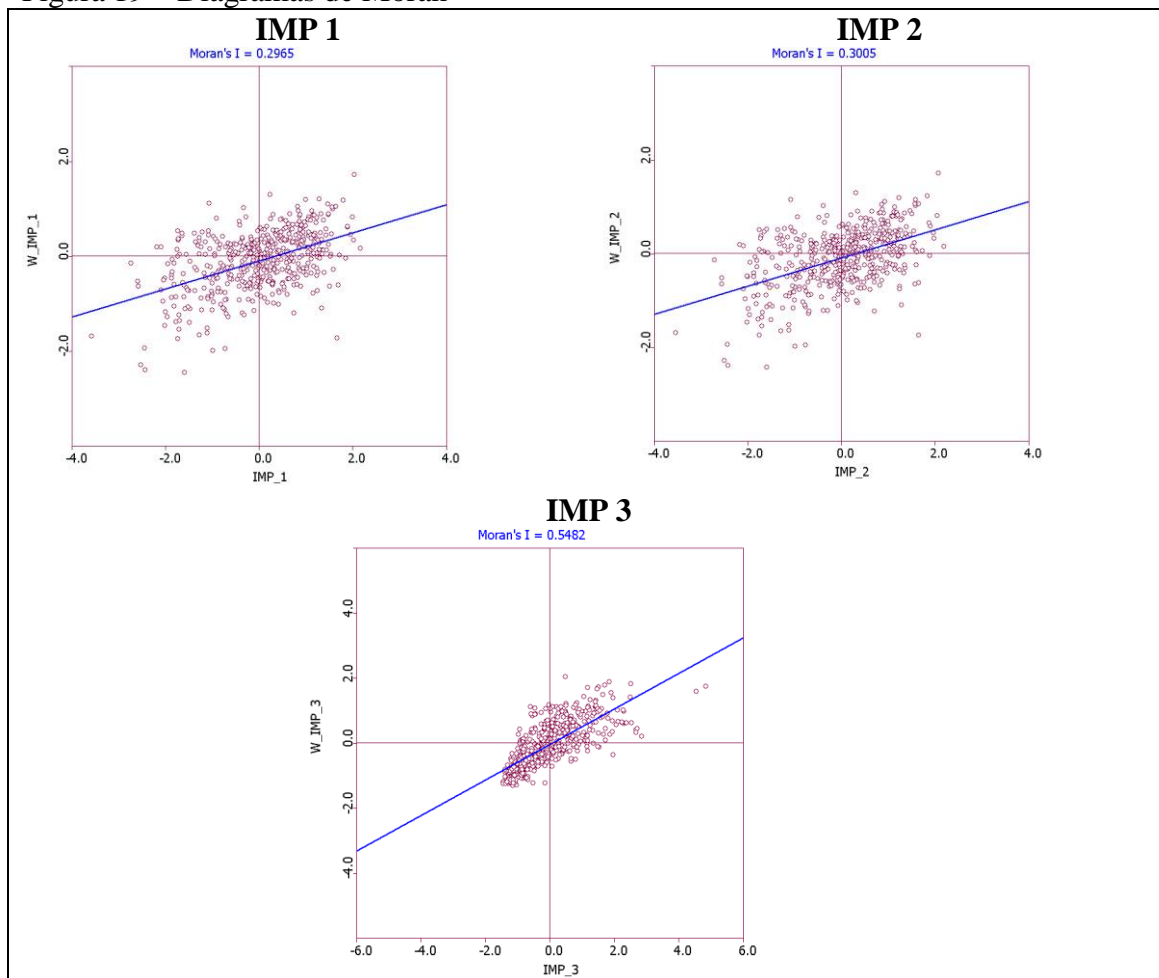
³⁷ O LISA define como alto valor aqueles que se situam acima da média e, como baixo, os que ficam abaixo dela.

Os pontos de alavancagem são, também, valores extremos à média, mas como possuem padrão de dependência similar à maioria, apenas reforçam a medida de autocorrelação, embora exerçam uma grande influência na determinação do grau de associação espacial. Seus pontos representativos localizam-se nos quadrantes AA e BB.

Percebeu-se que o IMP 3 não apresentava municípios que pudessem ser considerados *outliers*, mas apenas dois pontos de alavancagem bem distintos. Esses pontos de alavancagem correspondiam aos municípios de Lajeado do Bugre e de Redentora. Cabe destacar que esses municípios constituíram, respectivamente, o primeiro e o segundo mais pobres do *ranking* do IMP 3.

No caso do IMP 1 e do IMP 2, observou-se a existência de pontos de alavancagem e de *outliers* e, em ambas, pôde-se encontrar o município de Porto Alegre como ponto de alavancagem BB, o de Herveiras como ponto de alavancagem AA, e o de Arroio do Padre como *outlier* AB. Não se verificou a presença de algum município que pudesse ser caracterizado como *outlier* do tipo BA. Da mesma forma que no caso do IMP 3, a localização desses municípios no diagrama de Moran, corroborou suas posições nos *rankings* dos índices.

Figura 19 – Diagramas de Moran



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

Embora o resultado obtido tenha mostrado a magnitude da associação espacial, o indicador I de Moran não possibilitou que se determinasse onde se localizavam os *clusters* espaciais. Para permitir tal identificação, utilizaram-se os mapas de aglomeração e de significância (LISA), que forneceram uma visão da distribuição espacial das variáveis.

5.1.2.4 Mapas de aglomeração e de significância

Com a utilização do indicador local de associação espacial (LISA), puderam-se identificar as regiões do Rio Grande do Sul onde as associações espaciais de pobreza municipal eram significativas quando medidas pelos IMP's. Os municípios destacados foram aqueles em que existia algum tipo de correlação espacial significativa. Percebeu-se a presença de duas situações limites: regiões onde estavam presentes altos índices de pobreza (High-High) e outras onde os índices de pobreza eram baixos (Low-Low). As regiões que conformaram *clusters* de alto nível de pobreza, assim como as de baixo

nível de pobreza, eram extremamente similares para os índices multidimensionais (IMP 1 e IMP 2).

Mereceu destaque, por ser composto por um maior número de municípios, o *cluster* de alto índice de pobreza localizado no centro do estado. Os municípios que formam essa região são: Arroio do Tigre, Barros Cassal, Boqueirão do Leão, Canudos do Vale, Cerro Branco, Coqueiro Baixo, Fontoura Xavier, Gramado Xavier, Herveiras, Lagoão, Passa Sete, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Segredo, Sinimbu e Vale do Sol, para ambos os índices, e Lagoa Bonita do Sul para o *cluster* formado pelo IMP 1.

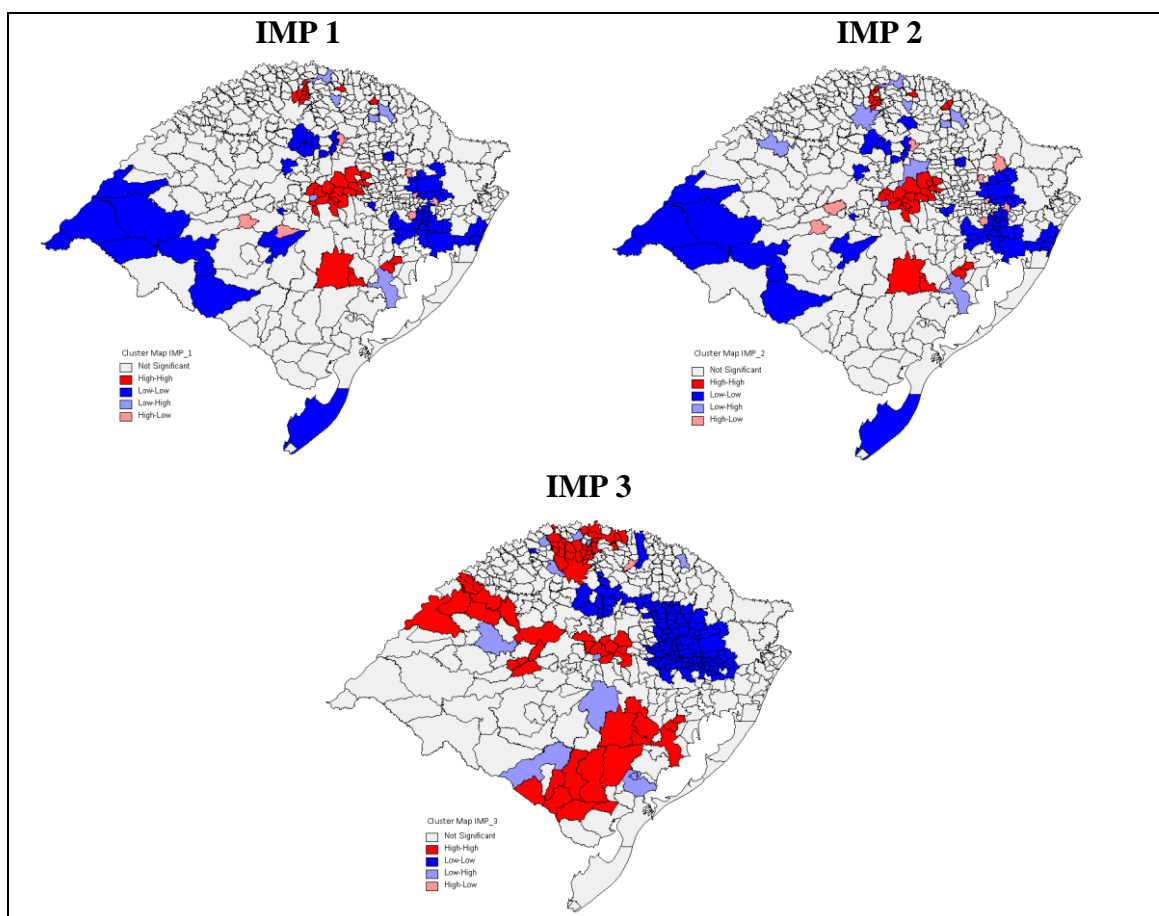
Como *cluster* de baixo nível de pobreza pôde-se destacar, pela quantidade de municípios, o formado pelos municípios de Alvorada, Balneário Pinhal, Dois Irmãos, Ivoti, Novo Hamburgo, Osório, Porto Alegre e Triunfo, entre outros. E, pela extensão, o composto pelos municípios de Alegrete, Barra do Quaraí, Dom Pedrito, Itaqui, Quaraí Uruguaiana.

A configuração dos *clusters* de pobreza se alterou, significativamente, quando se substituiu a análise multidimensional pela unidimensional com foco na renda. O mapa de aglomeração para o IMP 3, constante da figura 20, demonstrou isso de forma explícita. Dos *clusters* de baixo índice de pobreza presentes nos índices multidimensionais, apenas o que foi destacado se manteve no índice unidimensional, mas, com uma extensão mais ampla.

No Rio Grande do Sul, foram identificados três grandes *clusters* de alto índice de pobreza. Um localizado no centro do estado, composto pelos municípios de Arroio do Tigre, Barros Cassal, Gramado Xavier, Sinimbu e Tunas, entre outros, já mencionado anteriormente. Outro que se estende da fronteira com o Uruguai até o centro do Rio Grande do Sul, formado, por exemplo, por Aceguá, Amaral Ferrador, Camaquã, Dom Feliciano, Pedras Altas e Piratini. E um terceiro *cluster*, que inclui, entre outros municípios, os de Bossoroca, São Borja, São Miguel das Missões, Toropi e Tupanciretã, e seu território vai do centro até a fronteira com a Argentina.

O maior *cluster*, em número de municípios, formado pela pobreza monetária avaliada pelo IMP 3 foi o de baixo nível de pobreza e se localiza na metade norte do Rio Grande do Sul, incluindo municípios da região metropolitana de Porto Alegre e da Serra Gaúcha. Dentre os municípios que o compõem estão os de Antônio Prado, Canela, Caxias do Sul, Gramado, Campo Bom e Novo Hamburgo.

Figura 20 – Mapas de aglomeração LISA

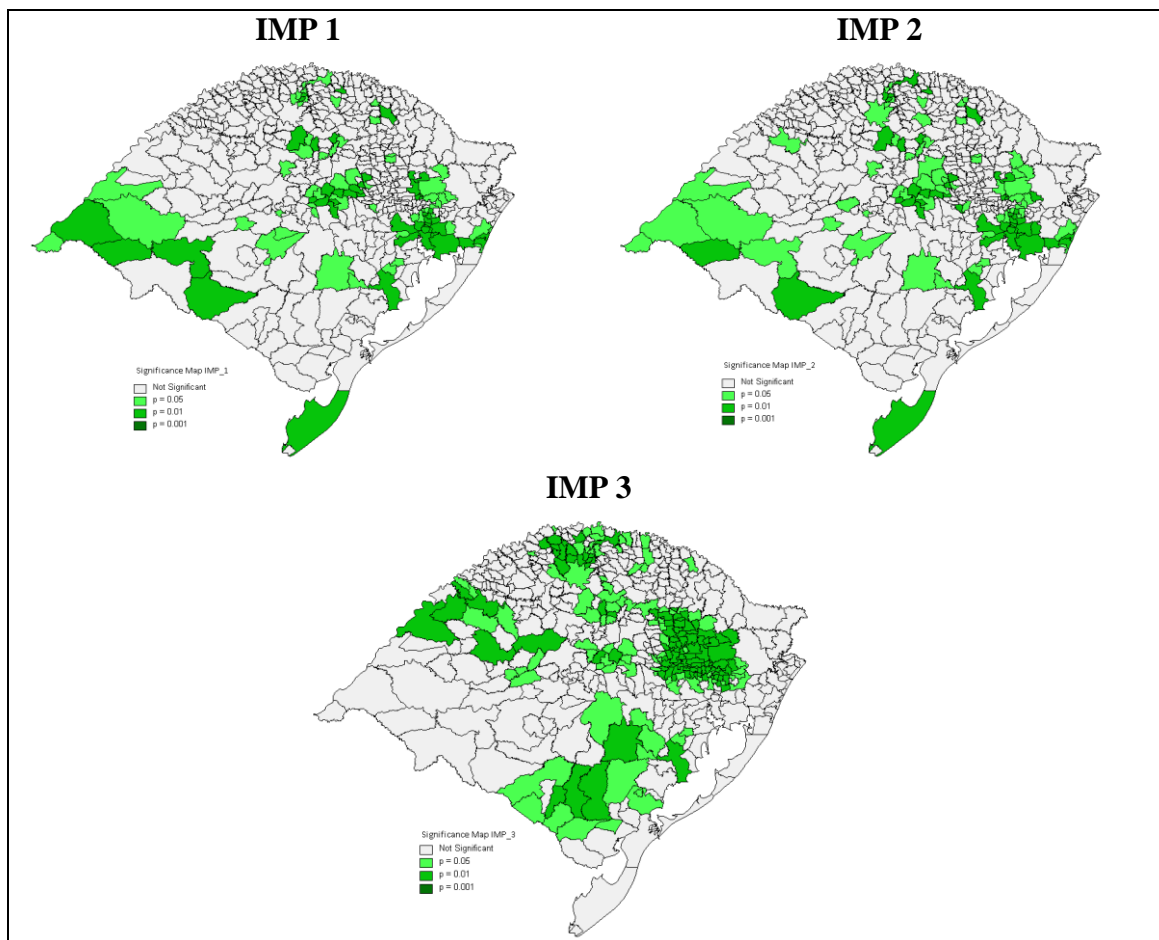


Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

Evidenciou-se, através dos mapas de aglomeração, que a pobreza estava espacialmente localizada no Rio Grande do Sul e que a conformação dessa localização era dependente da forma de medir a pobreza utilizada. A medição pela ótica multidimensional apontou para uma pobreza mais “espraiada” do que a medida apenas pela renda.

Deve-se destacar o fato de que, sob qualquer ótica que se avaliasse a pobreza dos municípios gaúchos, ela foi estatisticamente significativa para os três índices utilizados neste trabalho, a um p -valor = 0,05, como se pode observar nos mapas de significância que constam na figura 21.

Figura 21 – Mapas de significância estatística



Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

Apresentados os resultados da distribuição espacial da pobreza no Rio Grande do Sul, o próximo capítulo foi destinado às considerações finais do estudo realizado, mostrando as conclusões e as limitações encontradas. Buscou-se, também, sugerir algumas ideias para trabalhos futuros na área da Economia que analisa o tema pobreza.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a contribuir com a discussão sobre pobreza no país. Foram utilizados vários trabalhos que versam sobre o tema para possibilitar uma revisão de literatura robusta, que fundamentasse o estudo e oferecesse um sólido instrumental metodológico para a análise em questão. Buscou-se apresentar novos resultados para essa discussão através da criação de índices de pobreza baseados no IPH e da aplicação da metodologia AEDE. Para tanto, foram utilizados os dados disponibilizados pelo IBGE no Censo Demográfico de 2010, que, por sua vez, foram comparados aos resultados obtidos com o IDHM de 2010, divulgados pelo Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2013.

Realizou-se uma análise descritiva dos dados primários, comparando as informações sobre população, moradia, saneamento, educação, saúde e renda do Brasil e do Rio Grande do Sul, com o intuito de auxiliar a visualização das dimensões e das privações que compõem os índices de pobreza construídos neste estudo. Posteriormente, a partir dos índices criados, construiu-se um *ranking* da pobreza municipal para cada índice. Tal procedimento visou apresentar uma comparação entre diferentes óticas de análise da pobreza no estado, facilitando, assim, a compreensão do estudo da distribuição espacial da pobreza no território gaúcho.

Os *rankings* elaborados não apresentaram alterações substantivas quando se comparou o que foi estabelecido pelo IMP 1 (índice multidimensional que inclui a renda entre suas dimensões) com o estabelecido pelo IMP 2 (índice multidimensional que exclui a dimensão renda). Já quando se comparou qualquer dos dois *rankings* multidimensionais com o unidimensional baseado na renda (IMP 3), foi possível perceber a existência de modificações consideráveis na posição dos municípios. A comparação com o *ranking* elaborado a partir do IDHM, por sua vez, demonstrou que os índices criados são consistentes e que podem ser utilizados para a medição da pobreza, além de servirem, também, como base para a verificação de sua distribuição espacial.

Os resultados obtidos com a análise espacial mostraram a existência de *clusters* de pobreza no Rio Grande do Sul independentemente do índice usado para medi-la. Além disso, foi possível perceber que, quando se utilizou o conceito de pobreza

multidimensional, incluindo ou não a renda, o número de *clusters* foi maior do que quando se usou o conceito de pobreza fundamentado na renda.

Evidenciou-se ainda, que a medição da pobreza por índices multidimensionais apontou para um maior número de municípios nessa situação do que quando a análise foi fundamentada apenas na renda e que os *clusters* de pobreza encontraram-se mais distribuídos pelo território gaúcho quando se analisou o problema por aquela ótica. Já quando se analisou a pobreza baseada somente na renda, embora se tenha constatado uma diminuição na quantidade dos *clusters* se comparada com os das análises multidimensionais, eles adquiriram maior contiguidade, ou seja, apresentaram extensão maior que os anteriores. Outra mudança possível de ser observada foi que, pela ótica da renda, a maioria dos *clusters* de pobreza apresentou uma configuração Alto-Alto, indicando que os municípios que os formam apresentavam um alto índice de pobreza monetária e sofriam influência de vizinhos na mesma situação.

Os resultados demonstraram que políticas públicas baseadas somente na renda – embora possam ter sua aplicação facilitada devido a uma maior proximidade de municípios considerados pobres por esse conceito – serão eficazes em um número menor de localidades do que as baseadas no conceito multidimensional de pobreza. Essa evidência vai ao encontro do que vem sendo afirmado pela literatura a respeito de uma subestimação da pobreza e do número de pobres quando se utiliza para a análise apenas a dimensão renda.

Uma limitação encontrada no decorrer do estudo foi o fato de terem sido utilizados apenas dados referentes ao ano de 2010, o que não possibilitou uma análise da evolução da pobreza gaúcha ao longo do tempo. Outra limitação foi oriunda da escolha das privações que comporiam os índices. A utilização de uma gama maior de variáveis permitiria uma visão mais ampla da distribuição espacial da pobreza no Rio Grande do Sul.

Trabalhos futuros que utilizem dados de série de tempo e um maior número de privações na composição dos índices, assim como englobem aspectos ligados à desigualdade, possuem o potencial de, em trazendo outros elementos para a análise da pobreza, possibilitar uma compreensão mais profunda sobre um problema que atinge milhões de seres humanos em todo o planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Eduardo Simões de. **Econometria Espacial Aplicada**. Campinas: Alínea, 2012.
- ALMEIDA, Eduardo Simões de; PEROBELLI, Fernando Salgueiro; FERREIRA, Pedro Guilherme Costa. **Existe convergência espacial da produtividade agrícola no Brasil?**. Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília, v. 46, n. 1, Mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032008000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032008000100002>.
- ALMEIDA, Eduardo Simões. **Função de Produção Agropecuária Espacial**. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 43, 2005, Ribeirão Preto. Anais. Ribeirão Preto: 2005.
- ANAND, Sudhir and AMARTYA K. Sen. 1997. **Concepts of Human Development and Poverty: A Multidimensional Perspective**. In: Human Development Papers 1997. UNDP, New York. Disponível em: <http://ias7.berkeley.edu/Academics/courses/center/fall2007/sehnbruch/UNDP%20Anand%20and%20Sen%20Concepts%20of%20HD%201997.pdf>. Acesso em 20 de jun. 2013.
- ANSELIN, Luc. **Local indicators of spatial association – LISA**. Geographical Analysis, 27:93 – 115, 1995.
- _____, Luc. **Spatial Econometrics. Methods and Models**. Kluwert Academic. Boston, 1988.
- BAGOLIN, Izete Pengo e PORSSE, Melody de C. S. **Pobreza e gênero no Rio Grande do Sul: uma análise a partir da abordagem das capacitações de Martha Nussbaum**. In: Anais do 2º Encontro de Economia Gaúcha. Porto Alegre: FEE/PUC/RS, 2004, p. 01-17, 2004.
- BARDEN, Júlia Elisabete. **Abordagem das Capacitações: uma análise a partir de um indicador agregado via Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. III Conferência Latino Americana e Caribenha sobre Abordagem das Capacitações e Desenvolvimento Humano. PUCRS. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/alcadeca/download/abordagem-das-capacitacoes-uma-analise-a-partir-de-um-indicador.doc>. Acesso em 01 set. 2012.
- BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. **Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável**. In: Henriques, Ricardo (org.), Desigualdade e pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. p.21-47.
- CHIARINI, T. **Análise espacial da pobreza municipal do Ceará, 1991-2000**. Revista de Economia, UFPR, v. 34, n. 2 (ano 32), p. 69-93, 2008.
- COMIM, Flávio; BAGOLIN, Izete Pengo. **Aspectos qualitativos da pobreza no Rio Grande do Sul**. Ensaios FEE [Online] 23:0. Porto Alegre. 15/08/2002. Disponível

em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2017/2398> Acesso em 05 jun. 2012.

COSTA, Fernanda Doz. **Pobreza e direitos humanos: da mera retórica às obrigações jurídicas - um estudo crítico sobre diferentes modelos conceituais**. Sur, Rev. int. direitos human. São Paulo, v. 5, n. 9, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-64452008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-64452008000200006>.

CRESPO, Antônio Pedro Albernaz; GUROVITZ, Elaine. **A pobreza como um fenômeno multidimensional**. RAE electron., São Paulo, v. 1, n. 2, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482002000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 mai. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1676-56482002000200003>.

FOSTER, James E. **Absolute versus Relative Poverty**. The American Economic Review, Vol. 88, No. 2. (May, 1998), pp.335-341. Disponível em: <http://www.ophi.org.uk/wp-content/uploads/Foster-1998.pdf> Acesso em 04 set. 2012.

Global Monitoring Report 2012. The World Bank, Washington DC, 2012. Disponível em: http://siteresources.worldbank.org/INTPROSPECTS/Resources/334934-1327948020811/8401693-1327957211156/8402494-1334239337250/Full_Report.pdf Acesso em 20 ago. 2012.

HOFFMANN, Rodolfo. **Mensuração da desigualdade e da pobreza no Brasil**. In: Henriques, Ricardo (org.), Desigualdade e pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. p. 81-17.

Human Development Report 2006: Beyond scarcity: Power, poverty and the global water crisis. United Nations Development Program (UNDP). 1 UN Plaza, New York, New York, 10017, USA. Disponível em: <http://www.undp.org/content/dam/undp/library/corporate/HDR/2006%20Global%20HDR/HDR-2006-Beyond%20scarcity-Power-poverty-and-the-global-water-crisis.pdf> Acesso em 06 mar. 2013.

Human Development Report 2010: The Real Wealth of Nations: Pathways to Human Development. United Nations Development Program (UNDP). Colorcraft of Virginia, New York, 2010. Disponível em: http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2010_EN_Complete_reprint.pdf Acesso em 06 mar. 2013.

Informe Sobre el Desarrollo Humano 1990: definición y medición del desarrollo humano. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Tercer Mundo Editores, Bogotá, 1990. Disponível em: <http://hdr.undp.org/fr/rapports/mondial/rdh1990/chapitres/spanish/> Acesso em 03 dez. 2012.

Informe Sobre el Desarrollo Humano 1996: ¿Crecimiento económico para propiciar el desarrollo humano?. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Mundi-Prensa, Madri, 1996. Disponível em: <http://hdr.undp.org/fr/rapports/mondial/rdh1996/chapitres/spanish/> Acesso em 03 dez. 2012.

Informe sobre el desarrollo humano 1997: Desarrollo humano para erradicar la pobreza. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Mundi-Prensa, Madri, 1997. Disponível em: <http://hdr.undp.org/es/informes/mondial/idh1997/capitulos/espanol/> Acesso em 03 dez. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2011.

Introduction to Poverty Analysis. *In*: Poverty Manual 2005. World Bank Institute.

LOPES, Helger Marra, MACEDO, Paulo Brígido Rocha e MACHADO, Ana Flávia. **Análise de Pobreza com Indicadores Multidimensionais: uma aplicação para o Brasil e Minas Gerais**. R. Econ. contemp., Rio de Janeiro, 9(1): 125-152, jan./abr. 2005.

MENDOZA ENRÍQUEZ, Hipólito. **El concepto de pobreza y su evolución en la política social del gobierno mexicano**. Estudios Sociales, vol. 19, núm. 37, enero-junio, 2011, pp. 222-251. Centro de Investigación em Alimentación y Desarrollo, A.C. Hermosillo, México. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=41716750010> Acesso em 04 set. 2012.

MONTEIRO, Carlos Augusto. **A dimensão da pobreza, da fome e da desnutrição no Brasil**. Revista Estudos Avançados 9 (24) IEA/USP. São Paulo, 1995. pp. 195-207.

NARAYAN, Deepa *et al.* **Voices of the Poor: Can Anyone Hear Us?** Published for the World Bank, Oxford University Press. New York, N.Y., 2000. Disponível em: <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTPOVERTY/0,,contentMDK:20613045~menuPK:336998~pagePK:148956~piPK:216618~theSitePK:336992~isCURL:Y~isCURL:Y~isCURL:Y,00.html> Acesso em 02 mar. 2013.

Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: Relatório Nacional de Acompanhamento. IPEA. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.pnud.org.br/Docs/4_RelatorioNacionalAcompanhamentoODM.pdf Acesso em 20 ago. 2012.

OLIVEIRA, Cristiano. A. de. **Análise Espacial da Criminalidade no Rio Grande do Sul**. Revista de Economia (Curitiba), v. 34, p. 35-60, 2008.

OSÓRIO, Rafael Guerreio *et AL.* **Erradicar a Pobreza Extrema: Um Objetivo ao Alcance do Brasil**. Texto para Discussão 1619. IPEA, Brasília, 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_1619.pdf Acesso em 20 ago. 2012.

PEROBELLI, Fernando Salgueiro *et al.* **Produtividade do setor agrícola brasileiro (1991-2003): uma análise espacial.** Nova econ., Belo Horizonte, v. 17, n. 1, Abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512007000100003&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-63512007000100003>. Acesso em 17 jun. 2013.

PONTY, Nicolas. **Mesurer la pauvreté dans un pays en développement.** Statéco n° 90-91, août-décembre 1998. Unité Mixte de Recherche IRD – Paris-Dauphine. Paris, 1998. Disponível em: http://www.dial.prd.fr/dial_publications/STATECO/pdf/90/90_7.pdf Acesso em 04 jun. 2012.

REIS, Carlos Nelson dos e DALAGASPERINA, Eliana Cristina. **Complexidade Conceitual de Pobreza: notas sobre diferentes abordagens conceituais.** XIV Encontro Nacional de Economia Política/SEP, 2009. Disponível em: <http://www.sep.org.br/artigos?conference=14&title=&author=Reis> Acesso em 25 out. 2012.

RESENDE,Guilherme Mendes; DA MATA, Daniel; CARVALHO, Alexandre Xavier Ywata. **Crescimento Pró-Pobre e Distribuição de Renda das Capitais dos Estados Brasileiros.** In: Carvalho, Alexandre Xavier Ywata *et alli.* (oRS.). Ensaios de economia regional e urbana. Brasília: IPEA. 2007. pp. 21-45.

ROCHA, Sonia. **Pobreza no Brasil: afinal do que se trata?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

_____, Sonia. **Renda e Pobreza: os impactos do Plano Real.** Texto para discussão n° 439. IPEA. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/td_0439.pdf. Acesso em 27 jun. 2013.

SALAMA, Pierre e DESTREMAU, Blandine. **O Tamanho da Pobreza.** Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

SALAMA, Pierre e VALIER, Jacques. **Pobrezas e Desigualdades no 3º Mundo.** São Paulo: Nobel, 1997.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Ana Márcia Rodrigues; NEDER, Henrique Dantas. **Abordagem das capacitações: um estudo empírico sobre pobreza multidimensional no Brasil.** III Conferência Latino Americana e Caribenha sobre Abordagem das Capacitações e Desenvolvimento Humano. PUCRS. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/alcadeca/download/abordagem-das-capacitacoes-um-estudo-empirico-sobre-pobreza.pdf>. Acesso em 01 set. 2012.

- SOARES, Sergei S. D. **Metodologias Para Estabelecer a Linha de Pobreza: Objetivas, Subjetivas, Relativas, Multidimensionais**. Texto para Discussão n° 1381. IPEA. Fev. 2009. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1381.pdf. Acesso em 10 nov. 2011.
- SOUSA, Tanara Rosângela Vieira; LEITE FILHO, Paulo Amilton Maia. **Análise por dados em painel do status de saúde no Nordeste Brasileiro**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 42, n. 5, Oct. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000500003&lng=en&nrm=iso>. Epub Aug 28, 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102008005000047>. Acesso em 26 jun. 2013.
- THORBECKE, E. **Multidimensional poverty: conceptual and measurement issues**. Paper prepared for The Many Dimensions of Poverty International Conference, UNDP International Poverty Center, Brasilia, August 29-31, 2005. Disponível em: <http://www.arts.cornell.edu/econ/et17/Erik%20Thorbecke%20files/Multi1.pdf>. Acesso em 24 out. 2012.
- VINHAIS, Henrique; SOUZA, André Portela. **Pobreza Relativa ou Absoluta? A Linha Híbrida de Pobreza no Brasil**. Anais do XXXIV Encontro Nacional de Economia. ANPEC, 2006. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A140.pdf>. Acesso em 23 set. 2012.
- WILTGEN, Ricardo Pereira. **Pobreza urbana: um estudo sobre a região metropolitana de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. FACE/PUCRS. Porto Alegre, 2012.

APÊNDICE A – Indicadores Municipais

Tabela 6 – Valor das variáveis componentes dos índices de pobreza por município

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>
	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)	até 1/4 SM e S/ Rendimento
Município / Privações	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Aceguá	18,18	6,37	36,94	57,27	18,11	66,62	2,04	11,81
Água Santa	15,54	0,86	24,21	20,09	36,74	68,68	2,08	7,12
Agudo	14,73	6,08	11,83	31,32	30,30	67,52	0,60	5,95
Ajuricaba	10,42	1,02	6,76	32,53	82,29	62,93	4,29	4,56
Alecrim	10,72	5,34	5,10	4,29	86,93	76,00	0,00	15,58
Alegrete	14,12	2,59	3,06	11,00	21,99	47,58	0,63	7,82
Alegria	9,99	9,66	7,78	48,96	88,60	72,04	0,00	12,81
Almirante Tamandaré do Sul	7,97	0,27	23,21	29,53	77,47	66,50	0,00	4,95
Alpestre	12,69	9,75	10,23	67,25	82,29	76,41	1,14	17,05
Alto Alegre	9,79	0,80	1,44	51,85	80,42	65,31	0,00	7,54
Alto Feliz	10,41	0,50	6,81	7,11	25,83	65,84	0,00	2,90
Alvorada	18,01	1,59	1,10	0,56	12,14	47,15	1,34	8,20
Amaral Ferrador	12,85	7,74	7,78	59,12	81,09	78,85	1,33	15,28
Ametista do Sul	12,21	7,32	11,33	40,82	71,02	69,84	2,44	15,06
André da Rocha	10,12	0,47	4,47	28,47	46,82	64,48	0,00	5,41
Anta Gorda	15,86	0,52	4,46	25,66	48,99	71,00	0,00	2,18
Antônio Prado	12,08	0,38	4,65	5,07	14,11	55,33	1,54	2,15
Arambaré	10,59	0,60	0,83	8,26	31,40	60,48	3,45	9,02
Araricá	8,06	1,01	8,89	0,95	24,17	71,15	1,52	9,30
Aratiba	12,34	0,51	18,95	13,54	25,05	67,26	2,56	4,99
Arroio do Meio	10,82	0,77	2,02	1,44	49,73	54,91	1,62	1,59
Arroio do Sal	10,56	0,87	1,89	0,76	44,59	52,90	0,00	5,48
Arroio do Padre	29,24	8,47	18,50	54,80	41,67	81,04	0,00	17,66
Arroio dos Ratos	13,72	1,26	1,24	4,49	31,47	55,77	1,82	8,07
Arroio do Tigre	16,76	6,77	8,75	45,72	50,18	70,24	1,42	11,76
Arroio Grande	12,03	1,69	1,74	12,90	26,99	63,56	1,03	11,86
Arvorezinha	15,79	2,90	5,76	24,76	51,11	70,50	0,00	8,10
Augusto Pestana	9,27	1,85	2,88	38,24	70,24	66,18	1,82	3,59
Áurea	12,89	1,56	23,15	23,40	49,43	76,80	2,70	5,75
Bagé	15,10	1,38	0,74	3,17	13,75	44,27	0,77	8,60
Balneário Pinhal	14,03	1,22	2,35	0,34	30,44	56,91	1,49	11,13
Barão	14,93	1,03	6,33	5,46	64,47	60,05	2,22	1,41
Barão de Cotegipe	14,98	2,39	6,20	34,92	37,31	65,63	0,00	5,39
Barão do Triunfo	12,96	9,47	29,99	66,40	69,97	85,85	0,00	22,13
Barracão	11,58	2,04	13,23	35,89	43,05	67,56	0,00	12,51

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Barra do Guarita	13,46	4,79	6,18	42,77	94,82	59,59	0,00	10,07
Barra do Quaraí	19,47	1,40	6,52	24,92	35,56	53,22	1,33	18,48
Barra do Ribeiro	12,91	2,23	4,20	7,93	25,67	57,58	0,00	9,15
Barra do Rio Azul	15,97	0,16	50,65	35,81	37,42	72,31	0,00	6,13
Barra Funda	15,88	0,14	4,04	8,50	62,12	59,97	0,00	2,92
Barros Cassal	15,12	16,80	16,77	58,46	70,24	74,12	0,70	16,61
Benjamin Constant do Sul	24,96	20,45	7,57	55,56	39,29	74,46	0,00	24,32
Bento Gonçalves	10,49	0,33	2,62	1,42	12,24	42,77	0,79	1,76
Boa Vista das Missões	11,52	1,99	0,57	38,26	89,33	70,85	3,85	11,66
Boa Vista do Buricá	10,11	0,45	0,72	16,09	91,51	53,48	1,61	1,93
Boa Vista do Cadeado	12,35	2,22	5,06	76,79	77,65	69,24	9,52	9,26
Boa Vista do Incra	13,26	0,77	6,31	62,81	97,04	59,61	0,00	8,24
Boa Vista do Sul	12,35	0,98	6,56	14,43	97,49	76,93	0,00	2,62
Bom Jesus	14,82	4,65	6,01	19,52	23,96	63,71	3,29	12,73
Bom Princípio	11,59	0,36	0,99	1,53	35,21	54,28	1,45	0,99
Bom Progresso	12,02	9,72	21,10	13,43	76,34	63,52	0,00	14,07
Bom Retiro do Sul	9,56	0,94	4,63	2,73	21,66	56,77	3,97	2,65
Boqueirão do Leão	14,51	6,49	7,30	53,59	76,29	65,48	3,33	11,63
Bossoroca	12,59	2,06	9,66	40,22	74,64	62,86	1,18	16,92
Bozano	16,10	1,00	7,69	61,11	52,85	68,84	12,00	4,99
Braga	12,63	10,65	11,48	35,84	92,40	69,97	0,00	19,49
Brochier	9,94	1,86	0,90	7,25	68,68	74,84	0,00	4,97
Butiá	14,45	2,73	0,95	1,97	31,62	61,63	2,46	9,53
Caçapava do Sul	9,98	2,14	7,92	18,69	47,67	57,70	1,22	10,07
Cacequi	15,20	5,05	4,21	23,01	41,73	55,27	0,63	10,79
Cachoeira do Sul	11,15	3,04	3,40	8,43	62,19	50,30	1,71	7,30
Cachoeirinha	13,52	0,83	0,79	0,57	4,26	37,39	0,77	5,32
Cacique Doble	18,44	12,11	15,07	34,00	54,78	74,51	0,00	17,48
Caibaté	9,01	3,37	0,58	33,60	77,85	61,82	2,22	9,36
Caiçara	13,94	4,94	8,57	41,46	69,28	73,22	0,00	10,80
Camaquã	13,22	1,56	2,90	12,65	16,83	60,34	1,10	9,03
Camargo	13,17	1,08	2,51	3,47	53,89	68,22	0,00	2,51
Cambará do Sul	12,73	1,42	25,92	3,98	26,60	60,15	1,33	6,36
Campestre da Serra	11,63	1,45	11,44	12,72	52,77	71,72	2,70	3,36
Campina das Missões	10,63	0,97	0,39	21,69	60,58	62,19	1,89	8,94
Campinas do Sul	10,84	0,90	2,34	4,30	12,06	59,40	2,17	7,23
Campo Bom	11,53	0,75	0,77	0,15	5,27	53,33	1,20	2,92
Campo Novo	12,20	6,02	3,09	12,36	89,75	60,75	0,00	13,88

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Campos Borges	8,89	2,99	36,51	26,25	86,35	64,65	2,94	8,24
Candelária	11,07	7,72	10,61	16,55	32,52	67,06	0,97	10,75
Cândido Godói	12,64	2,04	1,67	49,14	83,37	68,27	0,00	6,67
Candiota	15,67	5,94	10,75	25,79	18,96	52,05	1,64	13,65
Canela	13,82	2,19	1,90	0,82	12,25	48,46	0,91	6,04
Canguçu	14,32	9,03	14,87	55,92	55,67	75,91	1,43	16,79
Canoas	15,31	1,43	1,17	0,64	6,43	38,25	0,82	6,04
Canudos do Vale	12,17	4,83	5,50	21,50	64,17	77,27	10,00	11,33
Capão Bonito do Sul	10,28	6,85	30,34	56,77	87,11	75,55	17,65	14,36
Capão da Canoa	15,57	1,34	2,16	0,28	35,10	44,73	1,17	5,72
Capão do Cipó	13,12	4,86	6,32	72,21	63,95	74,91	2,17	20,80
Capão do Leão	15,12	2,29	3,09	3,40	25,07	64,55	7,79	11,19
Capivari do Sul	11,76	1,80	1,57	2,75	22,43	47,90	0,00	7,53
Capela de Santana	13,10	2,53	6,14	4,53	8,52	68,27	1,38	6,53
Capitão	14,39	0,12	2,46	18,25	87,60	65,59	0,00	1,29
Carazinho	11,71	1,30	2,31	2,56	48,61	42,34	1,13	5,91
Caraá	10,28	2,30	10,63	8,72	23,82	78,13	0,00	13,47
Carlos Barbosa	9,94	0,56	3,66	3,10	23,18	46,86	1,13	0,65
Carlos Gomes	17,67	1,20	14,66	67,87	51,81	68,24	0,00	7,63
Casca	13,58	0,32	5,33	5,33	68,29	52,59	0,00	5,83
Caseiros	12,49	0,90	8,29	20,28	63,24	70,01	0,00	11,09
Catuípe	10,74	1,23	1,61	32,02	80,67	62,57	1,25	6,39
Caxias do Sul	11,21	0,56	1,37	1,34	7,58	36,86	1,22	2,76
Centenário	14,81	2,31	5,25	38,66	43,49	76,74	5,56	10,50
Cerrito	10,13	5,33	7,51	46,31	48,71	71,89	1,49	18,04
Cerro Branco	9,30	8,42	8,11	18,29	29,35	78,36	0,00	12,70
Cerro Grande	14,72	6,85	2,03	58,63	73,73	75,11	10,00	18,78
Cerro Grande do Sul	15,33	6,75	25,08	39,48	70,81	72,04	0,00	17,13
Cerro Largo	11,65	1,13	2,10	4,92	57,77	55,02	0,68	3,12
Chapada	8,50	0,54	2,04	31,00	78,37	62,50	1,20	3,12
Charqueadas	13,42	1,22	1,10	2,02	8,01	42,33	0,00	5,71
Charrua	26,59	28,31	38,64	46,39	44,67	82,55	0,00	12,70
Chiapetta	12,72	1,18	0,59	26,26	86,76	61,75	0,00	9,84
Chuí	15,50	0,92	1,28	4,55	15,75	41,75	1,12	13,61
Chувиска	16,67	3,40	17,07	78,93	79,33	83,88	1,59	15,73
Cidreira	14,84	0,75	1,02	1,75	51,97	45,81	1,47	7,64
Ciriaco	11,44	2,70	18,51	17,26	56,92	64,26	9,68	7,97
Colinas	10,85	1,89	6,60	5,90	36,44	60,71	0,00	2,12

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>	
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)	até 1/4 SM e S/ Rendimento
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado				
Colorado	7,95	0,40	3,53	20,48	96,22	62,36	2,86	4,18	
Condor	14,31	1,36	6,13	20,07	73,29	61,71	0,00	7,25	
Constantina	15,68	2,71	10,22	16,56	58,92	63,34	0,00	13,42	
Coqueiro Baixo	10,86	1,87	2,62	53,00	93,26	77,25	0,00	8,43	
Coqueiros do Sul	7,76	2,55	4,87	42,53	77,17	69,89	0,00	8,46	
Coronel Barros	8,93	1,60	2,29	49,26	32,99	71,58	0,00	3,89	
Coronel Bicaco	12,48	5,68	18,12	29,68	96,34	67,62	2,08	17,59	
Coronel Pilar	19,19	0,58	2,11	42,42	94,63	69,28	5,26	4,99	
Cotiporã	15,81	0,64	19,58	12,12	13,72	67,67	0,00	3,61	
Coxilha	10,05	0,86	2,35	26,63	72,30	67,76	0,00	7,27	
Crissiumal	10,22	4,30	3,77	36,88	84,56	66,66	0,00	7,85	
Cristal	15,09	5,41	8,78	14,88	17,39	74,09	1,25	9,46	
Cristal do Sul	11,64	9,22	4,82	64,78	82,29	76,49	0,00	19,60	
Cruz Alta	12,55	1,70	1,81	4,48	61,70	44,22	1,26	7,34	
Cruzaltense	14,24	3,38	11,01	49,93	51,10	73,58	4,76	9,69	
Cruzeiro do Sul	10,37	1,88	19,28	6,32	58,50	62,36	0,79	3,91	
David Canabarro	13,20	0,40	8,36	13,20	39,52	62,01	2,38	3,91	
Derrubadas	12,80	7,77	6,07	65,88	38,77	69,73	2,86	21,90	
Dezesseis de Novembro	11,19	4,23	0,50	29,33	82,26	68,73	0,00	21,07	
Dilermando de Aguiar	10,91	6,69	15,77	58,75	19,80	77,82	0,00	15,22	
Dois Irmãos	8,76	0,17	0,72	0,12	5,03	47,30	1,32	1,41	
Dois Irmãos das Missões	12,46	6,72	5,18	41,74	91,18	67,81	3,23	23,39	
Dois Lajeados	15,55	0,95	20,66	15,07	32,04	67,29	0,00	3,70	
Dom Feliciano	15,04	9,17	23,79	62,82	67,52	83,67	0,56	21,15	
Dom Pedro de Alcântara	6,83	1,16	16,39	2,10	62,29	70,58	0,00	9,24	
Dom Pedrito	13,33	2,23	2,50	9,43	13,39	56,14	0,85	8,81	
Dona Francisca	14,80	3,77	23,14	10,94	44,04	64,16	3,45	11,30	
Doutor Maurício Cardoso	10,06	3,76	5,93	34,11	95,29	72,21	0,00	10,12	
Doutor Ricardo	14,64	2,02	4,21	40,34	69,47	76,54	0,00	2,80	
Eldorado do Sul	16,19	2,37	2,38	2,92	10,14	46,04	0,61	9,06	
Encantado	9,78	0,45	3,73	3,22	12,16	50,23	1,88	4,52	
Encruzilhada do Sul - RS	12,39	3,43	8,81	28,85	36,11	69,41	0,00	15,82	
Engenho Velho	21,48	8,55	1,62	36,26	75,29	64,45	0,00	15,47	
Entre-Ijuís	10,42	4,34	12,45	41,65	86,15	68,20	0,00	8,98	
Entre Rios do Sul	11,42	1,33	6,66	14,84	24,36	69,93	0,00	10,37	
Erebango	17,97	2,78	16,36	26,95	67,81	60,13	0,00	8,02	

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Erechim	10,36	0,65	1,16	2,88	9,25	40,97	1,44	3,15
Ernestina	9,43	0,83	2,13	25,23	81,52	63,96	0,00	3,70
Herval	9,78	2,82	9,24	31,94	34,45	63,88	1,10	19,22
Ervál Grande	15,20	6,72	8,72	19,69	56,51	76,40	3,33	9,45
Ervál Seco	14,55	10,98	12,83	31,57	81,57	69,02	0,00	19,93
Esmeralda	12,18	1,37	9,89	16,67	40,84	61,06	0,00	12,18
Esperança do Sul	10,83	13,91	5,28	56,95	96,92	79,14	0,00	16,81
Espumoso	11,64	3,02	3,22	21,99	44,37	51,66	1,24	7,17
Estação	10,14	0,20	8,01	13,40	35,26	51,55	0,00	3,26
Estância Velha	12,33	0,68	0,83	0,47	7,51	50,98	0,76	3,03
Esteio	14,17	0,81	0,49	0,41	8,56	38,21	0,86	4,68
Estrela	11,06	0,57	1,16	1,24	16,18	46,97	0,60	1,59
Estrela Velha	16,37	10,74	4,75	48,24	87,85	73,00	0,00	15,49
Eugênio de Castro	8,98	3,22	2,54	42,68	89,06	68,33	0,00	12,11
Fagundes Varela	20,71	1,57	18,09	5,64	51,25	66,18	0,00	1,31
Farroupilha	12,71	0,41	7,34	4,43	8,11	44,75	1,83	2,66
Faxinal do Soturno	15,10	3,10	17,83	12,64	27,98	57,41	0,00	7,41
Faxinalzinho	12,54	7,50	17,70	24,74	42,67	65,41	0,00	15,71
Fazenda Vilanova	11,81	2,20	1,26	5,59	63,70	69,51	6,52	4,17
Feliz	11,09	0,36	1,56	1,56	33,29	54,33	0,00	1,32
Flores da Cunha	11,22	0,33	5,85	4,69	24,84	53,64	0,66	1,56
Floriano Peixoto	13,78	3,83	3,68	74,89	77,49	83,12	0,00	12,25
Fontoura Xavier	16,49	16,81	14,48	55,83	97,72	71,46	0,00	15,36
Formigueiro	12,18	8,47	9,32	19,88	83,23	66,69	0,00	13,20
Forquetinha	9,48	4,29	3,05	35,21	60,84	77,06	0,00	4,06
Fortaleza dos Valos	9,93	0,77	8,01	24,15	90,52	57,08	0,00	7,05
Frederico Westphalen	12,13	2,31	3,88	13,81	30,69	51,18	5,71	6,18
Garibaldi	11,59	0,75	8,38	1,53	15,31	46,74	1,44	1,42
Garruchos	12,66	8,53	2,20	55,69	94,59	67,01	3,13	18,35
Gaurama	10,75	1,86	18,34	24,02	46,53	62,15	2,17	5,48
General Câmara	11,46	5,56	4,10	38,29	34,72	63,62	1,02	10,46
Gentil	12,29	3,67	2,94	44,77	71,19	66,64	0,00	6,61
Getúlio Vargas	9,41	0,75	5,15	12,20	38,94	52,72	3,82	4,21
Giruá	11,97	1,35	5,85	24,94	85,85	59,40	0,00	8,91
Glorinha	11,17	1,51	5,19	6,07	34,81	60,18	1,39	7,24
Gramado	10,74	0,28	3,76	0,81	7,92	47,07	0,56	2,39
Gramado dos Loureiros	14,13	9,56	4,29	25,35	33,52	65,71	0,00	14,68
Gramado Xavier	17,78	7,33	14,98	67,08	84,69	81,73	1,61	22,14

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>	
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)	até 1/4 SM e S/ Rendimento
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado				
Gravataí	14,75	1,11	1,35	0,65	16,02	42,71	1,00	6,47	
Guabiju	14,50	0,75	2,64	3,58	27,87	69,10	0,00	1,51	
Guaíba	14,03	0,73	1,05	1,11	12,98	44,20	0,71	6,96	
Guaporé	11,24	0,35	5,07	6,53	6,58	54,84	0,83	2,18	
Guarani das Missões	11,72	3,74	0,70	34,15	96,00	61,37	1,35	7,45	
Harmonia	11,56	0,42	1,41	1,69	57,51	54,60	0,00	1,62	
Herveiras	17,36	7,64	10,26	68,89	92,69	84,24	0,00	14,19	
Horizontalina	8,36	0,53	3,74	12,53	51,40	45,93	0,00	2,96	
Hulha Negra	16,82	7,74	14,85	48,49	37,07	64,58	1,04	18,90	
Humaitá	8,84	0,64	9,08	18,03	74,52	63,81	0,00	3,72	
Ibarama	15,38	5,03	3,43	28,57	78,94	78,08	2,08	13,05	
Ibiaçá	8,68	1,40	7,59	30,66	49,67	67,55	0,00	4,68	
Ibiraiaras	16,52	3,31	14,29	11,48	50,59	65,83	2,74	6,40	
Ibirapuitã	11,55	2,44	2,58	35,58	88,24	76,72	0,00	12,70	
Ibirubá	9,35	0,80	4,47	18,39	79,15	54,91	0,00	2,53	
Igrejinha	11,96	0,95	3,24	0,56	11,68	60,70	0,77	2,58	
Ijuí	11,62	1,39	2,43	7,73	40,35	45,72	0,98	5,06	
Ilópolis	16,76	1,33	5,32	16,13	48,94	69,93	3,23	7,13	
Imbé	14,04	0,83	0,62	0,32	17,33	45,26	0,50	6,80	
Imigrante	11,28	1,60	3,57	3,76	70,30	69,37	5,00	2,16	
Independência	11,29	1,59	12,18	31,22	88,18	68,26	0,00	8,64	
Inhacorá	12,96	3,04	1,98	22,75	64,29	72,86	0,00	12,43	
Ipê	11,61	1,06	10,20	14,72	29,45	63,81	0,00	5,18	
Ipiranga do Sul	10,80	0,31	26,85	57,10	29,01	66,08	0,00	2,93	
Iraí	14,27	8,10	16,24	35,71	76,07	63,95	4,30	17,19	
Itaara	15,10	4,03	5,05	4,21	44,40	48,02	4,35	7,94	
Itacurubi	11,49	9,82	3,94	62,92	73,49	69,44	0,00	21,81	
Itapuca	18,85	6,98	6,84	66,48	94,27	78,38	0,00	11,03	
Itaqui	19,05	1,76	2,97	13,83	31,87	52,40	1,25	9,86	
Itati	10,22	5,16	23,74	9,01	96,37	71,74	0,00	14,40	
Itatiba do Sul	15,61	6,58	8,21	34,02	61,83	72,68	3,23	15,61	
Ivorá	15,62	1,02	16,79	7,15	26,57	66,92	0,00	8,03	
Ivoti	9,41	0,46	4,08	0,25	27,40	44,22	2,33	1,32	
Jaboticaba	13,33	5,51	17,87	57,26	72,67	75,20	0,00	23,31	
Jacuizinho	13,48	14,22	10,17	76,96	96,69	78,05	0,00	24,26	
Jacutinga	10,34	1,31	20,43	21,58	30,35	67,81	0,00	4,59	
Jaguarão	11,40	1,01	1,28	6,91	36,49	53,95	1,64	8,73	
Jaguari	10,35	3,28	21,49	39,65	66,13	62,07	1,33	9,29	

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Jaquirana	15,96	6,05	11,15	16,91	63,05	72,78	1,92	16,62
Jari	11,31	14,62	9,74	75,06	89,68	77,57	0,00	23,53
Jóia	14,54	4,50	17,33	61,44	58,39	65,32	1,11	15,58
Júlio de Castilhos	14,81	3,12	4,27	13,00	51,55	57,36	1,17	10,84
Lagoa Bonita do Sul	13,70	7,61	16,39	64,29	71,08	71,51	3,57	12,65
Lagoão	14,91	19,56	19,14	72,81	89,27	77,47	2,67	17,13
Lagoa dos Três Cantos	7,18	1,26	1,62	2,33	79,53	53,10	0,00	4,31
Lagoa Vermelha	11,37	2,80	4,29	7,77	18,73	54,49	0,98	7,51
Lajeado	9,56	0,66	9,57	0,22	15,00	43,41	0,98	1,73
Lajeado do Bugre	15,46	8,35	3,49	71,07	97,01	78,54	0,00	35,16
Lavras do Sul	13,54	3,00	4,32	18,24	36,29	57,15	0,00	12,32
Liberato Salzano	13,79	7,06	8,16	62,89	93,54	72,12	1,79	12,53
Lindolfo Collor	9,11	0,11	2,00	1,20	34,19	66,98	0,00	3,15
Linha Nova	13,16	0,73	3,84	10,24	52,65	63,43	6,67	8,04
Machadinho	10,85	2,62	15,68	30,05	15,26	68,17	0,00	11,96
Maçambará	15,51	3,36	7,52	56,28	64,27	66,58	6,15	11,55
Mampituba	11,35	6,52	13,72	7,50	57,16	77,96	0,00	16,68
Manoel Viana	10,78	1,80	8,78	22,79	84,15	63,65	1,33	11,26
Maquiné	13,26	2,67	14,21	6,93	30,23	70,83	2,27	6,68
Maratá	14,05	0,71	1,19	9,52	22,86	72,84	6,67	3,10
Marau	10,73	0,39	9,27	1,89	12,33	44,44	0,69	3,18
Marcelino Ramos	12,11	2,62	5,86	24,79	35,93	62,94	2,17	7,67
Mariana Pimentel	9,65	3,46	22,03	20,16	43,48	73,09	2,78	11,30
Mariano Moro	9,76	0,26	27,18	13,06	15,30	65,38	0,00	4,49
Marques de Souza	12,26	3,48	4,18	22,23	50,66	73,73	0,00	3,97
Mata	9,11	6,83	18,17	42,95	53,90	73,49	1,72	14,21
Mato Castelhano	7,84	2,36	35,82	43,91	13,68	65,32	0,00	6,59
Mato Leitão	10,65	0,30	0,38	6,27	18,96	60,02	2,70	2,95
Mato Queimado	10,97	1,13	0,00	55,81	69,03	70,24	0,00	8,06
Maximiliano de Almeida	13,27	5,56	12,90	38,46	55,25	68,39	2,08	10,56
Minas do Leão	15,18	1,94	0,45	3,81	28,18	66,46	2,13	9,43
Miraguá	13,65	7,81	6,95	47,36	64,94	69,84	2,00	15,68
Montauri	17,74	0,21	1,28	9,83	67,31	67,24	0,00	0,85
Monte Alegre dos Campos	16,80	14,88	25,00	57,49	77,94	78,55	0,00	20,24
Monte Belo do Sul	15,86	0,24	4,00	3,63	92,01	66,12	0,00	4,72
Montenegro	12,34	1,21	2,78	0,78	10,72	45,52	1,52	5,16
Mormaço	13,88	1,37	3,07	32,76	58,59	68,31	0,00	10,47
Morrinhos do Sul	7,09	0,69	11,33	4,24	84,78	71,93	0,00	8,91

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar per capita
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Morro Redondo	8,47	4,00	10,73	28,45	31,45	67,90	0,00	10,03
Morro Reuter	9,85	0,31	13,59	1,04	6,59	54,78	5,45	2,02
Mostardas	11,80	2,11	1,50	16,45	14,49	71,31	1,38	12,43
Muçum	9,81	0,30	0,83	4,10	44,41	60,23	0,00	2,79
Muitos Capões	14,40	1,72	6,59	36,61	74,14	62,31	0,00	7,51
Muliterno	19,30	3,86	12,68	36,03	54,23	75,85	0,00	9,38
Não-Me-Toque	9,30	0,67	1,25	4,92	53,90	49,36	0,59	2,72
Nicolau Vergueiro	6,96	0,81	2,27	47,90	88,03	69,73	0,00	5,99
Nonoai	14,53	7,98	3,99	22,99	74,40	59,18	1,20	11,66
Nova Alvorada	15,39	2,85	2,55	7,24	93,88	65,89	0,00	6,83
Nova Araçá	12,96	0,23	8,33	4,55	33,72	54,63	0,00	1,00
Nova Bassano	17,24	0,64	2,41	26,18	40,85	59,37	1,12	1,17
Nova Boa Vista	11,39	0,30	0,45	48,43	56,97	63,24	0,00	1,80
Nova Brésia	12,67	0,48	3,81	10,00	81,24	64,92	0,00	2,95
Nova Candelária	9,96	0,55	0,11	30,09	18,60	69,57	0,00	5,25
Nova Esperança do Sul	9,00	0,76	5,41	20,20	84,33	59,10	0,00	3,96
Nova Hartz	12,74	0,22	4,33	0,22	3,30	62,93	2,76	4,65
Nova Pádua	18,27	0,00	4,81	12,23	21,29	60,70	0,00	0,55
Nova Palma	19,40	3,58	12,36	18,19	40,54	50,59	0,00	11,20
Nova Petrópolis	9,97	1,00	4,65	2,41	13,04	53,34	2,31	1,77
Nova Prata	11,42	0,55	10,18	2,80	20,43	47,51	0,43	1,82
Nova Ramada	8,01	1,06	3,30	56,65	95,64	71,66	5,26	7,54
Nova Roma do Sul - RS	16,57	0,48	4,91	18,59	60,31	71,60	0,00	1,93
Nova Santa Rita	16,15	1,93	3,34	2,30	34,66	52,23	1,17	7,51
Novo Cabrais	9,72	7,34	7,57	17,73	46,14	77,85	0,00	9,79
Novo Hamburgo	12,47	0,90	1,40	0,37	7,35	48,25	0,86	5,55
Novo Machado	8,98	6,50	3,04	29,19	90,74	77,04	2,56	14,06
Novo Tiradentes	15,12	3,74	0,42	69,63	81,97	75,98	7,69	11,65
Novo Xingu	14,26	0,87	0,00	33,04	70,43	59,38	5,26	3,48
Novo Barreiro	13,00	3,50	3,19	55,29	83,57	73,98	3,77	12,47
Osório	12,96	0,66	4,91	1,04	27,05	47,90	0,21	4,67
Paim Filho	13,49	1,17	4,55	29,62	61,58	71,37	0,00	8,94
Palmares do Sul	10,17	1,28	1,31	4,11	10,56	57,35	5,45	9,50
Palmeira das Missões	14,38	3,29	2,60	13,25	68,33	52,22	2,31	10,64
Palmitinho	12,13	7,33	6,77	39,02	55,13	64,78	5,88	12,61
Panambi	10,23	0,65	4,11	5,16	39,77	48,30	0,84	3,38
Pantano Grande	13,38	2,84	1,84	7,85	16,02	65,95	0,75	11,07
Paráí	14,03	0,56	4,52	3,82	45,85	56,28	0,00	1,54

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Paraíso do Sul	11,86	8,37	9,24	18,32	60,63	73,76	0,00	7,73
Pareci Novo	12,15	0,34	0,51	2,12	5,61	59,48	0,00	3,74
Parobé	12,66	1,02	4,37	0,98	10,57	62,55	1,20	4,84
Passa Sete	15,90	13,12	17,51	79,64	78,71	78,84	0,00	19,31
Passo do Sobrado	9,87	3,13	10,49	20,45	47,55	71,61	0,00	12,08
Passo Fundo	13,04	0,81	1,03	1,10	42,76	36,51	1,40	4,64
Paulo Bento	15,45	1,57	8,15	59,51	69,10	75,65	4,35	2,72
Paverama	9,18	3,93	2,92	12,93	65,62	73,78	1,12	3,44
Pedras Altas	13,46	5,67	16,62	62,01	32,19	69,99	0,00	22,03
Pedro Osório	11,00	0,88	2,61	5,18	60,47	58,19	0,00	13,19
Pejuçara	13,74	0,47	8,14	20,30	92,42	61,34	0,00	5,45
Pelotas	12,47	1,68	1,82	2,94	15,55	45,55	1,13	8,07
Picada Café	10,42	0,98	5,41	1,27	13,30	55,90	0,00	1,96
Pinhal	13,33	1,22	1,96	21,39	29,58	66,52	0,00	10,39
Pinhal da Serra	10,87	5,77	7,79	27,11	96,78	73,29	0,00	20,13
Pinhal Grande	16,15	6,75	5,24	52,48	34,39	67,76	2,33	20,10
Pinheirinho do Vale	14,87	5,73	10,68	50,70	82,68	64,61	6,52	15,64
Pinheiro Machado	10,01	2,24	3,62	20,76	23,32	61,40	0,70	13,67
Pirapó	10,29	7,17	1,35	43,14	64,76	78,66	0,00	20,17
Piratini	9,95	4,80	13,97	39,18	39,03	67,87	2,38	14,97
Planalto	12,28	5,65	6,05	33,28	67,56	66,29	3,03	14,42
Poço das Antas	11,74	0,72	0,58	2,32	1,01	68,40	0,00	2,75
Pontão	11,70	1,33	2,90	50,86	86,73	61,09	0,00	9,50
Ponte Preta	16,67	0,18	2,20	68,68	57,51	75,10	44,44	4,03
Portão	12,89	1,56	2,89	0,67	8,77	56,29	0,48	5,91
Porto Alegre	11,10	1,21	0,40	0,28	5,74	26,24	0,96	5,10
Porto Lucena	9,20	6,27	1,47	38,42	87,21	70,95	0,00	10,47
Porto Mauá	15,85	1,68	0,96	23,17	46,10	68,64	0,00	13,93
Porto Vera Cruz	9,37	4,69	0,59	14,93	72,62	72,99	0,00	11,71
Porto Xavier	11,06	6,82	3,85	30,09	50,73	64,26	2,27	12,05
Pouso Novo	13,48	5,46	7,87	46,07	78,33	72,07	0,00	9,95
Presidente Lucena	15,17	1,01	1,90	3,03	20,10	59,05	0,00	2,15
Progresso	13,18	5,67	7,76	51,96	74,19	78,98	2,00	6,27
Protásio Alves	14,99	0,48	14,04	11,16	32,85	72,53	0,00	3,83
Putinga	15,89	2,26	4,89	27,48	46,91	72,84	0,00	6,78
Quaraí	15,72	1,59	2,96	8,48	15,35	52,27	1,79	12,85
Quatro Irmãos	13,84	3,33	16,64	47,64	29,77	69,95	0,00	9,98
Quevedos	10,30	13,45	10,95	64,75	88,50	74,64	0,00	18,11

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar per capita
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Quinze de Novembro	9,61	0,32	0,87	9,38	85,03	61,65	0,00	2,21
Redentora	28,47	34,64	15,31	65,58	89,95	70,80	1,06	36,82
Relvado	12,90	0,97	3,47	42,72	48,82	75,69	0,00	4,30
Restinga Seca	12,22	3,36	4,45	10,33	57,86	62,77	0,70	9,92
Rio dos Índios	14,27	14,10	15,56	76,84	96,24	73,26	0,00	17,44
Rio Grande	13,38	2,06	1,07	1,53	11,31	44,75	1,15	7,50
Rio Pardo	12,53	3,74	8,00	11,10	22,55	57,52	2,16	13,53
Riozinho	11,74	3,38	13,33	5,39	52,00	80,19	0,00	5,66
Roca Sales	11,61	0,67	9,14	11,36	8,35	64,04	0,85	2,42
Rodeio Bonito	9,20	2,29	6,36	22,97	75,04	63,81	3,08	5,77
Rolador	11,37	4,48	2,30	71,64	40,18	70,48	5,00	13,89
Rolante	10,08	2,05	7,05	5,78	34,07	70,13	1,39	3,54
Ronda Alta	18,64	2,03	3,22	13,71	60,70	64,25	0,00	8,53
Rondinha	16,77	0,36	1,02	30,36	62,63	65,41	0,00	4,01
Roque Gonzales	12,80	4,74	0,50	37,43	74,15	66,64	0,00	13,30
Rosário do Sul	14,17	3,11	4,75	13,91	32,95	55,80	0,67	9,73
Sagrada Família	12,78	7,74	2,23	58,38	77,84	72,24	0,00	18,41
Saldanha Marinho	7,60	0,48	5,97	9,91	92,49	56,11	11,54	2,98
Salto do Jacuí	13,52	3,71	5,66	14,35	62,86	59,95	0,65	11,86
Salvador das Missões	8,86	0,45	0,22	17,94	55,49	57,31	0,00	3,81
Salvador do Sul	13,40	1,19	2,10	5,81	10,98	58,71	0,00	1,37
Sananduva	9,10	0,56	5,29	27,28	31,07	60,93	1,41	3,21
Santa Bárbara do Sul	10,17	0,78	6,05	12,98	72,57	56,02	3,19	7,42
Santa Cecília do Sul	12,59	2,26	25,94	21,05	57,71	75,18	15,38	5,45
Santa Clara do Sul	10,17	1,25	0,63	11,52	45,26	57,09	0,00	1,93
Santa Cruz do Sul	11,03	1,25	2,59	1,72	9,13	41,90	0,40	4,15
Santa Maria	13,18	1,67	2,13	2,10	15,74	35,09	1,28	5,56
Santa Maria do Herval	10,82	0,64	15,05	9,35	35,76	73,25	2,50	1,82
Santa Margarida do Sul	10,38	4,34	14,32	35,48	62,02	74,21	0,00	10,12
Santana da Boa Vista	10,63	6,16	18,46	46,46	63,80	75,55	1,33	22,62
Sant'Ana do Livramento	14,96	4,16	2,24	9,43	19,67	45,15	1,28	10,67
Santa Rosa	10,67	0,86	3,46	4,42	60,92	45,44	1,21	3,81
Santa Tereza	14,61	0,70	8,45	4,75	7,92	65,59	0,00	2,46
Santa Vitória do Palmar	11,14	1,06	1,85	8,14	19,73	56,20	2,71	11,54
Santiago	10,57	1,10	2,13	7,34	27,12	46,60	1,72	5,42
Santo Ângelo	12,39	1,67	1,99	5,06	69,15	46,35	1,12	5,74

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar per capita
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Santo Antônio do Palma	18,17	1,07	3,66	4,27	80,76	66,69	0,00	4,89
Santo Antônio da Patrulha	11,04	3,10	10,91	10,03	29,11	61,29	1,85	6,25
Santo Antônio das Missões	12,88	5,13	2,36	41,45	88,69	65,20	1,48	13,51
Santo Antônio do Planalto	9,08	0,14	1,59	16,71	86,02	60,21	5,00	6,05
Santo Augusto	10,21	1,65	3,34	10,77	91,40	58,81	0,00	8,45
Santo Cristo	10,28	0,97	3,50	23,83	63,49	61,23	0,00	4,02
Santo Expedito do Sul	11,21	1,22	5,97	35,20	33,50	64,67	5,88	9,99
São Borja	16,62	1,79	4,07	10,58	37,37	51,78	1,06	10,90
São Domingos do Sul	12,14	0,11	2,64	5,17	42,56	56,81	0,00	1,27
São Francisco de Assis	10,43	4,26	10,43	28,75	74,92	68,74	1,59	13,59
São Francisco de Paula	14,56	4,26	8,54	11,70	40,88	62,76	2,23	9,01
São Gabriel	14,11	4,43	3,02	10,92	36,03	57,07	1,01	10,34
São Jerônimo	13,85	4,81	6,40	20,34	29,37	58,08	0,72	11,76
São João da Urtiga	10,81	1,13	10,00	35,44	56,50	73,24	0,00	7,38
São João do Polêsine	14,27	3,98	31,35	4,91	93,45	50,06	5,88	3,51
São Jorge	13,01	0,44	4,52	3,31	44,65	68,01	5,00	2,09
São José das Missões	12,62	4,10	4,21	62,13	84,94	81,42	0,00	16,06
São José do Herval	13,82	3,95	16,08	22,57	95,20	66,32	0,00	14,95
São José do Hortêncio	11,69	0,52	0,81	2,22	6,14	66,08	0,00	1,11
São José do Inhacorá	10,40	1,47	0,27	4,13	29,60	63,12	0,00	4,27
São José do Norte	11,79	11,14	5,16	21,89	26,71	74,39	1,66	13,11
São José do Ouro	9,91	0,91	19,40	14,96	23,45	55,73	0,00	7,33
São José do Sul	12,88	0,86	3,15	6,44	19,89	64,89	0,00	1,43
São José dos Ausentes	13,52	2,56	25,21	28,58	48,68	66,77	0,00	16,07
São Leopoldo	13,19	1,22	0,79	0,52	6,41	43,30	1,08	5,72
São Lourenço do Sul	18,59	6,19	8,68	34,27	39,57	69,08	1,32	7,90
São Luiz Gonzaga	11,76	2,69	1,89	9,26	41,35	52,49	1,29	8,99
São Marcos	11,33	0,27	9,80	5,58	8,00	52,38	0,45	2,18
São Martinho	8,79	1,41	3,93	32,01	81,93	61,54	0,00	6,31
São Martinho da Serra	11,31	7,93	26,27	54,76	96,53	74,53	3,57	17,54
São Miguel das Missões	11,63	5,75	20,48	43,06	72,22	71,99	2,11	14,44
São Nicolau	11,71	4,94	2,19	32,55	76,27	72,77	3,45	16,10
São Paulo das Missões	14,44	4,36	1,03	47,28	85,32	70,55	0,00	9,10
São Pedro da Serra	12,71	0,76	4,74	4,65	47,53	59,85	3,70	2,18
São Pedro das Missões	14,08	3,44	7,53	49,43	88,05	74,17	0,00	17,35
São Pedro do Butiá	12,05	0,63	0,63	11,31	68,71	56,78	0,00	4,65

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
São Pedro do Sul	10,37	3,66	8,57	22,02	52,69	61,18	0,59	10,26
São Sebastião do Caí	12,38	1,43	1,38	3,28	8,46	51,88	1,76	3,89
São Sepé	10,39	3,20	6,67	16,45	22,65	62,00	1,72	9,12
São Valentim	13,92	8,75	13,33	26,75	68,83	70,43	0,00	8,58
São Valentim do Sul	11,89	0,27	6,35	20,81	80,41	63,09	0,00	3,78
São Valério do Sul	24,76	24,90	1,36	55,78	86,26	72,48	4,55	25,31
São Vendelino	11,16	0,16	1,42	3,62	4,09	64,10	6,67	0,47
São Vicente do Sul	13,27	2,25	10,63	22,98	34,60	62,42	0,00	9,82
Sapiranga	12,91	0,89	0,97	0,58	8,30	60,08	1,40	3,94
Sapucaia do Sul	14,05	1,04	1,18	0,43	9,27	45,60	1,11	6,37
Sarandi	12,76	1,71	4,53	9,41	24,60	49,56	1,17	4,17
Seberi	11,37	5,18	7,89	20,75	84,13	65,68	0,00	14,00
Sede Nova	11,74	2,45	4,99	36,40	86,99	73,36	10,53	11,55
Segredo	15,56	9,94	11,79	67,48	91,77	74,06	1,59	17,45
Selbach	10,74	0,78	8,14	12,61	68,64	53,06	2,13	2,83
Senador Salgado Filho	12,16	3,49	1,06	67,76	56,98	71,23	0,00	10,57
Sentinela do Sul	11,68	4,10	11,34	38,30	73,66	74,62	0,00	13,56
Serafina Corrêa	14,80	0,18	6,52	4,34	39,26	49,88	0,00	1,30
Sério	11,91	7,07	8,38	28,14	89,14	84,85	0,00	10,60
Sertão	9,73	2,68	11,62	40,31	75,05	59,35	1,96	6,50
Sertão Santana	12,67	3,93	19,58	11,93	69,58	72,83	0,00	16,00
Sete de Setembro	12,96	6,84	2,28	40,17	78,21	78,12	0,00	15,53
Severiano de Almeida	11,64	1,19	26,29	25,89	39,35	61,72	0,00	6,33
Silveira Martins	13,04	2,83	13,65	8,86	56,83	63,24	13,04	9,10
Sinimbu	16,71	11,79	16,40	34,47	71,81	83,48	2,08	12,05
Sobradinho	11,75	2,37	3,06	13,26	25,83	52,58	0,66	8,18
Soledade	13,39	4,52	4,87	16,60	28,09	53,55	1,10	9,21
Tabaí	9,42	4,74	11,07	12,37	53,88	71,78	1,52	5,64
Tapejara	11,13	0,48	4,19	3,02	31,26	54,27	0,00	2,15
Tapera	12,28	1,53	2,81	8,05	51,89	53,13	0,87	4,88
Tapes	13,11	1,76	1,52	6,69	16,78	61,68	1,20	10,83
Taquara	12,22	1,37	3,35	2,77	16,18	54,58	1,64	4,92
Taquari	10,15	2,35	3,43	2,39	26,19	50,43	0,63	6,79
Taquaruçu do Sul	17,51	3,94	5,25	13,79	69,69	62,33	0,00	8,21
Tavares	9,58	5,96	1,53	25,73	40,91	76,22	0,00	8,51
Tenente Portela	15,74	7,31	3,78	30,25	80,71	60,98	0,61	17,07
Terra de Areia	12,91	1,15	4,65	2,47	78,61	64,81	1,72	8,21
Teutônia	10,55	0,70	0,92	0,84	17,79	54,02	2,02	0,84

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Tio Hugo	10,46	1,40	6,47	28,16	86,95	55,66	2,78	5,61
Tiradentes do Sul	13,01	12,41	13,05	50,11	89,23	71,91	1,49	14,70
Toropi	7,34	7,34	7,25	22,03	99,63	73,89	4,35	15,71
Torres	10,58	0,82	1,32	0,43	35,87	45,72	1,27	5,01
Tramandaí	15,74	1,54	0,87	0,82	39,56	50,36	1,22	8,64
Travesseiro	12,29	0,91	1,81	7,76	92,24	78,81	0,00	2,46
Três Arroios	11,62	0,32	10,24	15,21	28,51	60,80	0,00	3,48
Três Cachoeiras	10,39	1,43	12,64	3,53	49,33	64,20	0,00	4,44
Três Coroas	12,56	1,42	10,50	1,74	11,10	61,80	1,04	2,45
Três de Maio	9,88	1,77	6,42	12,95	82,43	53,10	1,61	4,61
Três Forquilhas	12,66	1,48	19,19	4,55	86,94	74,84	0,00	12,36
Três Palmeiras	14,88	5,19	2,18	46,25	71,51	73,17	0,00	13,05
Três Passos	8,39	2,50	6,73	5,17	56,70	49,28	1,32	5,52
Trindade do Sul	11,87	6,86	3,38	26,56	73,59	67,37	0,00	17,20
Triunfo	13,52	4,94	10,59	2,98	42,37	55,25	1,70	7,55
Tucunduva	9,19	1,07	3,40	6,51	92,85	57,28	0,00	4,81
Tunas	16,09	17,46	9,13	70,00	90,43	74,51	4,35	17,83
Tupanci do Sul	8,79	3,74	14,95	28,60	44,67	64,76	0,00	18,88
Tupanciretã	13,49	3,34	5,26	19,65	55,82	57,13	0,63	11,33
Tupandi	12,58	0,63	1,48	1,72	7,97	63,79	2,50	0,94
Tuparendi	8,74	1,43	3,88	26,99	85,59	61,64	4,41	5,25
Turuçu	18,72	9,87	14,62	31,66	50,74	81,55	0,00	13,78
Ubiretama	14,05	3,17	1,10	77,69	86,78	73,49	0,00	4,82
União da Serra	18,34	0,66	12,88	64,41	23,58	74,70	0,00	3,06
Unistalda	12,98	9,13	26,08	56,85	98,20	75,35	0,00	15,87
Uruguaiana	20,45	3,35	1,75	4,85	17,92	42,84	1,20	10,28
Vacaria	14,66	1,82	1,41	3,22	11,72	50,51	1,92	5,64
Vale Verde	10,22	4,98	30,58	31,62	49,66	76,71	6,90	13,06
Vale do Sol	15,77	5,07	12,88	21,06	52,39	81,09	0,00	13,05
Vale Real	11,91	0,36	4,51	2,11	74,13	56,35	0,00	1,50
Vanini	14,02	0,00	0,31	24,88	25,20	65,68	0,00	4,09
Venâncio Aires	9,89	2,70	5,95	12,25	14,22	58,58	1,12	4,19
Vera Cruz	12,31	2,59	2,10	7,49	25,81	57,47	1,67	5,94
Veranópolis	11,42	0,36	4,63	3,74	6,87	49,50	1,98	1,90
Vespasiano Correa	17,04	0,64	2,57	8,52	66,08	75,49	0,00	2,57
Viadutos	13,25	2,90	8,25	18,32	51,19	69,56	0,00	9,56
Viamão	17,12	1,39	1,88	1,68	23,82	45,94	0,94	7,45
Vicente Dutra	14,14	10,30	5,47	52,56	53,43	75,14	0,00	24,51

(continua)

(continuação)

Dimensões	Habitação e Saneamento					Educação	Saúde	Renda Mensal Domiciliar <i>per capita</i>
	Município / Privações	Moradores	Banheiro/Sanitário	Água Potável	Tratamento do Lixo	Esgoto	S/ Instrução ou Fund. Inc. (25 anos ou +)	TMI (100)
	5 ou mais	C/ Sanit. ou S/ Banh. ou Sanit.	S/ Água Potável	Não Coletado	Não Tratado			
Victor Graeff	9,51	0,48	0,67	26,42	74,93	61,04	0,00	2,02
Vila Flores	16,78	0,20	8,09	28,72	37,51	63,67	0,00	2,33
Vila Lângaro	12,37	0,44	5,30	15,76	50,96	77,45	0,00	5,15
Vila Maria	12,51	0,22	1,34	1,12	42,22	60,44	0,00	0,89
Vila Nova do Sul	10,11	3,66	15,70	36,46	52,96	64,01	0,00	13,97
Vista Alegre	14,04	2,72	17,44	45,87	79,95	61,53	0,00	10,65
Vista Alegre do Prata	18,86	1,48	3,18	58,47	64,19	62,44	0,00	2,33
Vista Gaúcha	10,88	1,16	7,39	57,23	73,07	63,48	3,85	6,23
Vitória das Missões	10,60	5,55	0,76	77,63	74,43	79,92	0,00	15,64
Westfalia	17,65	1,61	5,77	3,23	3,00	66,80	0,00	1,15
Xangri-lá	17,48	0,83	1,86	0,65	85,73	50,51	0,52	4,58

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

APÊNDICE B – Índices municipais (por dimensão)

Tabela 7 – Índices municipais por dimensão

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Aceguá	27,37	66,62	2,04	11,81
Água Santa	19,48	68,68	2,08	7,12
Agudo	18,85	67,52	0,60	5,95
Ajuricaba	26,60	62,93	4,29	4,56
Alecrim	22,48	76,00	0,00	15,58
Alegrete	10,55	47,58	0,63	7,82
Alegria	33,00	72,04	0,00	12,81
Almirante Tamandaré do Sul	27,69	66,50	0,00	4,95
Alpestre	36,44	76,41	1,14	17,05
Alto Alegre	28,86	65,31	0,00	7,54
Alto Feliz	10,13	65,84	0,00	2,90
Alvorada	6,68	47,15	1,34	8,20
Amaral Ferrador	33,72	78,85	1,33	15,28
Ametista do Sul	28,54	69,84	2,44	15,06
André da Rocha	18,07	64,48	0,00	5,41
Anta Gorda	19,10	71,00	0,00	2,18
Antônio Prado	7,26	55,33	1,54	2,15
Arambaré	10,34	60,48	3,45	9,02
Araricá	8,61	71,15	1,52	9,30
Aratiba	14,08	67,26	2,56	4,99
Arroio do Meio	12,96	54,91	1,62	1,59
Arroio do Sal	11,73	52,90	0,00	5,48
Arroio do Padre	30,54	81,04	0,00	17,66
Arroio dos Ratos	10,43	55,77	1,82	8,07
Arroio do Tigre	25,63	70,24	1,42	11,76
Arroio Grande	11,07	63,56	1,03	11,86
Arvorezinha	20,06	70,50	0,00	8,10
Augusto Pestana	24,50	66,18	1,82	3,59
Áurea	22,09	76,80	2,70	5,75
Bagé	6,83	44,27	0,77	8,60
Balneário Pinhal	9,68	56,91	1,49	11,13
Barão	18,44	60,05	2,22	1,41
Barão de Cotegipe	19,16	65,63	0,00	5,39
Barão do Triunfo	37,76	85,85	0,00	22,13
Barracão	21,16	67,56	0,00	12,51
Barra do Guarita	32,40	59,59	0,00	10,07
Barra do Quaraí	17,57	53,22	1,33	18,48
Barra do Ribeiro	10,59	57,58	0,00	9,15
Barra do Rio Azul	28,00	72,31	0,00	6,13
Barra Funda	18,13	59,97	0,00	2,92

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Barros Cassal	35,48	74,12	0,70	16,61
Benjamin Constant do Sul	29,57	74,46	0,00	24,32
Bento Gonçalves	5,42	42,77	0,79	1,76
Boa Vista das Missões	28,34	70,85	3,85	11,66
Boa Vista do Buricá	23,78	53,48	1,61	1,93
Boa Vista do Cadeado	34,81	69,24	9,52	9,26
Boa Vista do Incra	36,04	59,61	0,00	8,24
Boa Vista do Sul	26,36	76,93	0,00	2,62
Bom Jesus	13,79	63,71	3,29	12,73
Bom Princípio	9,94	54,28	1,45	0,99
Bom Progresso	26,52	63,52	0,00	14,07
Bom Retiro do Sul	7,90	56,77	3,97	2,65
Boqueirão do Leão	31,63	65,48	3,33	11,63
Bossoroca	27,83	62,86	1,18	16,92
Bozano	27,75	68,84	12,00	4,99
Braga	32,60	69,97	0,00	19,49
Brochier	17,72	74,84	0,00	4,97
Butiá	10,34	61,63	2,46	9,53
Caçapava do Sul	17,28	57,70	1,22	10,07
Cacequi	17,84	55,27	0,63	10,79
Cachoeira do Sul	17,64	50,30	1,71	7,30
Cachoeirinha	3,99	37,39	0,77	5,32
Cacique Doble	26,88	74,51	0,00	17,48
Caibaté	24,88	61,82	2,22	9,36
Caíçara	27,64	73,22	0,00	10,80
Camaquã	9,43	60,34	1,10	9,03
Camargo	14,83	68,22	0,00	2,51
Cambará do Sul	14,13	60,15	1,33	6,36
Campestre da Serra	18,00	71,72	2,70	3,36
Campina das Missões	18,85	62,19	1,89	8,94
Campinas do Sul	6,09	59,40	2,17	7,23
Campo Bom	3,69	53,33	1,20	2,92
Campo Novo	24,69	60,75	0,00	13,88
Campos Borges	32,20	64,65	2,94	8,24
Candelária	15,70	67,06	0,97	10,75
Cândido Godói	29,77	68,27	0,00	6,67
Candiota	15,42	52,05	1,64	13,65
Canela	6,20	48,46	0,91	6,04
Canguçu	29,96	75,91	1,43	16,79
Canoas	5,00	38,25	0,82	6,04
Canudos do Vale	21,63	77,27	10,00	11,33
Capão Bonito do Sul	38,27	75,55	17,65	14,36

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Capão da Canoa	10,89	44,73	1,17	5,72
Capão do Cipó	32,09	74,91	2,17	20,80
Capão do Leão	9,79	64,55	7,79	11,19
Capivari do Sul	8,06	47,90	0,00	7,53
Capela de Santana	6,97	68,27	1,38	6,53
Capitão	24,56	65,59	0,00	1,29
Carazinho	13,30	42,34	1,13	5,91
Caraá	11,15	78,13	0,00	13,47
Carlos Barbosa	8,09	46,86	1,13	0,65
Carlos Gomes	30,64	68,24	0,00	7,63
Casca	18,57	52,59	0,00	5,83
Caseiros	21,04	70,01	0,00	11,09
Catuípe	25,25	62,57	1,25	6,39
Caxias do Sul	4,41	36,86	1,22	2,76
Centenário	20,90	76,74	5,56	10,50
Cerrito	23,60	71,89	1,49	18,04
Cerro Branco	14,70	78,36	0,00	12,70
Cerro Grande	31,19	75,11	10,00	18,78
Cerro Grande do Sul	31,49	72,04	0,00	17,13
Cerro Largo	15,51	55,02	0,68	3,12
Chapada	24,09	62,50	1,20	3,12
Charqueadas	5,16	42,33	0,00	5,71
Charrua	36,92	82,55	0,00	12,70
Chiapetta	25,50	61,75	0,00	9,84
Chuí	7,60	41,75	1,12	13,61
Chuívisca	39,08	83,88	1,59	15,73
Cidreira	14,07	45,81	1,47	7,64
Ciríaco	21,37	64,26	9,68	7,97
Colinas	12,33	60,71	0,00	2,12
Colorado	25,72	62,36	2,86	4,18
Condor	23,03	61,71	0,00	7,25
Constantina	20,82	63,34	0,00	13,42
Coqueiro Baixo	32,32	77,25	0,00	8,43
Coqueiros do Sul	26,98	69,89	0,00	8,46
Coronel Barros	19,01	71,58	0,00	3,89
Coronel Bicaco	32,46	67,62	2,08	17,59
Coronel Pilar	31,79	69,28	5,26	4,99
Cotiporã	12,38	67,67	0,00	3,61
Coxilha	22,44	67,76	0,00	7,27
Crissiumal	27,95	66,66	0,00	7,85
Cristal	12,31	74,09	1,25	9,46
Cristal do Sul	34,55	76,49	0,00	19,60

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Cruz Alta	16,45	44,22	1,26	7,34
Cruzaltense	25,93	73,58	4,76	9,69
Cruzeiro do Sul	19,27	62,36	0,79	3,91
David Canabarro	14,93	62,01	2,38	3,91
Derrubadas	26,26	69,73	2,86	21,90
Dezesseis de Novembro	25,50	68,73	0,00	21,07
Dilermando de Aguiar	22,38	77,82	0,00	15,22
Dois Irmãos	2,96	47,30	1,32	1,41
Dois Irmãos das Missões	31,46	67,81	3,23	23,39
Dois Lajeados	16,85	67,29	0,00	3,70
Dom Feliciano	35,67	83,67	0,56	21,15
Dom Pedro de Alcântara	17,75	70,58	0,00	9,24
Dom Pedrito	8,18	56,14	0,85	8,81
Dona Francisca	19,34	64,16	3,45	11,30
Doutor Maurício Cardoso	29,83	72,21	0,00	10,12
Doutor Ricardo	26,14	76,54	0,00	2,80
Eldorado do Sul	6,80	46,04	0,61	9,06
Encantado	5,87	50,23	1,88	4,52
Encruzilhada do Sul - RS	17,92	69,41	0,00	15,82
Engenho Velho	28,64	64,45	0,00	15,47
Entre-Ijuís	31,00	68,20	0,00	8,98
Entre Rios do Sul	11,72	69,93	0,00	10,37
Erebango	26,37	60,13	0,00	8,02
Erechim	4,86	40,97	1,44	3,15
Ernestina	23,83	63,96	0,00	3,70
Herval	17,65	63,88	1,10	19,22
Erval Grande	21,37	76,40	3,33	9,45
Erval Seco	30,30	69,02	0,00	19,93
Esmeralda	16,19	61,06	0,00	12,18
Esperança do Sul	36,78	79,14	0,00	16,81
Espumoso	16,85	51,66	1,24	7,17
Estação	13,40	51,55	0,00	3,26
Estância Velha	4,36	50,98	0,76	3,03
Esteio	4,89	38,21	0,86	4,68
Estrela	6,04	46,97	0,60	1,59
Estrela Velha	33,59	73,00	0,00	15,49
Eugênio de Castro	29,30	68,33	0,00	12,11
Fagundes Varela	19,45	66,18	0,00	1,31
Farroupilha	6,60	44,75	1,83	2,66
Faxinal do Soturno	15,33	57,41	0,00	7,41
Faxinalzinho	21,03	65,41	0,00	15,71
Fazenda Vilanova	16,91	69,51	6,52	4,17

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Feliz	9,57	54,33	0,00	1,32
Flores da Cunha	9,38	53,64	0,66	1,56
Floriano Peixoto	34,73	83,12	0,00	12,25
Fontoura Xavier	40,27	71,46	0,00	15,36
Formigueiro	26,62	66,69	0,00	13,20
Forquethina	22,57	77,06	0,00	4,06
Fortaleza dos Valos	26,68	57,08	0,00	7,05
Frederico Westphalen	12,56	51,18	5,71	6,18
Garibaldi	7,51	46,74	1,44	1,42
Garruchos	34,73	67,01	3,13	18,35
Gaurama	20,30	62,15	2,17	5,48
General Câmara	18,83	63,62	1,02	10,46
Gentil	26,97	66,64	0,00	6,61
Getúlio Vargas	13,29	52,72	3,82	4,21
Giruí	25,99	59,40	0,00	8,91
Glorinha	11,75	60,18	1,39	7,24
Gramado	4,70	47,07	0,56	2,39
Gramado dos Loureiros	17,37	65,71	0,00	14,68
Gramado Xavier	38,37	81,73	1,61	22,14
Gravataí	6,78	42,71	1,00	6,47
Guabiju	9,87	69,10	0,00	1,51
Guaíba	5,98	44,20	0,71	6,96
Guaporé	5,95	54,84	0,83	2,18
Guarani das Missões	29,26	61,37	1,35	7,45
Harmonia	14,52	54,60	0,00	1,62
Herveiras	39,37	84,24	0,00	14,19
Horizontalina	15,31	45,93	0,00	2,96
Hulha Negra	24,99	64,58	1,04	18,90
Humaitá	22,22	63,81	0,00	3,72
Ibarama	26,27	78,08	2,08	13,05
Ibiaçá	19,60	67,55	0,00	4,68
Ibiraiaras	19,24	65,83	2,74	6,40
Ibirapuitã	28,08	76,72	0,00	12,70
Ibirubá	22,43	54,91	0,00	2,53
Igrejinha	5,68	60,70	0,77	2,58
Ijuí	12,70	45,72	0,98	5,06
Ilópolis	17,70	69,93	3,23	7,13
Imbé	6,63	45,26	0,50	6,80
Imigrante	18,10	69,37	5,00	2,16
Independência	28,89	68,26	0,00	8,64
Inhacorá	21,01	72,86	0,00	12,43
Ipê	13,41	63,81	0,00	5,18

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Ipiranga do Sul	24,81	66,08	0,00	2,93
Iraí	30,08	63,95	4,30	17,19
Itaara	14,56	48,02	4,35	7,94
Itacurubi	32,33	69,44	0,00	21,81
Itapuca	38,69	78,38	0,00	11,03
Itaqui	13,90	52,40	1,25	9,86
Itati	28,90	71,74	0,00	14,40
Itatiba do Sul	25,25	72,68	3,23	15,61
Ivorá	13,43	66,92	0,00	8,03
Ivoti	8,32	44,22	2,33	1,32
Jaboticaba	33,33	75,20	0,00	23,31
Jacuizinho	42,30	78,05	0,00	24,26
Jacutinga	16,80	67,81	0,00	4,59
Jaguarão	11,42	53,95	1,64	8,73
Jaguari	28,18	62,07	1,33	9,29
Jaquirana	22,62	72,78	1,92	16,62
Jari	40,08	77,57	0,00	23,53
Jóia	31,24	65,32	1,11	15,58
Júlio de Castilhos	17,35	57,36	1,17	10,84
Lagoa Bonita do Sul	34,61	71,51	3,57	12,65
Lagoão	43,14	77,47	2,67	17,13
Lagoa dos Três Cantos	18,38	53,10	0,00	4,31
Lagoa Vermelha	8,99	54,49	0,98	7,51
Lajeado	7,00	43,41	0,98	1,73
Lajeado do Bugre	39,08	78,54	0,00	35,16
Lavras do Sul	15,08	57,15	0,00	12,32
Liberato Salzano	37,09	72,12	1,79	12,53
Lindolfo Collor	9,32	66,98	0,00	3,15
Linha Nova	16,12	63,43	6,67	8,04
Machadinho	14,89	68,17	0,00	11,96
Maçambará	29,39	66,58	6,15	11,55
Mampituba	19,25	77,96	0,00	16,68
Manoel Viana	25,66	63,65	1,33	11,26
Maquiné	13,46	70,83	2,27	6,68
Maratá	9,67	72,84	6,67	3,10
Marau	6,92	44,44	0,69	3,18
Marcelino Ramos	16,26	62,94	2,17	7,67
Mariana Pimentel	19,76	73,09	2,78	11,30
Mariano Moro	13,11	65,38	0,00	4,49
Marques de Souza	18,56	73,73	0,00	3,97
Mata	26,19	73,49	1,72	14,21
Mato Castelhano	20,72	65,32	0,00	6,59

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Mato Leitão	7,31	60,02	2,70	2,95
Mato Queimado	27,39	70,24	0,00	8,06
Maximiliano de Almeida	25,09	68,39	2,08	10,56
Minas do Leão	9,91	66,46	2,13	9,43
Miraguaí	28,14	69,84	2,00	15,68
Montauri	19,27	67,24	0,00	0,85
Monte Alegre dos Campos	38,42	78,55	0,00	20,24
Monte Belo do Sul	23,15	66,12	0,00	4,72
Montenegro	5,57	45,52	1,52	5,16
Mormaço	21,93	68,31	0,00	10,47
Morrinhos do Sul	21,63	71,93	0,00	8,91
Morro Redondo	16,62	67,90	0,00	10,03
Morro Reuter	6,28	54,78	5,45	2,02
Mostardas	9,27	71,31	1,38	12,43
Muçum	11,89	60,23	0,00	2,79
Muitos Capões	26,69	62,31	0,00	7,51
Muliterno	25,22	75,85	0,00	9,38
Não-Me-Toque	14,01	49,36	0,59	2,72
Nicolau Vergueiro	29,19	69,73	0,00	5,99
Nonoai	24,78	59,18	1,20	11,66
Nova Alvorada	24,38	65,89	0,00	6,83
Nova Araçá	11,96	54,63	0,00	1,00
Nova Bassano	17,47	59,37	1,12	1,17
Nova Boa Vista	23,51	63,24	0,00	1,80
Nova Bréscia	21,64	64,92	0,00	2,95
Nova Candelária	11,86	69,57	0,00	5,25
Nova Esperança do Sul	23,94	59,10	0,00	3,96
Nova Hartz	4,16	62,93	2,76	4,65
Nova Pádua	11,32	60,70	0,00	0,55
Nova Palma	18,81	50,59	0,00	11,20
Nova Petrópolis	6,21	53,34	2,31	1,77
Nova Prata	9,08	47,51	0,43	1,82
Nova Ramada	32,93	71,66	5,26	7,54
Nova Roma do Sul - RS	20,17	71,60	0,00	1,93
Nova Santa Rita	11,68	52,23	1,17	7,51
Novo Cabrais	17,70	77,85	0,00	9,79
Novo Hamburgo	4,50	48,25	0,86	5,55
Novo Machado	27,69	77,04	2,56	14,06
Novo Tiradentes	34,17	75,98	7,69	11,65
Novo Xingu	23,72	59,38	5,26	3,48
Novo Barreiro	31,71	73,98	3,77	12,47
Osório	9,32	47,90	0,21	4,67

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Paim Filho	22,08	71,37	0,00	8,94
Palmares do Sul	5,49	57,35	5,45	9,50
Palmeira das Missões	20,37	52,22	2,31	10,64
Palmitinho	24,08	64,78	5,88	12,61
Panambi	11,98	48,30	0,84	3,38
Pantano Grande	8,39	65,95	0,75	11,07
Paráí	13,76	56,28	0,00	1,54
Paraíso do Sul	21,68	73,76	0,00	7,73
Pareci Novo	4,15	59,48	0,00	3,74
Parobé	5,92	62,55	1,20	4,84
Passa Sete	40,98	78,84	0,00	19,31
Passo do Sobrado	18,30	71,61	0,00	12,08
Passo Fundo	11,75	36,51	1,40	4,64
Paulo Bento	30,76	75,65	4,35	2,72
Paverama	18,92	73,78	1,12	3,44
Pedras Altas	25,99	69,99	0,00	22,03
Pedro Osório	16,03	58,19	0,00	13,19
Pejuçara	27,01	61,34	0,00	5,45
Pelotas	6,89	45,55	1,13	8,07
Picada Café	6,28	55,90	0,00	1,96
Pinhal	13,50	66,52	0,00	10,39
Pinhal da Serra	29,66	73,29	0,00	20,13
Pinhal Grande	23,00	67,76	2,33	20,10
Pinheirinho do Vale	32,93	64,61	6,52	15,64
Pinheiro Machado	11,99	61,40	0,70	13,67
Pirapó	25,34	78,66	0,00	20,17
Piratini	21,38	67,87	2,38	14,97
Planalto	24,96	66,29	3,03	14,42
Poço das Antas	3,28	68,40	0,00	2,75
Pontão	30,71	61,09	0,00	9,50
Ponte Preta	29,05	75,10	44,44	4,03
Portão	5,36	56,29	0,48	5,91
Porto Alegre	3,75	26,24	0,96	5,10
Porto Lucena	28,51	70,95	0,00	10,47
Porto Mauá	17,55	68,64	0,00	13,93
Porto Vera Cruz	20,44	72,99	0,00	11,71
Porto Xavier	20,51	64,26	2,27	12,05
Pouso Novo	30,24	72,07	0,00	9,95
Presidente Lucena	8,24	59,05	0,00	2,15
Progresso	30,55	78,98	2,00	6,27
Protásio Alves	14,70	72,53	0,00	3,83
Putinga	19,49	72,84	0,00	6,78

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Quaraí	8,82	52,27	1,79	12,85
Quatro Irmãos	22,24	69,95	0,00	9,98
Quevedos	37,59	74,64	0,00	18,11
Quinze de Novembro	21,04	61,65	0,00	2,21
Redentora	46,79	70,80	1,06	36,82
Relvado	21,78	75,69	0,00	4,30
Restinga Seca	17,64	62,77	0,70	9,92
Rio dos Índios	43,40	73,26	0,00	17,44
Rio Grande	5,87	44,75	1,15	7,50
Rio Pardo	11,59	57,52	2,16	13,53
Riozinho	17,17	80,19	0,00	5,66
Roca Sales	8,23	64,04	0,85	2,42
Rodeio Bonito	23,17	63,81	3,08	5,77
Rolador	25,99	70,48	5,00	13,89
Rolante	11,80	70,13	1,39	3,54
Ronda Alta	19,66	64,25	0,00	8,53
Rondinha	22,23	65,41	0,00	4,01
Roque Gonzales	25,93	66,64	0,00	13,30
Rosário do Sul	13,78	55,80	0,67	9,73
Sagrada Família	31,79	72,24	0,00	18,41
Saldanha Marinho	23,29	56,11	11,54	2,98
Salto do Jacuí	20,02	59,95	0,65	11,86
Salvador das Missões	16,59	57,31	0,00	3,81
Salvador do Sul	6,70	58,71	0,00	1,37
Sananduva	14,66	60,93	1,41	3,21
Santa Bárbara do Sul	20,51	56,02	3,19	7,42
Santa Cecília do Sul	23,91	75,18	15,38	5,45
Santa Clara do Sul	13,76	57,09	0,00	1,93
Santa Cruz do Sul	5,14	41,90	0,40	4,15
Santa Maria	6,96	35,09	1,28	5,56
Santa Maria do Herval	14,32	73,25	2,50	1,82
Santa Margarida do Sul	25,31	74,21	0,00	10,12
Santana da Boa Vista	29,10	75,55	1,33	22,62
Sant'Ana do Livramento	10,09	45,15	1,28	10,67
Santa Rosa	16,07	45,44	1,21	3,81
Santa Tereza	7,29	65,59	0,00	2,46
Santa Vitória do Palmar	8,38	56,20	2,71	11,54
Santiago	9,65	46,60	1,72	5,42
Santo Ângelo	18,05	46,35	1,12	5,74
Santo Antônio do Palma	21,59	66,69	0,00	4,89
Santo Antônio da Patrulha	12,84	61,29	1,85	6,25
Santo Antônio das Missões	30,10	65,20	1,48	13,51

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Santo Antônio do Planalto	22,71	60,21	5,00	6,05
Santo Augusto	23,47	58,81	0,00	8,45
Santo Cristo	20,41	61,23	0,00	4,02
Santo Expedito do Sul	17,42	64,67	5,88	9,99
São Borja	14,09	51,78	1,06	10,90
São Domingos do Sul	12,52	56,81	0,00	1,27
São Francisco de Assis	25,76	68,74	1,59	13,59
São Francisco de Paula	15,99	62,76	2,23	9,01
São Gabriel	13,70	57,07	1,01	10,34
São Jerônimo	14,95	58,08	0,72	11,76
São João da Urtiga	22,78	73,24	0,00	7,38
São João do Polêsine	29,59	50,06	5,88	3,51
São Jorge	13,19	68,01	5,00	2,09
São José das Missões	33,60	81,42	0,00	16,06
São José do Herval	30,32	66,32	0,00	14,95
São José do Hortêncio	4,28	66,08	0,00	1,11
São José do Inhacorá	9,17	63,12	0,00	4,27
São José do Norte	15,34	74,39	1,66	13,11
São José do Ouro	13,72	55,73	0,00	7,33
São José do Sul	8,64	64,89	0,00	1,43
São José dos Ausentes	23,71	66,77	0,00	16,07
São Leopoldo	4,42	43,30	1,08	5,72
São Lourenço do Sul	21,46	69,08	1,32	7,90
São Luiz Gonzaga	13,39	52,49	1,29	8,99
São Marcos	7,00	52,38	0,45	2,18
São Martinho	25,61	61,54	0,00	6,31
São Martinho da Serra	39,36	74,53	3,57	17,54
São Miguel das Missões	30,63	71,99	2,11	14,44
São Nicolau	25,53	72,77	3,45	16,10
São Paulo das Missões	30,48	70,55	0,00	9,10
São Pedro da Serra	14,08	59,85	3,70	2,18
São Pedro das Missões	32,50	74,17	0,00	17,35
São Pedro do Butiá	18,67	56,78	0,00	4,65
São Pedro do Sul	19,46	61,18	0,59	10,26
São Sebastião do Caí	5,39	51,88	1,76	3,89
São Sepé	11,87	62,00	1,72	9,12
São Valentim	26,32	70,43	0,00	8,58
São Valentim do Sul	23,95	63,09	0,00	3,78
São Valério do Sul	38,61	72,48	4,55	25,31
São Vendelino	4,09	64,10	6,67	0,47
São Vicente do Sul	16,75	62,42	0,00	9,82
Sapiranga	4,73	60,08	1,40	3,94

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Sapucaia do Sul	5,19	45,60	1,11	6,37
Sarandi	10,60	49,56	1,17	4,17
Seberi	25,87	65,68	0,00	14,00
Sede Nova	28,51	73,36	10,53	11,55
Segredo	39,31	74,06	1,59	17,45
Selbach	20,18	53,06	2,13	2,83
Senador Salgado Filho	28,29	71,23	0,00	10,57
Sentinela do Sul	27,81	74,62	0,00	13,56
Serafina Corrêa	13,02	49,88	0,00	1,30
Sério	28,93	84,85	0,00	10,60
Sertão	27,88	59,35	1,96	6,50
Sertão Santana	23,54	72,83	0,00	16,00
Sete de Setembro	28,09	78,12	0,00	15,53
Severiano de Almeida	20,87	61,72	0,00	6,33
Silveira Martins	19,04	63,24	13,04	9,10
Sinimbu	30,24	83,48	2,08	12,05
Sobradinho	11,25	52,58	0,66	8,18
Soledade	13,50	53,55	1,10	9,21
Tabaí	18,30	71,78	1,52	5,64
Tapejara	10,02	54,27	0,00	2,15
Tapera	15,31	53,13	0,87	4,88
Tapes	7,97	61,68	1,20	10,83
Taquara	7,18	54,58	1,64	4,92
Taquari	8,90	50,43	0,63	6,79
Taquaruçu do Sul	22,04	62,33	0,00	8,21
Tavares	16,74	76,22	0,00	8,51
Tenente Portela	27,56	60,98	0,61	17,07
Terra de Areia	19,96	64,81	1,72	8,21
Teutônia	6,16	54,02	2,02	0,84
Tio Hugo	26,69	55,66	2,78	5,61
Tiradentes do Sul	35,56	71,91	1,49	14,70
Toropi	28,72	73,89	4,35	15,71
Torres	9,80	45,72	1,27	5,01
Tramandaí	11,71	50,36	1,22	8,64
Travesseiro	23,00	78,81	0,00	2,46
Três Arroios	13,18	60,80	0,00	3,48
Três Cachoeiras	15,46	64,20	0,00	4,44
Três Coroas	7,46	61,80	1,04	2,45
Três de Maio	22,69	53,10	1,61	4,61
Três Forquilhas	24,97	74,84	0,00	12,36
Três Palmeiras	28,00	73,17	0,00	13,05
Três Passos	15,90	49,28	1,32	5,52

(continua)

(continuação)

Município / Dimensões	Habitação e Saneamento	Educação	Saúde	Renda
Trindade do Sul	24,45	67,37	0,00	17,20
Triunfo	14,88	55,25	1,70	7,55
Tucunduva	22,61	57,28	0,00	4,81
Tunas	40,62	74,51	4,35	17,83
Tupanci do Sul	20,15	64,76	0,00	18,88
Tupanciretã	19,51	57,13	0,63	11,33
Tupandi	4,88	63,79	2,50	0,94
Tuparendi	25,33	61,64	4,41	5,25
Turuçu	25,12	81,55	0,00	13,78
Ubiretama	36,56	73,49	0,00	4,82
União da Serra	23,97	74,70	0,00	3,06
Unistalda	40,65	75,35	0,00	15,87
Uruguaiana	9,66	42,84	1,20	10,28
Vacaria	6,56	50,51	1,92	5,64
Vale Verde	25,41	76,71	6,90	13,06
Vale do Sol	21,43	81,09	0,00	13,05
Vale Real	18,60	56,35	0,00	1,50
Vanini	12,88	65,68	0,00	4,09
Venâncio Aires	9,00	58,58	1,12	4,19
Vera Cruz	10,06	57,47	1,67	5,94
Veranópolis	5,40	49,50	1,98	1,90
Vespasiano Correa	18,97	75,49	0,00	2,57
Viadutos	18,78	69,56	0,00	9,56
Viamão	9,18	45,94	0,94	7,45
Vicente Dutra	27,18	75,14	0,00	24,51
Victor Graeff	22,40	61,04	0,00	2,02
Vila Flores	18,26	63,67	0,00	2,33
Vila Lângaro	16,97	77,45	0,00	5,15
Vila Maria	11,48	60,44	0,00	0,89
Vila Nova do Sul	23,78	64,01	0,00	13,97
Vista Alegre	32,00	61,53	0,00	10,65
Vista Alegre do Prata	29,24	62,44	0,00	2,33
Vista Gaúcha	29,95	63,48	3,85	6,23
Vitória das Missões	33,79	79,92	0,00	15,64
Westfalia	6,25	66,80	0,00	1,15
Xangri-lá	21,31	50,51	0,52	4,58

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

APÊNDICE C – Índices municipais de pobreza e desenvolvimento

Tabela 8 – Índices municipais de pobreza e desenvolvimento

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Aceguá	47,45	47,23	11,81	0,687
Água Santa	48,64	47,98	7,12	0,750
Agudo	47,82	47,15	5,95	0,694
Ajuricaba	44,85	44,71	4,56	0,753
Alecrim	53,86	53,14	15,58	0,672
Alegrete	33,67	33,11	7,82	0,740
Alegria	51,50	51,50	12,81	0,695
Almirante Tamandaré do Sul	47,37	47,19	4,95	0,740
Alpestre	54,75	54,83	17,05	0,671
Alto Alegre	46,62	46,55	7,54	0,747
Alto Feliz	46,56	45,71	2,90	0,734
Alvorada	33,35	32,73	8,20	0,699
Amaral Ferrador	56,23	56,06	15,28	0,624
Ametista do Sul	49,75	49,50	15,06	0,682
André da Rocha	45,67	45,03	5,41	0,720
Anta Gorda	50,27	49,55	2,18	0,740
Antônio Prado	39,13	38,39	2,15	0,758
Arambaré	42,78	42,01	9,02	0,691
Araricá	50,32	49,36	9,30	0,679
Aratiba	47,58	46,78	4,99	0,772
Arroio do Meio	38,86	38,24	1,59	0,769
Arroio do Sal	37,43	36,81	5,48	0,669
Arroio do Padre	57,62	57,17	17,66	0,740
Arroio dos Ratos	39,45	38,75	8,07	0,698
Arroio do Tigre	49,90	49,48	11,76	0,707
Arroio Grande	44,97	44,15	11,86	0,657
Arvorezinha	49,93	49,25	8,10	0,694
Augusto Pestana	47,02	46,65	3,59	0,743
Áurea	54,40	53,67	5,75	0,707
Bagé	31,32	30,73	8,60	0,740
Balneário Pinhal	40,27	39,53	11,13	0,696
Barão	42,56	42,04	1,41	0,719
Barão de Cotegipe	46,49	45,88	5,39	0,610
Barão do Triunfo	61,33	61,17	22,13	0,748
Barracão	47,90	47,32	12,51	0,710
Barra do Guarita	43,03	43,42	10,07	0,734
Barra do Quaraí	37,88	37,34	18,48	0,662
Barra do Ribeiro	40,73	40,01	9,15	0,670
Barra do Rio Azul	51,42	51,09	6,13	0,723

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Barra Funda	42,50	41,96	2,92	0,763
Barros Cassal	53,11	53,20	16,61	0,650
Benjamin Constant do Sul	53,12	52,68	24,32	0,619
Bento Gonçalves	30,24	29,67	1,76	0,778
Boa Vista das Missões	50,42	50,15	11,66	0,676
Boa Vista do Buricá	38,18	38,14	1,93	0,762
Boa Vista do Cadeado	49,73	50,00	9,26	0,703
Boa Vista do Incra	43,50	44,18	8,24	0,731
Boa Vista do Sul	54,58	54,05	2,62	0,728
Bom Jesus	45,09	44,32	12,73	0,666
Bom Princípio	38,39	37,71	0,99	0,746
Bom Progresso	45,28	45,08	14,07	0,723
Bom Retiro do Sul	40,14	39,40	2,65	0,739
Boqueirão do Leão	46,93	47,05	11,63	0,700
Bossoroca	44,92	44,81	16,92	0,692
Bozano	49,01	48,84	4,99	0,745
Braga	50,12	50,10	19,49	0,674
Brochier	52,96	52,12	4,97	0,699
Butiá	43,60	42,80	9,53	0,689
Caçapava do Sul	40,89	40,36	10,07	0,704
Cacequi	39,20	38,75	10,79	0,700
Cachoeira do Sul	35,71	35,37	7,30	0,742
Cachoeirinha	26,45	25,94	5,32	0,757
Cacique Doble	52,95	52,46	17,48	0,662
Caibaté	44,00	43,78	9,36	0,719
Caiçara	52,04	51,66	10,80	0,699
Camaquã	42,68	41,89	9,03	0,697
Camargo	48,27	47,47	2,51	0,736
Cambará do Sul	42,57	41,89	6,36	0,697
Campestre da Serra	50,76	49,99	3,36	0,706
Campina das Missões	44,07	43,51	8,94	0,738
Campinas do Sul	42,00	41,20	7,23	0,760
Campo Bom	37,71	36,98	2,92	0,745
Campo Novo	43,27	43,04	13,88	0,703
Campos Borges	46,40	46,60	8,24	0,708
Candelária	47,46	46,69	10,75	0,674
Cândido Godói	48,70	48,61	6,67	0,728
Candiota	36,92	36,40	13,65	0,698
Canela	34,27	33,62	6,04	0,748
Canguçu	54,03	53,69	16,79	0,650
Canoas	27,05	26,54	6,04	0,750
Canudos do Vale	54,73	54,01	11,33	0,713

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Capão Bonito do Sul	54,34	54,77	14,36	0,637
Capão da Canoa	31,66	31,16	5,72	0,743
Capão do Cipó	53,49	53,27	20,80	0,672
Capão do Leão	45,66	44,83	11,19	0,637
Capivari do Sul	33,88	33,27	7,53	0,661
Capela de Santana	48,28	47,35	6,53	0,746
Capitão	46,60	46,26	1,29	0,766
Carazinho	30,01	29,65	5,91	0,652
Caraá	55,26	54,22	13,47	0,766
Carlos Barbosa	33,14	32,55	0,65	0,796
Carlos Gomes	48,73	48,70	7,63	0,739
Casca	37,33	36,99	5,83	0,785
Caseiros	49,61	48,97	11,09	0,703
Catuípe	44,54	44,32	6,39	0,739
Caxias do Sul	26,06	25,57	2,76	0,782
Centenário	54,34	53,57	10,50	0,701
Cerrito	51,03	50,43	18,04	0,649
Cerro Branco	55,43	54,45	12,70	0,661
Cerro Grande	53,56	53,33	18,78	0,660
Cerro Grande do Sul	51,44	51,31	17,13	0,674
Cerro Largo	38,97	38,43	3,12	0,764
Chapada	44,44	44,15	3,12	0,757
Charqueadas	29,93	29,37	5,71	0,747
Charrua	58,95	58,89	12,70	0,620
Chiapetta	43,99	43,80	9,84	0,732
Chuí	29,61	29,01	13,61	0,706
Chuveisca	60,02	60,06	15,73	0,616
Cidreira	32,47	32,07	7,64	0,729
Ciríaco	45,58	45,14	7,97	0,719
Colinas	42,95	42,21	2,12	0,765
Colorado	44,41	44,23	4,18	0,758
Condor	43,85	43,52	7,25	0,747
Constantina	44,94	44,43	13,42	0,754
Coqueiro Baixo	55,04	54,84	8,43	0,692
Coqueiros do Sul	49,69	49,37	8,46	0,746
Coronel Barros	50,68	49,94	3,89	0,744
Coronel Bicaco	48,49	48,56	17,59	0,665
Coronel Pilar	49,52	49,54	4,99	0,727
Cotiporã	47,86	47,01	3,61	0,741
Coxilha	48,06	47,55	7,27	0,706
Crissiumal	47,50	47,33	7,85	0,712
Cristal	52,40	51,45	9,46	0,660

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Cristal do Sul	54,70	54,61	19,60	0,644
Cruz Alta	31,42	31,18	7,34	0,750
Cruzaltense	52,23	51,75	9,69	0,719
Cruzeiro do Sul	44,19	43,66	3,91	0,723
David Canabarro	43,88	43,19	3,91	0,762
Derrubadas	49,67	49,19	21,90	0,707
Dezesseis de Novembro	48,93	48,45	21,07	0,654
Dilermando de Aguiar	55,14	54,38	15,22	0,648
Dois Irmãos	33,45	32,80	1,41	0,670
Dois Irmãos das Missões	48,66	48,53	23,39	0,743
Dois Lajeados	47,63	46,90	3,70	0,757
Dom Feliciano	59,71	59,48	21,15	0,587
Dom Pedro de Alcântara	49,96	49,20	9,24	0,708
Dom Pedrito	39,71	38,96	8,81	0,691
Dona Francisca	45,47	44,89	11,30	0,697
Doutor Maurício Cardoso	51,43	51,22	10,12	0,706
Doutor Ricardo	54,30	53,76	2,80	0,724
Eldorado do Sul	32,57	31,96	9,06	0,717
Encantado	35,52	34,84	4,52	0,767
Encruzilhada do Sul	49,17	48,40	15,82	0,657
Engenho Velho	46,05	45,96	15,47	0,717
Entre-Ijuís	48,73	48,72	8,98	0,680
Entre Rios do Sul	49,46	48,56	10,37	0,703
Erebango	42,91	42,83	8,02	0,712
Erechim	28,97	28,42	3,15	0,776
Ernestina	45,44	45,10	3,70	0,687
Herval	45,33	44,60	19,22	0,716
Erval Grande	54,11	53,36	9,45	0,681
Erval Seco	49,34	49,17	19,93	0,685
Esmeralda	43,25	42,60	12,18	0,680
Esperança do Sul	56,63	56,65	16,81	0,661
Espumoso	36,63	36,23	7,17	0,765
Estação	36,49	35,95	3,26	0,753
Estância Velha	36,05	35,36	3,03	0,757
Esteio	27,02	26,51	4,68	0,754
Estrela	33,22	32,59	1,59	0,767
Estrela Velha	52,21	52,21	15,49	0,679
Eugênio de Castro	48,73	48,59	12,11	0,712
Fagundes Varela	46,88	46,27	1,31	0,763
Farroupilha	31,65	31,06	2,66	0,777
Faxinal do Soturno	40,65	40,06	7,41	0,720
Faxinalzinho	46,41	45,85	15,71	0,666

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Fazenda Vilanova	49,19	48,44	4,17	0,698
Feliz	38,42	37,74	1,32	0,750
Flores da Cunha	37,94	37,26	1,56	0,754
Floriano Peixoto	59,23	59,00	12,25	0,663
Fontoura Xavier	51,78	52,34	15,36	0,661
Formigueiro	47,47	47,20	13,20	0,682
Forquethina	54,59	53,87	4,06	0,683
Fortaleza dos Valos	40,84	40,88	7,05	0,756
Frederico Westphalen	36,23	35,68	6,18	0,760
Garibaldi	33,06	32,45	1,42	0,786
Garruchos	48,28	48,53	18,35	0,671
Gaurama	44,07	43,59	5,48	0,738
General Câmara	45,08	44,49	10,46	0,686
Gentil	47,43	47,20	6,61	0,733
Getúlio Vargas	37,32	36,75	4,21	0,746
Giruá	42,39	42,31	8,91	0,721
Glorinha	42,57	41,83	7,24	0,714
Gramado	33,28	32,64	2,39	0,685
Gramado dos Loureiros	46,55	45,84	14,68	0,764
Gramado Xavier	58,56	58,56	22,14	0,634
Gravataí	30,21	29,66	6,47	0,736
Guabiju	48,87	47,96	1,51	0,758
Guaíba	31,26	30,67	6,96	0,730
Guaporé	38,78	38,04	2,18	0,765
Guarani das Missões	43,95	44,04	7,45	0,737
Harmonia	38,65	38,09	1,62	0,749
Herveiras	60,27	60,33	14,19	0,616
Horizontina	32,58	32,24	2,96	0,783
Hulha Negra	46,00	45,62	18,90	0,643
Humaitá	45,28	44,86	3,72	0,738
Ibarama	55,40	54,82	13,05	0,652
Ibiaçá	47,85	47,21	4,68	0,739
Ibiraiaras	46,63	46,02	6,40	0,724
Ibirapuitã	54,50	54,05	12,70	0,638
Ibirubá	39,10	38,92	2,53	0,765
Igrejinha	42,92	42,10	2,58	0,721
Ijuí	32,38	31,92	5,06	0,781
Ilópolis	49,50	48,75	7,13	0,730
Imbé	32,01	31,42	6,80	0,764
Imigrante	49,11	48,39	2,16	0,743
Independência	48,65	48,49	8,64	0,693
Inhacorá	51,62	50,92	12,43	0,673

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Ipê	45,14	44,38	5,18	0,728
Ipiranga do Sul	46,95	46,61	2,93	0,791
Iraí	45,82	45,83	17,19	0,691
Itaara	34,03	33,61	7,94	0,760
Itacurubi	49,78	49,71	21,81	0,657
Itapuca	56,23	56,44	11,03	0,664
Itaqui	37,11	36,55	9,86	0,713
Itati	51,08	50,80	14,40	0,681
Itatiba do Sul	51,61	51,09	15,61	0,669
Ivorá	47,34	46,52	8,03	0,724
Ivoti	31,28	30,73	1,32	0,784
Jaboticaba	53,80	53,61	23,31	0,658
Jacuizinho	56,46	56,85	24,26	0,662
Jacutinga	47,99	47,25	4,59	0,726
Jaguarão	38,18	37,53	8,73	0,707
Jaguari	44,35	44,34	9,29	0,712
Jaquirana	51,62	50,96	16,62	0,614
Jari	55,91	56,15	23,53	0,631
Jóia	46,81	46,88	15,58	0,686
Júlio de Castilhos	40,66	40,13	10,84	0,716
Lagoa Bonita do Sul	51,26	51,39	12,65	0,670
Lagoão	56,08	56,65	17,13	0,789
Lagoa dos Três Cantos	37,68	37,32	4,31	0,643
Lagoa Vermelha	38,54	37,84	7,51	0,738
Lajeado	30,70	30,14	1,73	0,613
Lajeado do Bugre	56,89	56,60	35,16	0,778
Lavras do Sul	40,48	39,87	12,32	0,699
Liberato Salzano	51,88	52,18	12,53	0,685
Lindolfo Collor	47,37	46,48	3,15	0,712
Linha Nova	44,90	44,24	8,04	0,749
Machadinho	48,24	47,43	11,96	0,684
Maçambará	47,53	47,46	11,55	0,692
Mampituba	55,21	54,33	16,68	0,649
Manoel Viana	45,32	45,08	11,26	0,655
Maquiné	50,10	49,22	6,68	0,682
Maratá	51,51	50,55	3,10	0,697
Marau	31,43	30,85	3,18	0,774
Marcelino Ramos	44,56	43,89	7,67	0,724
Mariana Pimentel	51,76	51,01	11,30	0,701
Mariano Moro	46,25	45,46	4,49	0,730
Marques de Souza	52,19	51,39	3,97	0,687
Mata	52,19	51,71	14,21	0,656

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Mato Castelhano	46,31	45,77	6,59	0,727
Mato Leitão	42,45	41,64	2,95	0,746
Mato Queimado	49,96	49,65	8,06	0,717
Maximiliano de Almeida	48,58	48,18	10,56	0,699
Minas do Leão	47,01	46,13	9,43	0,681
Miraguaí	49,74	49,46	15,68	0,725
Montauri	47,62	46,98	0,85	0,764
Monte Alegre dos Campos	56,38	56,51	20,24	0,650
Monte Belo do Sul	46,93	46,49	4,72	0,752
Montenegro	32,19	31,58	5,16	0,755
Mormaço	48,44	47,88	10,47	0,714
Morrinhos do Sul	50,97	50,32	8,91	0,711
Morro Redondo	48,06	47,31	10,03	0,702
Morro Reuter	38,74	38,01	2,02	0,743
Mostardas	50,44	49,48	12,43	0,664
Muçum	42,60	41,87	2,79	0,746
Muitos Capões	44,43	44,31	7,51	0,702
Muliterno	53,80	53,23	9,38	0,689
Não-Me-Toque	34,96	34,48	2,72	0,765
Nicolau Vergueiro	49,68	49,50	5,99	0,753
Nonoai	42,18	42,01	11,66	0,702
Nova Alvorada	46,81	46,44	6,83	0,740
Nova Araçá	38,65	38,01	1,00	0,785
Nova Bassano	42,06	41,51	1,17	0,747
Nova Boa Vista	44,93	44,58	1,80	0,768
Nova Brésia	46,05	45,56	2,95	0,778
Nova Candelária	49,21	48,32	5,25	0,759
Nova Esperança do Sul	42,07	41,86	3,96	0,735
Nova Hartz	44,50	43,64	4,65	0,689
Nova Pádua	42,93	42,18	0,55	0,761
Nova Palma	35,96	35,67	11,20	0,744
Nova Petrópolis	37,72	37,00	1,77	0,780
Nova Prata	33,60	33,02	1,82	0,766
Nova Ramada	51,23	51,25	7,54	0,742
Nova Roma do Sul	50,71	50,01	1,93	0,741
Nova Santa Rita	36,96	36,35	7,51	0,718
Novo Cabrais	55,09	54,19	9,79	0,706
Novo Hamburgo	34,12	33,46	5,55	0,688
Novo Machado	54,72	54,23	14,06	0,747
Novo Tiradentes	54,28	54,25	11,65	0,663
Novo Xingu	42,25	42,04	3,48	0,676
Novo Barreiro	52,76	52,61	12,47	0,767

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Osório	33,88	33,29	4,67	0,751
Paim Filho	50,58	49,97	8,94	0,706
Palmares do Sul	40,56	39,79	9,50	0,715
Palmeira das Missões	37,16	36,91	10,64	0,737
Palmitinho	46,04	45,68	12,61	0,720
Panambi	34,19	33,66	3,38	0,761
Pantano Grande	46,64	45,76	11,07	0,661
Paraí	39,83	39,21	1,54	0,773
Paraíso do Sul	52,26	51,57	7,73	0,676
Pareci Novo	42,06	41,25	3,74	0,749
Parobé	44,23	43,38	4,84	0,704
Passa Sete	56,79	57,11	19,31	0,622
Passo do Sobrado	50,70	49,92	12,08	0,698
Passo Fundo	25,88	25,59	4,64	0,776
Paulo Bento	53,86	53,61	2,72	0,710
Paverama	52,22	51,44	3,44	0,683
Pedras Altas	49,84	49,34	22,03	0,640
Pedro Osório	41,24	40,63	13,19	0,678
Pejuçara	43,78	43,71	5,45	0,741
Pelotas	32,22	31,62	8,07	0,739
Picada Café	39,53	38,78	1,96	0,758
Pinhal	47,06	46,25	10,39	0,650
Pinhal da Serra	52,24	51,92	20,13	0,678
Pinhal Grande	48,16	47,59	20,10	0,720
Pinheirinho do Vale	46,48	46,71	15,64	0,710
Pinheiro Machado	43,46	42,67	13,67	0,661
Pirapó	55,83	55,14	20,17	0,669
Piratini	48,14	47,54	14,97	0,658
Planalto	47,13	46,77	14,42	0,687
Poço das Antas	48,36	47,43	2,75	0,744
Pontão	43,87	44,08	9,50	0,725
Ponte Preta	54,93	56,32	4,03	0,725
Portão	39,81	39,04	5,91	0,713
Porto Alegre	18,56	18,21	5,10	0,805
Porto Lucena	50,50	50,23	10,47	0,693
Porto Mauá	48,61	47,86	13,93	0,698
Porto Vera Cruz	51,70	50,98	11,71	0,690
Porto Xavier	45,57	45,04	12,05	0,723
Pouso Novo	51,36	51,17	9,95	0,715
Presidente Lucena	41,76	40,98	2,15	0,757
Progresso	56,16	55,80	6,27	0,683
Protásio Alves	51,31	50,43	3,83	0,733

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Putinga	51,57	50,82	6,78	0,715
Quaraí	37,00	36,30	12,85	0,704
Quatro Irmãos	49,59	49,01	9,98	0,689
Quevedos	53,65	53,87	18,11	0,665
Quinze de Novembro	43,74	43,30	2,21	0,756
Redentora	53,08	53,42	36,82	0,631
Relvado	53,61	52,89	4,30	0,731
Restinga Seca	44,46	43,84	9,92	0,683
Rio dos Índios	53,37	54,10	17,44	0,656
Rio Grande	31,65	31,05	7,50	0,744
Rio Pardo	40,72	39,99	13,53	0,693
Riozinho	56,73	55,78	5,66	0,661
Roca Sales	45,29	44,43	2,42	0,729
Rodeio Bonito	45,32	44,94	5,77	0,732
Rolador	50,09	49,68	13,89	0,689
Rolante	49,60	48,70	3,54	0,688
Ronda Alta	45,54	44,97	8,53	0,724
Rondinha	46,41	45,94	4,01	0,764
Roque Gonzales	47,41	47,09	13,30	0,688
Rosário do Sul	39,50	38,88	9,73	0,699
Sagrada Família	51,61	51,47	18,41	0,678
Saldanha Marinho	39,98	39,92	2,98	0,762
Salto do Jacuí	42,54	42,08	11,86	0,687
Salvador das Missões	40,60	40,06	3,81	0,753
Salvador do Sul	41,52	40,73	1,37	0,740
Sananduva	43,12	42,45	3,21	0,747
Santa Bárbara do Sul	39,79	39,47	7,42	0,725
Santa Cecília do Sul	53,32	52,83	5,45	0,725
Santa Clara do Sul	40,40	39,77	1,93	0,740
Santa Cruz do Sul	29,63	29,07	4,15	0,773
Santa Maria	24,83	24,39	5,56	0,663
Santa Maria do Herval	51,82	50,92	1,82	0,676
Santa Margarida do Sul	52,66	52,13	10,12	0,784
Santana da Boa Vista	53,82	53,36	22,62	0,633
Sant'Ana do Livramento	31,97	31,42	10,67	0,727
Santa Rosa	32,25	31,96	3,81	0,769
Santa Tereza	46,38	45,50	2,46	0,746
Santa Vitória do Palmar	39,76	39,01	11,54	0,712
Santiago	32,97	32,41	5,42	0,766
Santo Ângelo	32,96	32,75	5,74	0,772
Santo Antônio do Palma	47,29	46,76	4,89	0,717
Santo Antônio da Patrulha	43,36	42,63	6,25	0,686

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Santo Antônio das Missões	46,64	46,64	13,51	0,764
Santo Antônio do Planalto	42,79	42,49	6,05	0,759
Santo Augusto	41,85	41,62	8,45	0,739
Santo Cristo	43,43	42,97	4,02	0,738
Santo Expedito do Sul	45,80	45,14	9,99	0,732
São Borja	36,68	36,14	10,90	0,736
São Domingos do Sul	40,19	39,53	1,27	0,763
São Francisco de Assis	48,86	48,48	13,59	0,675
São Francisco de Paula	44,43	43,76	9,01	0,685
São Gabriel	40,40	39,75	10,34	0,699
São Jerônimo	41,13	40,50	11,76	0,696
São João da Urtiga	51,91	51,28	7,38	0,694
São João do Polêsine	36,43	36,97	3,51	0,748
São Jorge	48,11	47,28	2,09	0,732
São José das Missões	58,01	57,75	16,06	0,651
São José do Herval	47,43	47,40	14,95	0,717
São José do Hortêncio	46,73	45,82	1,11	0,707
São José do Inhacorá	44,64	43,81	4,27	0,747
São José do Norte	52,64	51,73	13,11	0,623
São José do Ouro	39,44	38,83	7,33	0,755
São José do Sul	45,88	45,02	1,43	0,663
São José dos Ausentes	47,44	46,98	16,07	0,725
São Leopoldo	30,62	30,03	5,72	0,739
São Lourenço do Sul	48,96	48,37	7,90	0,687
São Luiz Gonzaga	37,16	36,59	8,99	0,741
São Marcos	37,04	36,35	2,18	0,768
São Martinho	43,84	43,67	6,31	0,652
São Martinho da Serra	53,74	54,10	17,54	0,726
São Miguel das Missões	51,34	51,16	14,44	0,667
São Nicolau	51,68	51,18	16,10	0,645
São Paulo das Missões	50,32	50,20	9,10	0,692
São Pedro da Serra	42,35	41,68	2,18	0,739
São Pedro das Missões	52,96	52,83	17,35	0,664
São Pedro do Butiá	40,26	39,83	4,65	0,763
São Pedro do Sul	43,38	42,87	10,26	0,709
São Sebastião do Caí	36,68	35,98	3,89	0,739
São Sepé	43,86	43,09	9,12	0,708
São Valentim	50,04	49,67	8,58	0,764
São Valentim do Sul	44,84	44,53	3,78	0,720
São Valério do Sul	52,43	52,67	25,31	0,642
São Vendelino	45,33	44,46	0,47	0,754
São Vicente do Sul	44,20	43,55	9,82	0,685

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Sapiranga	42,49	41,67	3,94	0,711
Sapucaia do Sul	32,25	31,63	6,37	0,726
Sarandi	35,07	34,48	4,17	0,777
Seberi	46,75	46,45	14,00	0,723
Sede Nova	52,18	51,89	11,55	0,712
Segredo	53,42	53,79	17,45	0,659
Selbach	37,71	37,45	2,83	0,777
Senador Salgado Filho	50,68	50,40	10,57	0,693
Sentinela do Sul	53,03	52,62	13,56	0,671
Serafina Corrêa	35,31	34,79	1,30	0,760
Sério	60,20	59,60	10,60	0,652
Sertão	42,47	42,53	6,50	0,751
Sertão Santana	51,67	51,06	16,00	0,689
Sete de Setembro	55,49	54,99	15,53	0,683
Severiano de Almeida	43,78	43,34	6,33	0,752
Silveira Martins	44,84	44,37	9,10	0,742
Sinimbu	59,29	58,78	12,05	0,631
Sobradinho	37,21	36,58	8,18	0,743
Soledade	37,91	37,33	9,21	0,731
Tabaí	50,81	50,05	5,64	0,701
Tapejara	38,39	37,71	2,15	0,760
Tapera	37,64	37,13	4,88	0,747
Tapes	43,63	42,80	10,83	0,695
Taquara	38,60	37,88	4,92	0,727
Taquari	35,67	35,03	6,79	0,733
Taquaruçu do Sul	44,25	43,85	8,21	0,739
Tavares	53,93	53,04	8,51	0,656
Tenente Portela	43,63	43,55	17,07	0,708
Terra de Areia	45,93	45,37	8,21	0,689
Teutônia	38,20	37,47	0,84	0,747
Tio Hugo	39,87	39,96	5,61	0,742
Tiradentes do Sul	51,61	51,79	14,70	0,689
Toropi	52,57	52,22	15,71	0,683
Torres	32,35	31,81	5,01	0,762
Tramandaí	35,65	35,07	8,64	0,719
Travesseiro	55,83	55,09	2,46	0,701
Três Arroios	43,02	42,30	3,48	0,791
Três Cachoeiras	45,43	44,72	4,44	0,718
Três Coroas	43,70	42,87	2,45	0,710
Três de Maio	37,86	37,75	4,61	0,759
Três Forquilhas	53,09	52,53	12,36	0,662
Três Palmeiras	52,03	51,66	13,05	0,703

(continua)

(continuação)

Município	Índice			
	IMP 1	IMP 2	IMP 3	IDHM
Três Passos	34,94	34,55	5,52	0,768
Trindade do Sul	47,90	47,45	17,20	0,687
Triunfo	39,12	38,56	7,55	0,733
Tucunduva	40,75	40,52	4,81	0,747
Tunas	53,86	54,32	17,83	0,657
Tupanci do Sul	45,98	45,35	18,88	0,694
Tupanciretã	40,55	40,13	11,33	0,709
Tupandi	45,10	44,23	0,94	0,718
Tuparendi	43,89	43,71	5,25	0,728
Turuçu	57,81	57,09	13,78	0,629
Ubiretama	52,74	52,97	4,82	0,700
União da Serra	52,96	52,36	3,06	0,733
Unistalda	54,40	54,85	15,87	0,649
Uruguaiana	30,33	29,81	10,28	0,744
Vacaria	35,72	35,05	5,64	0,721
Vale Verde	54,42	53,84	13,06	0,624
Vale do Sol	57,42	56,57	13,05	0,737
Vale Real	39,96	39,53	1,50	0,646
Vanini	46,46	45,65	4,09	0,757
Venâncio Aires	41,43	40,67	4,19	0,712
Vera Cruz	40,64	39,92	5,94	0,737
Veranópolis	35,00	34,33	1,90	0,773
Vespasiano Correa	53,43	52,61	2,57	0,723
Viadutos	49,26	48,55	9,56	0,702
Viamão	32,50	31,94	7,45	0,717
Vicente Dutra	53,51	52,91	24,51	0,638
Victor Graeff	43,35	43,01	2,02	0,777
Vila Flores	45,10	44,49	2,33	0,742
Vila Lângaro	54,80	53,89	5,15	0,705
Vila Maria	42,75	42,00	0,89	0,761
Vila Nova do Sul	45,50	45,13	13,97	0,662
Vista Alegre	44,29	44,58	10,65	0,780
Vista Alegre do Prata	44,68	44,73	2,33	0,739
Vista Gaúcha	45,44	45,51	6,23	0,757
Vitória das Missões	56,98	56,77	15,64	0,655
Westfalia	47,24	46,33	1,15	0,752
Xangri-lá	35,99	35,87	4,58	0,735

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

APÊNDICE D – Ranking municipal da pobreza

Quadro 2 – Rankings municipais da pobreza por índice

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
1º	Barão do Triunfo	61,33	1º	Barão do Triunfo	61,17	1º	Redentora	36,82	1º	Dom Feliciano	0,587
2º	Herveiras	60,27	2º	Herveiras	60,33	2º	Lajeado do Bugre	35,16	2º	Barão de Cotegipe	0,610
3º	Sério	60,20	3º	Chувиска	60,06	3º	São Valério do Sul	25,31	3º	Lajeado	0,613
4º	Chувиска	60,02	4º	Sério	59,60	4º	Vicente Dutra Benjamin Constant do Sul	24,51	4º	Jaquirana	0,614
5º	Dom Feliciano	59,71	5º	Dom Feliciano	59,48	5º	Sul	24,32	5º	Chувиска	0,616
6º	Sinimbu	59,29	6º	Floriano Peixoto	59,00	6º	Jacuizinho	24,26	6º	Herveiras Benjamin Constant do Sul	0,616
7º	Floriano Peixoto	59,23	7º	Charrua	58,89	7º	Jari	23,53	7º	Sul	0,619
8º	Charrua	58,95	8º	Sinimbu	58,78	8º	Dois Irmãos das Missões	23,39	8º	Charrua	0,620
9º	Gramado Xavier	58,56	9º	Gramado Xavier	58,56	9º	Jaboticaba	23,31	9º	Passa Sete	0,622
10º	São José das Missões	58,01	10º	São José das Missões	57,75	10º	Santana da Boa Vista Gramado	22,62	10º	São José do Norte	0,623
11º	Turuçu	57,81	11º	Arroio do Padre	57,17	11º	Xavier	22,14	11º	Amaral Ferrador	0,624
12º	Arroio do Padre	57,62	12º	Passa Sete	57,11	12º	Barão do Triunfo	22,13	12º	Vale Verde	0,624
13º	Vale do Sol	57,42	13º	Turuçu	57,09	13º	Pedras Altas	22,03	13º	Turuçu	0,629
14º	Vitória das Missões	56,98	14º	Jacuizinho	56,85	14º	Derrubadas	21,90	14º	Jari	0,631
15º	Lajeado do Bugre	56,89	15º	Vitória das Missões	56,77	15º	Itacurubi Dom	21,81	15º	Redentora	0,631
16º	Passa Sete	56,79	16º	Esperança do Sul	56,65	16º	Feliciano	21,15	16º	Sinimbu	0,631
17º	Riozinho	56,73	17º	Lagoão	56,65	17º	Dezesseis de Novembro	21,07	17º	Santana da Boa Vista	0,633
18º	Esperança do Sul	56,63	18º	Lajeado do Bugre	56,60	18º	Capão do Cipó	20,80	18º	Gramado dos Loureiros	0,634
19º	Jacuizinho	56,46	19º	Vale do Sol	56,57	19º	Monte Alegre dos Campos	20,24	19º	Capão Bonito do Sul	0,637
20º	Monte Alegre dos Campos	56,38	20º	Monte Alegre dos Campos	56,51	20º	Pirapó	20,17	20º	Capão do Leão	0,637
21º	Itapuca	56,23	21º	Itapuca	56,44	21º	Pinhal da Serra	20,13	21º	Ibirapuitã	0,638
22º	Amaral Ferrador	56,23	22º	Ponte Preta	56,32	22º	Pinhal Grande	20,10	22º	Vicente Dutra	0,638
23º	Progresso	56,16	23º	Jari	56,15	23º	Erval Seco	19,93	23º	Pedras Altas	0,640
24º	Lagoão	56,08	24º	Amaral Ferrador	56,06	24º	São Valério do Sul	19,60	24º	Sul	0,642
25º	Jari	55,91	25º	Progresso	55,80	25º	Braga	19,49	25º	Hulha Negra	0,643
26º	Pirapó	55,83	26º	Riozinho	55,78	26º	Lagoa dos Três Cantos	19,31	26º	Três Cantos	0,643
27º	Travesseiro	55,83	27º	Pirapó	55,14	27º	Herval	19,22	27º	Cristal do Sul	0,644
28º	Sete de Setembro	55,49	28º	Travesseiro	55,09	28º	Cristal do Sul	18,90	28º	São Nicolau	0,645
29º	Cerro Branco	55,43	29º	Sete de Setembro	54,99	29º	Hulha Negra Tupanci do Sul	18,88	29º	Vale Real	0,646
30º	Ibarama	55,40	30º	Unistalda	54,85	30º	Sul	18,78	30º	Dilermando de Aguiar	0,648
31º	Caraá	55,26	31º	Coqueiro Baixo	54,84	31º	Cerro Grande Barra do Quaraí	18,48	31º	Cerrito	0,649

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
32°	Mampituba	55,21	32°	Alpestre	54,83	32°	Sagrada Família	18,41	32°	Mampituba	0,649
33°	Dilermando de Aguiar	55,14	33°	Ibarama	54,82	33°	Garruchos	18,35	33°	Unistalda	0,649
34°	Novo Cabrais	55,09	34°	Capão Bonito do Sul	54,77	34°	Quevedos	18,11	34°	Barros Cassal	0,650
35°	Coqueiro Baixo	55,04	35°	Cristal do Sul	54,61	35°	Cerrito	18,04	35°	Canguçu	0,650
36°	Ponte Preta	54,93	36°	Cerro Branco	54,45	36°	Tunas	17,83	36°	Monte Alegre dos Campos	0,650
37°	Vila Lângaro	54,80	37°	Dilermando de Aguiar	54,38	37°	Arroio do Padre	17,66	37°	Pinhal	0,650
38°	Alpestre	54,75	38°	Mampituba	54,33	38°	Coronel Bicaco	17,59	38°	São José das Missões	0,651
39°	Canudos do Vale	54,73	39°	Tunas	54,32	39°	São Martinho da Serra	17,54	39°	Carazinho	0,652
40°	Novo Machado	54,72	40°	Novo Tiradentes	54,25	40°	Cacique	17,48	40°	Ibarama	0,652
41°	Cristal do Sul	54,70	41°	Novo Machado	54,23	41°	Doble	17,45	41°	São Martinho	0,652
42°	Forquetinha	54,59	42°	Caraá	54,22	42°	Rio dos Índios	17,44	42°	Sério	0,652
43°	Boa Vista do Sul	54,58	43°	Novo Cabrais	54,19	43°	São Pedro das Missões	17,35	43°	Dezesseis de Novembro	0,654
44°	Ibirapuitã	54,50	44°	São Martinho da Serra	54,10	44°	Trindade do Sul	17,20	44°	Manoel Viana	0,655
45°	Vale Verde	54,42	45°	Rio dos Índios	54,10	45°	Iraí	17,19	45°	Vitória das Missões	0,655
46°	Unistalda	54,40	46°	Ibirapuitã	54,05	46°	Cerro Grande do Sul	17,13	46°	Mata	0,656
47°	Áurea	54,40	47°	Boa Vista do Sul	54,05	47°	Lagoão Tenente	17,13	47°	Rio dos Índios	0,656
48°	Centenário	54,34	48°	Canudos do Vale	54,01	48°	Portela	17,07	48°	Tavares	0,656
49°	Capão Bonito do Sul	54,34	49°	Vila Lângaro	53,89	49°	Alpestre	17,05	49°	Arroio Grande	0,657
50°	Doutor Ricardo	54,30	50°	Forquetinha	53,87	50°	Bossoroca	16,92	50°	Encruzilhada do Sul - RS	0,657
51°	Novo Tiradentes	54,28	51°	Quevedos	53,87	51°	Esperança do Sul	16,81	51°	Itacurubi	0,657
52°	Erval Grande	54,11	52°	Vale Verde	53,84	52°	Canguçu	16,79	52°	Tunas	0,657
53°	Canguçu	54,03	53°	Segredo	53,79	53°	Mampituba	16,68	53°	Jaboticaba	0,658
54°	Tavares	53,93	54°	Doutor Ricardo	53,76	54°	Jaquirana	16,62	54°	Piratini	0,658
55°	Alecrim	53,86	55°	Canguçu	53,69	55°	Barros Cassal	16,61	55°	Segredo	0,659
56°	Paulo Bento	53,86	56°	Áurea	53,67	56°	São Nicolau	16,10	56°	Cerro Grande	0,660
57°	Tunas	53,86	57°	Jaboticaba	53,61	57°	São José dos Ausentes	16,07	57°	Cristal	0,660
58°	Santana da Boa Vista	53,82	58°	Paulo Bento	53,61	58°	São José das Missões	16,06	58°	Capivari do Sul	0,661
59°	Jaboticaba	53,80	59°	Centenário	53,57	59°	Sertão Santana	16,00	59°	Cerro Branco	0,661
60°	Muliterno	53,80	60°	Redentora	53,42	60°	Unistalda	15,87	60°	Esmeralda	0,661
61°	São Martinho da Serra	53,74	61°	Santana da Boa Vista	53,36	61°	Encruzilhada do Sul - RS	15,82	61°	Floriano	0,661
62°	Quevedos	53,65	62°	Erval Grande	53,36	62°	Chувиска	15,73	62°	Peixoto	0,661
63°	Relvado	53,61	63°	Cerro Grande	53,33	63°	Faxinalzinho	15,71	63°	Pantano Grande	0,661
										Pinheiro Machado	0,661

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
64°	Cerro Grande	53,56	64°	Capão do Cipó	53,27	64°	Toropi	15,71	64°	Riozinho	0,661
65°	Vicente Dutra	53,51	65°	Muliterno	53,23	65°	Miraguaí	15,68	65°	Barra do Quaraí	0,662
66°	Capão do Cipó	53,49	66°	Barros Cassal	53,20	66°	Vitória das Missões	15,64	66°	Cacique Doble	0,662
67°	Vespasiano Correa	53,43	67°	Alecrim	53,14	67°	Pinheirinho do Vale	15,64	67°	Jacuizinho Três	0,662
68°	Segredo	53,42	68°	Tavares	53,04	68°	Itatiba do Sul	15,61	68°	Forquilhas	0,662
69°	Rio dos Índios	53,37	69°	Ubiretama	52,97	69°	Jóia	15,58	69°	Vila Nova do Sul	0,662
70°	Santa Cecília do Sul	53,32	70°	Vicente Dutra	52,91	70°	Alecrim	15,58	70°	Flores da Cunha	0,663
71°	Benjamin Constant do Sul	53,12	71°	Relvado	52,89	71°	Sete de Setembro	15,53	71°	Novo Tiradentes	0,663
72°	Barros Cassal	53,11	72°	São Pedro das Missões	52,83	72°	Estrela Velha	15,49	72°	Santa Maria	0,663
73°	Três Forquilhas	53,09	73°	Santa Cecília do Sul	52,83	73°	Engenho Velho	15,47	73°	São José do Sul	0,663
74°	Redentora	53,08	74°	Benjamin Constant do Sul	52,68	74°	Fontoura Xavier	15,36	74°	Itapuca	0,664
75°	Sentinela do Sul	53,03	75°	São Valério do Sul	52,67	75°	Amaral	15,28	75°	Mostardas	0,664
76°	Brochier	52,96	76°	Sentinela do Sul	52,62	76°	Ferrador	15,22	76°	São Pedro das Missões	0,664
77°	São Pedro das Missões	52,96	77°	Vespasiano Correa	52,61	77°	Dilermando de Aguiar	15,06	77°	Coronel Bicaco	0,665
78°	União da Serra	52,96	78°	Novo Barreiro	52,61	78°	Ametista do Sul	14,97	78°	Quevedos	0,665
79°	Cacique Doble	52,95	79°	Três Forquilhas	52,53	79°	Piratini	14,95	79°	Bom Jesus	0,666
80°	Novo Barreiro	52,76	80°	Cacique Doble	52,46	80°	São José do Herval	14,95	79°	Faxinal do Soturno	0,666
81°	Ubiretama	52,74	81°	União da Serra	52,36	81°	Tiradentes do Sul	14,70	80°	São Miguel das Missões	0,667
82°	Santa Margarida do Sul	52,66	82°	Fontoura Xavier	52,34	82°	Gramado dos Loureiros	14,68	81°	Arroio do Sal	0,669
83°	São José do Norte	52,64	83°	Toropi	52,22	83°	São Miguel das Missões	14,44	82°	Itatiba do Sul	0,669
84°	Toropi	52,57	84°	Estrela Velha	52,21	84°	Planalto	14,42	83°	Pirapó	0,669
85°	São Valério do Sul	52,43	85°	Liberato Salzano	52,18	85°	Itati	14,40	84°	Barra do Ribeiro	0,670
86°	Cristal	52,40	86°	Santa Margarida do Sul	52,13	86°	Capão Bonito do Sul	14,36	85°	Dois Irmãos	0,670
87°	Paraíso do Sul	52,26	87°	Brochier	52,12	87°	Mata	14,21	86°	Lagoa Bonita do Sul	0,670
88°	Pinhal da Serra	52,24	88°	Pinhal da Serra	51,92	88°	Herveiras Bom	14,19	87°	Alpestre	0,671
89°	Cruzaltense	52,23	89°	Sede Nova	51,89	89°	Progresso Novo	14,07	88°	Garibaldi	0,671
90°	Paverama	52,22	90°	Tiradentes do Sul	51,79	89°	Machado	14,06	89°	Sentinela do Sul	0,671
91°	Estrela Velha	52,21	91°	Cruzaltense	51,75	90°	Seberi	14,00	90°	Alecrim	0,672
92°	Mata	52,19	92°	São José do Norte	51,73	91°	Vila Nova do Sul	13,97	91°	Capão do Cipó	0,672
93°	Marques de Souza	52,19	93°	Mata	51,71	92°	Porto Mauá	13,93	92°	Inhacorá	0,673
94°	Sede Nova	52,18	94°	Três Palmeiras	51,66	93°	Rolador	13,89	93°	Braga	0,674
95°	Caiçara	52,04	95°	Caiçara	51,66	94°	Campo Novo	13,88	94°	Candelária	0,674
			95°			95°	Turuçu	13,78	95°		

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
96°	Três Palmeiras	52,03	96°	Paraíso do Sul	51,57	96°	Pinheiro Machado	13,67	96°	Cerro Grande do Sul	0,674
97°	São João da Urtiga	51,91	97°	Alegria	51,50	97°	Candiota	13,65	97°	São Francisco de Assis	0,675
98°	Liberato Salzano	51,88	98°	Sagrada Família	51,47	98°	Chuí	13,61	98°	Boa Vista das Missões	0,676
99°	Santa Maria do Herval	51,82	99°	Cristal	51,45	99°	São Francisco de Assis	13,59	99°	Novo Xingu	0,676
100°	Fontoura Xavier	51,78	100°	Paverama	51,44	100°	Sentinela do Sul	13,56	100°	Paraíso do Sul	0,676
101°	Mariana Pimentel	51,76	101°	Lagoa Bonita do Sul	51,39	101°	Rio Pardo	13,53	101°	Santa Maria do Herval	0,676
102°	Porto Vera Cruz	51,70	102°	Marques de Souza	51,39	102°	Santo Antônio das Missões	13,51	102°	Pedro Osório	0,678
103°	São Nicolau	51,68	103°	Cerro Grande do Sul	51,31	103°	Caraá	13,47	103°	Pinhal da Serra	0,678
104°	Sertão Santana	51,67	104°	São João da Urtiga	51,28	104°	Constantina	13,42	104°	Sagrada Família	0,678
105°	Jaquirana	51,62	105°	Nova Ramada	51,25	105°	Roque Gonzales	13,30	105°	Araricá	0,679
106°	Doutor Maurício Cardoso	51,62	106°	Cardoso	51,22	106°	Formigueiro	13,20	106°	Estrela	0,679
107°	Inhacorá	51,62	107°	São Nicolau	51,18	107°	Pedro Osório	13,19	107°	Entre-Ijuís	0,680
108°	Tiradentes do Sul	51,61	108°	São Miguel das Missões	51,17	108°	São José do Norte	13,11	108°	Erval Seco	0,680
109°	Sagrada Família	51,61	109°	Pouso Novo	51,16	109°	Vale Verde	13,06	109°	Herval	0,681
110°	Itatiba do Sul	51,61	109°	São Miguel das Missões	51,16	109°	Três Palmeiras	13,05	110°	Itati	0,681
111°	Putinga	51,57	110°	Itatiba do Sul	51,09	110°	Palmieiras	13,05	110°	Itati	0,681
112°	Maratá	51,51	111°	Barra do Rio Azul	51,09	111°	Vale do Sol	13,05	111°	Minas do Leão	0,681
113°	Alegria	51,50	112°	Sertão Santana	51,06	112°	Ibarama	13,05	112°	Ametista do Sul	0,682
114°	Cerro Grande do Sul	51,44	113°	Mariana Pimentel	51,01	113°	Quaraí	12,85	113°	Fontoura Xavier	0,682
115°	Doutor Maurício Cardoso	51,43	114°	Porto Vera Cruz	50,98	114°	Alegria	12,81	114°	Maquiné	0,682
116°	Barra do Rio Azul	51,42	115°	Jaquirana	50,96	115°	Bom Jesus	12,73	115°	Formigueiro	0,683
117°	Santa Maria do Herval	51,36	116°	Santa Maria do Herval	50,92	116°	Charrua	12,70	116°	Paverama	0,683
118°	São Miguel das Missões	51,34	117°	Inhacorá	50,92	117°	Ibirapuitã	12,70	117°	Progresso	0,683
119°	Protásio Alves	51,31	118°	Putinga	50,82	118°	Cerro Branco	12,70	118°	Restinga Seca	0,683
120°	Lagoa Bonita do Sul	51,26	119°	Itati	50,80	119°	Lagoa Bonita do Sul	12,65	119°	Sete de Setembro	0,683
121°	Nova Ramada	51,23	120°	Maratá	50,55	120°	Palmitinho	12,61	120°	Toropi	0,683
122°	Itati	51,08	121°	Cerrito	50,43	121°	Liberato Salzano	12,53	121°	Machadinho	0,684
123°	Cerrito	51,03	122°	Protásio Alves	50,43	122°	Barracão	12,51	122°	Erval Grande	0,685
124°	Morrinhos do Sul	50,97	123°	Senador Salgado Filho	50,40	123°	Novo Barreiro	12,47	123°	Glorinha	0,685
125°	Tabaí	50,81	124°	Morrinhos do Sul	50,32	124°	Inhacorá	12,43	124°	Liberato Salzano	0,685
126°	Campestre da Serra	50,76	125°	Porto Lucena	50,23	125°	Mostardas	12,43	125°	São Francisco de Paula	0,685
127°	Nova Roma do Sul - RS	50,71	126°	São Paulo das Missões	50,20	126°	Três Forquilhas	12,36	126°	São Vicente do Sul	0,685
128°	Passo do Sobrado	50,70	127°	Boa Vista das Missões	50,15	127°	Lavras do Sul	12,32	127°	Gaurama	0,686

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
128°	Senador Salgado Filho	50,68	128°	Braga	50,10	128°	Florianópolis	12,25	128°	Jóia	0,686
129°	Coronel Barros	50,68	129°	Tabaí	50,05	129°	Esmeralda	12,18	129°	Santo Antônio da Patrulha	0,686
130°	Paim Filho	50,58	130°	Nova Roma do Sul - RS	50,01	130°	Eugênio de Castro	12,11	130°	Aceguá	0,687
131°	Porto Lucena	50,50	131°	Boa Vista do Cadeado	50,00	131°	Passo do Sobrado	12,08	131°	Harmonia	0,687
132°	Mostardas	50,44	132°	Campestre da Serra	49,99	132°	Porto Xavier	12,05	132°	Marques de Souza	0,687
133°	Boa Vista das Missões	50,42	133°	Paim Filho	49,97	133°	Sinimbu	12,05	133°	Planalto	0,687
134°	São Paulo das Missões	50,32	134°	Coronel Barros	49,94	134°	Machadinho	11,96	134°	Salto do Jacuí	0,687
135°	Araricá	50,32	135°	Passo do Sobrado	49,92	135°	Salto do Jacuí Arroio Grande	11,86	135°	São Lourenço do Sul	0,687
136°	Anta Gorda	50,27	136°	Itacurubi	49,71	136°	Grande	11,86	136°	Trindade do Sul	0,687
137°	Braga	50,12	137°	Rolador	49,68	137°	Aceguá Arroio do Tigre	11,81	137°	Novo Hamburgo	0,688
138°	Maquiné	50,10	138°	São Valentim	49,67	138°	São Jerônimo	11,76	138°	Rolante Roque	0,688
139°	Rolador	50,09	139°	Mato Queimado	49,65	139°	Porto Vera	11,76	139°	Gonzales	0,688
140°	São Valentim Dom Pedro de Alcântara	50,04	140°	Anta Gorda	49,55	140°	Cruz	11,71	140°	Butiá	0,689
141°	Coronel Pilar	49,96	141°	Coronel Pilar	49,54	141°	Boa Vista das Missões	11,66	141°	Muliterno	0,689
142°	Mato Queimado	49,96	142°	Ametista do Sul	49,50	142°	Nonoai	11,66	142°	Nova Hartz	0,689
143°	Arvorezinha	49,93	143°	Nicolau Vergueiro	49,50	143°	Novo Tiradentes	11,65	143°	Quatro Irmãos	0,689
144°	Arroio do Tigre	49,90	144°	Mostardas	49,48	144°	Boqueirão do Leão	11,63	144°	Rolador	0,689
145°	Pedras Altas	49,84	145°	Arroio do Tigre	49,48	145°	Maçambará	11,55	145°	Sertão Santana	0,689
146°	Itacurubi	49,78	146°	Miraguaí	49,46	146°	Sede Nova Santa Vitória do Palmar	11,55	146°	Terra de Areia	0,689
147°	Ametista do Sul	49,75	147°	Coqueiros do Sul	49,37	147°	Canudos do Vale	11,54	147°	Tiradentes do Sul	0,689
148°	Miraguaí	49,74	148°	Araricá	49,36	148°	Manoel Viana	11,33	148°	Porto Vera Cruz	0,690
149°	Boa Vista do Cadeado	49,73	149°	Pedras Altas	49,34	149°	Tupanciretã Mariana	11,33	149°	Arambaré	0,691
150°	Coqueiros do Sul	49,69	150°	Arvorezinha	49,25	150°	Pimentel Dona Francisca	11,30	150°	Dom Pedrito	0,691
151°	Nicolau Vergueiro	49,68	151°	Maquiné	49,22	151°	Francisca	11,30	151°	Iraí	0,691
152°	Dom Pedro de Alcântara	49,67	152°	Dom Pedro de Alcântara	49,20	152°	Manoel Viana	11,26	152°	Bossoroca	0,692
153°	Derrubadas	49,61	153°	Derrubadas	49,19	153°	Nova Palma	11,20	153°	Coqueiro Baixo	0,692
154°	Caseiros	49,60	154°	Erval Seco	49,17	154°	Capão do Leão	11,19	154°	Maçambará	0,692
155°	Quatro Irmãos	49,59	155°	Quatro Irmãos	49,01	155°	Balneário Pinhal	11,13	155°	São Paulo das Missões	0,692
156°	Coronel Pilar	49,52	156°	Caseiros	48,97	156°	Caseiros Pantano Grande	11,09	156°	Independência	0,693
157°	Ilópolis	49,50	157°	Bozano	48,84	157°	Grande	11,07	157°	Porto Lucena	0,693
158°	Entre Rios do Sul	49,46	158°	Ilópolis	48,75	158°	Itapuca	11,03	158°	Rio Pardo	0,693
159°	Erval Seco	49,34	159°	Entre-Ijuís	48,72	159°	São Borja	10,90	159°	Senador Salgado Filho	0,693

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
160°	Viadutos	49,26	160°	Rolante	48,70	160°	Júlio de Castilhos	10,84	160°	Agudo	0,694
161°	Nova Candelária	49,21	161°	Carlos Gomes	48,70	161°	Tapes	10,83	161°	Arvorezinha	0,694
162°	Fazenda Vilanova	49,19	162°	Cândido Godói	48,61	162°	Caiçara	10,80	162°	São João da Urtiga	0,694
163°	Encruzilhada do Sul - RS	49,17	163°	Eugênio de Castro	48,59	163°	Cacequi	10,79	163°	Tupanci do Sul	0,694
164°	Imigrante	49,11	164°	Entre Rios do Sul	48,56	164°	Candelária	10,75	164°	Alegria	0,695
165°	Bozano	49,01	165°	Coronel Bicaco	48,56	165°	Sant'Ana do Livramento	10,67	165°	Tapes	0,695
166°	São Lourenço do Sul	48,96	166°	Viadutos	48,55	166°	Vista Alegre	10,65	166°	Balneário Pinhal	0,696
167°	Dezesseis de Novembro	48,93	167°	Dois Irmãos das Missões	48,53	167°	Palmeira das Missões	10,64	167°	São Jerônimo	0,696
168°	Guabiju	48,87	168°	Garruchos	48,53	168°	Sério	10,60	168°	Camaquã	0,697
169°	São Francisco de Assis	48,86	169°	Independência	48,49	169°	Senador Salgado Filho	10,57	169°	Cambará do Sul	0,697
170°	Carlos Gomes	48,73	170°	São Francisco de Assis	48,48	170°	Maximiliano de Almeida	10,56	170°	Dona Francisca	0,697
171°	Entre-Ijuís	48,73	171°	Dezesseis de Novembro	48,45	171°	Centenário	10,50	171°	Maratá	0,697
172°	Eugênio de Castro	48,73	172°	Fazenda Vilanova	48,44	172°	Mormaço	10,47	172°	Arroio dos Ratos	0,698
173°	Cândido Godói	48,70	173°	Encruzilhada do Sul - RS	48,40	173°	Porto Lucena	10,47	173°	Candiota	0,698
174°	Dois Irmãos das Missões	48,66	174°	Imigrante	48,39	174°	General Câmara	10,46	174°	Faxinalzinho	0,698
175°	Independência	48,65	175°	São Lourenço do Sul	48,37	175°	Pinhal	10,39	175°	Passo do Sobrado	0,698
176°	Água Santa	48,64	176°	Nova Candelária	48,32	176°	Entre Rios do Sul	10,37	176°	Porto Mauá	0,698
177°	Maximiliano de Almeida	48,61	177°	Maximiliano de Almeida	48,18	177°	São Gabriel	10,34	177°	Alvorada	0,699
178°	Porto Mauá	48,58	178°	Água Santa	47,98	178°	Uruguaiana	10,28	178°	Brochier	0,699
179°	Coronel Bicaco	48,49	179°	Guabiju	47,96	179°	São Pedro do Sul	10,26	179°	Caiçara	0,699
180°	Mormaço	48,44	180°	Mormaço	47,88	180°	Santa Margarida do Sul	10,12	180°	Lavras do Sul	0,699
181°	Poço das Antas	48,36	181°	Porto Mauá	47,86	181°	Doutor Maurício Cardoso	10,12	181°	Maximiliano de Almeida	0,699
182°	Capela de Santana	48,28	182°	Pinhal Grande	47,59	182°	Caçapava do Sul	10,07	182°	Rosário do Sul	0,699
183°	Garruchos	48,28	183°	Coxilha	47,55	183°	Barra do Guarita	10,07	183°	São Gabriel	0,699
184°	Camargo	48,27	184°	Piratini	47,54	184°	Morro Redondo	10,03	184°	Boqueirão do Leão	0,700
185°	Machadinho	48,24	185°	Camargo	47,47	185°	Santo Expedito do Sul	9,99	185°	Cacequi	0,700
186°	Pinhal Grande	48,16	186°	Maçambará	47,46	186°	Quatro Irmãos	9,98	186°	Ubiretama	0,700
187°	Piratini	48,14	187°	Trindade do Sul	47,45	187°	Pouso Novo	9,95	187°	Centenário	0,701
188°	São Jorge	48,11	188°	Machadinho	47,43	188°	Restinga Seca	9,92	188°	Mariana Pimentel	0,701
189°	Coxilha	48,06	189°	Poço das Antas	47,43	189°	Itaqui	9,86	189°	Tabaí	0,701
190°	Morro Redondo	48,06	190°	São José do Herval	47,40	190°	Chiapetta	9,84	190°	Travesseiro	0,701

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
191°	Jacutinga	47,99	191°	Capela de Santana	47,35	191°	São Vicente do Sul	9,82	191°	Morro Redondo	0,702
192°	Barracão	47,90	192°	Crissiumal	47,33	192°	Novo Cabrais Rosário do Sul	9,79	192°	Muitos Capões	0,702
193°	Trindade do Sul	47,90	193°	Barracão	47,32	193°	Sul	9,73	193°	Nonoai	0,702
194°	Cotiporã	47,86	194°	Morro Redondo	47,31	194°	Cruzaltense	9,69	194°	Viadutos Boa Vista do Cadeado	0,702
195°	Ibiaçá	47,85	195°	São Jorge	47,28	195°	Viadutos	9,56	195°	Cadeado	0,703
196°	Agudo	47,82	196°	Jacutinga	47,25	196°	Butiá Palmares do Sul	9,53	196°	Campo Novo	0,703
197°	Dois Lajeados	47,63	197°	Aceguá	47,23	197°	Sul	9,50	197°	Caseiros Entre Rios do Sul	0,703
198°	Montauri	47,62	198°	Ibiaçá	47,21	198°	Pontão	9,50	198°	Sul	0,703
199°	Aratiba	47,58	199°	Gentil	47,20	199°	Cristal	9,46	199°	Três Palmeiras Caçapava do Sul	0,703
200°	Maçambará	47,53	200°	Formigueiro Almirante Tamandaré do Sul	47,20	200°	Erval Grande Minas do Leão	9,45	200°	Sul	0,704
201°	Crissiumal	47,50	201°	Tamandaré do Sul	47,19	201°	Leão	9,43	201°	Parobé	0,704
202°	Formigueiro	47,47	202°	Agudo	47,15	202°	Muliterno	9,38	202°	Quaraí	0,704
203°	Candelária	47,46	203°	Roque Gonzales	47,09	203°	Caibaté	9,36	203°	Vila Lângaro Campestre da Serra	0,705
204°	Aceguá São José dos Ausentes	47,45	204°	Boqueirão do Leão	47,05	204°	Araricá	9,30	204°	Serra	0,706
205°	São José dos Ausentes	47,44	205°	Cotiporã	47,01	205°	Jaguari Boa Vista do Cadeado	9,29	205°	Chuí	0,706
206°	Gentil	47,43	206°	Montauri	46,98	206°	Dom Pedro de Alcântara	9,26	206°	Coxilha Doutor Maurício Cardoso	0,706
207°	São José do Herval	47,43	207°	São José dos Ausentes	46,98	207°	Soledade	9,24	207°	Novo Cabrais	0,706
208°	Roque Gonzales Almirante Tamandaré do Sul	47,41	208°	Dois Lajeados	46,90	208°	Barra do Ribeiro	9,21	208°	Paim Filho Arroio do Tigre	0,707
209°	Lindolfo Collor	47,37	209°	Jóia	46,88	209°	São Sepé São Paulo das Missões Silveira	9,15	209°	Áurea	0,707
210°	Ivorá Santo Antônio do Palma	47,34	210°	Aratiba	46,78	210°	Martins Eldorado do Sul	9,12	210°	Derrubadas	0,707
211°	Santo Antônio do Palma	47,29	211°	Planalto Santo Antônio do Palma Pinheirinho do Vale	46,77	211°	Sul	9,10	211°	Jaguarão São José do Hortêncio Campos	0,707
212°	Palma	47,29	212°	Palma	46,76	212°	Camaquã	9,10	212°	Borges Dom Pedro de Alcântara	0,707
213°	Westfalia	47,24	213°	Vale	46,71	213°	Arambaré São Francisco de Paula São Luiz Gonzaga	9,06	213°	São Sepé Tenente Portela São Pedro do Sul	0,708
214°	Planalto	47,13	214°	Candelária	46,69	214°	Sul	9,03	214°	Sul	0,708
215°	Pinhal	47,06	215°	Augusto Pestana Santo Antônio das Missões	46,65	215°	de Paula São Luiz Gonzaga	9,02	215°	São Sepé Tenente Portela São Pedro do Sul	0,708
216°	Augusto Pestana	47,02	216°	Missões	46,64	216°	Entre-Ijuís	9,01	216°	Sul	0,708
217°	Minas do Leão	47,01	217°	Ipiranga do Sul	46,61	217°	Paim Filho Campina das Missões Morrinhos do Sul	8,99	217°	Sul	0,709
218°	Ipiranga do Sul Boqueirão do Leão	46,95	218°	Campos Borges	46,60	218°	Sul	8,98	218°	Tupanciretã	0,709
219°	Boqueirão do Leão	46,93	219°	Alto Alegre	46,55	219°	Giruí	8,94	219°	Barracão	0,710
220°	Monte Belo do Sul	46,93	220°	Ivorá	46,52	220°	Sul	8,94	220°	Paulo Bento	0,710
221°	Fagundes Varela	46,88	221°	Monte Belo do Sul	46,49	221°	Sul	8,91	221°		
222°	Jóia	46,81	222°	Lindolfo Collor	46,48	222°		8,91	222°		

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
223°	Nova Alvorada	46,81	223°	Seberi	46,45	223°	Dom Pedrito	8,81	223°	Pinheirinho do Vale	0,710
224°	Seberi	46,75	224°	Nova Alvorada	46,44	224°	Jaguarão	8,73	224°	Três Coroas	0,710
225°	São José do Hortêncio	46,73	225°	Westfalia	46,33	225°	Tramandaí	8,64	225°	Morrinhos do Sul	0,711
226°	Pantano Grande	46,64	226°	Fagundes Varela	46,27	226°	Independência	8,64	226°	Sapiranga	0,711
227°	Santo Antônio das Missões	46,64	227°	Capitão	46,26	227°	Bagé	8,60	227°	Crissiumal	0,712
228°	Ibiraiaras	46,63	228°	Pinhal	46,25	228°	São Valentim	8,58	228°	Erebango	0,712
229°	Alto Alegre	46,62	229°	Minas do Leão	46,13	229°	Ronda Alta	8,53	229°	Estrela Velha	0,712
230°	Capitão	46,60	230°	Ibiraiaras	46,02	230°	Tavares	8,51	230°	Jaguari	0,712
231°	Alto Feliz	46,56	231°	Engenho Velho	45,96	231°	Coqueiros do Sul	8,46	231°	Lindolfo Collor	0,712
232°	Gramado dos Loureiros	46,55	232°	Rondinha	45,94	232°	Santo Augusto	8,45	232°	Santa Vitória do Palmar	0,712
233°	Barão de Cotegipe	46,49	233°	Barão de Cotegipe	45,88	233°	Coqueiro Baixo	8,43	233°	Sede Nova Venâncio	0,712
234°	Pinheirinho do Vale	46,48	234°	Faxinalzinho	45,85	234°	Campos Borges	8,24	234°	Aires	0,712
235°	Vanini	46,46	235°	Gramado dos Loureiros	45,84	235°	Boa Vista do Incra	8,24	235°	Canudos do Vale	0,713
236°	Faxinalzinho	46,41	236°	Iraí	45,83	236°	Terra de Areia	8,21	236°	Itaqui	0,713
237°	São José do Hortêncio	46,41	237°	São José do Hortêncio	45,82	237°	Taquaruçu do Sul	8,21	237°	Portão	0,713
238°	Rondinha	46,40	238°	Mato Castelhana	45,77	238°	Alvorada	8,20	238°	Giruá	0,714
239°	Campos Borges	46,38	239°	Pantano Grande	45,76	239°	Sobradinho	8,18	239°	Mormaço	0,714
240°	Santa Tereza	46,38	240°	Alto Feliz	45,71	240°	Arvorezinha	8,10	240°	Palmares do Sul	0,715
241°	Mato Castelhana	46,31	241°	Palmitinho	45,68	241°	Arroio dos Ratos	8,07	241°	Pouso Novo	0,715
242°	Mariano Moro	46,25	242°	Palmitinho	45,68	242°	Pelotas	8,07	242°	Putinga	0,715
243°	Engenho Velho	46,05	243°	Vanini	45,65	243°	Mato Queimado	8,06	243°	Ernestina	0,716
244°	Nova Bréscea	46,05	244°	Hulha Negra	45,62	244°	Linha Nova	8,04	244°	Júlio de Castilhos	0,716
245°	Palmitinho	46,04	245°	Nova Bréscea	45,56	245°	Ivorá	8,03	245°	Eldorado do Sul	0,717
246°	Hulha Negra	46,00	246°	Vista Gaúcha	45,51	246°	Erebango	8,02	246°	Engenho Velho	0,717
247°	Tupanci do Sul	45,98	247°	Santa Tereza	45,50	247°	Ciríaco	7,97	247°	Mato Queimado	0,717
248°	Terra de Areia	45,93	248°	Mariano Moro	45,46	248°	Itaara	7,94	248°	Santo Antônio do Palma	0,717
249°	São José do Sul	45,88	249°	Terra de Areia	45,37	249°	São Lourenço do Sul	7,90	249°	São José do Herval	0,717
250°	Iraí	45,82	250°	Tupanci do Sul	45,35	250°	Crissiumal	7,85	250°	Viamão	0,717
251°	Santo Expedito do Sul	45,80	251°	Santo Expedito do Sul	45,14	251°	Alegrete	7,82	251°	Nova Santa Rita	0,718
252°	André da Rocha	45,67	252°	Ciríaco	45,14	252°	Paraíso do Sul	7,73	252°	Três Cachoeiras	0,718
253°	Capão do Leão	45,66	253°	Vila Nova do Sul	45,13	253°	Marcelino Ramos	7,67	253°	Tupandi	0,718
254°	Ciríaco	45,58	254°	Ernestina	45,10	254°	Cidreira	7,64	254°	Barão	0,719
255°	Porto Xavier	45,57	255°	Bom Progresso	45,08	255°	Carlos Gomes	7,63	255°	Caibaté	0,719
256°	Ronda Alta	45,54	256°	Manoel Viana	45,08	256°	Triunfo	7,55	256°	Ciríaco	0,719
256°	Vila Nova do Sul	45,50	256°	Porto Xavier	45,04						

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
257°	Dona Francisca	45,47	257°	André da Rocha	45,03	257°	Alto Alegre	7,54	257°	Cruzaltense	0,719
258°	Ernestina	45,44	258°	São José do Sul	45,02	258°	Nova Ramada	7,54	258°	Tramandaí	0,719
259°	Vista Gaúcha	45,44	259°	Ronda Alta	44,97	259°	Capivari do Sul	7,53	259°	André da Rocha	0,720
260°	Três Cachoeiras	45,43	260°	Rodeio Bonito	44,94	260°	Lagoa Vermelha	7,51	260°	Farroupilha	0,720
261°	Herval	45,33	261°	Dona Francisca	44,89	261°	Nova Santa Rita	7,51	261°	Palmitinho	0,720
262°	São Vendelino	45,33	262°	Humaitá	44,86	262°	Muitos Capões	7,51	262°	Pinhal Grande	0,720
263°	Manoel Viana	45,32	263°	Capão do Leão	44,83	263°	Rio Grande	7,50	263°	São Valentim do Sul	0,720
264°	Rodeio Bonito	45,32	264°	Bossoroca	44,81	264°	Viamão	7,45	264°	Getúlio Vargas	0,721
265°	Roca Sales	45,29	265°	Vista Alegre do Prata	44,73	265°	Guarani das Missões	7,45	265°	Igrejinha	0,721
266°	Humaitá	45,28	266°	Três Cachoeiras	44,72	266°	Santa Bárbara do Sul	7,42	266°	Vacaria	0,721
267°	Bom Progresso	45,28	267°	Ajuricaba	44,71	267°	Faxinal do Soturno	7,41	267°	Barra do Rio Azul	0,723
268°	Ipê	45,14	268°	Herval	44,60	268°	São João da Urtiga	7,38	268°	Bom Progresso	0,723
269°	Tupandi	45,10	269°	Nova Boa Vista	44,58	269°	Cruz Alta	7,34	269°	Cruzeiro do Sul	0,723
270°	Vila Flores	45,10	270°	Vista Alegre	44,58	270°	São José do Ouro	7,33	270°	Porto Xavier	0,723
271°	Bom Jesus	45,09	271°	São Valentim do Sul	44,53	271°	Cachoeira do Sul	7,30	271°	Seberi	0,723
272°	General Câmara	45,08	272°	Vila Flores	44,49	272°	Coxilha	7,27	272°	Vespasiano	0,723
273°	Arroio Grande	44,97	273°	General Câmara	44,49	273°	Condor	7,25	273°	Correa	0,724
274°	Constantina	44,94	274°	São Vendelino	44,46	274°	Doutor Ricardo	7,24	274°	Ricardo	0,724
275°	Nova Boa Vista	44,93	275°	Roca Sales	44,43	275°	Glorinha	7,23	275°	Ibiraíaras	0,724
276°	Bossoroca	44,92	276°	Constantina	44,43	276°	Campinas do Sul	7,23	275°	Ivorá	0,724
277°	Linha Nova	44,90	277°	Ipê	44,38	276°	Espumoso	7,17	276°	Marcelino Ramos	0,724
278°	Ajuricaba	44,85	278°	Silveira Martins	44,37	277°	Ilópolis	7,13	277°	Ronda Alta	0,724
279°	São Valentim do Sul	44,84	279°	Jaguari	44,34	278°	Água Santa	7,12	278°	Miraguá	0,725
280°	Silveira Martins	44,84	280°	Bom Jesus	44,32	279°	Fortaleza dos Valos	7,05	279°	Pontão	0,725
281°	Vista Alegre do Prata	44,68	281°	Catuípe	44,32	280°	Guaíba	6,96	280°	Ponte Preta	0,725
282°	São José do Inhacorá	44,64	282°	Muitos Capões	44,31	281°	Nova Alvorada	6,83	281°	Santa Bárbara do Sul	0,725
283°	Marcelino Ramos	44,56	283°	Linha Nova	44,24	282°	Imbé	6,80	282°	Santa Cecília do Sul	0,725
284°	Catuípe	44,54	284°	Tupandi	44,23	283°	Taquari	6,79	283°	São José dos Ausentes	0,725
285°	Nova Hartz	44,50	285°	Colorado	44,23	284°	Putinga	6,78	284°	Jacutinga	0,726
286°	Restinga Seca	44,46	286°	Boa Vista do Incra	44,18	285°	Maquiné	6,68	285°	São Martinho da Serra	0,726
287°	Chapada	44,44	287°	Chapada	44,15	286°	Cândido Godói	6,67	286°	Sapucaia do Sul	0,726
288°	São Francisco de Paula	44,43	288°	Arroio Grande	44,15	287°	Gentil	6,61	287°	Coronel Pilar	0,727
289°	Muitos Capões	44,43	289°	Pontão	44,08	288°	Mato	6,59	288°	Mato	0,727
						289°	Castelhano	6,53	289°	Castelhano	0,727
							Capela de Santana			Sant'Ana do Livramento	0,727

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
290°	Colorado	44,41	290°	Guarani das Missões	44,04	290°	Sertão	6,50	290°	Taquara	0,727
291°	Jaguari	44,35	291°	Marcelino Ramos	43,89	291°	Gravataí	6,47	291°	Boa Vista do Sul	0,728
292°	Vista Alegre	44,29	292°	Taquaruçu do Sul	43,85	292°	Ibiraíaras	6,40	292°	Cândido Godói	0,728
293°	Taquaruçu do Sul	44,25	293°	Restinga Seca	43,84	293°	Catuípe	6,39	293°	Ipê	0,728
294°	Parobé	44,23	294°	São José do Inhacorá	43,81	294°	Sapucaia do Sul	6,37	294°	Tuparendi	0,728
295°	São Vicente do Sul	44,20	295°	Chiapetta	43,80	295°	Cambará do Sul	6,36	295°	Cidreira	0,729
296°	Cruzeiro do Sul	44,19	296°	Caibaté	43,78	296°	Severiano de Almeida	6,33	296°	Roca Sales	0,729
297°	Gaurama	44,07	297°	São Francisco de Paula	43,76	297°	São Martinho	6,31	297°	Guabiju	0,730
298°	Campina das Missões	44,07	298°	Pejuçara	43,71	298°	Progresso	6,27	298°	Ilópolis	0,730
299°	Caibaté	44,00	299°	Tuparendi	43,71	299°	Santo Antônio da Patrulha	6,25	299°	Mariano Moro	0,730
300°	Chiapetta	43,99	300°	São Martinho	43,67	300°	Vista Gaúcha	6,23	300°	Boa Vista do Incra	0,731
301°	Guarani das Missões	43,95	301°	Cruzeiro do Sul	43,66	301°	Frederico Westphalen	6,18	301°	Relvado	0,731
302°	Tuparendi	43,89	302°	Nova Hartz	43,64	302°	Barra do Rio Azul	6,13	302°	Soledade	0,731
303°	David Canabarro	43,88	303°	Gaurama	43,59	303°	Santo Antônio do Planalto	6,05	303°	Chiapetta	0,732
304°	Pontão	43,87	304°	São Vicente do Sul	43,55	304°	Canela	6,04	304°	Rodeio Bonito	0,732
305°	São Sepé	43,86	305°	Tenente Portela	43,55	305°	Canoas	6,04	305°	Santo Expedito do Sul	0,732
306°	Condor	43,85	306°	Condor	43,52	306°	Nicolau Vergueiro	5,99	306°	São Jorge	0,732
307°	São Martinho	43,84	307°	Campina das Missões	43,51	307°	Agudo	5,95	307°	General Câmara	0,733
308°	Severiano de Almeida	43,78	308°	Barra do Guarita	43,42	308°	Vera Cruz	5,94	308°	Protásio Alves	0,733
309°	Pejuçara	43,78	309°	Parobé	43,38	309°	Portão	5,91	309°	Taquari	0,733
310°	Quinze de Novembro	43,74	310°	Severiano de Almeida	43,34	310°	Carazinho	5,91	310°	Triunfo	0,733
311°	Três Coroas	43,70	311°	Quinze de Novembro	43,30	311°	Casca	5,83	311°	União da Serra	0,733
312°	Tenente Portela	43,63	312°	David Canabarro	43,19	312°	Rodeio Bonito	5,77	312°	Alto Feliz	0,734
313°	Tapes	43,63	313°	São Sepé	43,09	313°	Áurea	5,75	313°	Barra do Guarita	0,734
314°	Butiá	43,60	314°	São Sepé	43,09	314°	Santo Ângelo	5,74	314°	Nova Esperança do Sul	0,735
315°	Boa Vista do Incra	43,50	315°	Campo Novo	43,04	315°	Capão da Canoa	5,72	315°	Xangri-lá	0,735
316°	Pinheiro Machado	43,46	316°	Victor Graeff	43,01	316°	São Leopoldo	5,72	316°	Camargo	0,736
317°	Santo Cristo	43,43	317°	Santo Cristo	42,97	317°	Charqueadas	5,71	317°	Gramado	0,736
318°	Santo Pedro do Sul	43,38	318°	Três Coroas	42,87	318°	Riozinho	5,66	318°	Xavier	0,736
319°	Santo Antônio da Patrulha	43,36	319°	São Pedro do Sul	42,87	319°	Vacaria	5,64	319°	São Borja	0,736
320°	Victor Graeff	43,35	320°	Erebango	42,83	320°	Tabaí	5,64	320°	Guaporé	0,737
			320°	Butiá	42,80					Palmeira das Missões	0,737

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
321°	Campo Novo	43,27	321°	Tapes	42,80	321°	Tio Hugo	5,61	321°	Vale do Sol	0,737
322°	Esmeralda	43,25	322°	Pinheiro Machado	42,67	322°	Santa Maria Novo	5,56	322°	Vera Cruz	0,737
323°	Sananduva	43,12	323°	Santo Antônio da Patrulha	42,63	323°	Hamburgo	5,55	323°	Campina das Missões	0,738
324°	Barra do Guarita	43,03	324°	Esmeralda	42,60	324°	Três Passos	5,52	324°	Garruchos	0,738
325°	Três Arroios	43,02	325°	Sertão	42,53	325°	Arroio do Sal	5,48	325°	Humaitá	0,738
326°	Colinas	42,95	326°	Santo Antônio do Planalto	42,49	326°	Gaurama	5,48	326°	Lagoa Vermelha	0,738
327°	Nova Pádua	42,93	327°	Sananduva	42,45	327°	Santa Cecília do Sul	5,45	327°	Santo Cristo	0,738
328°	Igrejinha	42,92	328°	Giruá	42,31	328°	Pejuçara	5,45	328°	Bom Retiro do Sul	0,739
329°	Erebango	42,91	329°	Três Arroios	42,30	329°	Santiago	5,42	329°	Carlos Gomes	0,739
330°	Santo Antônio do Planalto	42,79	330°	Colinas	42,21	330°	André da Rocha	5,41	330°	Catuípe	0,739
331°	Arambaré	42,78	331°	Nova Pádua	42,18	331°	Barão de Cotegipe	5,39	331°	Ibiaçá	0,739
332°	Vila Maria	42,75	332°	Igrejinha	42,10	332°	Cachoeirinha Nova	5,32	332°	Pelotas	0,739
333°	Camaquã	42,68	333°	Salto do Jacuí	42,08	333°	Candelária	5,25	333°	Santo Augusto	0,739
334°	Muçum	42,60	334°	Barão	42,04	334°	Tuparendi	5,25	334°	São Leopoldo	0,739
335°	Glorinha	42,57	335°	Novo Xingu	42,04	335°	Ipê	5,18	335°	São Pedro da Serra	0,739
336°	Cambará do Sul	42,57	336°	Nonoai	42,01	336°	Montenegro	5,16	336°	São Sebastião do Caí	0,739
337°	Barão	42,56	337°	Arambaré	42,01	337°	Vila Lângaro	5,15	337°	Taquaruçu do Sul	0,739
338°	Salto do Jacuí	42,54	338°	Vila Maria	42,00	338°	Porto Alegre	5,10	338°	Vista Alegre do Prata	0,739
339°	Barra Funda	42,50	339°	Barra Funda	41,96	339°	Ijuí	5,06	339°	Alegrete	0,740
340°	Sapiranga	42,49	340°	Camaquã	41,89	340°	Torres	5,01	340°	Almirante Tamandaré do Sul	0,740
341°	Sertão	42,47	341°	Cambará do Sul	41,89	341°	Aratiba	4,99	341°	Anta Gorda	0,740
342°	Mato Leitão	42,45	342°	Muçum	41,87	342°	Coronel Pilar	4,99	342°	Arroio do Padre	0,740
343°	Giruá	42,39	343°	Nova Esperança do Sul	41,86	343°	Bozano	4,99	343°	Bagé	0,740
344°	São Pedro da Serra	42,35	344°	Glorinha	41,83	344°	Brochier	4,97	344°	Nova Alvorada	0,740
345°	Novo Xingu	42,25	345°	São Pedro da Serra	41,68	345°	Almirante Tamandaré do Sul	4,95	345°	Salvador do Sul	0,740
346°	Nonoai	42,18	346°	Sapiranga	41,67	346°	Taquara	4,92	346°	Santa Clara do Sul	0,740
347°	Nova Esperança do Sul	42,07	347°	Mato Leitão	41,64	347°	Santo Antônio do Palma	4,89	347°	Cotiporã	0,741
348°	Pareci Novo	42,06	348°	Santo Augusto	41,62	348°	Tapera	4,88	348°	Nova Roma do Sul - RS	0,741
349°	Nova Bassano	42,06	349°	Nova Bassano	41,51	349°	Parobé	4,84	349°	Pejuçara	0,741
350°	Campinas do Sul	42,00	350°	Pareci Novo	41,25	350°	Ubiretama	4,82	350°	São Luiz Gonzaga	0,741
351°	Santo Augusto	41,85	351°	Campinas do Sul	41,20	351°	Tucunduva	4,81	351°	Cachoeira do Sul	0,742
352°	Presidente Lucena	41,76	352°	Presidente Lucena	40,98	352°	Monte Belo do Sul	4,72	352°	Nova Ramada	0,742

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
353°	Salvador do Sul	41,52	353°	Fortaleza dos Valos	40,88	353°	Esteio	4,68	353°	Silveira Martins	0,742
354°	Venâncio Aires	41,43	354°	Salvador do Sul	40,73	354°	Ibiaçá	4,68	354°	Tio Hugo	0,742
355°	Pedro Osório	41,24	355°	Venâncio Aires	40,67	355°	Osório	4,67	355°	Vila Flores Augusto	0,742
356°	São Jerônimo	41,13	356°	Pedro Osório	40,63	356°	São Pedro do Butiá	4,65	356°	Pestana Capão da Canoa	0,743
357°	Caçapava do Sul	40,89	357°	Tucunduva	40,52	357°	Nova Hartz	4,65	357°	Dois Irmãos das Missões	0,743
358°	Fortaleza dos Valos	40,84	358°	São Jerônimo	40,50	358°	Passo Fundo	4,64	358°	Imigrante	0,743
359°	Tucunduva	40,75	359°	Caçapava do Sul	40,36	359°	Três de Maio	4,61	359°	Morro Reuter	0,743
360°	Barra do Ribeiro	40,73	360°	Júlio de Castilhos	40,13	360°	Jacutinga	4,59	360°	Sobradinho Coronel Barros	0,743
361°	Rio Pardo	40,72	361°	Tupanciretã	40,13	361°	Xangri-lá	4,58	361°	Nova Palma Poço das Antas	0,744
362°	Júlio de Castilhos	40,66	362°	Faxinal do Soturno	40,06	362°	Ajuricaba	4,56	362°	Rio Grande	0,744
363°	Faxinal do Soturno	40,65	363°	Salvador das Missões	40,06	363°	Encantado Mariano	4,52	363°	Uruguaiana	0,744
364°	Vera Cruz	40,64	364°	Barra do Ribeiro	40,01	364°	Moro	4,49	364°	Bozano	0,745
365°	Salvador das Missões	40,60	365°	Rio Pardo	39,99	365°	Três	4,44	365°	Campo Bom	0,745
366°	Palmares do Sul	40,56	366°	Tio Hugo	39,96	366°	Cachoeiras Lagoa dos Três Cantos	4,31	366°	Bom Princípio	0,746
367°	Tupanciretã	40,55	367°	Saldanha Marinho	39,92	367°	Relvado	4,30	367°	Capela de Santana	0,746
368°	Lavras do Sul	40,48	368°	Vera Cruz	39,92	368°	São José do Inhacorá	4,27	368°	Coqueiros do Sul	0,746
369°	Santa Clara do Sul	40,40	369°	Lavras do Sul	39,87	369°	Getúlio Vargas	4,21	369°	Gentil	0,746
370°	São Gabriel	40,40	370°	São Pedro do Butiá	39,83	370°	Venâncio Aires	4,19	370°	Mato Leitão	0,746
371°	Balneário Pinhal	40,27	371°	Palmares do Sul	39,79	371°	Colorado	4,18	371°	Muçum	0,746
372°	São Pedro do Butiá	40,26	372°	Santa Clara do Sul	39,77	372°	Fazenda Vilanova	4,17	372°	Santa Tereza	0,746
373°	São Domingos do Sul	40,19	373°	São Gabriel	39,75	373°	Sarandi	4,17	373°	Alto Alegre	0,747
374°	Bom Retiro do Sul	40,14	374°	Vale Real	39,53	374°	Santa Cruz do Sul	4,15	374°	Charqueadas	0,747
375°	Saldanha Marinho	39,98	375°	São Domingos do Sul	39,53	375°	Vanini	4,09	375°	Condor	0,747
376°	Vale Real	39,96	376°	Balneário Pinhal	39,53	376°	Forquetinha	4,06	376°	Nova Bassano	0,747
377°	Tio Hugo	39,87	377°	Santa Bárbara do Sul	39,47	377°	Ponte Preta	4,03	377°	Novo Machado	0,747
378°	Paráí	39,83	378°	Bom Retiro do Sul	39,40	378°	Santo Cristo	4,02	378°	Sananduva	0,747
379°	Portão	39,81	379°	Paráí	39,21	379°	Rondinha	4,01	379°	São José do Inhacorá	0,747
380°	Santa Bárbara do Sul	39,79	380°	Portão	39,04	380°	Marques de Souza	3,97	380°	Tapera	0,747
381°	Santa Vitória do Palmar	39,76	381°	Santa Vitória do Palmar	39,01	381°	Nova Esperança do Sul	3,96	381°	Teutônia	0,747
382°	Dom Pedrito	39,71	382°	Dom Pedrito	38,96	382°	Sapiranga	3,94	382°		
383°	Picada Café	39,53	383°	Ibirubá	38,92	383°	David	3,91	383°		
384°	Rosário do Sul	39,50	384°	Rosário do Sul	38,88	384°	Canabarro	3,91	384°		
							Cruzeiro do Sul	3,91	384°		

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
385°	Arroio dos Ratos	39,45	385°	São José do Ouro	38,83	385°	Coronel Barros	3,89	385°	Tucunduva	0,747
386°	São José do Ouro	39,44	386°	Picada Café	38,78	386°	São Sebastião do Caí	3,89	386°	Barão do Triunfo	0,748
387°	Cacequi	39,20	387°	Arroio dos Ratos	38,75	387°	Protásio Alves	3,83	387°	Canela	0,748
388°	Antônio Prado	39,13	388°	Cacequi	38,75	388°	Salvador das Missões	3,81	388°	São João do Polêsine	0,748
389°	Triunfo	39,12	389°	Triunfo	38,56	389°	Santa Rosa do Sul	3,81	389°	Guarani das Missões	0,749
390°	Ibirubá	39,10	390°	Cerro Largo	38,43	390°	São Valentim do Sul	3,78	390°	Linha Nova	0,749
391°	Cerro Largo	38,97	391°	Antônio Prado	38,39	391°	Parei Novo	3,74	391°	Parei Novo	0,749
392°	Arroio do Meio	38,86	392°	Arroio do Meio	38,24	392°	Humaitá	3,72	392°	Água Santa	0,750
393°	Guaporé	38,78	393°	Boa Vista do Buricá	38,14	393°	Ernestina	3,70	393°	Canoas	0,750
394°	Morro Reuter	38,74	394°	Harmonia	38,09	394°	Dois Lajeados	3,70	394°	Cruz Alta	0,750
395°	Harmonia	38,65	395°	Guaporé	38,04	395°	Fazenda Vilanova	3,61	395°	Vilanova	0,750
396°	Nova Araçá	38,65	396°	Morro Reuter	38,01	396°	Cotiporã	3,59	396°	Osório	0,751
397°	Taquara	38,60	397°	Nova Araçá	38,01	397°	Augusto Pestana	3,54	397°	Sertão	0,751
398°	Lagoa Vermelha	38,54	398°	Taquara	37,88	398°	São João do Polêsine	3,51	398°	Monte Belo do Sul	0,752
399°	Feliz	38,42	399°	Lagoa Vermelha	37,84	399°	Três Arroios	3,48	399°	Severiano de Almeida	0,752
400°	Bom Princípio	38,39	400°	Três de Maio	37,75	400°	Novo Xingu	3,48	400°	Westfalia	0,752
401°	Tapejara	38,39	401°	Feliz	37,74	401°	Paverama	3,44	401°	Ajuricaba	0,753
402°	Teutônia	38,20	402°	Bom Princípio	37,71	402°	Panambi	3,38	402°	Espumoso	0,753
403°	Boa Vista do Buricá	38,18	403°	Tapejara	37,71	403°	Campestre da Serra	3,36	403°	Nicolau Vergueiro	0,753
404°	Jaguarão	38,18	404°	Jaguarão	37,53	404°	Estação	3,26	404°	Salvador das Missões	0,753
405°	Flores da Cunha	37,94	405°	Teutônia	37,47	405°	Sananduva	3,21	405°	Constantina	0,754
406°	Soledade	37,91	406°	Selbach	37,45	406°	Marau	3,18	406°	Estância Velha	0,754
407°	Barra do Quaraí	37,88	407°	Barra do Quaraí	37,34	407°	Erechim	3,15	407°	Feliz	0,754
408°	Três de Maio	37,86	408°	Soledade	37,33	408°	Lindolfo Collor	3,15	408°	São Vendelino	0,754
409°	Lagoa dos Três Cantos	37,72	409°	Lagoa dos Três Cantos	37,32	409°	Chapada	3,12	409°	Montenegro	0,755
410°	Nova Petrópolis	37,71	410°	São José do Ouro	37,26	410°	Cerro Largo	3,12	410°	São José do Ouro	0,755
411°	Campo Bom	37,71	411°	Tapera	37,13	411°	Maratá	3,10	411°	Forquetinha	0,756
412°	Selbach	37,71	412°	Nova Petrópolis	37,00	412°	União da Serra	3,06	412°	Quinze de Novembro	0,756
413°	Lagoa dos Três Cantos	37,68	413°	Casca	36,99	413°	Estância Velha	3,03	413°	Cachoeirinha	0,757
414°	Tapera	37,64	414°	Casca	36,99	414°	Saldanha Marinho	2,98	414°	Chapada	0,757
415°	Arroio do Sal	37,43	415°	Campo Bom	36,98	415°	Horizontina	2,96	415°	Dois Lajeados	0,757
416°	Casca	37,33	416°	São João do Polêsine	36,97	416°	Nova Brésia	2,95	416°	Estação Presidente	0,757
417°	Getúlio Vargas	37,32	417°	Palmeira das Missões	36,91	417°	Mato Leitão	2,95	417°	Lucena	0,757
417°	Sobradinho	37,21	417°	Arroio do Sal	36,81	417°			417°		

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
418°	São Luiz Gonzaga	37,16	418°	Getúlio Vargas	36,75	418°	Ipiranga do Sul	2,93	418°	Vanini	0,757
419°	Palmeira das Missões	37,16	419°	São Luiz Gonzaga	36,59	419°	Barra Funda	2,92	419°	Vista Gaúcha	0,757
420°	Itaqui	37,11	420°	Sobradinho	36,58	420°	Campo Bom	2,92	420°	Antônio Prado	0,758
421°	São Marcos	37,04	421°	Itaqui	36,55	421°	Alto Feliz	2,90	421°	Colorado	0,758
422°	Quaraí	37,00	422°	Candiota	36,40	422°	Selbach	2,83	422°	Gravataí	0,758
423°	Nova Santa Rita	36,96	423°	São Marcos	36,35	423°	Doutor Ricardo	2,80	423°	Picada Café Nova	0,758
424°	Candiota	36,92	424°	Nova Santa Rita	36,35	424°	Muçum	2,79	424°	Candelária	0,759
425°	São Sebastião do Caí	36,68	425°	Quaraí	36,30	425°	Caxias do Sul	2,76	425°	Santo Antônio do Planalto	0,759
426°	São Borja	36,68	426°	Espumoso	36,23	426°	Poço das Antas	2,75	426°	Três de Maio	0,759
427°	Espumoso	36,63	427°	São Borja	36,14	427°	Não-Me-Toque	2,72	427°	Campinas do Sul	0,760
428°	Estação São João do Polêsine	36,49	428°	São Sebastião do Caí	35,98	428°	Paulo Bento	2,72	428°	Fortaleza dos Valos	0,760
429°	Frederico Westphalen	36,43	429°	Estação	35,95	429°	Farroupilha	2,66	429°	Itaara	0,760
430°	Westphalen	36,23	430°	Xangri-lá	35,87	430°	Bom Retiro do Sul	2,65	430°	Serafina Corrêa	0,760
431°	Estância Velha	36,05	431°	Frederico Westphalen	35,68	431°	Boa Vista do Sul	2,62	431°	Tapejara	0,760
432°	Xangri-lá	35,99	432°	Nova Palma	35,67	432°	Igrejinha	2,58	432°	Nova Pádua	0,761
433°	Nova Palma	35,96	433°	Cachoeira do Sul	35,37	433°	Vespasiano Correa	2,57	433°	Panambi	0,761
434°	Vacaria	35,72	434°	Estância Velha	35,36	434°	Ibirubá	2,53	434°	Vila Maria	0,761
435°	Cachoeira do Sul	35,71	435°	Tramandaí	35,07	435°	Camargo	2,51	435°	Boa Vista do Buricá	0,762
436°	Taquari	35,67	436°	Vacaria	35,05	436°	Santa Tereza	2,46	436°	David Canabarro	0,762
437°	Tramandaí	35,65	437°	Taquari	35,03	437°	Travesseiro	2,46	437°	Saldanha Maranhão	0,762
438°	Encantado	35,52	438°	Encantado	34,84	438°	Três Coroas	2,45	438°	Torres	0,762
439°	Serafina Corrêa	35,31	439°	Serafina Corrêa	34,79	439°	Roca Sales	2,42	439°	Barra Funda	0,763
440°	Sarandi	35,07	440°	Três Passos	34,55	440°	Roca Sales	2,42	439°	Eugênio de Castro	0,763
441°	Veranópolis	35,00	441°	Não-Me-Toque	34,48	441°	Gramado	2,39	440°	São Domingos do Sul	0,763
442°	Não-Me-Toque	34,96	442°	Sarandi	34,48	441°	Vista Alegre do Prata	2,33	441°	São Pedro do Butiá	0,763
443°	Três Passos	34,94	442°	Sarandi	34,48	442°	Vila Flores	2,33	442°	Cerro Largo	0,764
444°	Canela	34,27	443°	Veranópolis	34,33	443°	Quinze de Novembro	2,21	443°	Gramado	0,764
445°	Panambi	34,19	444°	Panambi	33,66	444°	São Pedro da Serra	2,18	444°	Imbé	0,764
446°	Novo Hamburgo	34,12	445°	Canela	33,62	445°	São Marcos	2,18	445°	Montauri	0,764
447°	Itaara	34,03	446°	Itaara	33,61	446°	Anta Gorda	2,18	446°	Rondinha	0,764
448°	Capivari do Sul	33,88	447°	Novo Hamburgo	33,46	447°	Guaporé	2,18	447°	Santo Antônio das Missões	0,764
449°	Osório	33,88	448°	Osório	33,29	448°	Imigrante	2,16	448°	São Valentim	0,764
450°	Alegrete	33,67	449°	Capivari do Sul	33,27	449°	Presidente Lucena	2,15	449°	Colinas	0,765
			450°	Alegrete	33,11	450°	Antônio Prado	2,15	450°		

(continua)

(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
451°	Nova Prata	33,60	451°	Nova Prata	33,02	451°	Tapejara	2,15	451°	Esperança do Sul	0,765
452°	Dois Irmãos	33,45	452°	Dois Irmãos	32,80	452°	Colinas	2,12	452°	Guaíba	0,765
453°	Alvorada	33,35	453°	Santo Ângelo	32,75	453°	São Jorge	2,09	453°	Ibirubá	0,765
454°	Gramado	33,28	454°	Alvorada	32,73	454°	Morro Reuter	2,02	454°	Não-Me-Toque	0,765
455°	Estrela	33,22	455°	Gramado	32,64	455°	Victor Graeff	2,02	455°	Capitão	0,766
456°	Carlos Barbosa	33,14	456°	Estrela	32,59	456°	Picada Café Boa Vista do Buricá	1,96	456°	Caraá	0,766
457°	Garibaldi	33,06	457°	Carlos Barbosa	32,55	457°	Santa Clara do Sul	1,93	457°	Nova Prata	0,766
458°	Santiago	32,97	458°	Garibaldi	32,45	458°	Nova Roma do Sul - RS	1,93	458°	Santiago	0,766
459°	Santo Ângelo	32,96	459°	Santiago	32,41	459°	Veranópolis Santa Maria do Herval	1,90	459°	Encantado	0,767
460°	Horizontina	32,58	460°	Horizontina	32,24	460°		1,90	460°	Esteio	0,767
461°	Eldorado do Sul	32,57	461°	Cidreira	32,07	461°		1,82	461°	Novo Barreiro Nova Boa Vista	0,767
462°	Viamão	32,50	462°	Santa Rosa	31,96	462°		1,82	462°		0,768
463°	Cidreira	32,47	463°	Eldorado do Sul	31,96	463°		1,80	463°	São Marcos	0,768
464°	Ijuí	32,38	464°	Viamão	31,94	464°	Nova Petrópolis Bento Gonçalves	1,77	464°	Três Passos Arroio do Meio	0,768
465°	Torres	32,35	465°	Ijuí	31,92	465°		1,76	465°		0,769
466°	Santa Rosa	32,25	466°	Torres	31,81	466°	Lajeado	1,73	466°	Santa Rosa	0,769
467°	Sapucaia do Sul	32,25	467°	Sapucaia do Sul	31,63	467°	Harmonia	1,62	467°	Aratiba	0,772
468°	Pelotas	32,22	468°	Pelotas	31,62	468°	Estrela Arroio do Meio Flores da Cunha	1,59	468°	Santo Ângelo	0,772
469°	Montenegro	32,19	469°	Montenegro Sant'Ana do Livramento	31,58	469°		1,59	469°	Paráí Santa Cruz do Sul	0,773
470°	Imbé Sant'Ana do Livramento	32,01	470°		31,42	470°		1,56	470°		0,773
471°		31,97	471°	Imbé	31,42	471°	Paráí	1,54	471°	Veranópolis	0,773
472°	Capão da Canoa	31,66	472°	Cruz Alta	31,18	472°	Guabiju	1,51	472°	Marau	0,774
473°	Rio Grande	31,65	473°	Capão da Canoa	31,16	473°	Vale Real São José do Sul	1,50	473°	Erechim	0,776
474°	Farroupilha	31,65	474°	Farroupilha	31,06	474°		1,43	474°	Passo Fundo Fagundes Varela	0,776
475°	Marau	31,43	475°	Rio Grande	31,05	475°	Garibaldi	1,42	475°		0,777
476°	Cruz Alta	31,42	476°	Marau	30,85	476°	Dois Irmãos	1,41	476°	Sarandi	0,777
477°	Bagé	31,32	477°	Bagé	30,73	477°	Barão Salvador do Sul	1,41	477°	Selbach	0,777
478°	Ivoti	31,28	478°	Ivoti	30,73	478°		1,37	478°	Victor Graeff Bento Gonçalves Lajeado do Bugre	0,777
479°	Guaíba	31,26	479°	Guaíba	30,67	479°	Feliz	1,32	479°		0,778
480°	Lajeado	30,70	480°	Lajeado	30,14	480°	Ivoti Fagundes Varela Serafina Corrêa	1,32	480°		0,778
481°	São Leopoldo	30,62	481°	São Leopoldo	30,03	481°		1,31	481°	Nova Bréscia Nova Petrópolis	0,778
482°	Uruguaiana	30,33	482°	Uruguaiana	29,81	482°		1,30	482°		0,780
483°	Bento Gonçalves	30,24	483°	Bento Gonçalves	29,67	483°	Capitão	1,29	483°	Vista Alegre	0,780

(continua)

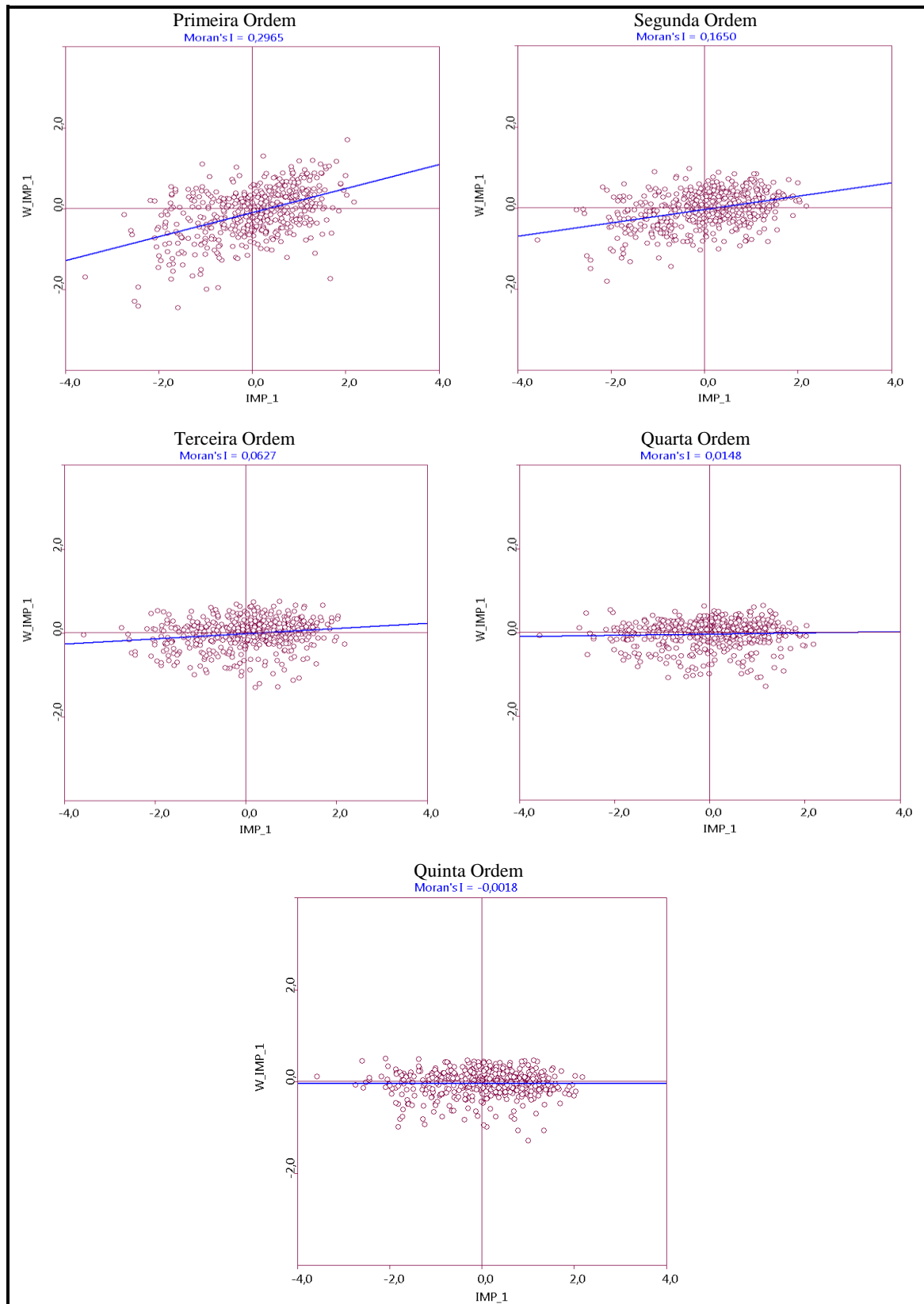
(continuação)

Posição	Município	IMP 1	Posição	Município	IMP 2	Posição	Município	IMP 3	Posição	Município	IDHM
484°	Gravataí	30,21	484°	Gravataí	29,66	484°	São Domingos do Sul	1,27	484°	Ijuí	0,781
485°	Carazinho	30,01	485°	Carazinho	29,65	485°	Nova Bassano	1,17	485°	Caxias do Sul	0,782
486°	Charqueadas	29,93	486°	Charqueadas	29,37	486°	Westfalia	1,15	486°	Horizontina	0,783
487°	Santa Cruz do Sul	29,63	487°	Santa Cruz do Sul	29,07	487°	São José do Hortêncio	1,11	487°	Ivoti	0,784
488°	Chuí	29,61	488°	Chuí	29,01	488°	Nova Araçá Bom	1,00	488°	Santa Margarida do Sul	0,784
489°	Erechim	28,97	489°	Erechim	28,42	489°	Princípio	0,99	489°	Casca	0,785
490°	Canoas	27,05	490°	Canoas	26,54	490°	Tupandi	0,94	490°	Nova Araçá Frederico	0,785
491°	Esteio	27,02	491°	Esteio	26,51	491°	Vila Maria	0,89	491°	Westphalen	0,786
492°	Cachoeirinha	26,45	492°	Cachoeirinha	25,94	492°	Montauri	0,85	492°	Lagoão Ipiranga do Sul	0,789
493°	Caxias do Sul	26,06	493°	Passo Fundo	25,59	493°	Teutônia Carlos	0,84	493°	Sul	0,791
494°	Passo Fundo	25,88	494°	Caxias do Sul	25,57	494°	Barbosa	0,65	494°	Três Arroios Carlos	0,791
495°	Santa Maria	24,83	495°	Santa Maria	24,39	495°	Nova Pádua São	0,55	495°	Barbosa	0,796
496°	Porto Alegre	18,56	496°	Porto Alegre	18,21	496°	Vendelino	0,47	496°	Porto Alegre	0,805

Fonte: elaboração própria a partir dos dados do Censo 2010.

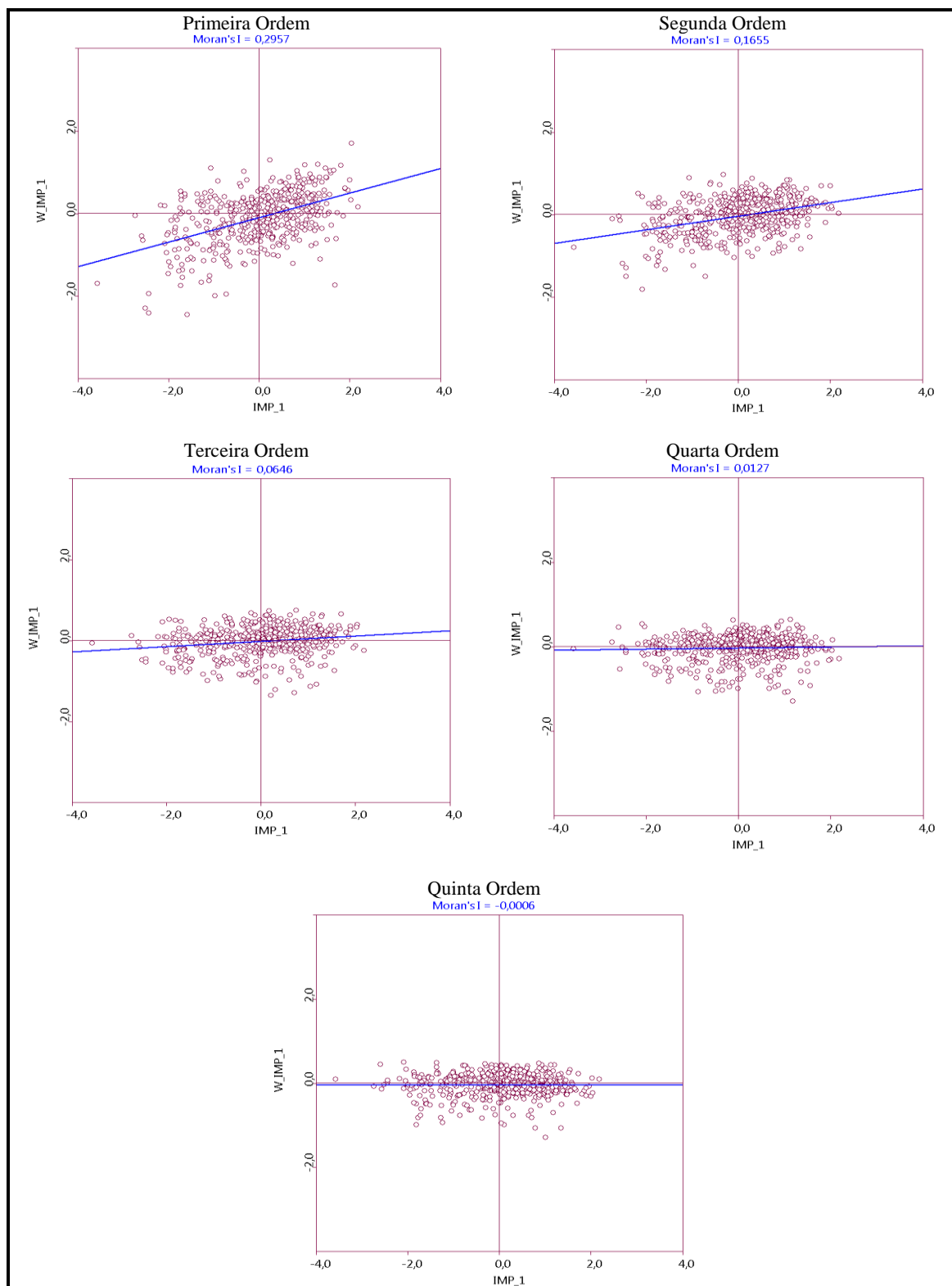
APÊNDICE E – Diagramas de dispersão de Moran

Figura 22 – Diagramas de dispersão de Moran configuração rainha para IMP 1



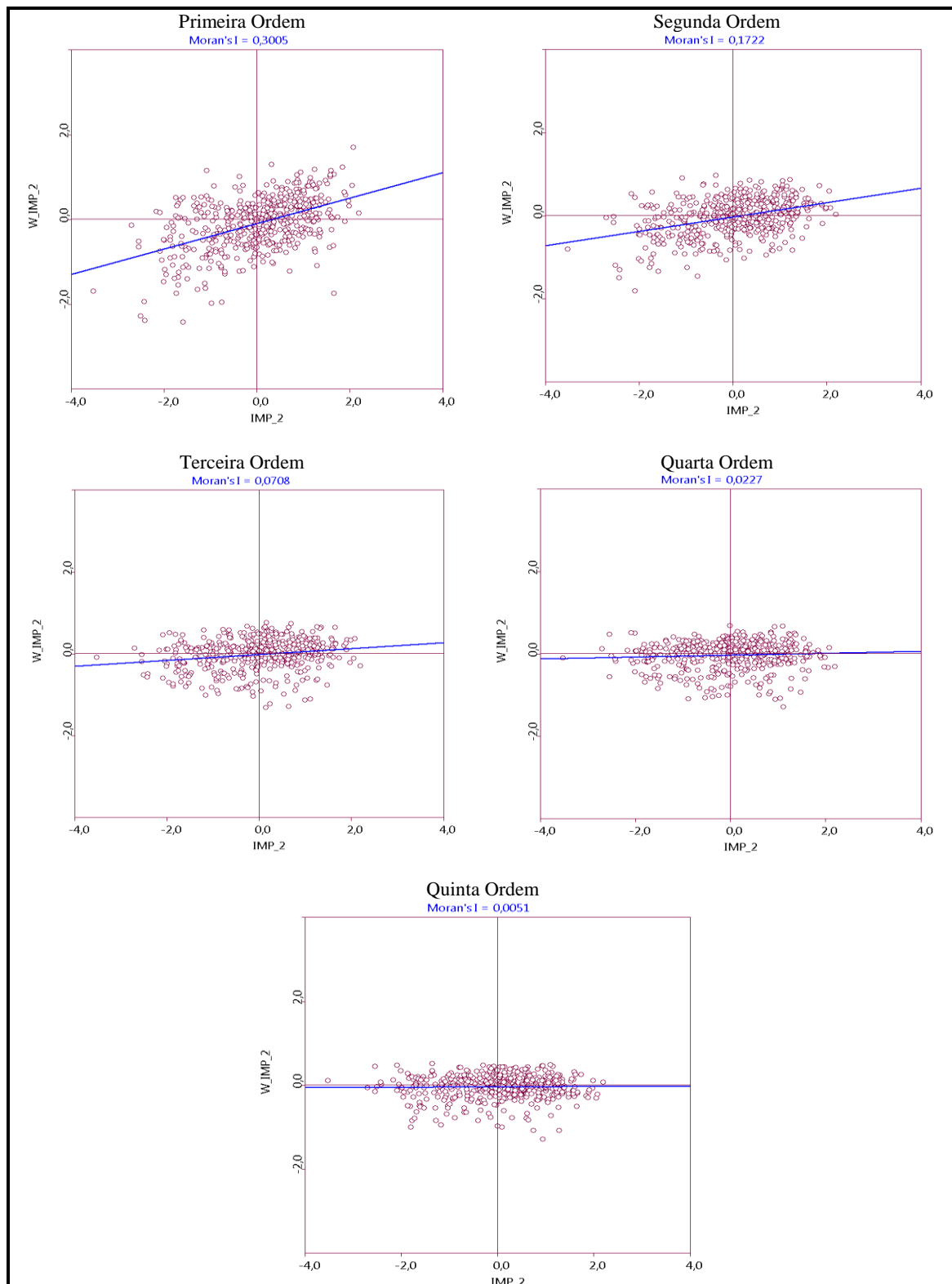
Fonte: elaboração própria.

Figura 23 – Diagramas de dispersão de Moran configuração torre para IMP 1



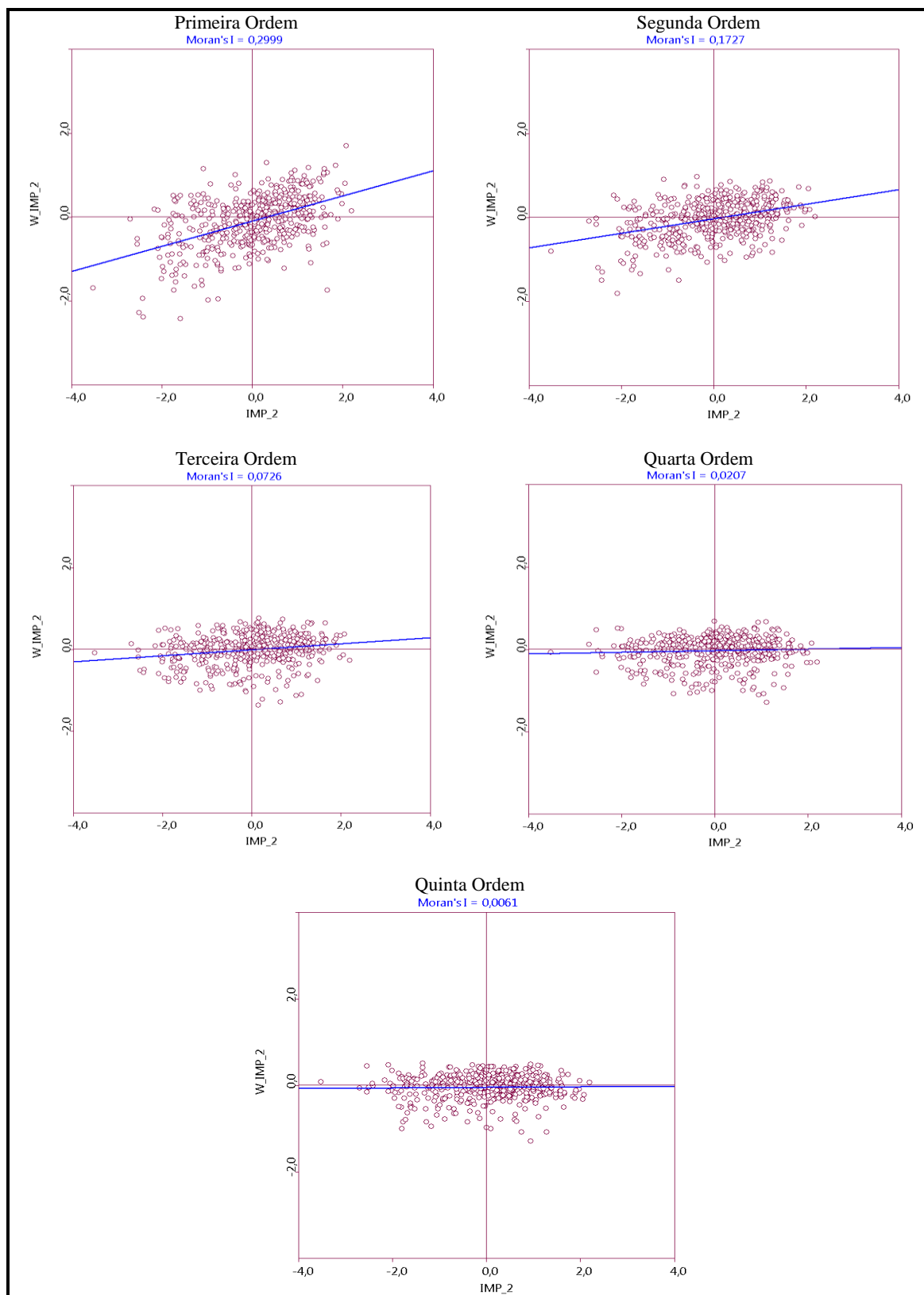
Fonte: elaboração própria.

Figura 24 – Diagramas de dispersão de Moran configuração rainha para IMP 2



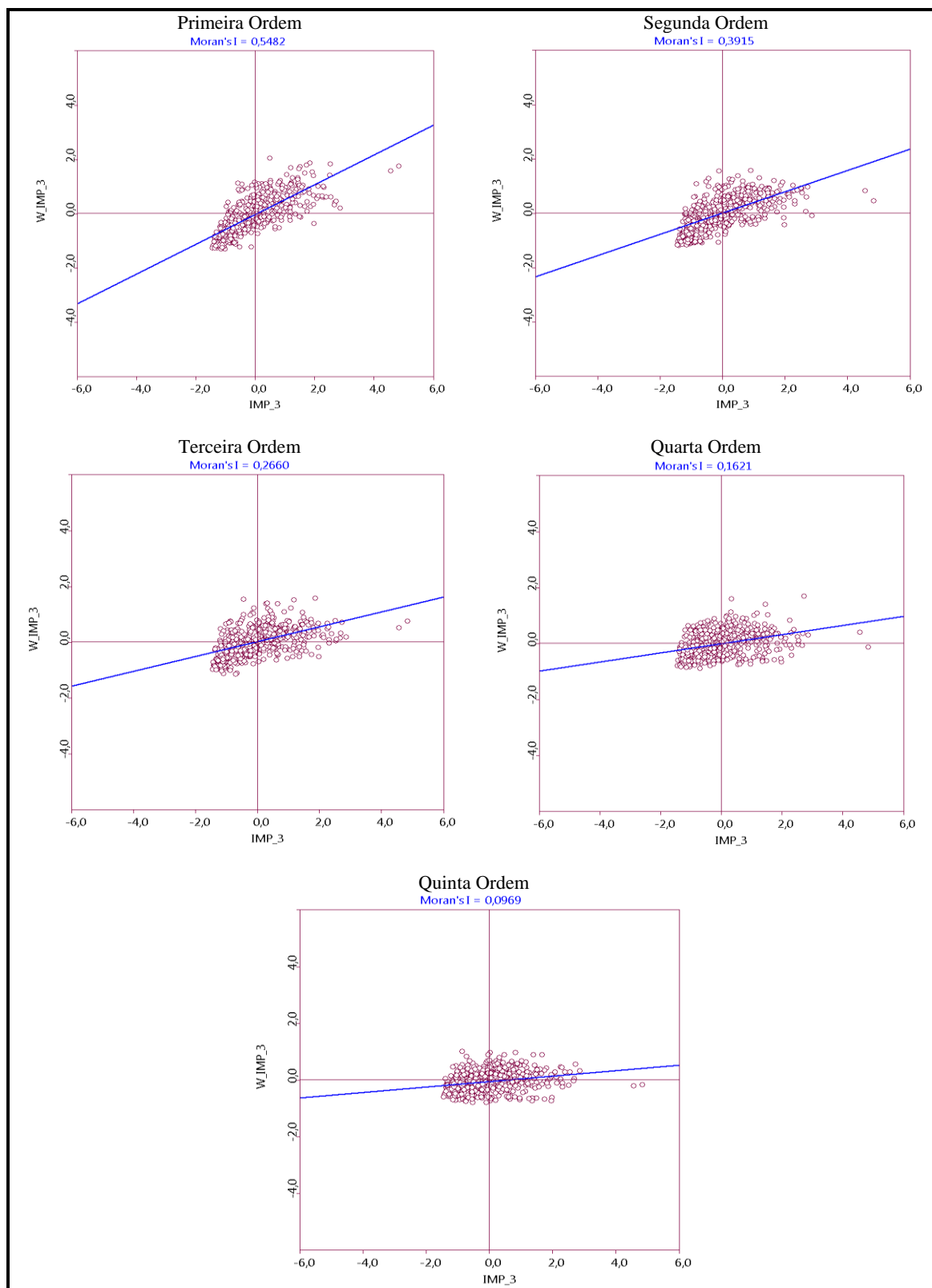
Fonte: elaboração própria.

Figura 25 – Diagramas de dispersão de Moran configuração torre para IMP 2



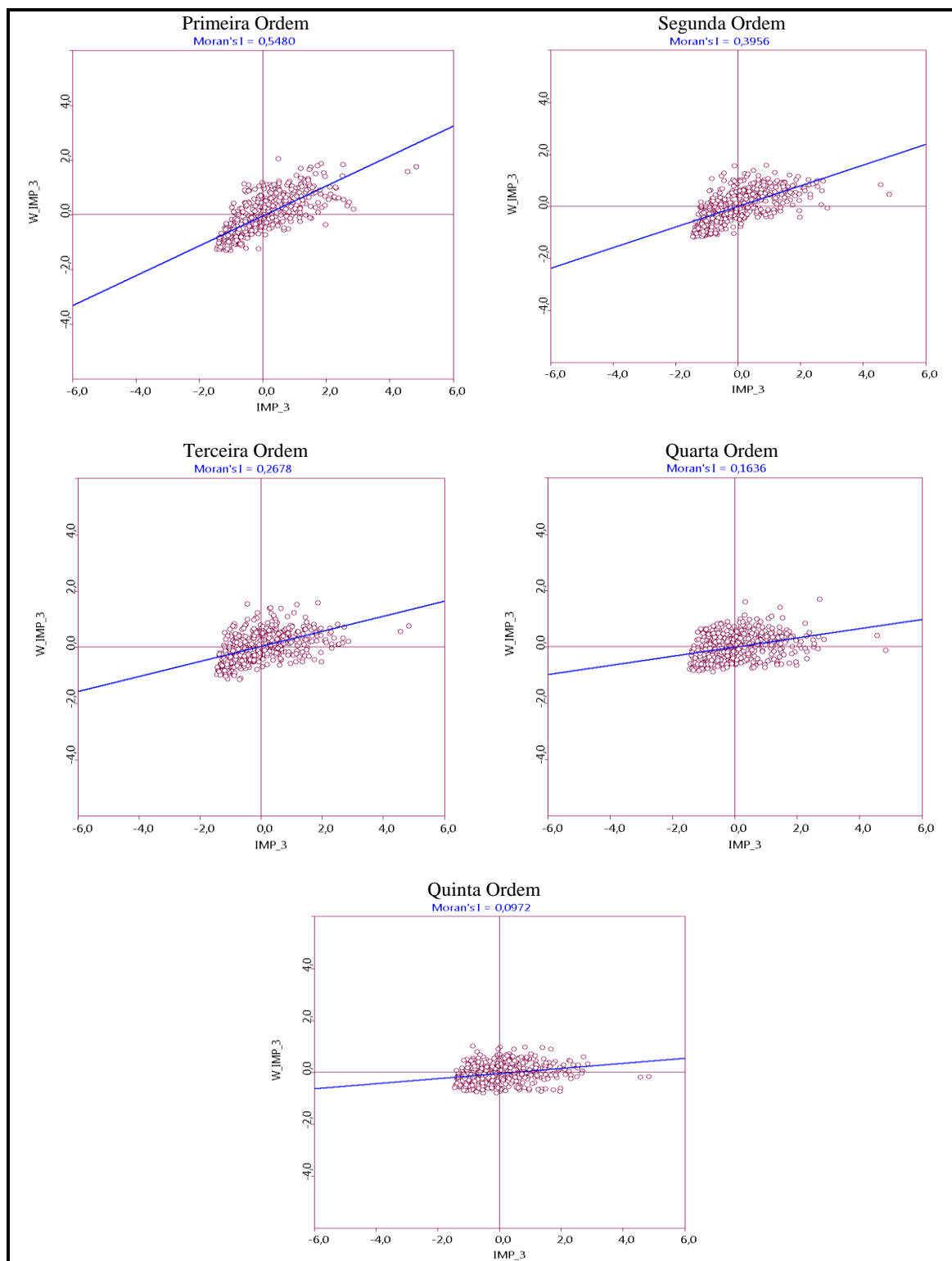
Fonte: elaboração própria.

Figura 26 – Diagramas de dispersão de Moran configuração rainha para IMP 3



Fonte: elaboração própria.

Figura 27 – Diagramas de dispersão de Moran configuração torre para IMP 3



Fonte: elaboração própria.